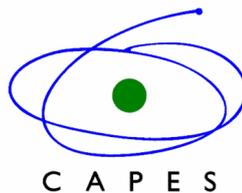




UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA - PosLA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA

GISLENE LIMA CARVALHO

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM DICIONÁRIOS ESCOLARES DE
LÍNGUA PORTUGUESA



FORTALEZA – CEARÁ
2016

GISLENE LIMA CARVALHO

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM DICIONÁRIOS ESCOLARES DE
LÍNGUA PORTUGUESA

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação

Orientador: Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes

FORTALEZA – CEARÁ
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Carvalho, Gislene Lima.

Expressões idiomáticas em dicionários escolares de língua portuguesa [recurso eletrônico] / Gislene Lima Carvalho. - 2016.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 253 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Tese (doutorado) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2016.

Área de concentração: Linguagem e interação.

Orientação: Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes.

1. Expressões idiomáticas. 2. Dicionários. 3. Cultura. 4. Fraseologia. I. Título.

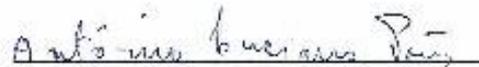
GISLENE LIMA CARVALHO

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM DICIONÁRIOS ESCOLARES DE LÍNGUA
PORTUGUESA

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 28 de março de 2016.

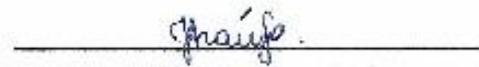
BANCA EXAMINADORA



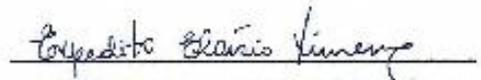
Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)



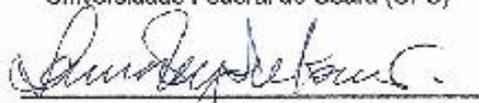
Profa. Dra. Rosemeire Selma Monteliro-Plantin
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof. Dr. Júlio Cesar Araújo
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof. Dr. Expedito Eloisio Ximenes
Universidade Estadual do Ceará (UECE)



Profa. Dra. Laura Tey Iwakami
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Márcio Sales Santiago
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

À minha mãe, minha flor.

Meu anjo protetor, Maria Irene!

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus pelo dom da vida. Porque a confiança nEle me fez ser forte para suportar as dores do caminho e a ausência de minha mãe. Por confiar que Ele existe e em seu infinito amor é que estou aqui.

À minha mãe amada, quem me deu a maior formação que um ser humano necessita: retidão de caráter, amor, altruísmo... ela me ensinou com seu exemplo a superar as intempéries e a seguir em frente de cabeça erguida. A ela devo tudo o que sou. A ela o meu amor eterno!

Ao orientador Luciano Pontes, que acreditou em mim e no meu projeto, apesar das limitações, e que aceitou encarar este desafio fraseológico comigo.

À eterna orientadora Rosemeire Monteiro-Plantin, pelo apoio e pelas valiosas contribuições nas etapas desta Tese. Por ter me apresentado o mundo da fraseologia e despertado em mim as inquietações que me trouxeram até aqui.

Ao professor Expedito Ximenes, pelas contribuições que me ajudaram a decidir qual caminho seguir.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, por ter me aberto as portas para a realização deste sonho.

À CAPES, pelo apoio financeiro para poder me dedicar integralmente a este trabalho.

Ao Leonildo Farias pela companhia e paciência quando pensei que não conseguiria.

À minha família, pai, irmãos e sobrinhos, que me lembram a cada instante o porquê de continuar o caminho, apesar das adversidades. Cada palavra de conforto, cada sorriso, cada olhar. Mesmo em silêncio, disseram-me muito do que eu precisava ouvir/ver.

Ao amigo Leonel Santos, por suas contribuições tão precisas sobre o texto. Você foi meus olhos quando eu não conseguia mais enxergar.

Aos colegas de Programa que se tornaram amigos e que fizeram a caminhada ser mais doce e mais divertida. Em especial, agradeço a Ticiane Nunes que me acolheu de braços abertos e que dedicou parte de seu tempo para ajudar na normatização deste trabalho.

Aos meus amigos de outras datas, pela torcida, pelo apoio e pelos momentos de lazer que me aliviaram a tensão peculiar a esta empreitada.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

(Arthur Schopenhauer)

RESUMO

Esta pesquisa se insere na Linguística Aplicada e tem por objetivo analisar o tratamento dispensado às expressões idiomáticas em dicionários escolares de língua portuguesa e sua relação com a cultura na qual estão inseridas. Para isso, selecionamos três dicionários recomendados pelo PNLD/2012 ao Ensino Fundamental II para a composição do *corpus*, são eles: Dicionário escolar da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras (2012), Dicionário escolar da língua portuguesa Caudas Aulete (2012) e Dicionário da língua portuguesa Saraiva Jovem Ilustrado (2010). Esta é uma pesquisa de caráter descritivo-qualitativa na qual verificamos nos dicionários a presença das expressões idiomáticas, analisamos as suas características e o seu tratamento com relação às informações contidas nos verbetes que as trazem. Para essa análise, baseamo-nos nos pressupostos fraseológicos de Zuluaga (1980), Tristá (1988), Corpas Pastor (1996) e Xatara (1998); em Pontes (2009) e Welker (2004, 2008) na área lexicográfica e nos estudos culturais de Kramsch (1996) e Laraia (2001). Como conclusões, constatamos que há variação de denominação no tratamento dessas expressões, bem como dificuldade em definir onde elas devem constar nos dicionários. Constatamos também que as informações sobre as expressões idiomáticas não apresentam sistematização nos materiais analisados e o teor cultural dessas expressões restringe-se a marcas de uso sociolinguísticas que apontam meramente para o caráter informal das expressões. Apesar disso, há grande quantidade delas nos dicionários escolares, o que demonstra que a linguagem popular/coloquial, que antes era desprezada, figura nos materiais, embora seja necessário muito ainda a ser feito para que essas expressões recebam um tratamento didático sistemático que facilite a identificação dessas unidades por parte do consultante, no caso, o estudante de língua portuguesa do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Expressões idiomáticas. Dicionários. Cultura. Fraseologia.

RESUMEN

Esta investigación es parte de la Lingüística Aplicada y tiene el objetivo analizar el tratamiento dispensado a las expresiones idiomáticas en diccionarios escolares de lengua portuguesa y su relación con la cultura en la que se enseñen. Para eso, seleccionamos tres diccionarios recomendados por el PNLD/2012 para la Enseñanza Fundamental 2 para componer el *corpus*, son ellos: Diccionario escolar de lengua portuguesa de la Academia Brasileña de Letras (2012), Diccionario escolar de lengua portuguesa Caldas Aulete (2012) y Diccionario de lengua portuguesa Saraiva Joven Ilustrado (2010). Esta es una pesquisa de carácter descriptivo-cualitativa en la que verificamos en los diccionarios la presencia de las expresiones idiomáticas, analizamos las características inherentes a ellas, además de su tratamiento en el material, en relación a las informaciones contenidas en las entradas que las han traído. Para este análisis, nos basamos en los presupuestos fraseológicos de Zuluaga (1980), Tristá (1988), Corpas Pastor (1996) y Xatara (1998); en Pontes (2009) y Welker (2004, 2008) en el ámbito de la lexicografía y en los estudios culturales Kramersch (1996) e Laraia (2001). Como conclusiones, constatamos que hay todavía confusión terminológica en el tratamiento de estas expresiones, y también dificultad en definir donde ellas deberían estar en los diccionarios. Tampoco las informaciones acerca de las expresiones presentan sistematización en los materiales analizados y la carga cultural de ellas se limita a marcas sociolingüísticas que apuntan solamente para el carácter informal de esas expresiones. Sin embargo, hay un gran número de ellas en los diccionarios escolares, el que demuestra que el lenguaje popular/coloquial, que antes era dejado al lado, está en los materiales, aunque hay mucho a hacer para que las expresiones reciban un tratamiento didáctico sistemático que facilite la identificación de estas unidades por los consultantes, los estudiantes de lengua portuguesa de la Enseñanza Fundamental.

Palabras-clave: Expresiones idiomáticas. Diccionarios. Cultura. Fraseología.

ABSTRACT

This is an Applied Linguistics research and aims at analyzing how idioms are displayed in school dictionaries of Brazilian Portuguese and at how they are related to cultural aspects. In order to do that, we selected three dictionaries which feature in the PNLD/ 2012 (National Plan for the Didactic Books) to be part of our *corpus*. They are designed to second half of Elementary School. Their titles are Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras (2012), Dicionário escolar da língua portuguesa Caudas Aulete (2012) and Dicionário da língua portuguesa Saraiva Jovem Ilustrado (2010). This is a descriptive-qualitative research in which we verify the presence of idioms in dictionaries and analyze their characteristics and treatment concerning the information contained in the entries where they are found. We based our analysis regarding phraseologies on the theoretical support of Zuluaga (1980), Tristá (1988), Corpas Pastor (1996) and Xatara (1998); of Pontes (2009) and Welker (2004, 2008), in the lexicographic field, and in the cultural studies of Kramersch (1996) and Laraia (2001). As a result, data shows that there is a variation in the way dictionaries work on idioms. There are also problems at pinpointing where they must be presented in the dictionaries. We can also state that the information about idioms does not show any systematization in the analyzed material and that their cultural values are restricted to sociolinguistic labels which merely point to the formal character of the idioms. Despite of that, there is a large amount of them in school dictionaries, what demonstrates that popular/ colloquial language, which used to be suppressed, features in the material, although there are still several problems to be solved until idioms have a systematic didactic treatment in order to make their recognition easier to the dictionary reader, in this case, the student of Portuguese language from the Elementary School.

Key-words: Idioms. Dictionaries. Culture. Phraseology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Classificação de Casares (1950).....	34
Quadro 2 –	Classificação de Zuluaga (1980).....	36
Quadro 3 –	Classificação de Corpas Pastor (1996).....	39
Quadro 4 –	Proposta de Ruiz Gurillo (1997).....	41
Quadro 5 –	Quadro de autores.....	42
Quadro 6 –	Outros estudos de Fraseologia.....	46
Quadro 7 –	Características dos tipos de dicionários recomendados pelo PNLD.....	81
Quadro 8 –	Dicionários utilizados para análise.....	87
Quadro 9 –	A expressão idiomática nos dicionários.....	97
Quadro 10 –	As características das expressões idiomáticas.....	98
Quadro 11 –	Expressões idiomáticas e semi-idiomáticas nos dicionários.....	103
Quadro 12 –	Exemplos de expressões totalmente idiomáticas e semi-idiomáticas nos dicionários.....	103
Quadro 13 –	Palavras especiais nas expressões idiomáticas.....	109
Quadro 14 –	Exemplos de variação fraseológica.....	120
Quadro 15 –	Expressões idiomáticas nos dicionários analisados.....	126
Quadro 16 –	Expressões com entradas autônomas.....	133
Quadro 17 –	Expressões idiomáticas figuradas nos dicionários.....	138
Quadro 18 –	Expressões idiomáticas populares nos dicionários.....	139
Quadro 19 –	Expressões idiomáticas coloquiais nos dicionários.....	140
Quadro 20 –	Expressões idiomáticas familiares nos dicionários.....	140
Quadro 21 –	Expressões idiomáticas chulas nos dicionários.....	141
Quadro 22 –	Expressões idiomáticas gíricas nos dicionários.....	141
Quadro 23 –	Expressões idiomáticas pejorativas nos dicionários.....	142
Quadro 24 –	Expressões idiomáticas brasileiras nos dicionários.....	143
Quadro 25 –	Expressões idiomáticas poéticas nos dicionários.....	143
Quadro 26 –	Expressões idiomáticas folclóricas nos dicionários.....	143
Quadro 27 –	Exemplos encontrados nos dicionários.....	148

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Continuum</i> de centro e periferia.....	50
Figura 2 – Dicionários analisados.....	89
Figura 3 – Verbete no dicionário da Academia Brasileira de Letras.....	90
Figura 4 – Verbete no dicionário Caldas Aulete.....	91
Figura 5 – Verbete no dicionário Saraiva Jovem.....	92
Figura 6 – <i>Continuum</i> de idiomaticidade.....	102
Figura 7 – Exemplo de uso de expressão idiomática no verbete “barata”, no dicionário da Academia Brasileira de Letras.....	147
Figura 8 – Exemplo de uso de expressão idiomática no verbete “arrepisar”, no dicionário Caldas Aulete.....	147
Figura 9 – Exemplo de uso de expressão idiomática no verbete “bonde”, no dicionário Saraiva Jovem.....	148

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: ABRINDO ALAS.....	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO: DANDO TRATOS À BOLA.....	26
2.1	DEFINIÇÕES E LIMITES DA FRASEOLOGIA.....	26
2.1.1	Percurso histórico.....	31
2.1.1.1	Casares.....	32
2.1.1.2	Zuluaga.....	35
2.1.1.3	Coseriu.....	36
2.1.1.4	Tristá.....	37
2.1.1.5	Corpas Pastor.....	38
2.1.1.6	Ruiz Gurillo.....	40
2.1.1.7	Burger.....	41
2.1.2	Outros estudos fraseológicos	44
2.1.3	Características dos fraseologismos.....	48
3	DEFININDO CONCEITOS: DANDO NOMES AOS BOIS.....	54
3.1	EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS.....	54
3.2	CULTURA.....	61
3.3	DICIONÁRIOS: AS FRASEOLOGIAS E A TRADIÇÃO LEXICOGRÁFICA.....	67
4	METODOLOGIA: O CAMINHO DAS PEDRAS.....	86
4.1	O <i>CORPUS</i>	86
4.2	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	93
5	ANÁLISE DOS DADOS: COLHENDO OS FRUTOS.....	99
5.1	CARACTERÍSTICAS DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS.....	100
5.1.1	A concepção das EI nos dicionários.....	100
5.1.2	Idiomaticidade e Fixação.....	102
5.1.3	Tipologia estrutural das EI.....	105
5.1.4	Palavra especial.....	109
5.1.5	Variações fraseológicas.....	112
5.2	AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS: O QUE DIZEM OS DICIONÁRIOS..	122
5.2.1	Dicionário escolar da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras (D1).....	123

5.2.2	Caldas Aulete Dicionário escolar da língua portuguesa (D2).....	124
5.2.3	Saraiva Jovem Dicionário da língua portuguesa ilustrado (D3).....	125
5.3	ENTRADAS DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS.....	126
5.4	MARCAS DE USO.....	136
5.5	EXEMPLOS.....	146
5.6	COLOCANDO OS PINGOS NOS IS.....	152
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS: <i>DANDO O RECADO</i>.....	160
	REFERÊNCIAS.....	167
	APÊNDICES.....	174
	APÊNDICE A – Quadro de identificação das expressões idiomáticas nos dicionários.....	175
	APÊNDICE B – Quadro de características das expressões idiomáticas.....	175
	ANEXOS	176
	ANEXO A - Expressões idiomáticas encontradas nos dicionários.....	177

1 INTRODUÇÃO: *ABRINDO ALAS*

“As palavras têm a cor, o cheiro, o gosto da terra em que circulam, da casa em que habitam. O dicionário é apenas o espaço onde elas esperam que as apanhemos para levá-las até nossas moradas.”

(Irândé Antunes)

O estudo sobre línguas centrou-se, durante muito tempo e na maioria das vezes, em uma concepção tida como sistema de regras gramaticais. É bem verdade que a língua é um sistema de regras utilizado para comunicação, assim como o conhecimento dessas regras é importante para melhor compreensão e, conseqüentemente, utilização desse sistema.

Porém, uma língua não é formada apenas por normas que devem ser memorizadas para que se alcance sucesso na comunicação. Ela apresenta, em sua composição, inúmeros elementos que se caracterizam justamente por não seguirem uma regra, por não pertencerem à norma geral. Em uma concepção mais recente, ela é um conjunto de sinais sócio historicamente situado usado para a comunicação e utilizado por pessoas que se inserem em um contexto social, político, histórico e cultural que o influenciam diretamente e que são influenciados por ela. Enquanto sistema vivo, está em constante evolução, acompanhando as mudanças que os seus usuários enfrentam em sociedade. Nesse sentido, a língua enquanto prática social se atualiza constantemente no momento em que é utilizada pelos falantes em contextos sociais, históricos, políticos e culturais, portanto ela não pode ser compreendida dissociada desses contextos.

Dessa forma, fica evidente que a língua não é composta apenas do que preconiza a gramática normativa, e sim do que seus falantes utilizam na comunicação, ou seja, considera-se seu uso efetivo. Se focalizamos os falantes, temos de considerar, sobretudo, as expressões e as formas de falar e escrever peculiares de um povo, expressas por estes que são os verdadeiros conhecedores da língua e da sua cultura, pois a língua é parte constituinte da cultura e ambas estão intrinsecamente relacionadas e refletidas uma na outra.

Os falantes que dominam uma língua compartilham conhecimentos e informações, conhecem e reconhecem expressões metafóricas de valor conotativo

utilizadas nessa língua. No entanto, falantes que não a dominam podem enfrentar problemas na comunicação se desconhecerem os seus valores metafóricos. Isso ocorre com falantes estrangeiros e falantes nativos que, por diversos motivos, não compartilham de todo o conhecimento linguístico/cultural necessário para interagir em algumas situações comunicativas em sua própria língua. Um exemplo disso é a variação lexical que se verifica nas regiões brasileiras. Cada uma delas possui expressões próprias que são desconhecidas por falantes de outras regiões e, conseqüentemente, podem dificultar a compreensão por parte dos falantes.

Um exemplo de expressões bastante utilizadas e que ainda sofrem preconceito e marginalização na língua são as expressões fixas ou os fraseologismos. Pertencem a esse grupo as locuções¹, colocações, provérbios, frases feitas, ditos populares, fórmulas de rotina², dentre outras. Essas unidades linguísticas são constantemente utilizadas por falantes nativos de diversas línguas em seu cotidiano, até mesmo de forma inconsciente e, muitas vezes, passam despercebidas por eles uma vez que já as conhecem graças ao convívio diário com a língua e a aquisição natural que fazem delas.

O conhecimento dessas unidades linguísticas ocorre de forma natural, no seio da família e da comunidade na qual se vive sem ser necessário um estudo sistematizado nas escolas para esse aprendizado. No entanto, quem não as conhece pode enfrentar situações desagradáveis. Esses falantes podem ser de língua materna – as novas gerações, por exemplo – ou mesmo estudantes estrangeiros da língua. O falante que não tem domínio das expressões fixas de uma língua não apresenta competência comunicativa naquela língua.

Se o objetivo é formar falantes competentes, o ensino e a aprendizagem das expressões fraseológicas deveriam ser interesse daqueles que se dedicam ao ensino de línguas e da elaboração dos materiais destinados a esse fim. Contudo, o que vemos, apesar dos muitos trabalhos realizados sobre o assunto³, é que essas

¹ Locução aqui entendida como junção de palavras na qual um dos elementos possui valor gramatical, tal como preposição.

² As fórmulas de rotina fazem parte das chamadas fórmulas situacionais (Tagnin 2005). São expressões de uso obrigatório (ou não) em contextos definidos. Exemplos: bom dia, boa tarde, boa noite, até logo! Tagnin (2005) inclui ainda entre as fórmulas situacionais os provérbios, as frases feitas e as citações.

³ Comprova-se esta afirmação com as várias Dissertações e Teses defendidas sobre o assunto e que abordam sua relação com ensino, tradução, cultura, inserção nos materiais didáticos, além das que abordam os traços culturais dos fraseologismos.

pesquisas ainda não se refletem de maneira adequada no ensino de línguas, seja ela materna ou estrangeira. O não tratamento dessas expressões pelos materiais didáticos ou pelos professores se deve ao fato de que elas têm enfrentado, ao longo do tempo, um preconceito e mesmo uma marginalização por parte dos estudiosos da língua, sendo considerados meros apêndices nas gramáticas normativas, além de orientações para que não as utilizemos em situações formais por configurarem falta de criatividade. Monteiro-Plantin (2011) cita como comprovação desse preconceito a denominação de Rodrigues Lapa (1998) para clichê como “muleta ridícula dos preguiçosos” (p. 153).

Essa marginalização é produto da dificuldade de se estudar sistematicamente essas expressões, por elas estarem situadas entre o léxico e a gramática, o que torna tênues as definições sobre o que é ou não fraseológico já que essas expressões não seguem regras quanto à sua criação e ao seu uso. A marginalização se deve também ao caráter informal ou coloquial conferido a essas expressões, por serem utilizadas pelo povo de maneira natural sem qualquer preocupação formal. Os fraseologismos fazem parte da cultura do povo, de qualquer classe social, não é, portanto, vocabulário elitizado que se aprende nas melhores escolas. Aprende-se nas ruas, em casa, nas rodas de conversa. Deve-se a isso o pouco valor social que essas expressões enfrentaram e enfrentam no âmbito acadêmico.

Por muito tempo, nossos estudantes foram aconselhados a evitar a utilização das expressões fixas em situações formais sob o risco de serem penalizados. Todavia, na realidade a situação é outra. Os falantes fazem cada vez mais uso dessas unidades que são uma grande representatividade da interferência da cultura na língua. Ainda que de forma inconsciente, todo falante nativo de uma língua faz uso de fraseologismo. Não apenas em situações informais, mas em situações de formalidade, os fraseologismos são utilizados como forma de dar maior expressividade aquilo que se quer enfatizar. São utilizadas em situações em que palavras livres não traduzem a emoção/sentimento do momento.

Como consequência desse preconceito, os fraseologismos figuram à margem do ensino de línguas. Não há, nos cursos de licenciatura para ensino de línguas, disciplinas que tratem do ensino destas expressões e da importância de que se abordem estas unidades linguísticas no ensino e aprendizagem de línguas

materna ou estrangeira. Com base em duas disciplinas ministradas sobre fraseologia em estágio no curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará nos anos 2014 e 2015, percebemos que os futuros professores, na maioria dos casos, sequer ouviram falar em fraseologia, embora façam uso constantemente dos fraseologismos na comunicação. Em se tratando do ensino básico, essa lacuna fica ainda mais perceptível, pois se os professores não tiveram formação para tal, tampouco saberão como tratar acerca desse assunto em sala de aula.

Quando estudamos uma língua, o fazemos para conseguirmos nos comunicar nela. Quando esse estudo foca apenas nas normas gramaticais e deixa de fora aquilo que é metafórico ou figurado, não é permitido ao falante que desenvolva a competência comunicativa de forma satisfatória. As expressões fixas, em sua maioria, têm origem metafórica. A linguagem humana caracteriza-se pelo vasto número de metáforas utilizadas pelos falantes, o que faz com que muito do que falamos seja metafórico ou idiomático e necessite ser aprendido de forma diferente do que se faz com as normas da língua (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Para referir-se ao falante que desconhece a idiomatidade da língua, Fillmore (1979) utilizou o termo “falante/ouvinte ingênuo”: aquele que detém conhecimento sobre a estrutura da língua e sua gramática, porém desconhece seus valores figurativos e metafóricos, ou seja, as expressões de cunho cultural que se apresentam em todas as línguas naturais. Para o autor, esse falante desconhece os lexemas e as frases idiomáticas que não apresentam significados dedutíveis da soma de seus elementos, além de desconhecer as formas convencionadas para diversos tipos de textos. Esse falante compreenderá, por exemplo, as expressões “entrar pelo cano” e “ir pentear macaco” de maneira literal e não idiomática. O que não corresponde ao significado real das expressões.

Expressões idiomáticas, colocações, locuções, fórmulas de rotina, provérbios⁴, clichês são expressões que se caracterizam por não seguirem regras de criação e uso. Contrariamente, essas unidades quebram regras e se apresentam de forma convencional dentro de uma comunidade. Além disso, elas se caracterizam por apresentarem certa fixação na estrutura e no significado e graus de

⁴ Embora a Paremiologia seja a disciplina que se dedica aos estudos dos provérbios, refrões, ditados populares e afins, há concepções de Fraseologia que as inserem em seu conjunto de elementos, conforme veremos mais adiante.

idiomaticidade, o que significa que seu valor semântico não é transparente, ou seja, não é dedutível a partir de seus componentes. Esse conjunto de expressões fixas são os chamados fraseologismos e são objetos de estudo da Fraseologia⁵, disciplina relacionada ao estudo do léxico, subárea da Lexicologia e Lexicografia⁶.

O estudo da fraseologia tem se desenvolvido bastante, especialmente nas últimas décadas. Na Europa, em 1999, foi criada a EUROPHRAS⁷, Sociedade Europeia de Fraseologia, que tem o objetivo de organizar congressos na área, trocar informações e auxiliar os estudos na área fraseológica. Nos programas de Pós-Graduação de vários Estados brasileiros (UnB, UFMS, UFC, USP, UNESP, UFBA), os estudos fraseológicos estão sendo desenvolvidos. Revistas sobre o tema estão sendo lançadas – Parêmia e Cadernos de Fraseoloxía Galega na Espanha e Frasema, no Brasil; projetos estão em andamento nas universidades brasileiras com vistas ao desenvolvimento da fraseologia, propostas de classificação, delimitação de seu objeto de estudo e organização de dicionários que contemplem estas unidades linguísticas são temas de Monografias, Dissertações e Teses, além da publicação de artigos e livros completos sobre o tema. A título de exemplificação, cito a dissertação por mim defendida em 2011 na qual abordei o tratamento das fraseologias em livros didáticos de português para estrangeiros e a tese de Martins (2013) na qual o autor analisou as estratégias de compreensão das expressões idiomáticas por falantes não nativos do português brasileiro.

Destacamos também a realização de eventos relacionados ao tema. Três Congressos Internacionais de Fraseologia e Paremiologia (CIFP) foram realizados: o primeiro em Santiago de Compostela, em 2006; o segundo no Brasil, na cidade de Brasília no ano de 2011; e o terceiro também no nosso país, especificamente em Fortaleza, no ano de 2013. Também foram realizados dois Congressos Brasileiros de Fraseologia (CBF), ocorridos em Brasília, 2011 e Fortaleza, 2013. Nesta última oportunidade, foi criada a Associação Brasileira de Fraseologia. Além disso, em 2010, ocorreu o I Seminário de Fraseologia, em Brasília. É notório ainda que, cada

⁵ Ao longo do texto, o termo “fraseologia” aparecerá com letra inicial maiúscula, quando for referente à disciplina, e com letra inicial minúscula, quando fizer referência ao sentido mais amplo do termo ou ao conjunto de unidades linguísticas que são objeto de análise da disciplina.

⁶ Optamos aqui por referir-se à Fraseologia como subárea da Lexicologia por questões metodológicas, embora saibamos que ela possui um escopo teórico próprio e de grande importância que a coloca em patamar de disciplina autônoma.

⁷ <http://www.europhras.org>

vez mais, os congressos em linguística estão abrindo espaços para discussão e apresentação de trabalhos na área, dentro da área de estudos referentes ao léxico.

Como podemos constatar, a importância do estudo e ensino destas expressões para o desenvolvimento da competência comunicativa do falante é cada vez mais evidente, não apenas para aqueles que estudam uma língua estrangeira, mas também para os falantes de uma língua materna que buscam compreender mais sobre sua língua e desejam que ela seja de alcance também por falantes estrangeiros. Portanto, é indiscutível a importância de que essas expressões recebam um tratamento didático nos materiais que servem ao ensino-aprendizagem de línguas.

O ensino de línguas, materna ou estrangeira, vale-se de materiais de apoio para sua realização. Esses materiais têm o propósito de “facilitar” o trabalho do professor e apoiá-lo no desenvolvimento de sua atividade de ensinar. Por isso, acredita-se que esses materiais apresentem elementos suficientes para servir como base ao professor. No entanto, ao analisar livros didáticos utilizados por professores de língua portuguesa no ensino para estrangeiros, Carvalho (2011) constatou que expressões que não seguem regras gramaticais não são suficientemente abordadas por eles.

Dada a importância desses materiais, faz-se necessário que sejam realizadas pesquisas sobre eles. Nesse sentido, o grupo de estudos Lexicografia, Terminologia e Ensino (LETENS)⁸, vinculado ao programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenado pelo professor Dr. Antônio Luciano Pontes, empenha-se na pesquisa sobre dicionários. Para além da análise desses materiais, é necessário também que haja uma maior aproximação entre os estudos lexicográficos e a fraseologia para que se tenha maior desenvolvimento da área de estudos do léxico, especialmente em língua portuguesa.

No Brasil, os estudos sobre a teoria fraseográfica são relativamente recentes e são ainda muito restritos a grupos de pesquisa sobre o tema, embora os primeiros dicionários voltados aos fraseologismos no Brasil datem do início do

⁸ A pesquisa que deu origem a esta tese é vinculada ao grupo LETENS.

século XX⁹, conforme compilação de Monteiro-Plantin (2011) e Xatara (2012) que apresentam o levantamento dos trabalhos sobre fraseologia produzidos e publicados no Brasil. No entanto, até a década de 90, essas obras foram produzidas por pessoas que tinham apreço por algumas fraseologias e não por especialistas no tema. De acordo com as autoras, apenas nos anos 2000 os dicionários fraseológicos passaram a ser organizados por especialistas da área.

Sem qualquer ligação com estudos científicos, os primeiros dicionários eram organizados, em sua maioria, por estudiosos, porém não especialistas, que demonstravam interesse pelas chamadas expressões populares, como as gírias, as expressões idiomáticas e os provérbios. Destacamos o *Novo dicionário da gíria brasileira*, organizado por M. Viotti, em 1956. Dentre os materiais organizados por professores, destaca-se o *Tesouro da Fraseologia Brasileira* de Antenor Nascentes, datado de 1945. Estes dicionários, sem pretensão de aprofundar os estudos fraseológicos, são de grande importância na evolução dos estudos fraseográficos no Brasil.

Nas últimas décadas, foram desenvolvidos diversos trabalhos na área da Fraseologia, em várias partes do mundo e em diversas línguas, com vistas à consolidação da teoria fraseológica, levantamento e compilação do léxico correspondente a esta área, aquisição, desautomatização, ensino e aprendizagem dessas expressões. Para exemplificarmos essa evolução, apresentamos dois estudos que analisam tradução e compreensão destas unidades, respectivamente. Lemos (2012) analisa as estratégias de tradução das unidades fraseológicas do português para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). A autora toma como objeto de análise a tradução feita por intérpretes de Libras para discursos de parlamentares da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará e chega à conclusão de que a paráfrase é a estratégia mais utilizada, mas que a omissão destas expressões também é bastante comum por não haver conhecimento de como traduzi-las para a Libras.

Martins (2013), por sua vez, aborda as estratégias de compreensão das expressões idiomáticas por falantes não nativos do português brasileiro. O autor investigou quais as estratégias utilizadas por 20 estudantes oriundos de países africanos que têm como língua oficial o português. A referida pesquisa insere-se no

⁹ A primeira produção fraseográfica no Brasil, segundo Xatara (2012) foi o *Dicionário Moderno* de José Ângelo Brito, 1903. Um dicionário de gíria voltado ao vocabulário erótico.

âmbito da psicolinguística e busca explicações para o fenômeno da compreensão destas unidades fraseológicas por pessoas que são falantes nativos da língua, mas que compartilham de outra cultura por pertencerem a outros países.

Dessa forma, a fraseologia relacionada ao estudo de línguas estrangeiras tem sido o foco dos estudos por serem essas expressões uma problemática quando se pretende ensinar/ aprender uma língua. No que concerne ao ensino de língua materna, os trabalhos fraseológicos dedicam-se a analisar expressões com elementos comuns tais como nomes de animais, partes do corpo e alimentos ou a explorar sua relação com a cultura, os métodos de aquisição e a automatização.

No que se refere à fraseologia em materiais didáticos, especialmente os dicionários de língua portuguesa, os estudos ainda se encontram em pouca quantidade. Em língua portuguesa, há dicionários especiais de fraseologia, dentre os quais podemos citar o Adagiário Brasileiro (1980) de Leonardo Mota e o Dicionário de Locuções da Língua Portuguesa (1975) de Euclides Carneiro da Silva. Esses materiais apresentam expressões caracterizadas por sua oralidade, definições e origens das expressões.

Estes trabalhos deram origem a projetos, teses e dissertações sobre o tema. Recentemente, dicionários bilíngues que abordam os fraseologismos têm sido desenvolvidos em maior quantidade. Podemos citar os projetos *Dicionário on-line de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e de francês da França e do Quebec*, Coordenado por Cláudia Maria Xatara (2011) e *Dicionário eletrônico Alemão-Português/Português-Alemão de construções com verbo de suporte e colocação*, coordenado por Eva Maria Ferreira Glenk (2010). Esses projetos comprovam que a dicionarização dos fraseologismos é uma preocupação dos estudiosos da área.

Dentre os estudos de análise lexicográfica que abordam os fraseologismos, podemos citar a dissertação de Noimann (2007), na qual a autora analisa as informações contidas sobre fraseologismos em verbetes de um dicionário escolar bilíngue espanhol-português/português-espanhol. Destacamos também a dissertação de Oliveira (2009), em que é feita uma análise de 40 fraseologismos do francês em quatro dicionários bilíngues português-francês/francês-português e três dicionários especiais de fraseologia. Nesses materiais, a autora analisa o tratamento

dispensado às expressões e o compara a frequência destas no buscador 'Google' e a um questionário realizado na França.

Ainda no âmbito da fraseologia bilíngue, Xatara defendeu Dissertação (1994) e Tese (1998) sobre as expressões idiomáticas em comparação com o francês e com foco no trabalho de tradução. Ortiz Alvarez (2000) trata dessas expressões do português do Brasil em comparação com as do espanhol de Cuba. Facincani Camacho (2008) as retrata a partir do francês do Canadá. Roncolatto (2001) aborda o tema em relação ao espanhol da Colômbia. Glenk dedica-se ao estudo das expressões em alemão-português, com especial atenção às fórmulas de rotina. Caramori (2006) propôs, em sua tese, a elaboração de um dicionário bilíngue italiano-português a partir das expressões idiomáticas encontradas na obra do escritor italiano Gianni Rodari.

Quando pensamos em fraseologias em dicionários de língua comum com foco no português enquanto língua materna, não são muitos os trabalhos que encontramos. Um trabalho nesse sentido foi desenvolvido por Pontes (2011) em um artigo no qual o autor trata dos fraseologismos em dicionários escolares, suas características, localização e classificações dadas pelos dicionaristas. Por outro lado, ao se tratar de língua estrangeira ou especificidades da língua, é comum encontrarmos trabalhos voltados à prática lexicográfica, com a finalidade de criar dicionários bilíngues ou dicionários especiais que abordem os fraseologismos.

Com relação a dicionário especial fraseológico em língua portuguesa, podemos citar o Dicionário Brasileiro de Fraseologia (2013), organizado por José Pereira da Silva, no qual se apresenta um levantamento dos fraseologismos utilizados em língua portuguesa no Brasil. Além desse, podemos citar ainda a Tese de Riva (2009) que apresenta um dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas do português do Brasil, composto por 1.562 idiomatismos agrupados em 400 conceitos.

Com base no exposto, acreditamos existir uma lacuna no que se refere ao estudo dos fraseologismos em língua materna em dicionários (monolíngues) de língua geral. Buscamos, portanto, preencher-la e contribuir, assim, para os estudos fraseológicos com a pesquisa aqui apresentada que tem como objeto de análise as expressões idiomáticas e como *corpus*, dicionários escolares monolíngues de língua portuguesa. A escolha destes dicionários justifica-se, sobretudo, pelos poucos

estudos fraseológicos e/ou fraseográficos que abordam estes materiais em língua materna.

Devemos considerar ainda a importância de que se trace um panorama dessas expressões em âmbito nacional em materiais que servem de apoio ao processo de ensino/aprendizagem de línguas para que as lacunas existentes possam ser localizadas e, futuramente, preenchidas por trabalhos que tenham a fraseologia como objeto de estudo. Este trabalho se propõe a preencher uma dessas lacunas no que concerne ao tratamento das fraseologias nos dicionários escolares monolíngues de língua portuguesa. Buscamos responder as seguintes perguntas de pesquisa que norteiam este trabalho:

- a) As informações sobre as expressões idiomáticas contidas na introdução do dicionário são encontradas nos verbetes?
- b) As características das expressões idiomáticas presentes nos dicionários correspondem às características propostas pela teoria fraseológica?
- c) Onde estão localizadas as expressões idiomáticas dentro do verbete?
- d) Quais as marcas de uso utilizadas para classificação das expressões idiomáticas e que carga cultural carregam?
- e) Como estão organizados os verbetes que apresentam expressões idiomáticas?

Baseados no que determinam os estudos fraseológicos e sabendo da importância do conhecimento destas expressões para um bom desempenho linguístico, além do papel desempenhado pelo dicionário neste processo de ensino/aprendizagem, neste trabalho descrevemos o tratamento dispensado às expressões idiomáticas em dicionários escolares de língua portuguesa, recomendados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o Ensino Fundamental II. Optamos por limitar a pesquisa às expressões idiomáticas por compreendermos que a fraseologia abarca um leque muito amplo de expressões

com diferentes características, buscamos, pois, com essa limitação, um estudo mais detalhado, porém com a intenção de atender a amplitude que o tema requer.

Temos, portanto, como objetivo analisar o tratamento dispensado aos fraseologismos com foco nas expressões idiomáticas (EI), em dicionários escolares de língua portuguesa. Para o alcance desse objetivo, estabelecemos como objetivos específicos:

- a) Comparar a apresentação inicial dos dicionários com as informações contidas nos verbetes quanto às expressões idiomáticas;
- b) Relacionar o tratamento das expressões idiomáticas quanto às características apresentadas pelo dicionarista com a classificação da teoria fraseológica.
- c) Analisar a localização das expressões dentro do verbebo;
- d) Analisar as marcas de uso referentes às expressões e os traços culturais presentes nessa classificação.
- e) Analisar a composição e a organização do verbebo que apresenta a expressão idiomática.

O texto desta Tese está organizado em quatro capítulos dos quais o primeiro é a introdução.

No segundo capítulo, apresentamos a teoria fraseológica e traçamos um panorama dos estudos desenvolvidos na área, os principais autores e suas propostas de definição e classificação das fraseologias. Além disso, discutimos as características das unidades fraseológicas em geral.

No terceiro capítulo, discutimos os conceitos imbricados na pesquisa – expressões idiomáticas, dicionários e cultura - e a literatura referente a eles. Definimos expressões idiomáticas e suas características. Logo após, discutimos acerca da relação dessas expressões com a cultura. Em seguida, apresentamos uma discussão sobre dicionários e sua importância como material didático, além de abordar a presença dos fraseologismos nestes materiais.

O quarto capítulo compreende a metodologia adotada para a realização da pesquisa, no qual são delineados os caminhos percorridos para a realização do trabalho; levantamento e organização do *corpus*; as categorias de análise e os aportes teóricos que as norteiam.

O quinto capítulo consiste na análise dos dados. Para isso, apresentamos os dados levantados e a análise referente a eles com base no que expusemos nos capítulos teóricos. Inicialmente, realizamos o contraponto entre as características definidas pela teoria fraseológica para as expressões idiomáticas com as características apresentadas pelas expressões presentes nos dicionários. Em seguida, tratamos do lugar ocupado por estas expressões nos materiais analisados e do tratamento dispensado a elas pelos dicionaristas.

Por fim, apresentamos as considerações finais, nas quais retomamos os objetivos iniciais da pesquisa, fechamos as considerações acerca dos resultados obtidos e sugerimos pesquisas futuras sobre a temática aqui abordada.

Ao final, em anexo, apresentamos as expressões encontradas nos dicionários analisados. A lista foi organizada a partir da junção das expressões dos três materiais, apresentadas como entradas autônomas e em ordem alfabética. Foram retiradas as expressões que se repetiam em mais de um material e não foram feitas alterações nas definições e estruturas dos verbetes no que concerne a definições e exemplos apresentados. A definição para cada EI que figura nos anexos e que se repetiam em mais de um dicionário foi a que consideramos de estrutura mais completa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: *DANDO TRATOS À BOLA*

“O que faz da linguagem uma realidade complexa é a sua bipolaridade, no sentido de que é sistemática e, ao mesmo tempo, imprevisível; definida e, ao mesmo tempo, inexata. Consequentemente, o que deixa o falante competente é sua habilidade para administrar essa complexidade e dela se aproveitar sempre que quiser.”

(Irandé Antunes)

A fraseologia enquanto ciência possui um arcabouço teórico com diversos estudos realizados nos quais se discutem denominações terminológicas, classificações e definições dos limites com relação aos fraseologismos. Por esse motivo, há quem a considere disciplina autônoma e há quem a coloque como subárea da Lexicologia, disciplina que estuda o léxico em geral. Neste capítulo, discutiremos acerca desses estudos, da sua relevância para as atuais pesquisas na área da fraseologia e do lugar da fraseologia dentro dos estudos linguísticos.

2.1 DEFINIÇÕES E LIMITES DA FRASEOLOGIA

A comunicação entre os seres humanos se dá de várias formas e por vários meios. Desde os primórdios, tem-se a informação de que os humanos tentavam estabelecer comunicação e, como o passar do tempo, a língua passou a ser a principal forma de comunicação. A língua enquanto meio de comunicação e interação, formada por palavras e expressões passou a atrair a atenção e curiosidade das pessoas, e essas passaram a estudá-la de forma sistemática. No entanto, a língua não é apenas um conjunto autônomo de palavras e expressões. Marcuschi (2007, p. 68, grifos do autor) afirma que a língua

é uma atividade constitutiva e não uma forma de representar a realidade. Mais que um *retrato*, a língua é um *trato* da realidade. Mais que um *portador* de sentido, a língua seria um *guia* de sentidos.

O autor acrescenta ainda que “a língua é um sistema de indeterminações sintático-semânticas que se resolvem nas atividades dos interlocutores em situações sócio-comunicativas.” (Idem, p. 70)

A partir da citação de Marcuschi (2007), percebe-se que a concepção de língua e linguagem passou por evoluções. Até então, os estudos sobre as línguas baseavam-se em sua organização enquanto sistema e não eram levados em consideração os falantes e as condições vivenciadas por eles. A língua, antes considerada um sistema autônomo de signos, passou a ser vista e abordada em sua relação com o contexto sociocultural no qual está inserida. No entanto, há um grupo de expressões linguísticas que desperta o interesse de estudiosos e curiosos há muito tempo: os provérbios. Estas unidades da língua chamaram a atenção pela repetição no uso e por serem utilizados como forma de expor uma moral ou um ensinamento.

Os provérbios, enquanto textos de sentido completo que trazem uma moral repassada de geração a geração, foram, por muito tempo, os primeiros fraseologismos a ter uma dedicação especial de estudiosos e curiosos da língua. Estes textos eram compilados em grandes obras e serviam de base para estudos sintáticos e gramaticais antes mesmo do surgimento da ciência linguística. No entanto, o valor cultural destes textos não era explorado.

Mesmo com o avanço dos estudos que têm a língua como objeto de análise, permaneceu ainda por muito tempo a visão que a concebe enquanto sistema organizado e sistemático de uma relação fechada entre significados e significantes. Nesta concepção, são desconsideradas aquelas situações nas quais se utilizam expressões que não são possíveis de explicar tão facilmente suas formas de criação, estrutura e uso, como os fraseologismos. A abordagem destas expressões assistemáticas deve ser inserida no contexto de estudo de línguas. Fulgêncio (2008, p.60) ratifica essa informação quando afirma que

O conhecimento lexical possuído pelos falantes inclui não somente informações a respeito de elementos monomorfêmicos ou de palavras polimorfêmicas, mas precisa incluir informações sobre **construções** idiossincráticas, ou seja, estruturas formadas por várias palavras em sequência. (FULGÊNCIO, 2008, p.60)

Contudo, a situação mudou e os estudos sobre as línguas se desenvolveram. O foco passou a ser a língua enquanto atividade utilizada na

comunicação por falantes em determinados contextos sócio históricos nos quais esta se constitui cognitivamente, valorizando-se, assim, todos os elementos envolvidos em uma situação de comunicação real.

As construções citadas por Fulgêncio (2008) precisam figurar nos estudos linguísticos, uma vez que léxico não se compõe apenas por palavras isoladas, mas também por todas as estruturas utilizadas pelos falantes de uma língua desde as palavras simples (*cabeça, quebra-cabeça*) a textos completos com valor de unidade, como os provérbios (*mais vale um pássaro na mão do que dois voando*) e as expressões idiomáticas (*perder a cabeça*). O estudo das unidades lexicais faz parte da Lexicologia, já as expressões fixas compostas por duas ou mais palavras são o objeto de estudo da Fraseologia.

O próprio termo 'fraseologia' ainda é objeto de discussão por apresentar ambiguidade. A palavra é utilizada para se referir à disciplina científica que estuda as frases feitas, os fraseologismos em geral – neste caso, Fraseologia -, ou fazer referência ao conjunto de expressões que são o objeto de estudo desta disciplina – neste caso, fraseologia. A heterogeneidade dos elementos que podem ser considerados fraseologismos, motivada pelas diversas abordagens, colabora para a imprecisão dos termos referentes à teoria fraseológica, uma vez são considerados desde colocações a pequenos textos, como as orações religiosas.

A Fraseologia, enquanto disciplina, também apresenta pontos que não são consenso entre os teóricos. Não há um acordo, por exemplo, se ela é autônoma ou um ramo de algum outro campo da linguagem, uma vez que estabelece conexões com a Estilística, Lexicologia, Paremiologia¹⁰ e outras tantas áreas da Linguística. No nosso entendimento, a disciplina Fraseologia situa-se no âmbito dos estudos lexicais, sendo, pois, uma subárea da Lexicologia¹¹.

Nesse caso, concordamos com Jorge (2012, p. 61) quando define Fraseologia como “disciplina que estuda o conjunto das fraseologias, enquanto subdomínio da Lexicologia, onde cabem os vários tipos de sintagmas constituídos por duas ou mais palavras.” A autora acrescenta à sua definição que os fraseologismos podem apresentar ainda alguma das seguintes características: não

¹⁰ Paremiologia é uma disciplina autônoma que tem como objeto de estudo os provérbios.

¹¹ Em países onde a disciplina alcançou pleno desenvolvimento, considera-se sua autonomia enquanto disciplina independente. No Brasil, ela ainda está vinculada à Lexicologia, sendo uma subárea desta.

composicionalidade, sentido idiomático ou metafórico (a soma dos significados das palavras componentes da expressão não corresponde ao significado da expressão); lexicalização, consagração pelo uso (a constante repetição torna a expressão uma unidade de sentido) e duplo sentido (literal ou figurado).

Há ainda um desacordo quando se tenta delimitar o objeto de estudo da fraseologia. Em uma concepção ampla, seriam considerados objetos de estudo desde as locuções aos pequenos textos autônomos – provérbios, orações, citações. Na concepção estreita, consideram-se apenas os elementos equivalentes a uma palavra ou sintagma, as locuções, excluindo-se, assim, os pequenos textos como provérbios e frases proverbiais, que ficam no domínio da Paremiologia.

Autores como García-Page (2011) defendem a concepção estreita da fraseologia com foco apenas nas locuções. Para o autor, os pequenos textos devem ser estudados pela Paremiologia, disciplina autônoma de estudo dos provérbios. Nessa perspectiva, o objeto de estudo dessa concepção estreita seriam apenas as expressões oracionais, ao passo que a Paremiologia se dedicaria ao estudo dos enunciados de sentido completo. Porém, essa visão estreita da fraseologia na qual se abordam apenas as estruturas oracionais não é a visão que seguimos neste trabalho.

Tristá (1988) também discute a ambiguidade do termo fraseologia, uma que engloba as composições de palavras que funcionam como elementos oracionais, ou seja, que ocorrem dentro de orações, e outra que engloba tanto essas combinações quanto outras mais complexas, como os provérbios e as citações, que independem de orações. Ainda com relação a essa indefinição terminológica, Gonzáles-Rey (2007, p.5) se posiciona colocando fraseologia como o conjunto dos elementos constituintes, quando diz que esses são

[...] expressões fixas preexistentes e subsequentes ao discurso livre, consideradas geralmente como elementos do léxico, e que passam frequentemente despercebidas aos olhos do locutor nativo e que são rapidamente percebidas pelos estudantes estrangeiros. (GONZÁLES-REY, 2007, p.5)

Ortiz Alvarez (2009, p. 4) também considera a concepção ampla e define fraseologia como

conjunto de combinações de elementos linguísticos de uma determinada língua, relacionados semântica e sintaticamente, e que não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos. Nela se incluem todas as combinações onde os componentes possuem traços metafóricos geralmente estáveis (em alguns casos a estabilidade é parcial permitindo algumas alterações sem perder o significado total da expressão). (ORTIZ ALVAREZ, 2009, p.4)

A despeito das discussões, há um consenso quando se diz que o objeto de estudo da Fraseologia são as unidades fixas (ZULUAGA, 1980; GARCÍA-PAGE, 1999) também chamadas de unidade pluriverbais (CASARES, 1950); fraseologismos ou unidades fraseológicas (TRISTÁ, 1988). São expressões que apresentam como características a polilexicalidade (ou pluriverbalidade), ou seja, são formadas por duas ou mais palavras e que possuem grande recorrência na língua, sendo fixas ou semi-fixas e têm seus significados convencionados pelos falantes da língua.

Com base nas características apontadas pelos autores citados anteriormente, várias podem ser as categorias fraseológicas, desde que apresentem alguma das características apontadas como definidoras de fraseologismo. Porém, é possível que nem todas as características estejam presentes em todas as categorias. Devido às diversas características, há um grande leque comportado pelo caudal fraseológico o que torna difícil uma definição precisa do objeto de estudo e de características que sejam comuns a todos os tipos de fraseologismo.

Assim, Barbosa (2012, p. 249) define fraseologia como um hiperônimo que abarca diferentes categorias abrangendo “elementos que não são idênticos, mas que podem ser agrupados seguindo algum critério. O critério aqui é o grau de integração.” Integração aqui entendida como estrutura mais ou menos fixa apresentada por todas as categorias de fraseologismos. A fixação, em maior ou menor grau, seria, para a autora, o indicador mínimo dos fraseologismos. Dentro deles, há várias categorias cuja fixação pode variar e outras características, como a idiomaticidade, podem estar presentes em maior ou menor grau.

Diante do exposto, percebe-se que a fraseologia e seu objeto de estudo podem ser compreendidos de maneira ampla ou restrita. Neste trabalho, entendemos como fraseologia o conjunto de expressões relativamente fixas e/ou estáveis cujos significados são compreendidos enquanto unidade léxica. Elas podem apresentar variações e sua estrutura e dependem da aceitação dessa forma fixa e suas variações pela comunidade de fala. Entendemos que pertencem a esse campo

linguístico desde locuções a textos completos que mantêm uma forma pré-estabelecida e um valor semântico de unidade aceito pelos falantes, a essas categorias chamamos fraseologias ou fraseologismos.

Os fraseologismos apresentam um sentido figurado ou não composicional por serem expressões compostas por duas ou mais palavras que ocorrem quase sempre da mesma forma e seu valor semântico, geralmente, não corresponde à soma dos elementos que a compõem. Para Zuluaga (1980, p.21), “os fraseologismos fazem parte do acervo ou repertório de elementos linguísticos, anteriores à fala, conhecido pelos falantes.” Mesmo as categorias fraseológicas mais transparentes não são combinações livres, pois seu significado, embora dedutível, só será conhecido em bloco e não pela soma das partes isoladas.

Costuma-se dividir os fraseologismos em enunciados completos ou sintagmas. Essa divisão se deve ao lugar que eles ocupam no discurso. Os enunciados completos são aqueles que possuem autonomia de texto e não necessitam de sujeito (provérbios, citações). Já os sintagmáticos são aqueles que precisam ser inseridos dentro de uma oração, pois não possuem autonomia e necessitam de um sujeito para sua contextualização (colocações, expressões idiomáticas). Para melhor entendimento das unidades fraseológicas, a seguir fazemos um percurso pelos estudos que servem de base para trabalhos desenvolvidos mais recentemente.

2.1.1 Percurso histórico

Com o Curso de Linguística Geral, obra que elevou a Linguística ao patamar de Ciência, em 1916, Saussure, em um de seus capítulos, chama a atenção para um grupo de expressões das línguas que se apresentam de maneira diferente, pois possuem certa fixação entre os elementos que as compõem. O autor as chama de *locutions toutes faites* (locuções feitas) e atenta para o fato de que essas expressões não podem ser modificadas pelos falantes uma vez que já estão prontas e pertencem ao sistema da língua, sendo, pois, inseridas no discurso. Em sua dicotomia língua/fala, essas expressões estariam no âmbito da língua, uma vez

que não podem ser modificadas pelos falantes, enquanto que as combinações livres de palavras estariam no âmbito da fala. Saussure (2006, p. 144) afirma que

há, primeiramente, um grande número de expressões que pertencem à língua; são as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir pela reflexão. (...) essas combinações não se podem improvisar, são fornecidas pela tradição. (SAUSSURE, 2006, p.114)

Bally (1909), considerado por muitos o pai da Fraseologia, desenvolveu um trabalho mais voltado à estilística da língua e apresentou um estudo mais detalhado sobre estas “expressões fixas”, ao que chamou *phraséologie*. Em seu Tratado de Estilística, Bally diferenciou a palavra simples das locuções compostas nas quais “cada unidade gráfica perde parte de seu significado próprio ou não conserva nenhum, e somente a combinação destes elementos tem sentido nato.” (BALLY, 1909 *apud* IÑESTA MENA e PAMIES BERTRÁN, 2002). O autor chama essas expressões de locuções fraseológicas e chama a atenção para sua repetição na fala que as leva à cristalização em bloco.

Este estudo seria retomado anos depois por linguistas soviéticos, principalmente Vinográdov que estabelecia a distinção entre unidades que funcionariam como frases, enunciados completos, das que funcionariam como palavras simples ou elementos oracionais. Os estudos soviéticos, assim como os estudos de Bally, serviriam, mais tarde, como pilares para o embasamento da Fraseologia enquanto disciplina linguística. Apresentamos alguns desses estudos.

2.1.1.1 Casares

Os estudos fraseológicos foram inicialmente difundidos pela Europa. Na Espanha, Julio Casares (1950) foi o primeiro a estudar sistematicamente as unidades fraseológicas, especialmente as locuções e os refrões da língua espanhola, quando foi organizado um manual sobre suas conferências acerca do léxico. O autor foi o primeiro a propor uma classificação fraseológica. Os grupos fraseológicos propostos por ele foram: Locuções, frases proverbiais, refrões e modismos. A categoria a qual o espanhol dedicou grande parte de seus estudos foi a das locuções.

Casares (1950, p.170, tradução nossa), em seu manual, trata inicialmente das locuções e as define como “combinação estável de dois ou mais termos que funciona como elemento oracional e cujo sentido unitário consabido não se justifica, a não ser, como uma soma do significado normal dos componentes”¹². E as classifica em dois tipos: as conectivas e as conceituais ou significativas. Estas apresentam componentes de valor semântico, enquanto aquelas apresentam ao menos um elemento de valor gramatical.

Além das locuções, o autor aborda também as frases proverbiais que, para ele, são expressões que se diferenciam das locuções por não necessitarem de uma oração e conclui que as frases proverbiais têm sua origem em um fato do passado e são repetidas, fixando-se e sendo utilizadas em situações que lembrem o fato que lhe deu origem. Expressões similares são os refrões que também foram abordados por Casares e definidos como

Uma frase completa e independente, que em sentido direto e alegórico, e em geral em forma sentenciosa e elíptica, expressa um pensamento a maneira de juízo, no qual se relacionam pelo menos duas ideias. Na maioria dos casos, as duas ideias estão expressas. (CASARES, 1950, p. 192. Tradução nossa)¹³

As frases proverbiais e os refrões são, portanto, textos autônomos, que se adaptam a uma situação específica e que não necessitam ser inseridas em uma oração, o que os diferem das locuções.

Casares (1950) chama a atenção para o aspecto estrutural, funcional e semântico dessas expressões. O primeiro se refere à fixação e à inalterabilidade apresentada por esse grupo de expressões. Quanto ao valor funcional, o autor chama a atenção em especial para as locuções que têm função gramatical. O aspecto semântico, por sua vez, seria a idiomaticidade. Essa seria, para ele, a particularidade das unidades fixas e que as diferencia das demais combinações de

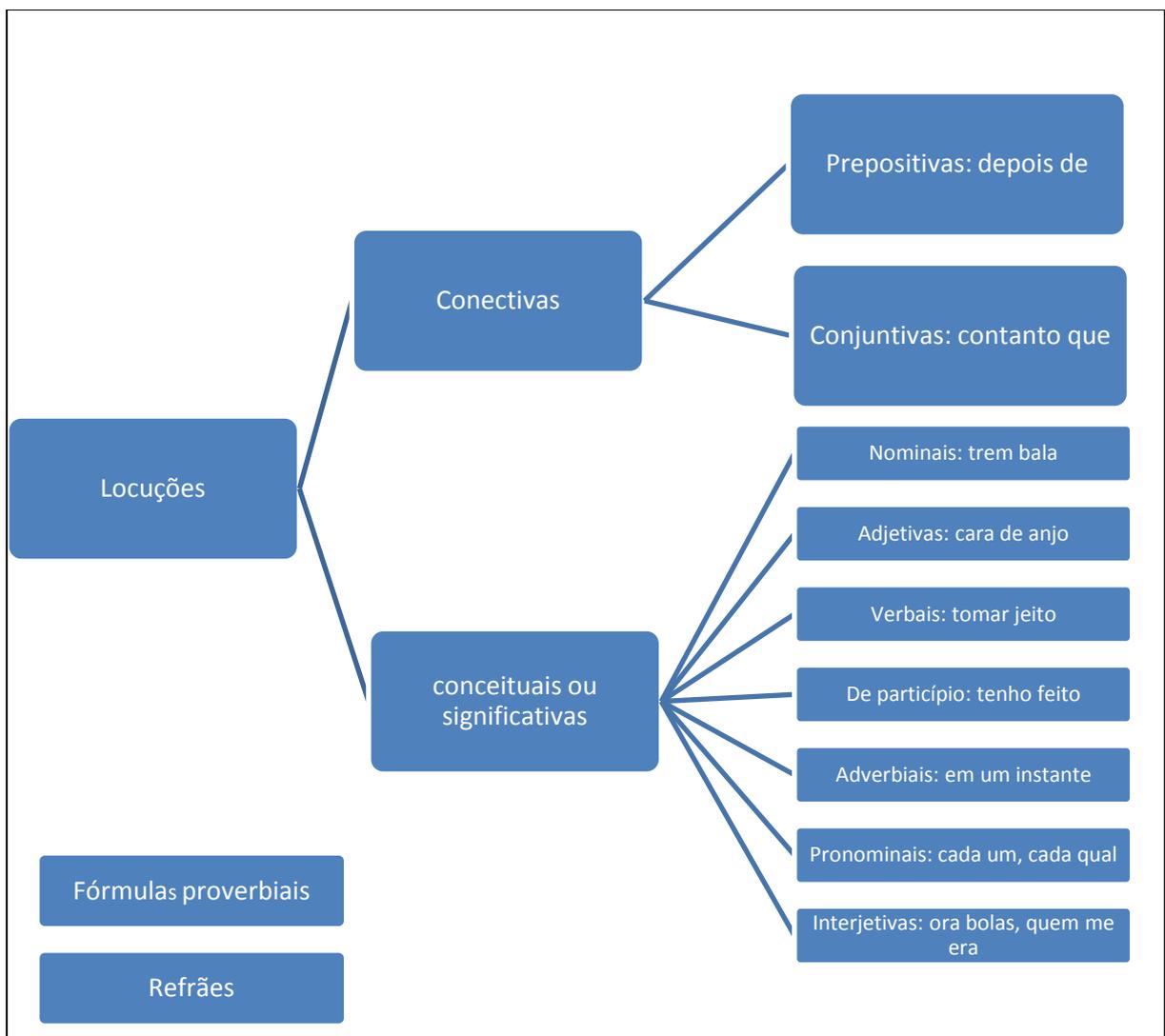
¹² “Combinación estable de dos o más términos que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitario consabido no se justifica, sin más, como una suma del significado normal de los componentes”.

¹³ Tradução nossa do original “Una frase completa e independiente, que en sentido directo o alegórico, y por lo general en forma sentenciosa y elíptica, expresa un pensamiento a manera de juicio, en el que se relacionan por lo menos dos ideas. En la mayoría de los casos las dos ideas están expresas” (p. 192)

palavras. A condição de ser fixa, apresentar uma função definida (oracional ou autônoma) e a presença de um significado unitário de suas partes componentes seriam as características basilares de um fraseologismo para o autor.

As considerações do autor estão de acordo com as de Saussure e Bally quando estes afirmam que essas expressões pertencem ao saber linguístico dos falantes, ou seja, fazem parte da tradição da língua e dos falantes e não da gramática. Abaixo, sistematizamos a classificação proposta pelo autor.

Quadro 1 – Classificação de Casares (1950)



Fonte: Elaborado pela autora.

Embora o Manual de Casares date de 1950, os estudos fraseológicos realizados até hoje o tomam como base e não se distanciam muito desse autor

quando buscam definir as locuções. Em seus estudos, Casares (1950) considera especificamente a fixação e a idiomaticidade, características gerais dos fraseologismos. Essa consideração cabe não apenas para as locuções, mas também para outras unidades fixas, como as expressões idiomáticas que, embora não sejam citadas diretamente pelo autor, podem ser consideradas dentro do estudo proposto, pois apresentam as características citadas.

O estudo de Casares serviu como base para os estudos fraseológicos que o seguiram e, a partir de então, a Fraseologia tem se desenvolvido em vários países. Destacamos Zuluaga (1980), Coseriu (1981), Tristá (1988), Corpas Pastor (1996), Ruiz Gurillo (1997), Burger (1998), dentre outros.

2.1.1.2 Zuluaga

Zuluaga (1980), em *Introducción al estudio de las expresiones fijas*, aborda as expressões compostas minimamente por duas palavras e suas características internas e semânticas. Dentre as internas, chama a atenção para as características de fixação e idiomaticidade que, segundo o autor, variam em graus de acordo com cada expressão. Além de discutir acerca dos diferentes graus dessas características nas expressões em estudo, o autor afirma que as unidades fraseológicas podem se apresentar em nível de palavra, sintagma, oração e texto. Com base nessa afirmação, propõe uma divisão entre locuções e enunciados fraseológicos.

No primeiro grupo, figuram as expressões que funcionam como elementos oracionais, gramaticais ou sintagmáticos, denominadas 'instrumentos gramaticais', 'unidades léxicas' e 'sintagmas', que se classificam de acordo com a função sintática desempenhada no discurso como: prepositiva, conjuntiva, elativa, nominal, adnominal, adverbial e verbal.

No segundo grupo, o autor coloca os enunciados completos: frases e textos. As frases seriam os clichês, fórmulas e ditos. Enquanto os textos seriam os refrões. É nesse grupo que o Zuluaga distingue os textos autônomos, que existem por si só, e os que necessitam de um contexto para uso efetivo.

Quadro 2 – Classificação de Zuluaga (1980)

Locuções	Instrumentos gramaticais	Prepositivas Conjuntivas Elativas	
	Unidades léxicas	Nominais Adnominais	
		Adverbiais	Cláusulas Circunstanciais Advérbios
	Sintagmas	Verbais	
Enunciados	Frases	Clichês Fórmulas Ditos	
	Textos	Refrões	

Fonte: Elaborado pela autora.

2.1.1.3 Coseriu

Coseriu (1981), em *Lecciones de Lingüística General*, propõe outra tentativa de classificação. Ele distingue as expressões da língua em *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*. No primeiro grupo, estariam as combinações livres de palavras que seguem regras semânticas e morfológicas e, no segundo, as formações fixas, ou seja, pré-fabricadas que se repetem sempre da mesma forma, e fogem, muitas vezes, das regras, os fraseologismos. Dentro desse segundo grupo estão as unidades fraseológicas que se subdividem em três grupos: as locuções que equivalem a orações, além dos refrões, frases proverbiais, ditos, sentenças e citações.

O autor inclui ainda as orações religiosas, os poemas e fragmentos literários. No segundo grupo estão os “sintagmas estereotipados”, que são as unidades que podem ser comutadas por sintagmas e combinadas na oração. O terceiro grupo inclui palavras que se combinam no interior da oração, são as chamadas “perífrases léxicas”. Esta classificação é criticada por ser pouco rigorosa e por incluir elementos que não são objetos de estudo da fraseologia, como as orações religiosas e os fragmentos literários. No entanto, também serviu como base para estudos posteriores.

2.1.1.4 Tristá

Na obra *Fraseología y Contexto* (TRISTÁ,1988), Tristá traça um perfil das expressões ou formas expressivas que são comuns em uma comunidade de fala e que, por suas características, podem ser consideradas asemânticas ou ilógicas, fazendo uma análise sintático-semântica. Além disso, ela descreve como se dá o processo de 'fraseologização' e 'desfraseologização', considerando o contexto em que estas unidades se inserem.

A autora classifica como fraseologia todas as combinações de duas ou mais palavras que apresentem fixação no uso. E, assim como Casares, propõe uma distinção em locuções, frases proverbiais e refrões, que logo são divididas em dois grupos.

O primeiro inclui os fraseologismos que possuem um indicador mínimo de que pertencem às unidades fraseológicas, ou seja, apresentam uma característica definidora de fraseologismo. Essas unidades não possuem sentido próprio fora da expressão. Neste grupo, estão as unidades que apresentam anomalias léxicas, como:

- a) elementos onomatopeicos;
- b) elementos que necessitam de sentido;
- c) elementos que não pertencem à língua geral ou que possuem vocábulos arcaicos ou históricos.

Essas unidades podem apresentar ainda anomalias semânticas como a não concordância semântica. São exemplos deste grupo de fraseologismos:

Pegar com a boca na botija

Misturar alhos com bugalhos

As expressões acima estão nesse grupo, pois a palavra *botija* é um arcaísmo que só é utilizado dentro desta expressão, já que se refere a um objeto de barro utilizado para guardar azeite ou vinagre e que não é mais utilizado, isto é, caiu em desuso e não pertence à cultura moderna na qual se insere a língua portuguesa. O mesmo fenômeno ocorre com a expressão *misturar alhos com bugalhos*, com relação ao último vocábulo, bugalho, que é um tipo de noz que cresce em algumas árvores, mas que é pouco conhecido pelos falantes brasileiros da língua portuguesa.

Ao segundo grupo proposto pela autora pertencem os fraseologismos que não apresentam indicador de que o são. Nesse grupo, figuram as unidades que apresentam homônimos, ou seja, que apresentam uma combinação livre em que as palavras podem ser combinadas como quaisquer outras. Nesse sentido, diz-se que a palavra foi usada em sentido direto. Existe também a combinação fixa, na qual a palavra apresenta sentido figurado. Para tornar claro essa distinção, a autora apresenta exemplos comuns no espanhol.

Em português, podemos citar como exemplo a expressão *descascar abacaxi*. Essa combinação, a depender da situação pode ser uma combinação *livre* ou *fixa*. Livre se ela se refere ao ato de descascar a fruta e fixa se é utilizada em seu sentido figurado: “resolver um problema”.

2.1.1.5 Corpas Pastor

Corpas Pastor (1996) define como unidades fraseológicas todas as combinações de palavras que apresentam fixação, alta frequência e estão institucionalizadas na língua, com graus de idiomaticidade e variação. Nesse grupo, a autora considera desde as locuções a pequenos textos, como os provérbios e ditos populares.

A autora divide os fraseologismos em três grandes grupos:

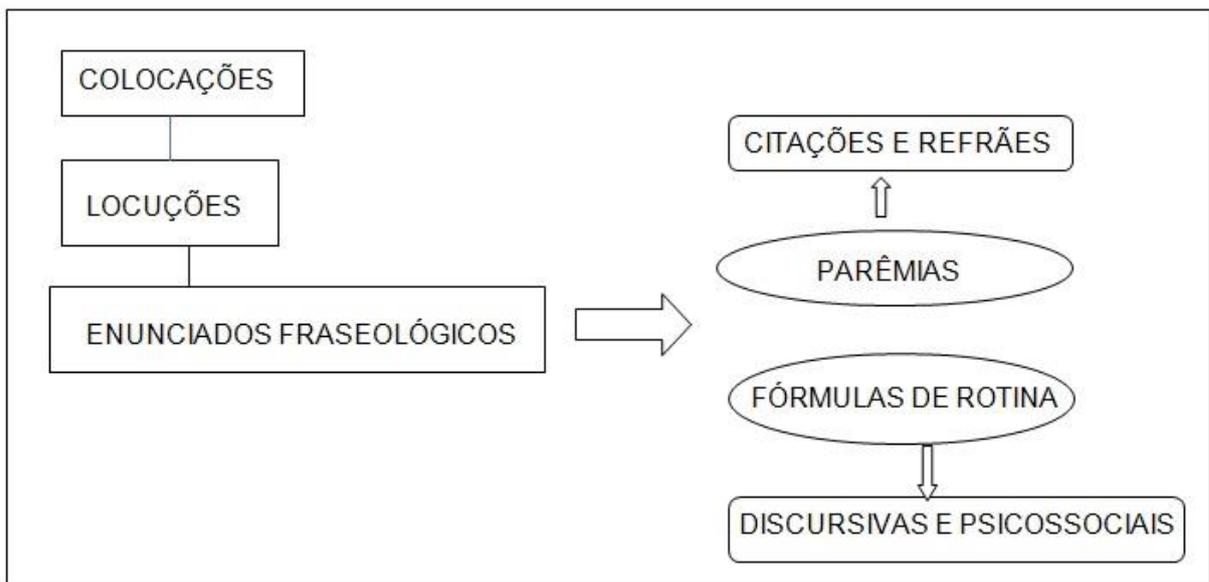
1. Colocações;
2. Locuções;
3. Enunciados fraseológicos.

Os dois primeiros grupos contêm elementos oracionais e gramaticais e são subdivididos de acordo com as funções desempenhadas e as classes gramaticais a que pertencem. No terceiro grupo estão as parêmiias (citações e refrões) e as fórmulas de rotina (discursivas e psicossociais).

Para a autora, as colocações são sintagmas livres, com certo grau de fixação e determinadas pelo uso e se diferenciam, portanto, das combinações livres de palavras. Seriam, pois, combinações fixas na norma e no sistema.

As locuções são consideradas elementos do sistema que apresentam fixação interna, ou seja, são elementos oracionais. Os enunciados fraseológicos, por sua vez, são enunciados completos por si só e são fixos interna e externamente. Nesse grupo, a autora distingue parêmiias e fórmulas de rotina, pois as primeiras possuem autonomia no discurso enquanto as últimas são determinadas por situações comunicativas. Vejamos um esquema da classificação da autora.

Quadro 3 – Classificação de Corpas Pastor (1996)



Fonte: Elaborado pela autora

2.1.1.6 Ruiz Gurillo

Ruiz Gurillo (1997), em *Aspectos de fraseología teórica española*, baseia-se nos estudos fraseológicos anteriores para propor uma classificação não discreta para as unidades fraseológicas. A autora considera a ideia de centro e de periferia, utilizados pela Escola de Praga, em um *continuum* em que as unidades fraseológicas estariam inseridas em graus. Gurillo chama a atenção para a fixação e a idiomaticidade dessas expressões e as coloca como características essenciais a essas unidades linguísticas. No entanto, a autora destaca também que outras características podem ser encontradas nas expressões, tais como a motivação metafórica e frequência de uso corroborando, portanto, para sua fixação ou idiomaticidade.

Ruiz Gurillo (1997) classifica os fraseologismos em sintagmas nominais, verbais e preposicionados de acordo com a função que desempenham. São exemplos d/a autora:

Nominais: tendão de Aquiles, mesa eleitoral.

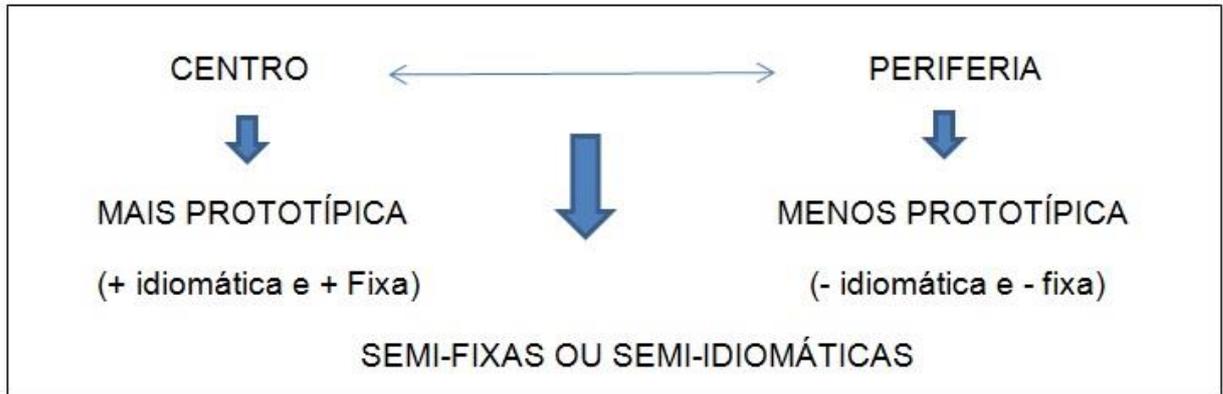
Verbais: vender gato por lebre, perder tempo.

Preposicionados: a trancos e barrancos, a duras penas.

Esses sintagmas propostos pela autora variam de um centro à periferia à medida que são mais ou menos fixos, sendo mais ou menos variáveis. Quanto mais características a expressão apresentar e quanto maior for seu grau de fixação e idiomaticidade, mais próximas elas estarão do centro. Logo, serão mais fraseológicas. Da mesma forma, quanto menos esses fatores se apresentarem, mais as expressões se acercarão da periferia. Conseqüentemente, serão menos fraseológicas. Dentro dessa proposta, haveria as expressões totalmente fixas e idiomáticas, com palavras diacríticas e anomalias estruturais, que ocupariam o centro ou zona nuclear. Seguindo essa linearidade, estariam as expressões semi-idiomáticas, expressões mistas e as colocações, que apresentam menor grau de

idiomaticidade e fixação. Abaixo, apresentamos um esboço da classificação proposta por Ruiz Gurillo:

Quadro 4 – Proposta de Ruiz Gurillo (1997)



Fonte: Elaborado pela autora.

2.1.1.7 Burger

Na Alemanha, os estudos fraseológicos também foram bastante desenvolvidos. Um dos autores que se debruçou sobre o assunto foi Burger (1998). Em sua obra *Fraseologia: uma introdução ao estudo do alemão*, o autor aborda as características, classificações e problemas envolvendo os fraseologismos e sua inserção em materiais como o dicionário.

O autor considera fraseologismo como qualquer expressão com duas ou mais palavras que apresentem como características polilexicalidade, fixação e idiomaticidade. Essas são as características, em sentido geral, apontadas por Burger (1998) no que se refere aos fraseologismos. São incluídos nesse grupo as citações, os clichês, os termos técnicos, as comparações, entre outros.

Os fraseologismos podem ainda apresentar outras características, tais como coesão e modificação. A coesão, relacionada à fixação, diz respeito ao fato de os fraseologismos não poderem sofrer alteração de classes de palavras, como um substantivo por um pronome, por exemplo. A modificação, por sua vez, é classificada pelo Burger (1998) por três tipos: (01) a modificação formal, que não altera o valor semântico; (02) a modificação formal + semântica, que confere um

novo sentido ao fraseologismo, geralmente para fins de efeito de marketing ou humor; (03) a modificação semântica que não interfere na forma no qual o fraseologismo ganha um sentido que não é seu sentido original.

Para sintetizar os estudos acima, apresentamos um quadro com alguns teóricos da fraseologia, o ano de sua obra, o termo escolhido para se referir aos fraseologismos e uma breve definição desenvolvida pelos os autores sobre o que seriam os fraseologismos ou as unidades fraseológicas.

Quadro 5 – Quadro de autores

FRASEOLOGIA			
AUTOR	ANO	TERMO	DEFINIÇÃO
Casares	1950	Unidades pluriverbais	Combinação estável de dois ou mais termos que funciona como elemento oracional e cujo sentido unitário consabido não se justifica, a não ser, como uma soma do significado normal dos componentes.
Zuluaga	1980	Unidades (expressões) fixas	Expressões de ao menos duas palavras com características internas, fixação, e semânticas, idiomaticidade.
Coseriu	1981	Discurso repetido	Formações fixas, ou seja, pré-fabricadas que se repetem sempre da mesma forma, fugindo, muitas vezes, das regras, os fraseologismos.
Tristá	1988	Fraseologismos ou Unidades Fraseológicas	Combinação de duas ou mais palavras que apresentam fixação no uso.
Corpas Pastor	1996	Unidades Fraseológicas	Todas as combinações de palavras que apresentam fixação, alta frequência e estão institucionalizadas na língua, com graus de idiomaticidade e variação.
Ruiz Gurillo	1997	Unidades Fraseológicas	Sintagmas que apresentam graus de fixação e idiomaticidade variando em um continuum.
Burger	1998	Expressões fraseológicas	Expressão com duas ou mais palavras que apresente como

			características polilexicalidade, fixação e idiomaticidade.
--	--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora

É possível perceber, no quadro 5, que os fraseologismos são descritos pelos autores com características próximas. A polilexicalidade é apontada por quase todos, além da fixação e da idiomaticidade. No entanto, Corpas Pastor, por exemplo, cita outras características definidoras dos fraseologismos como a institucionalização, frequência e variação em escalas. Essa escala também pode ser vista na proposta de Gurillo que se apoia no conceito de *centro* e *periferia* da Escola de Praga para uma classificação dos fraseologismos. A característica de reprodução em bloco e a convencionalidade para determinados contextos também são pontos que chamam a atenção dos autores citados.

Sintetizando todos esses estudos, percebe-se que há um consenso entre os autores que consideram a fraseologia em sentido amplo quanto à divisão dos fraseologismos em oracionais ou enunciados fraseológicos. Zuluaga (1980), Tristá (1988), Corpas Pastor (1996) e outros propõem uma divisão em grupos que se diferenciam pela autonomia ou não do fraseologismo no discurso.

A exposição dos estudos fraseológicos que fizemos teve o objetivo de mostrar as semelhanças e diferenças no tratamento dos elementos fraseológicos e das tentativas de classificação dessas unidades. Porém, para nossa análise, tomamos como características basilares dos fraseologismos, comuns a todos os estudos: a polilexicalidade das expressões fraseológicas, a fixação com possíveis níveis e variações, e a idiomaticidade em graus, o que nos leva a considerar as expressões aqui tratadas como idiomáticas e semi-idiomáticas.

Ademais, por nossa análise estar centrada no léxico, avaliamos também a presença de palavras especiais na composição das expressões e a classificação de acordo com a classe de palavras que elas desempenham na oração. Centramo-nos, pois, nas expressões idiomáticas, polilexicais e fixas, que podem apresentar palavra especial e ser (ou não) inseridas em orações.

Ainda no que concerne aos estudos fraseológicos, pesquisas vêm sendo realizadas atualmente com diferentes vieses e locais de análise. A seguir, apresentamos alguns desses estudos.

2.1.2 Outros estudos fraseológicos

No Brasil, a fraseologia tem sido estudada por diversos autores, entre eles Xatara (1994, 1998), Ortiz Alvarez (2000), Tagnin (2005), Marques (2007), Monteiro-Plantin (2011) e outros. Estudos voltados para a Fraseografia – dicionarização dos fraseologismos - e Fraseodidática – ensino da fraseologia - também têm ganhado espaço nos estudos fraseológicos. A inserção dos fraseologismos em dicionários, gerais ou específicos, bem como formas de inserir estas expressões no ensino de línguas de maneira sistemática têm sido o foco dos estudiosos que se dedicam à fraseologia.

Xatara (1994, 1998) trata das expressões idiomáticas. A autora dedica-se à produção de dicionários bilíngues e publicou diversos trabalhos acerca da inserção das EI em dicionários que as abordam em comparação com outras línguas, especialmente a língua francesa. Em seus dicionários, impressos e eletrônicos, Xatara também aborda os provérbios e os palavrões da língua portuguesa em relação a essas fraseologias em francês.

Ortiz Alvarez (2000, 2002) também se dedica ao estudo das expressões idiomáticas. A autora tem inúmeras publicações com foco no ensino dessas expressões e sua inserção no ensino de língua materna e estrangeira em comparação com a língua espanhola. Além disso, aborda a motivação metafórica que subjaz tais expressões, sua relação com a cultura na qual se insere e a importância do domínio das EI para que se tenha habilidade comunicativa.

Tagnin (2005) trata das expressões convencionais das línguas naturais e traça um paralelo entre a língua inglesa e a língua portuguesa. A autora chama a atenção para os traços de convencionalidade e de idiomaticidade que marcam essas expressões. Dessa forma, as expressões em questão são definidas e aceitas por seus usuários em uma espécie de “pacto” entre os falantes. A convencionalidade, segundo Tagnin, dá-se nos níveis sintático, semântico e pragmático.

Considerando os níveis, a autora classifica os fraseologismos da seguinte forma:

- a) Nível sintático: *coligações, colocações e binômios*.
- b) Nível semântico: *expressões convencionais e expressões idiomáticas*.
- c) Nível pragmático: *marcadores conversacionais e fórmulas situacionais*.

No nível sintático, estão as combinações que ocorrem sempre juntas. A autora diferencia coligações de colocações. Enquanto no primeiro grupo estariam as uniões de palavras que possuem um elemento oracional (*louco por, obedecer a, cumpridor de*), no segundo estão aquelas formadas por palavras de significado, quer dizer, nomes (*velha coroca, cadeira de balanço, má sorte*)¹⁴. Os binômios, por sua vez, ocorrem sempre na mesma ordem (*feijão com arroz, garfo e faca, João e Maria*).

No nível semântico, estão as expressões cujos significados não são transparentes, ou seja, o valor semântico não corresponde à soma dos elementos componentes da expressão (*mala sem alça, engolir sapos, pagar o pato*).

No nível pragmático, estão as expressões que devem ser usadas em determinadas situações, convencionadas pela sociedade. Os marcadores conversacionais indicam o interesse do falante de participar da conversa. As fórmulas situacionais são obrigatórias ou opcionais e abrangem desde fórmulas de polidez até provérbios (*a meu ver... muito prazer! Falando do diabo...*).

De acordo com a classificação proposta por Tagnin (2005), percebemos uma preocupação maior em abordar expressões usadas no cotidiano que apresentam dificuldade no ensino/aprendizagem de línguas. A autora não se limita apenas às colocações e provérbios, mas vai além quando insere em sua classificação expressões como os marcadores situacionais, já que seu uso não é obrigatório. Ela apresenta, pois, uma classificação ampla que pode servir de apoio a futuros estudos fraseológicos.

Marques (2007), por sua vez, dedica-se aos estudos dos fraseologismos com foco na cognição. As relações metafóricas e metonímicas que se estabelecem nessas expressões são abordadas pela autora, com especial atenção aos somatismos. A autora busca motivações metafóricas e metonímicas que estejam na

¹⁴ Exemplos da autora no livro "O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas (2005)".

base da criação de expressões e colocações fraseológicas como, por exemplo, a relação metonímica da palavra “mão” para a criação de expressões que contenham esta palavra em sua composição: *mão na roda, dar uma mãozinha* etc.. Dedicar-se ainda ao ensino das unidades fraseológicas sob o viés da cognição e sua implicação no processo de ensino/aprendizagem.

Mais voltado para as práticas docentes, podemos citar o trabalho de Monteiro-Plantin (2011) que busca criar maneiras didáticas de inserir os fraseologismos no ensino regular de língua materna, bem como no ensino de português língua estrangeira. A autora chama a atenção para a relação língua-cultura que se estabelece em expressões comuns no dia a dia, mas pouco estudadas no âmbito acadêmico. No livro *Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna* (MONTEIRO-PLANTIN, 2014), a autora traça o histórico dos estudos fraseológicos, caracteriza e classifica os fraseologismos com foco em seu tratamento no ensino de língua materna.

No quadro 6, apresentamos uma síntese dos estudos apresentados: autores, ano do trabalho/pesquisa e o foco do tratamento fraseológico de cada trabalho.

Quadro 6 – Outros estudos de Fraseologia

Estudos recentes de Fraseologia		
AUTOR	ANO	FOCO DOS ESTUDOS
Xatara	1994-1998	Paralelo entre expressões idiomáticas do português e do francês.
Ortiz Alvarez	2000	Paralelo entre expressões idiomáticas do português e do espanhol.
Tagnin	2005	Paralelo entre expressões convencionais do português e do inglês.
Marques	2007	Cognição. Processamento e interpretação de fraseologismos.
Monteiro-Plantin	2014	Ensino dos fraseologismos de língua comum, de maneira geral.

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os estudos fraseológicos atuais desenvolvidos fora do Brasil, destacamos, na Espanha, Iñesta Mena e Pamies Bertrán (2002) que se centraram na ideia de que os fraseologismos provêm de metáforas. Resolveram, então, traçar um panorama dos universais fraseológicos. Partindo de um estudo que considera o valor semântico dos fraseologismos com base em metáforas, os autores tentam relacionar as unidades fraseológicas por temas a arquetipos que lhe dariam origem.

Pamies Bertrán coordena, ainda, um projeto que objetiva a organização de um dicionário cultural no qual parte-se da ideia de *culturemas*¹⁵, palavras com forte carga cultural que dão origem a expressões, para o levantamento de expressões relacionadas à cultura, podendo ser esta mundial ou própria de um determinado povo. Como exemplo de *culturema*, o autor cita o termo “abutre” ou “urubu” que na cultura ocidental dá origem a expressões negativas devido ao fato de estes seres se alimentarem de carniça, enquanto que no Tibet, é um honra ser devorado por estes animais e, por esse motivo, é normal que as expressões que contenham esse *culturema* sejam positivas em seu valor semântico.

Em Portugal, Jorge (2012, p. 62-63) pontua a relação das fraseologias e a cultura e aponta que sendo as línguas e as culturas diferentes, interferem na categorização do mundo e “as fraseologias são novas formas de categorizar, através das metáforas que estão na origem da sua criação.” Cientes da importância da cultura na compreensão destas unidades, trazemos adiante um capítulo no qual definimos o conceito de cultura adotado neste trabalho e tratamos a respeito da relação entre o acervo cultural de um povo e sua língua.

Conforme mostrado no quadro 6, as expressões idiomáticas são objeto de estudo constante nos estudos fraseológicos quando se trata do ensino de línguas estrangeiras. A abordagem destas expressões se dá no ensino/aprendizagem, em materiais didáticos e na utilização e compreensão delas por parte dos falantes. Porém, relacionado ao ensino de língua materna, ainda há poucos trabalhos que abordam as EI. Portanto, é perceptível uma lacuna no que se refere ao ensino de expressões idiomáticas no ensino de língua portuguesa enquanto língua materna.

¹⁵ Para melhor compreensão do termo “culturema”, sugerimos a leitura de LUQUE NADAL, Lucía. (2009) ¿Los culturemas: unidades lingüísticas, ideológicas o culturales? Disponível em http://elies.rediris.es/Language_Design/LD11/LD11-05-Lucia.pdf

Pelo exposto, é notório que a fraseologia ainda carece de estudos que fortaleçam a teoria para que haja consenso entre os estudiosos. No entanto, algumas características são citadas por todos ou grande parte destes teóricos, o que caracteriza os fraseologismos e permite que ela abarque um grande leque de elementos que podem ser considerados objetos de estudo. A seguir, apresentamos essas características.

2.1.3 Características dos fraseologismos

Os fraseologismos se caracterizam, em geral, por estarem compostos por duas ou mais palavras (polilexicalidade), apresentarem certa fixação e idiomaticidade. Ancoramo-nos nessas características para definir unidade fraseológica, em especial a expressão idiomática e, assim, proceder à análise dos dados.

A *polilexicalidade* é a característica que primeiro chamou a atenção dos estudiosos (SAUSURRE, 2006; BALLY, 1909; CASARES, 1950). Esse fenômeno implica no fato de que um fraseologismo deve estar composto por duas ou mais palavras e que, ao menos uma, seja plena de significado.

Esse traço diferencia os fraseologismos das palavras isoladas e faz da Fraseologia uma disciplina com grande campo de abrangência, pois se permite abarcar desde formações de duas palavras (as colocações) a textos completos (os provérbios). Essa concepção ampla da disciplina coloca em seu rol de categorias desde as locuções gramaticais aos pequenos textos como orações religiosas, por exemplo.

No âmbito formal, a *fixação* apresentada por esse grupo lexical é a característica que melhor determina quais elementos fazem parte do objeto de estudo da disciplina fraseológica. Esse é, na verdade, o traço constitutivo dos fraseologismos que lhes garantem rótulos como ‘expressões fixas’, ‘unidades fixas’, ‘frases feitas’ ou ‘discurso repetido’.

Os fraseologismos apresentam graus de fixação, ou seja, ocorrem sempre com a mesma organização gramatical e a mesma ordem dos elementos que a

compõem, de forma pré-estabelecida. De acordo com Zuluaga (1975), a fixação se dá na forma geralmente por não se permitir inversão na ordem dos elementos componentes da expressão, alteração na classe gramatical dos elementos, inserção novas lexias na expressão existente ou substituição de alguma lexia por sinônimas, Salvo os casos nos quais se permitem pequenas variações sintagmáticas ou paradigmáticas.

A fixação também pode ser semântica, uma vez que o significado se configura como algo fixo e que corresponde à expressão em sua totalidade. A cristalização dessas expressões acontece à medida que elas são repetidas por seus falantes, traduzem uma ideia em bloco e não permitem grandes alterações em sua composição, tampouco em seu significado. São, pois, memorizadas em bloco como uma única unidade de significado.

Zuluaga (1980) define essa característica como a capacidade que essas expressões têm de ser reproduzidas em bloco como unidades previamente feitas. Corpas Pastor (1996) chama essa característica de “estabilidade”, uma vez que a fixação fraseológica leva à especialização semântica ou lexicalização, já que “se estabelece uma relação direta e unívoca entre as unidades fraseológicas e sua interpretação semântica por parte da comunidade falante.” (p. 24).

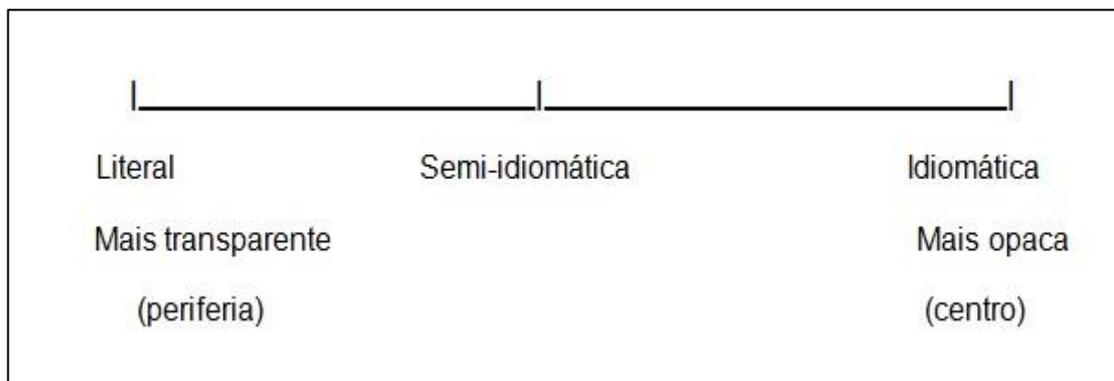
A fixação, por sua vez, não tem implicação direta na idiomaticidade das expressões, pois há uma grande quantidade de fraseologismos que são fixos, no entanto não são idiomáticas. É o caso das colocações e fórmulas de rotina que mantêm os valores semânticos de seus elementos.

No âmbito semântico, a *idiomaticidade* ou *opacidade* é a característica que ajuda a delimitar o campo de atuação da fraseologia. Este traço está relacionado aos valores conotativos presentes nas línguas naturais e, em princípio, refere-se a características que particularizam uma língua. Nos fraseologismos, refere-se a não literalidade apresentada por essas expressões, ou seja, a opacidade ou não composicionalidade semântica. Porém, a noção de particularidade ainda se faz presente, uma vez que é provável que todas as línguas naturais apresentem fraseologismos e os falantes nativos dessas línguas os conhecem e os têm como referência cultural própria. Vale aqui ressaltar as palavras de Zuluaga (1980, p. 20) quando afirma que “a presença destas unidades não é um traço essencial e

necessário para a existência (funcionamento) da língua, mas um traço geral que pode, seguramente, ser documentado empiricamente em cada língua.”.

Grande parte dos fraseologismos – mas não todos - é idiomática ou não composicional. Esse traço fraseológico também se apresenta em maior ou menor grau, se considerarmos que algumas expressões apresentam um significado dedutível a partir de suas partes (as colocações e as fórmulas de rotina, por exemplo). A idiomaticidade é um traço característico dos fraseologismos que varia em graus que vão da unidade mais idiomática à mais transparente ou, dentro dos conceitos da Escola de Praga, variam do centro à periferia.

Figura 1 – Continuum de centro e periferia



Fonte: Ruiz Gurillo (1997).

Tagnin (2005, p. 16) define como idiomática a expressão cujo valor semântico “não corresponde à somatória do significado de cada um de seus componentes.” Neste sentido, idiomático seria aquilo que não é transparente e não exatamente o que é próprio de determinada língua. Klare (1986) usou o termo “reinterpretação” para referir-se ao valor global dos fraseologismos quando seu significado não corresponde ao valor de seus elementos componentes, ou seja, há que se reinterpretar o significado, que não é literal, e “ressignificar” o valor semântico da expressão.

Penadés Martínez (2012, p.96) chama a atenção para o fato de que a idiomaticidade, enquanto traço peculiar de uma língua, faz com que o uso de fraseologismos por falantes não nativos possa parecer “pouco natural, estranho, inapropriado, uma distorção da comunicação”. Fato é que o não conhecimento

destas expressões pode influenciar na comunicação em qualquer língua pelo fato de não ser literal, na maioria dos casos.

Para Corpas Pastor (1996), a idiomaticidade seria o mais alto grau de lexicalização, quer dizer, de opacidade de uma expressão, sendo, pois, uma característica potencial dos fraseologismos e não, essencial. Relacionada à fixação e idiomaticidade, há ainda a convencionalidade para que essas expressões sejam aceitas e repetidas pela comunidade de fala.

Dobrovól'skij (2012, p. 27) concorda com esta definição, mas chama a atenção para o fato de que todas as expressões são construídas cognitivamente quando afirma que “se considerarmos a semântica de cada expressão fixa como um fenômeno conceptual que representa as estruturas de conhecimento, temos de admitir que o significado central é apenas uma parte do plano do conteúdo de qualquer expressão fixa.”

Fixação e idiomaticidade, embora sejam características dominantes dos fraseologismos, não impedem que estes sofram variações em sua forma ou significado. São as chamadas *variações fraseológicas*. Essas variações podem ser de ordem morfológica, sintática ou lexical. As morfológicas referem-se a gênero, número, quantidade etc. As sintáticas ocorrem quando se permite a alteração na ordem dos elementos componentes da expressão. As lexicais quando permitem alteração de elemento. Zuluaga (1980) atenta para o fato de que as alterações morfológicas são, na verdade, adaptações textuais, uma vez que as EI são elementos oracionais inseridas nos discursos. García-Page (1999) acrescenta ainda as variações gramaticais e gráficas e defende que todas são variações, traço não raro nas unidades fraseológicas. Vejamos exemplos dessas variações:

- a) Morfológica: *Com a mão na massa / com as mãos na massa;*
- b) Sintática: *Subir o sangue à cabeça / O sangue subir à cabeça;*
- c) Lexical: *Bater as botas / Bater a caçoleta / Bater a pacuera.*

Zuluaga (1980) chama a atenção para a diferença entre “variante” (em sentido restrito ou variante autêntica) e “variação” (em sentido amplo ou pseudovariante). A primeira ocorre quando a mudança é pequena e não interfere no

valor semântico, *Pôr as barbas de molho / Botar as barbas de molho / Colocar as barbas de molho*, por exemplo, além de ocorrer na mesma língua e no mesmo ‘nível’ de linguagem.

Quando ocorre alteração de significado, mesmo que seja pequena a alteração, ocorre caso de variação, ou seja, modificação das unidades fraseológicas. Expressões diferentes, bem como expressões regionais ou socioculturais também são consideradas como variação em sentido amplo pelo autor.

No que se refere a expressões que possuem significados diferentes, mesmo que se assemelhem na forma, são consideradas variação em sentido amplo. Unidades diferentes com significados distintos. Por exemplo, “dar um fora”, “dar um fora em” e “dar o fora” são diferentes em significado, portanto são, de acordo com o autor, variação em sentido amplo, pois significam cometer uma gafe, rejeitar namoro, convite ou tratar com desdém e fugir, respectivamente.

O autor define como unidades fraseológicas sinônimas aquelas que são diferentes em sua composição, porém levam ao mesmo significado. Elas podem ser completamente diferentes na forma, serão sinônimas se apresentarem o mesmo significado. São exemplos: “bater as botas”, “esticar as canelas” e “vestir o paletó de madeira” que levam ao mesmo significado: morrer. São, pois, diferentes unidades com significados sinônimos.

Por essas características e por fugirem às regras gramaticais e de sistematização, os fraseologismos sempre chamaram a atenção dos estudiosos, de forma especial os provérbios que eram compilados para estudos da língua, antes mesmo do surgimento da Linguística enquanto ciência.

Esse interesse advém do fato de os falantes recorrerem a expressões prontas e sancionadas pela população em vez de produzirem livremente outras combinações. Isso comprova que os fraseologismos pertencem ao léxico mental dos falantes e já estão fixados na mente daqueles que conhecem e vivenciam a língua, não sendo necessária sua criação durante o discurso. Elas são inseridas nele como reforço ao enunciado, pois já estão prontas e são amplamente conhecidas por seus falantes não sendo necessário, muitas vezes, a expressão completa para que seja compreendida pelo interlocutor que compartilha a mesma língua. Por exemplo, ‘a

bom entendedor...’ não se faz necessário completar para que seu significado seja acessado.

Com base no exposto, nossa análise se baseia na noção de fraseologismo enquanto expressão que apresenta diferentes graus de fixação e idiomaticidade. Além disso, as possibilidades de variação e a composição de sua estrutura por palavras especiais também serão consideradas na análise, visto que ela será feita no âmbito do tratamento lexicográfico dessas expressões.

Neste capítulo, apresentamos um breve panorama histórico do desenvolvimento dos estudos fraseológicos e uma discussão acerca dos termos fraseológicos que ainda são alvos de controvérsias, como a própria definição de seu objeto de estudo e os limites de tal disciplina. Para isso, mostramos algumas propostas de classificação dos principais estudiosos de fraseologia e apresentamos alguns estudos desenvolvidos no Brasil e no mundo nas últimas décadas. Também expusemos as características das unidades fraseológicas, em sentido amplo, com base nos autores que serão as referências desta pesquisa.

No capítulo seguinte, discutimos os termos relacionados à pesquisa: inicialmente refletimos sobre as fraseologias abordadas neste trabalho, as expressões idiomáticas e, a seguir, abordamos o conceito de cultura e de dicionários, relacionando-os à pesquisa. Além disso, apresentamos um tópico que trata da abordagem das EI nestes materiais didáticos.

3 DEFININDO CONCEITOS: *DANDO NOMES AOS BOIS*

“Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que precede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro.”

(Mikhail Bakhtin)

Esta pesquisa, conforme já mencionado, tem como objetivo descrever o tratamento dispensado às expressões idiomáticas nos dicionários escolares de língua portuguesa. Para tanto, faz-se necessário a definição e discussão dos conceitos que são a base deste trabalho. O objeto de estudo, as expressões idiomáticas; o *corpus* do qual foram extraídas, os dicionários; e o conceito que subjaz toda a pesquisa e as expressões linguísticas nelas abordadas, a cultura. Neste capítulo, traçamos uma discussão acerca destes elementos, relacionando-os ao objetivo principal da pesquisa.

3.1 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Dentro do grupo dos fraseologismos, que abarca as locuções, as colocações, as frases feitas, as citações, os provérbios, as fórmulas de rotina e as pequenas orações religiosas, encontramos a categoria das Expressões Idiomáticas (EI). Dentre as categorias citadas, as EI formam a categoria que melhor representa os fraseologismos, pois são elas que reúnem todas as características elencadas como definidoras de um fraseologismo.

Essas expressões fazem parte do acervo e do saber linguístico de uma comunidade, são convencionadas pelo povo e institucionalizadas como lexias que farão parte do léxico daquela comunidade de fala, passando a ser repetidas em bloco da forma pré-estabelecida e inseridas no discurso de maneira natural e, até mesmo, inconsciente. Ortiz Alvarez (1998, p. 102) definia as EI como

combinação (sintagma) metafórica que se cristalizou pelo uso e freqüência de emprego (passando do individual para o social) numa determinada língua apoiada na sua tradição cultural. Do ponto de vista semântico, numa expressão idiomática o significado dos seus elementos constituintes não corresponde ao sentido geral do todo, o sentido global do conjunto não é igual à soma do significado das partes, isto é, sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos seus elementos. (ORTIZ ALVAREZ, 1998, p. 102)

Por sua relação com a cultura, as EI são idiossincrasias que individualizam uma dada comunidade. São, pois, particularidades que caracterizam um povo e representam a cultura partilhada por ele. Elas foram criadas no decorrer do tempo a partir das vivências e experiências de seus falantes, sendo metáforas do que se passou e, muitas vezes, relacionadas a experiências próprias de uma comunidade específica. Por esse motivo, são consideradas “espelhos de uma cultura, ajudando os homens a comunicar e a interpretar o mundo que os circunda” (MORAIS POLÓNIA, 2009, p. 18).

As EI apresentam como característica a polilexicalidade, ou seja, são formadas sempre por duas ou mais palavras. São expressões fixas, com alta freqüência de uso nas línguas e possuem graus de idiomaticidade que vão do menos ao mais idiomático no que se refere a não literalidade. As EI são também expressões opacas. Isso significa dizer que seu significado não pode ser deduzido pela soma de seus elementos, diferentemente do que acontece com as composições livres de palavras. Essa opacidade pode variar, pois podemos encontrar expressões totalmente opacas, como *bater as botas* ou parcialmente opacas, como *dar uma mãozinha*.

Essas expressões possuem um significado figurado, não literal, que foi convencionado pela sociedade de uso e passado de geração a geração como tradição linguística. Outro fator que caracteriza as EI é o fato de elas serem introduzidas no discurso, isso implica afirmar que necessitam de um sujeito e de um contexto específico para que seu sentido seja compreendido.

A opacidade ou não composicionalidade semântica das EI deve-se à sua base metafórica, pois o surgimento destas expressões, assim como dos demais fraseologismos, tem suas origens nas experiências de seus falantes e são metáforas de situações vividas e sentidas por eles. Por essa relação com as vivências do povo, Biderman (2005) afirma que as EI figuram no estoque cultural da língua e não no

sistema linguístico. Todavia, devido à sua memorização por parte dos falantes, elas passam a fazer parte também do seu acervo lexical.

As EI são, portanto, metáforas que são transferidas para a realidade e o contexto vivido no momento em que são recolhidas ao discurso. A metaforicidade delas “é um processo que se instaura numa transferência do significado semântico abstracto (o significado idiomático) para um modelo concretamente representável na realidade.” (MORAIS POLÓNIA, 2009, p.22). Sobre a metaforicidade das EI, Marcuschi (2007) afirma que apesar de que estas expressões revelem operações sócio-cognitivas complexas, elas apresentam funcionamento cognitivo plástico e operacional, o que faz com que os falantes nativos de uma língua sejam capazes de entendê-las sem problema ou qualquer esforço mental adicional.

Essa relação entre EI e metáfora pode ser exemplificada a partir de expressões que tomam como base partes do corpo humano. É o pensamento metafórico que determina boa parte da nossa linguagem, de forma consciente ou inconsciente, pois ela reflete o pensamento, de determinada forma, e ajuda a descrever e viver o mundo. De acordo com Lakoff e Johnson (2002), concebemos o mundo de maneira metafórica e uma das referências que o homem toma para definir o mundo que o cerca e compreendê-lo é o próprio corpo. A partir dessa associação do corpo com o mundo, surgem as expressões linguísticas que têm base metafórica e apresentam em sua composição palavras que representam partes do corpo humano. Por exemplo: *estar de cabeça erguida, receber de braços abertos* etc.

Os autores chamam a atenção para o pensamento metafórico que domina a linguagem humana. Temos em nossa mente metáforas que são internalizadas, uma representação mental da cognição humana e, a partir das quais, criamos comparações entre dois domínios, conceituando um através do que conhecemos do outro. As metáforas dão origem a expressões que, por sua vez, podem perder a metaforicidade em um primeiro momento, mas que mantêm em sua base a ideia conceitual que lhes deu origem.

As metáforas são convencionais e estão relacionadas à cultura, ou seja, elas só podem ser licenciadas se fizerem parte do conhecimento de seus falantes e, assim, serem convencionadas por eles, sendo acessadas rapidamente, sem nenhum esforço. De acordo com Sardinha (2007, p. 33), as metáforas “refletem a ideologia e o modo de ver o mundo de um grupo de pessoas, construídos em

determinada cultura.” As já citadas metáforas que tomam por base o corpo humano são as chamadas metáforas primárias e são motivadas por experiências corpóreas.

As expressões com lexias somáticas (referentes a partes do corpo) são comuns em muitas línguas, o que comprova a teoria da “experiência corpórea” segundo a qual, nomeamos e criamos conceitos a partir das experiências vivenciadas por nossos corpos. Em português, são muitas as expressões que contêm partes do corpo, por exemplo: *dar uma mãozinha, estar com o pé atrás, estar de cabeça quente, dar um passo maior que a perna* etc.

Tomando como base as características vistas acima como determinantes das EI, Xatara (1998, p. 170) define estas expressões como “lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural.” A autora propõe, ainda, uma tipologia para as EI baseada em suas principais características, natureza estrutural e valor conotativo, além de casos especiais.¹⁶

Quanto à estrutura, a autora identificou EI como sintagmas nominais, verbais, adjetivos, adverbiais e frasais por sua possibilidade de serem substituídas por uma dessas classes gramaticais ou por representarem o que representariam essas classes. Assim, as EI funcionam como substantivos, verbos, adjetivos, advérbios e frases, geralmente exclamativas. São exemplos, respectivamente: *arroz de festa, bater perna, bom de bico, a dar com o pau e cada macaco no seu galho*.

Quanto ao valor conotativo, a autora classifica como ‘fortemente conotativas’, quando há opacidade total na expressão e ‘fracamente conotativas’, quando algum elemento da expressão guarda seu valor denotativo junto a outro de valor conotativo. Essa característica se relaciona ao grau de idiomaticidade ou opacidade das EI citada anteriormente. Dessa forma, *chutar o pau da barraca* seria ‘fortemente conotativa’ porque a expressão não guarda nenhum valor semântico das palavras componentes, ao passo que *com água na boca* é ‘fracamente conotativa’, pois traz a ideia de desejo e faz referência ao salivar quando se deseja alguma comida.

Os ‘casos especiais’ apresentados pela autora são dez tipos de EI classificadas de acordo com o teor da expressão. A saber:

¹⁶ Xatara (1998) toma como base um corpus de expressões em português e francês. Aqui consideramos a tipologia proposta pela autora para análise das características propostas pela teoria fraseológica para as EI.

- Alusivas: que fazem alusão a um fato histórico, bíblico etc. *meter-se em camisa de onze varas*;
- Análogas: que se assemelham na estrutura, mas diferem em significados: *comer a bola e comer bola*;
- Comparativas: que comparam situações: *cheio como um ovo*;
- Hiperbólicas: que se baseiam no exagero: *escangalhar-se de rir*;
- Apreciativas: que trazem valores pejorativos: *colocar no mesmo saco*;
- Deformadas: que sofreram alteração devido ao pouco uso de alguma lexia componente: *em papos (palpos) de aranha*;
- Irônicas: que ironizam uma situação para amenizá-la: *amigo da onça*;
- Negativas: que são sempre negativas, não podem ser passadas para a forma afirmativa: *não ser de nada*;
- Numéricas: que usam números em sua composição: *nem oito nem oitenta*;
- Situacionais: que são determinadas para dada situação: *neca de pitibiriba*¹⁷.

As características apontadas para as expressões idiomáticas conferem a essa categoria o caráter de prototipicidade de fraseologismo. Elas apresentam as características definidoras em alto grau (fixação e idiomaticidade). Além disso, apresentam outras propriedades que as tornam uma categoria fraseológica por excelência.

Embora sejam constantemente utilizadas por falantes nativos da língua, as expressões idiomáticas são elementos que não figuram, ainda, no ensino de línguas maternas ou estrangeiras de forma sistemática. No decorrer dos anos, as EI têm sido vistas como unidades linguísticas de pouco valor e, por isso, deveriam ser deixadas de lado no ensino de línguas e seu uso evitado por pessoas que desejam um “bem falar” e um “bem escrever”. A indicação que se dá, especialmente no ensino de língua materna, é que se evite o uso desse tipo de expressões por indicar falta de criatividade. Para Ruiz Gurillo (1997, p.46) a irregularidade destas expressões é a principal causa de seu ‘esquecimento’ no ensino de línguas.

No entanto, embora sejam tidas como elementos de pouco valor, as EI são usadas constantemente na linguagem oral, até mesmo de maneira inconsciente.

¹⁷ Os exemplos foram retirados do *corpus* analisado na pesquisa.

A força das EI também pode ser constatada se considerarmos seu alto uso pela linguagem midiática e publicitária. Encontramos estas expressões em discursos políticos, econômicos, futebolísticos, infantis etc. A título de exemplificação, vejamos alguns usos de EI retirados dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo* em sua versão online.

“Presidente do STJ diz que Barbosa devia *estar de cabeça quente* ao criticar tribunal.” (Folha de São Paulo, Poder, 11/06/2013)

“Cruyff começa a *dar o braço a torcer*. Neymar começou bem.” (O Globo, Esportes, 13/10/2013)

“Comer em SP *custa os olhos da cara*.” (Folha de São Paulo, Comida, 13/03/2013)

Como podemos perceber, as expressões fixas, embora sejam ainda mal vistas por parte dos mais tradicionais, estão conquistando espaço na mídia e são utilizadas mesmo em situações consideradas “formais” para tratar de diversos temas como política, futebol e economia. Nota-se que o uso de tais expressões aproxima o locutor de seu interlocutor, pois ambos compartilham os mesmos conhecimentos culturais que dão origem a estas expressões.

Isto ocorre porque as EI representam o que há de mais peculiar na linguagem de um povo, é através delas que os falantes imprimem sua identidade na linguagem. Além disso, as EI suprem carências que, muitas vezes, a combinação livre de palavras não seria capaz de suprir. Ortiz Alvarez (2012, p.12) afirma que as EI

não só cumprem a função de comunicação, mas também permitem aos falantes desabafar as tensões, os sentimentos, as emoções, mostrar a sua individualidade, ou seja, do que ele acredita ser capaz, o que os acontecimentos lhe evocam, a ironia, o sentido trágico e gracioso da vida, etc. (ORTIZ ALVAREZ, 2012, p.12)

O uso das EI traz o vigor da língua e expressa sentimentos de forma intensa que a linguagem literal não conseguiria transmitir. A relação cultural e o teor idiomático conferem às EI um caráter de peculiaridade que identifica, de certa forma,

o povo e a cultura na qual elas estão inseridas. Os traços culturais das EI as definem enquanto elementos de uma língua e os falantes que as compreendem compartilham de uma mesma cultura e de um mesmo conhecimento de mundo que deu origem às expressões. Como afirmam Figueiredo e Figueiredo (2005, p.13),

As EIs estão ao serviço da expressividade e do pitoresco, da emotividade e da oralidade, fazendo constantemente um apelo ao exagero e à ironia, à persuasão e à comicidade em discursos que deixam transparecer, quase sempre, cargas emocionais. (FIGUEIREDO E FIGUEIREDO, 2005, p.13, *apud* MORAIS POLONIA, 2009)

Embora o uso das EI pelos falantes nativos das línguas naturais seja inegável, não se percebe ainda uma preocupação em trazer, ao ensino de línguas, esses elementos enquanto relevante conhecimento para o desenvolvimento da competência comunicativa dos falantes. Se verificarmos os livros didáticos que auxiliam os professores no ensino de línguas, veremos que essas expressões figuram à margem do ensino e não são tratadas de forma sistemática nas salas de aula, ou seja, as EI não são ensinadas efetivamente nem em língua materna, nem em língua estrangeira.

É inegável, porém, a relação dessas expressões com a cultura peculiar a cada comunidade. Se elas são criadas a partir de vivências e experiências comuns a um povo, faz-se necessário que sua compreensão exija o conhecimento da situação que lhes deu origem. Por isso, quando nos referimos a EI em diferentes línguas, estamos nos referindo de maneira direta e imediata à cultura que subjaz aquela língua. Portanto, não podemos desconsiderar a relevância da cultura para a compreensão das EI mais utilizadas pelos falantes e mais abordadas nos materiais didáticos.

Neste tópico, discutimos as definições e características das EI. Vale reiterar que nos ancoramos na compreensão das EI como qualquer expressão composta por duas ou mais palavras, com certa fixação em sua estrutura, que apresente algum grau de idiomaticidade (opacidade) e que possa ser inserida na oração. Acrescenta-se a isso o fato de que essas expressões permitem variações de ordem lexical e morfológica em sua composição. Serão consideradas também expressões nas quais um dos elementos guarde valor literal, desde que a expressão como um todo tenha um sentido único que não corresponda à soma de todos os elementos.

Definido o conceito de EI que abordaremos, no tópico seguinte discutiremos o termo cultura e sua relação com a língua(gem) de maneira geral.

3.2 CULTURA

Conforme dito anteriormente, analisamos o tratamento dispensado às expressões idiomáticas em dicionários escolares voltados a estudantes do Ensino Fundamental II. As expressões idiomáticas são elementos linguísticos populares e coloquiais comuns a todas as línguas naturais e que estão relacionados à cultura compartilhada pelos falantes dessas línguas. São, portanto, manifestações linguísticas e culturais que identificam e peculiarizam determinada comunidade linguística por estarem relacionadas ao seu conhecimento de mundo e à forma de encará-lo adotada por estes falantes.

Com base nesta afirmação, o teor cultural permeia todo este trabalho e, por isso, faz-se necessário uma discussão de qual conceito de cultura adotamos para levar a cabo a análise aqui proposta e em que medida a visão adotada influencia na compreensão e uso das expressões aqui analisadas.

Inicialmente, faz-se necessário retomar a origem do termo. 'Cultura' vem do latim *colere* que significa cultivar, tomar conta, cuidar. Essa sua primeira acepção remete à terra e ao ato de cultivá-la. Essa ideia de cultura persistiu até meados do século XVI, quando passou a ser utilizado para se referir também ao cultivo do espírito e da mente. Logo após, o termo passou a fazer referência ainda às qualidades intelectuais dos indivíduos. Nessa nova acepção, cultura referia-se aos conhecimentos considerados cultos, relacionado à intelectualidade do indivíduo.

Com o passar do tempo, a noção de cultura foi ampliada e ganhou sentido mais geral e mais atual. Neste caso, o termo refere-se ao conjunto de crenças e costumes de um povo. Nesse sentido, a cultura pode ser representada por danças, religiões, comportamentos, linguagens e tudo o que faz parte da vivência de um povo em comunidade, sem considerar apenas a relação culto-inculto.

Esses costumes que caracterizam a cultura de um povo são a marca de uma sociedade e determinam sua forma de ver o mundo e de nele se comportar. Humboldt (1767-1835) já chamava a atenção para o fato de que cada sociedade

possui um modo de ver o mundo e que essa visão influencia a forma desse povo interpretá-lo. Esse conceito viria a ser mais desenvolvido pela Antropologia no decorrer do século XVIII.

Definir e compreender cultura sempre despertou bastante interesse de estudiosos e, por esse motivo, é um tema bastante discutido em diversas áreas do saber: Educação, Antropologia, Sociologia, Filosofia, Psicologia, História etc. Partindo, inicialmente, de um conceito simplório que determinava cultura como conhecimento artístico ou literário, o termo passou a abranger toda e qualquer manifestação de um povo, desde o mais erudito ao mais popular, praticado pelas classes mais altas às mais baixas.

Esta concepção mais abrangente veio a público inicialmente por Edward Tylor (1871 *apud* LARAIA, 2001) sob o vocabulário *culture* e, a partir de então, tem sido desenvolvido e discutido amplamente pelas áreas citadas acima. No entanto, não há uma definição de cultura que seja aceita em todas as ciências de maneira unânime. Há diversas definições que buscam conceituar cultura e sua relação com a sociedade.

A cultura enquanto manifestações de uma sociedade, no entanto, não é estática. Ela sofre modificações com o passar do tempo, à medida que os indivíduos evoluem e desenvolvem novos métodos e novos costumes de vida em sociedade. As novas crenças, os novos costumes e as novas regras conferem outra cultura ou ao menos uma cultura reformulada e modificada de acordo com as mudanças sociais sofridas pelo povo que a compartilha. As mudanças podem ser causadas por adaptação a novos espaços, contato com culturas diferentes etc. o que caracteriza a interculturalidade, termo muito utilizado atualmente devido à globalização das ideias e informações.

Laraia (2001) afirma que isso acontece porque o ser humano é capaz de refletir sobre suas ações e modificá-las, criando novos comportamentos culturais. O autor acredita ainda que a cultura sofre dois tipos de mudança. A primeira seria uma mudança interna, que ocorre naturalmente dentro da própria cultura por causa de seu desenvolvimento. A segunda aconteceria quando essa cultura entra em contato com outra e sofre sua influência, criando a intercultura.

Em um mundo cada vez mais globalizado, as culturas se misturam, influenciam-se e tornam-se cada vez mais dinâmica e mais constante na vida dos indivíduos. As novas formas de comunicação permitem que culturas antes consideradas longínquas aproximem-se e misturem-se criando o que se denomina interculturalidade. É nesta relação intercultural que se cria e se desenvolve o conceito de identidade e nesse ponto concordamos com Jorge (2001, p. 215) quando afirma que

a identidade constrói-se obrigatoriamente na alteridade, na convivência do “eu” e do “outro”, idêntico (enquanto ser humano) e diferente (quanto à raça, à crença, à cor, à língua..., mas também à personalidade, aos gostos...). A identidade deve pois, ser vista como uma nova realidade emergente das sociedades modernas, que se deve centrar na humanidade. (JORGE, 2001, p. 215)

Cultura enquanto costumes, visão de mundo, formas de viver de um povo, apresenta diversos elementos de manifestação. A linguagem é um desses elementos e caracteriza a cultura como algo exclusivamente humano. Angels (1980) aponta que o desenvolvimento da linguagem, juntamente com o trabalho, foi o fator que fez com que os seres humanos se diferenciasssem de vez dos demais animais. A língua é, pois, uma dessas manifestações culturais que identificam e particularizam um povo, ou mesmo um ser. Pois, de acordo com Laraia (op. cit. p. 52), “a comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral”.

A linguagem é, portanto, de acordo com os autores, o elemento cultural que permite as demais manifestações, uma vez que sem ela a própria cultura não existiria. Língua e cultura são conceitos indissociáveis. Eles se completam, pois é a capacidade do ser humano de gerar símbolos e atribuir-lhes significados que o faz capaz de possuir uma cultura e diferenciar-se dos demais animais. Kramsch (1996, p. 3) afirma que “uma das principais formas pelas quais a cultura se manifesta é através da linguagem.” E ainda que “a língua desempenha um papel crucial não apenas na construção da cultura, mas no surgimento de alteração cultural.”¹⁸

A importância da linguagem dentro do contexto cultural não se limita apenas ao fato de ela ser umas das formas de manifestação, mas, sobretudo, por

¹⁸ “One of the major ways in which culture manifests itself is through language. [...] Language plays a crucial role not only in the construction of culture, but in the emergence of cultural change”.

ser ela algo que reflete as demais manifestações culturais e interfere nelas. De acordo com Peterson & Coltrane (2003, p. 1) “isso significa que a linguagem não é apenas parte de como nós definimos a cultura, mas também reflete a cultura.”¹⁹

Partindo dessa afirmação, tomando cultura em sua acepção mais ampla, a linguagem enquanto elemento de forte valor cultural carrega em si a representação de um povo, de uma sociedade. É, portanto, um conceito socialmente construído, uma vez que cultura só existe em um contexto social, dentro de uma sociedade que a compartilhe. Segundo Ortiz Alvarez & Santos (2010, p.202)

a língua reflete as características gerais de uma sociedade e é por meio dela que a cultura é transmitida; a língua não informa *sobre* o mundo, informa o mundo, (grifo nosso) as ideias, a convivência, os costumes e tradições de um povo. A língua, como a cultura, não é somente coletiva, mas também individual, uma vez que ao compartilharmos com os outros em nossa cultura, cada um de nós a utiliza de maneira idiossincrática, baseada no seu *background*, experiência, grupos sociais, nossos pontos de vista e nossas identidades. (ORTIZ ALVAREZ E SANTOS, 2010, p. 202)

A relação que se estabelece entre cultura e sociedade é, portanto, evidente e não pode ser negada. Para Kramsch (1996), essa relação se dá de duas maneiras: a primeira refere-se à forma como um grupo social se comporta perante a si mesmo e aos outros com relação as suas “produções” culturais. A segunda diz respeito à forma que cada comunidade ver o mundo, suas crenças e ideologias compartilhadas por todos os seus membros.

No contexto atual de globalização, conhecer a linguagem de um povo permite um maior conhecimento de sua cultura. A língua é representação cultural de um povo. Uma das maneiras na qual a interferência da cultura se manifesta é através de palavras ou expressões que são formadas e utilizadas com base em conhecimentos e crenças de seu povo, tornando sua interpretação difícil a falantes que não a conheçam. O ensino de línguas que se propõe a formar falantes competentes não pode fazê-lo dissociado da cultura, e sim em conjunto, tomando-a como elemento participante e de manifestação da cultura.

O desconhecimento de expressões e matizes linguísticos relacionados com a cultura interfere na competência comunicativa do falante. Fillmore (1979) criou o termo falante/ouvinte ingênuo para se referir aqueles que desconhecem as colocações, expressões idiomáticas, sentidos metafóricos e estruturas próprias de

¹⁹ “This means that language is not only part of how we define culture, it also reflects culture”.

uma língua. Esses falantes prendem-se a uma interpretação literal do que se quer dizer e, muitas vezes, não corresponde à forma convencionalizadas de se dizer. Essa noção de falante/ouvinte ingênuo se aplica mais ao falante de línguas estrangeiras, porém a noção de desconhecimento das nuances da língua pode ser um problema enfrentado por falantes nativos, bem como as consequências causadas por ele. Isso exemplifica a importância desta relação – língua-cultura – para os estudantes de um idioma.

Dessa forma, o ensino de língua materna e os materiais didáticos, que têm como fim auxiliar esse processo, devem estar relacionados à cultura peculiar do povo, já que ela interfere e, de certa forma, determina sua interação com o mundo. Aprender/ensinar uma língua é, antes de tudo, apropriar-se, ensinar a cultura de um povo, pois a linguagem reflete a identidade cultural da comunidade que a utiliza. Dessa forma,

Dissociar cultura de ensino de língua é privar o aluno do conhecimento do *modus vivendi* dos falantes de uma língua específica. Somente o conhecimento da cultura torna possível chegar ao sentido de determinadas expressões. (...) se a cultura for negligenciada, a compreensão acerca de determinadas construções linguísticas inexistirá (MATTES & THEOBALD, 2008, p. 9)

Ainda que se trate do ensino de língua materna, um país de grande extensão como o Brasil apresenta culturas e costumes diferentes até mesmo dentro de uma região. Além disso, é inegável que as práticas de linguagem são também práticas culturais, não podendo ser os dois conceitos dissociados.

Tendo em conta a relação estabelecida entre língua e cultura e cientes de que isto influencia nas expressões linguísticas e na forma de se registrar estas expressões, verificaremos expressões fraseológicas que estão fortemente relacionadas à cultura da sociedade brasileira e sua inserção e tratamento em dicionários monolíngues de língua portuguesa, pois consideramos o dicionário como demonstração das visões de mundo de uma sociedade, onde os valores e ideais culturais são registrados quando este se propõe dar conta do léxico de uma língua.

Entendemos, pois, língua e cultura enquanto termos relacionados e indissociáveis que se interferem e se determinam. A relação entre cultura e dicionário pode ser compreendida por ser o dicionário uma obra que registra o léxico e, conseqüentemente, a cultura que se delineia por trás do vocabulário presente em

suas páginas. No caso específico das expressões idiomáticas, a origem cultural pode estar na religião, na história ou nos costumes do povo.

Nossa visão de cultura para este trabalho é, pois, a visão ampla do termo quanto aos conhecimentos, manifestações artísticas, comportamentos sociais, contexto histórico e tudo o que é aceito como comum na sociedade brasileira. Compreendemos cultura enquanto o conjunto de artes eruditas ou populares que sejam manifestações do povo, seja da classe mais elevada ou da classe social mais baixa da sociedade brasileira. Peterson & Coltrane (2003, p.3) assim definem cultura:

padrão integrado do comportamento humano que inclui pensamentos, comunicação, línguas, práticas, crenças, valores, costumes, cortesias, rituais, modos de interação e papéis, relacionamentos e comportamentos esperados de um grupo racial, étnico, religioso ou social; e a capacidade de transmiti-los para as gerações seguintes. (PETERSON E COLTRANE, 2003, p. 3, tradução nossa²⁰)

Compartilhamos dessa definição e, dessa forma, entendemos como cultura o que se manifesta pelo povo e não apenas o que se considera “bonito” ou “culto” diante dos olhos dos críticos da sociedade. As manifestações regionais, independentes de seu status na sociedade, as manifestações de grupos serão consideradas manifestação cultural e podem ter reflexo na língua usada por estas pessoas.

Concordamos com Fiorin (2013, p. 147) quando afirma que “um idioma é a condensação da história de um povo, das influências que ele sofreu, dos seus desejos, de suas expectativas, de seus preconceitos, do modo de ser sua gente, de sua música, de sua literatura.” Tudo isso se considera a cultura da qual a língua emerge. Portanto, as expressões aqui analisadas refletem a história e a cultura compartilhada pelo povo brasileiro, falante da língua portuguesa, e essas expressões vêm sendo utilizadas por diferentes gerações.

As diversas formas de manifestação cultural, especialmente as provenientes do povo, mas não exclusivamente, dão origem a expressões linguísticas consideradas populares ou de baixo valor social.

²⁰ “integrated pattern of human behavior that includes thoughts, communications, languages, practices, beliefs, values, customs, courtesies, rituals, manners of interacting and roles, relationships and expected behaviors of a racial, ethnic, religious or social group; and the ability to transmit the above to succeeding generations”.

As expressões abordadas neste trabalho são, em sua maioria, representações da cultura compartilhada pelo povo brasileiro, com origem em seus costumes, conhecimentos e ideias. São, portanto, expressões linguísticas que apresentam forte relação com a cultura compartilhada por esse povo. Se se considera a cultura popular como algo de menor valor, consideram-se também as expressões dela advindas como inferiores e de pouco valor linguístico. Com base nisso, essas expressões podem, às vezes, ser deixadas de fora na composição das obras lexicográficas, fato que foi averiguado na pesquisa.

Em síntese, tomamos como conceito de cultura toda e qualquer manifestação, vivência, comportamento, ideologia etc. de um povo. A cultura, enquanto experiência do rico ou do pobre, é que define o porquê de se dizer que *engolimos sapo* e não *rã* ou porque *pagamos o pato* e não o frango ou mesmo porque o bicho que fuma é a cobra e não outro bicho qualquer. Em sociedades em que esses animais não são comuns ou não são conhecidos, provavelmente expressões não serão criadas com eles. Ao passo que nas culturas nas quais o sapo é visto como um emblema de sorte, como na China, ele não dará origem a expressões que façam referência a coisas ruins, como acontece na nossa cultura.

A seguir, discutimos acerca dos dicionários, sua organização e relevância social para os procedimentos de ensino e aprendizagem do léxico.

3.3 DICIONÁRIOS: AS FRASEOLOGIAS E A TRADIÇÃO LEXICOGRÁFICA

É de conhecimento geral que os dicionários apresentam palavras e expressões que formam o acervo lexical de uma língua. De maneira, muitas vezes, normativa, esses materiais atuam como modelo de certo e errado, tendo, então, a ‘obrigação’ de ser para o consulente uma fonte de informações inquestionáveis sobre o léxico em questão. No entanto, muitas vezes, o que encontramos é uma lista organizada de palavras que não atende aos anseios daqueles que buscam por uma informação nestes materiais.

O dicionário, por muito tempo, limitou-se a palavras que eram utilizadas em obras literárias, desconsiderando o usuário e suas necessidades. Com o passar do tempo, essas necessidades passaram a ser consideradas e o dicionário passou a

ser produzido de acordo com o seu público-alvo e o objetivo ao qual se propunha alcançar. Assim, palavras e expressões que antes não entravam nessas obras passaram a fazer parte do acervo lexical dicionarizado, a depender do tipo de dicionário. Dicionários especiais, com foco nas particularidades da língua, também foram produzidos para atingir um público definido que busca algo específico da língua, como dicionários de sinônimos, de gírias etc.

A história dos dicionários remonta aos babilônios, egípcios e gregos. De acordo com Nunes (2006), já se tem, nessa época, notícias da organização de listas de palavras cuja utilidade não seria muito clara. De acordo com o autor, essas listas começaram a ser produzidas logo que surgiram os itens lexicais e são o embrião do que se tornariam os dicionários. Humblé (S/D) aponta como primeiro dicionário propriamente dito, uma obra bilíngue datada de 2500 a 2200 a.C encontrada na região onde hoje é a Síria, que traduzia palavras sumérias em eblaíta.

Foi na Idade Média que tiveram início os primeiros dicionários e glossários, especialmente de Latim, língua que alcançava, naquela época, status sociocultural. Porém, foi o Renascimento a época na qual mais se desenvolveram os dicionários. Nesse período, surgiram as obras monolíngues de língua materna, bilíngues e plurilíngues graças aos acontecimentos históricos e culturais ocorridos no período.²¹

O desenvolvimento da Lexicografia portuguesa tem seu marco no século XVI com obras que vão de gramáticas a dicionários ainda em conjunto com o latim (português-latim; latim-português). A primeira obra exclusivamente portuguesa só surgiu em 1789.

No Brasil, os estudos lexicográficos datam dos séculos XVI e XVII com o surgimento de dicionários bilíngues português-tupi. Somente no século XVIII tivemos o primeiro dicionário monolíngue produzido por um brasileiro²² e, a partir da segunda metade do século, surgiram outros tipos de dicionários que complementaríamos os estudos da língua portuguesa.

²¹ “Administração de grandes Estados, a literalização dos idiomas e a relação com a língua nacional (uma nação, uma língua), a imprensa, a expansão colonial, viagens, comércio, contato entre povos de diferentes línguas.” (Nunes, 2006, p. 48)

²² A. de Moraes Silva organizou o Dicionário da Língua Portuguesa, primeiro dicionário monolíngue de língua portuguesa.

A produção lexicográfica em língua portuguesa prosseguiu seu desenvolvimento e cabe salientar que o dicionário atual apresenta não apenas palavras isoladas, mas também expressões de uso corrente na língua em questão, além de haver grande número de dicionários com diversos objetivos, distintos em organização e conteúdo. Eles podem, ainda, ser organizados por assunto, de termos ou terminológicos e há, ainda, os dicionários voltados ao ensino-aprendizagem de língua estrangeira.

Material que serve de apoio ao professor e ao aluno, o dicionário é considerado, pejorativamente, “o pai dos burros”, pois é a ele que recorremos quando estamos em dúvida com relação à grafia, significado ou classificação de um vocábulo de nossa língua materna. É ele também que nos orienta quando iniciamos os estudos em uma língua estrangeira e nos vemos em situação de desconhecimento de palavras ou expressões naquela língua. O dicionário atua no ensino/aprendizagem de línguas como elemento norteador dos valores semânticos do léxico de uma língua e deve, pois, trazer em si os valores culturais que subsidiam esses significados.

O dicionário é, antes de tudo, um material de apoio ao aprendizado de línguas, uma vez que é riquíssimo em informações sobre um idioma, pois traz um vasto repertório lexical com informações linguísticas e socioculturais sobre a língua em questão, característica que permite maior conhecimento sobre a visão de mundo que subjaz cada uma das lexias que compõe este material.

Os dicionários guardam a fortuna lexical de uma língua e é um dos grandes componentes desta. Formado por palavras e expressões, o léxico é a base para a comunicação entre os falantes e demonstra a relação que estes exercem com o mundo que os rodeia. Os traços culturais, bem como a dinamicidade característica das línguas naturais, são refletidos no léxico no qual se percebem as mudanças recorrentes nas línguas. Henriques (2011, p. 13) define léxico como um

conjunto de palavras de uma língua, também chamadas de lexias. As lexias são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações. Embora possa parecer um conjunto finito, o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos lexicógrafos não seria capaz de enumerá-lo. Isto ocorre porque dele faz parte a totalidade de palavras, desde as preposições, conjunções e interjeições, até os neologismos, regionalismos, passando pelas

terminologias, pelas gírias, expressões idiomáticas e palavrões. (HENRIQUES, 2011, p.13)

Depreende-se dessa definição que o léxico de uma língua é muito mais que palavras simples ou compostas. Ele vai além, pois engloba também pequenas composições que podem ser compostas por diversas lexias. A variedade de lexias, bem como a composição delas e sua multiplicidade cultural torna difícil a compilação total em um material lexicográfico.

Entretanto, cada lexia carrega em si significações e dinamicidade próprias que, segundo Antunes (2012, p.137),

as palavras têm o 'gosto', o 'sabor' e o 'cheiro' de nossas experiências de vida. Ouvi-las, lê-las é encontrar passagens que, de um jeito ou de outro, fizeram sentido para nossas vidas. Elas são uma espécie de 'testemunho' do que foi experimentado e vivido. (ANTUNES, 2012, p. 137)

Entendendo o léxico como reflexo das vivências e experiências dos falantes, a autora chama a atenção para a importância do dicionário, reduto lexical, como recurso didático no ensino de língua materna por sua riqueza lexical e pelas informações contidas nesses materiais acerca do caudal léxico da língua.

Como exposto, o vocabulário de um idioma é formado não apenas por palavras, mas por todo o conjunto de vocábulos e expressões que existem em determinada língua e, por isso, é tido como o patrimônio linguístico da sociedade que o utiliza. É um conjunto complexo que, como afirma Biderman (2005, p. 747), “inclui unidades muito heterogêneas – desde monossílabos e vocábulos simples até sequências completas formadas de vários vocábulos e mesmo frases inteiras...”

No âmbito da linguística, a área que estuda o léxico e seus componentes é a Lexicologia, na qual se insere a Fraseologia. Já o que diz respeito à organização do léxico de uma língua, levantamento e registro destas lexias nos dicionários faz parte da Lexicografia. Lexicologia e Lexicografia são as chamadas ciências do léxico. De acordo com as palavras de Henriques (2011, p. 13), Lexicologia é

Uma disciplina que estuda o LÉXICO e a sua organização a partir de pontos de vista diversos. Cada palavra remete a particularidades diversas relacionadas ao período histórico ou à região geográfica em que ocorre, à sua realização fonética, aos morfemas que as compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional. (HENRIQUES, 2011, p. 13)

A Lexicografia é definida pelo autor como

uma disciplina intimamente ligada à LEXICOLOGIA. Ela se ocupa da descrição do léxico de uma ou mais línguas, a fim de produzir obras de referência, principalmente dicionários (em formato impresso ou eletrônico) e bases de dados lexicográficas (HENRIQUES, 2011, p. 15).

No entanto, para compreendermos a relevância destas disciplinas e seus estudos, faz-se necessário definir o que se entende, teoricamente, por dicionário e qual sua relevância nos estudos lexicais.

O dicionário “como repertório de palavras, organiza-se, na maioria das vezes, por ordem alfabética para facilitar a consulta. Nele há informações gramaticais, semânticas, pragmáticas, discursivas e socioculturais” (PONTES, 2009, p. 24). Partindo dessa definição, entendemos que o dicionário não é meramente uma lista de palavras que apresenta significados pontuais. É, sobretudo, uma obra com fins didáticos que oferece ao consulente informações que vão do caráter linguístico ao sociocultural.

Os dicionários são importantes recursos didáticos utilizados no ensino-aprendizagem de línguas, seja materna ou estrangeira. São considerados como um conjunto organizado de uma língua que busca descrever o léxico como “uma abstração, ou melhor, uma reconstrução teórica do mundo das palavras, a partir de experiências concretas sempre limitadas.” (RANGEL; BAGNO, 2006. P.15). São, portanto, veículos dos ideais e crenças de uma comunidade. Entendemos, dessa forma, que o dicionário ocupa um papel relevante no processo de ensino/aprendizagem de línguas pelas informações que traz, além de ser um material riquíssimo em conhecimentos históricos e culturais.

Esses materiais são utilizados, no ensino de línguas, como um instrumento linguístico e, de acordo com Nunes (2006), ele confere alteridade ao falante e interfere na relação que este tem com sua língua. Para Borba (2006), o uso adequado do dicionário pelos estudantes pode ajudá-los no desenvolvimento das capacidades de leitura e produção de textos. Ainda segundo o autor, o dicionário deve registrar o uso que os falantes fazem da língua, pois “a língua acompanha a sorte do povo que a fala”.

Segundo Pontes (2009), o dicionário pode ser compreendido ainda e, antes de tudo, como um texto, um discurso que, assim como qualquer gênero

textual, apresenta suas características. Assim, um dicionário se organiza, basicamente, em duas partes principais: a macroestrutura e a microestrutura. A primeira corresponde ao conjunto de entradas que forma a nomenclatura do dicionário. De acordo com Welker (2004), a macroestrutura equivale à forma como está organizado o dicionário. A segunda parte refere-se às informações contidas nos verbetes, às características propriamente ditas sobre as lexias que são abordadas no dicionário como marcas de uso, definições, abonações etc. Há ainda o que se denomina megaestrutura, que corresponde ao dicionário como um todo, com os elementos 'pré' e 'pós' textuais, incluindo a nomenclatura.

O verbete é composto pela palavra-entrada, também denominada lema ou cabeça de verbete, e as informações dadas sobre ela. É a palavra-entrada e a microestrutura referente a ela que formam o verbete. Pontes (2009, p.112, grifo nosso) define como entrada a “unidade léxica, *de qualquer extensão* que, na composição do verbete lexicográfico, é objeto de definição ou explicação e, eventualmente, de tratamento enciclopédico.” Essa unidade léxica pode ser desde uma palavra a um sintagma, de acordo com o autor. Sobre essa palavra, são dadas informações sobre pronúncia, informações gramaticais e semânticas e outras. Podem ainda haver subentradas (sublemas ou entradas secundárias) que são novas entradas colocadas dentro dos verbetes de uma entrada principal. Sanromán (2000, p. 21, grifo nosso) também define entrada ou lema como

qualquer palavra, *conjunto de palavras*, signo, letra, conjunto de letras ou signos que encabeça um artigo de dicionário, enciclopédia, índice, ficha, etc., e que é objecto de definição, explicação, tratamento enciclopédico ou, no caso dos dicionários bilingues, do qual se fornece um equivalente noutra língua. (SANROMÁN, 2000, p.21)

Conforme os autores citados, a entrada de verbetes nos dicionários pode ser feita por palavras “de qualquer extensão” ou “conjunto de palavras” e não apenas por lexias simples. No entanto, geralmente, é na subentrada que encontramos as expressões polilexicais fixas, as unidades fraseológicas. As informações constantes sobre a palavra-entrada nos dicionários é o que se chama microestrutura.

Além da palavra-entrada, o verbete está composto por informações morfológicas, fonéticas, fonológicas e sintáticas. São dados sobre classe de palavra

a qual pertence, separação silábica, pronúncia, classificação quanto ao uso (marcas de uso), fraseologias que contenham tal palavra, exemplos e/ou abonações.

As palavras-entradas são, geralmente, as lexias simples ou compostas, não sendo comum encontrarmos expressões ou lexias complexas como cabeças de verbete. Geralmente, vêm em destaque de cor, letra ou qualquer forma de destaque para facilitar a consulta e identificação de início e fim de cada verbete. Em seguida, há as informações de separação silábica, pronúncia, classe de palavra a qual pertence a lexia e, quando for o caso, a(s) marca(s) de uso.

As marcas de uso são indicações utilizadas nos dicionários para determinar as situações nas quais as lexias podem ser utilizadas. Elas funcionam como uma informação intercultural ao consulente, uma vez que há elementos lexicais próprios de determinados grupos ou regiões, o que não permite que todos tenham os mesmos conhecimentos acerca dele.

As marcas de uso podem ser:

- a) Sociolinguísticas: variam conforme o “meio, as circunstâncias e as relações sociais entre os indivíduos,” tais como: popular, vulgar, gíria etc.
- b) Socioprofissionais (ou tecnoletais): referentes a alguma área específica das ciências e tecnologia. São exemplos: Medicina (Med.), informática (Inf.) etc.
- c) Geográficas: referem-se a países, regiões ou Estados. Temos como exemplo: Nordeste (NE), Brasil (Bras.) etc.
- d) Históricas: marcas relacionadas à evolução da língua e ao uso, ou não, das lexias nesse contexto. Por exemplo: arcaísmo, desuso, obsoleto etc.
- e) Pragmáticas: marcas que trazem juízo de valor e nível das lexias, tais como irônico, pejorativo, jocoso etc.

Após essas informações microestruturais, há a definição da palavra-entrada, primeiro em suas acepções literais e depois em seus valores figurados. As subentradas são novas lexias, compostas, que apresentam em sua composição a

lexia que corresponde à palavra-entrada. Nesse local, costumam figurar as expressões idiomáticas, colocações, unidades fraseológicas em geral, e outras categorias que são formadas por duas ou mais palavras umas das quais seja a palavra-entrada.

Em seguida, vêm os exemplos ou abonações. Pontes (2009, p. 214) define como exemplo de uso “um enunciado que se acrescenta à definição para comprovar, ilustrar ou abordar uma palavra-entrada.” Os exemplos de uso são utilizados nos dicionários como uma informação a mais dentro do verbete que remete ao contexto no qual a lexia é utilizada e, de acordo com o autor, podem ser de três tipos: autênticos, fabricados e adaptados. Os primeiros são retirados de *corpora*, os segundos são criados pelo dicionarista e os últimos são os que se retiram de *corpora*, mas são adaptados pelos dicionaristas ao seu objetivo. Sobre os dois últimos, Welker (2004, p. 157) pondera que

Exemplos inventados e exemplos adaptados deveriam constituir uma única categoria, pela seguinte razão: são inaceitáveis aqueles exemplos inventados que não poderiam ser exemplos adaptados, ou seja, tais que não se encontram no discurso real nem de forma parecida, frases que mostram um uso que só existe na cabeça do lexicógrafo. (WELKER, 2004, p. 157)

Os exemplos servem para ajudar o consulente a compreender o contexto de uso dos lexemas. O tipo utilizado vai depender da escolha do dicionarista. No entanto, o que vai definir a eficácia é a veracidade do exemplo, ou seja, se ele é utilizado em situações reais e sua objetividade e clareza.

Por fim, quando se faz necessário, há o sistema de remissivas que remete a outro verbete e permite ao consulente obter mais informações sobre o verbete inicial. Para melhor visualização das partes componentes de um verbete, a seguir apresentamos exemplos retirados dos dicionários analisados.

Joio [ô] ([joi.o](#)) *s.m.* **1.** (*Bot.*) Planta daninha que nasce entre o trigo. **2.** Semente dessa planta. **3.** *fig.* Coisa de má qualidade, que prejudica as boas a que se mistura. || *Separar o joio do trigo:* discernir entre o bom e o mau.

Fonte: verbete “joio” do Dicionário escolar de língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras.

Gato-sapato (ga.to-sa.pa.to) s.m. coloq. Algo insignificante, sem importância, desprezível. || Fazer de alguém gato-sapato: coloq. 1. Zombar de alguém; tratar com desprezo. 2. Fazer (alguém) de juguete: *Não permita que ninguém o faça de gato-sapato.*

Fonte: verbete “gato-sapato” do Dicionário escolar de língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras

Nos exemplos acima, um de lexia simples e outro de lexia composta, podemos perceber as informações constantes sobre as palavras-entradas relativas à pronúncia [ô], separação silábica (ga.to-sa.pa.to), classe gramatical a qual pertencem (s.m), marcas de uso (Bot., colq. fig.), definições, subentradas e exemplos. Nos dois casos, há subentradas de expressões idiomáticas, marcadas com duas barras verticais e grafadas em itálico.

Os exemplos foram retirados do mesmo dicionário, porém podemos perceber diferenças na composição da microestrutura de cada verbete. No primeiro (joio), podemos observar uma marcação socioprofissional (botânica) na primeira acepção da palavra. Na segunda acepção, uma marca que demonstra um novo significado adquirido pela lexia, seu valor figurado (fig.). Em seguida, apresenta-se a expressão idiomática, *separar o joio do trigo*, que traz uma analogia com a segunda acepção, porém não há marcação de uso para a expressão, tampouco exemplo de uso que a relacione ao sentido figurado da palavra que lhe deu entrada.

No segundo verbete apresentado (gato-sapato), há, já na primeira acepção, a indicação de que se trata de uma lexia de uso coloquial (coloq.). Em seguida, é apresentada a expressão idiomática que contém a palavra, *fazer de alguém gato-sapato*. A expressão apresenta marcação de uso coloquial, além de duas acepções que se relacionam ao significado da lexia que dá entrada ao verbete. A segunda acepção da expressão apresenta, ainda, exemplo de uso, o que facilita a compreensão da expressão por parte do consulente.

Em relação às informações contidas nos verbetes e considerando que o conhecimento de uma língua tem como objetivo o desenvolvimento da competência comunicativa do falante, o dicionário cumpre o papel de oferecer recursos linguísticos eficazes para que se desenvolva essa competência através do amplo conhecimento que ele pode oferecer sobre a língua e a cultura que a subjaz, pois, como afirma Santamaría Pérez (2000), ele cumpre o papel de proporcionar

informações ao usuário e facilita a comunicação linguística, transcendendo o puramente linguístico a partir do momento que reflete a mentalidade de uma sociedade. Krieger (2004-2005, p. 102) coloca que “em realidade, o conjunto das informações que encerra torna o dicionário um lugar privilegiado de lições sobre a língua, um instrumental didático de grande valia para o professor”.

Devido a sua tradição e importância, o dicionário firmou-se como um objeto de autoridade no que concerne ao uso da língua, seja com relação à forma ou uso do vocabulário, o que lhe confere o caráter de elemento “normativo”, pois, só é aceito aquilo que está dicionarizado. O dicionário goza de um status privilegiado, pois figura como obra de referência para um falar ‘correto’. Não se percebe, porém, muitas vezes, o valor didático que esta obra apresenta pelas diversas informações que oferece acerca da língua.

Para Nunes (2006), as significações dos dicionários “não são aquelas que se singularizam em um texto tomado isoladamente, mas sim as que se sedimentam e que apresentam traços significativos de uma época”. O dicionário é, então, mais que uma simples lista de definições de palavras corretas. Ele é um discurso no qual se percebe a cultura de uma época em uma dada sociedade, de seus falantes e da sua interferência na língua. A partir da análise de dicionários, pode-se perceber uma vasta gama de historicidade e cultura compartilhadas pela sociedade de fala, sendo este, pois, um rico instrumento de conhecimento de mundo.

Utilizado no processo de ensino/aprendizagem, o dicionário é um material didático que atua como suporte ao professor, uma vez que é elo de apresentação do léxico aos alunos. Deve, pois, ser “capaz de contribuir significativamente, pelos registros e informações que traga, para uma compreensão adequada do léxico e da ortografia do português” (RANGEL, 2011, p. 38). É nele que o aprendiz se ancora para desenvolver seu conhecimento lexical ou mesmo gramatical, criando estratégias de comunicação baseando-se na referência legitimada pelo material em si. Carvalho e Bagno (2011) apontam como procedimentos para enriquecimento do léxico: encontrar novos itens lexicais; fixar a forma do item lexical; conhecer os significados dos itens lexicais; associar formas e significados do item lexical e usar adequadamente o item lexical em novos contextos.

A adoção do dicionário em sala de aula propicia ao aluno o contato com palavras e expressões novas, desconhecidas, levando-o a conhecer diferentes

possibilidades que o léxico de sua língua pode oferecer para se comunicar. Além de permitir que o estudante tenha acesso à ortografia e a outras informações sobre a palavra consultada, como classe de palavra a que pertence, por exemplo, melhorando, assim, seu nível de leitura e de escrita. De acordo com Coroa (2011, p. 63), o dicionário funciona como um “apoio para a construção de nossa rede de conhecimentos linguísticos”, propiciando maior desenvolvimento da competência linguística do falante e de seu enriquecimento lexical.

O adequado uso do dicionário em sala de aula pode ser valioso em vários aspectos. Ele pode oferecer ao estudante mais opções de vocabulário, além de torná-lo capaz de escolher diferentes palavras, dependendo da situação comunicativa, oferecendo-lhes termos de diferentes graus de formalidade e contribuindo para o desenvolvimento de sua competência comunicativa, pois “ler um verbete de dicionário, tirá-lo do isolamento em que se encontra e colocá-lo a serviço da interpretação ou da produção de um texto envolve um exercício de abstração, de análise e inserção do texto na realidade.” (CARVALHO; BAGNO, 2011, p. 158). Dessa forma, a construção do significado que se faz com o auxílio do dicionário confere ao aluno aprendiz maior possibilidade de desenvolvimento da escrita, leitura, enriquecimento vocabular, o que proporciona autonomia de conhecimento.

Há vários tipos de dicionários, de acordo com seu objetivo e público-alvo:

- a) Gerais;
- b) Escolares;
- c) De aprendizagem;
- d) Especiais;
- e) Especializados.

Aqui, baseamo-nos em Pontes (2009) para defini-los.

Os dicionários gerais pretendem apresentar boa parte do léxico de forma não muito detalhada, pois, como se destina ao público em geral, pressupõe-se que este possua bom domínio da língua por ser falante adulto. Apresenta uma grande quantidade de palavras e busca abarcar o léxico completo ou quase completo de uma língua. Em português, o mais comum e mais tradicional é o Aurélio.

Os escolares são os que se pretendem para uso de falantes nativos da língua que estejam em fase de aprendizagem e consolidação do léxico materno. Destinam-se aos estudantes dos ensinos Infantil, Fundamental e Médio. Devem priorizar o léxico que atenda as necessidades do usuário e apresentar-se de forma pedagógica que facilite a compreensão por parte de alunos e professores. Os dicionários para este fim são avaliados pelo MEC e precisam ser aprovados para serem entregues às escolas. São exemplos:

Dicionário Infantil Ilustrado (Tipo I), Dicionário Aurélio Ilustrado (Tipo II), Dicionário da Academia Brasileira de Letras (Tipo III) e Dicionário Houaiss Conciso (Tipo IV).

Os dicionários de aprendizagem são os que se destinam aos estudantes de língua estrangeira. Podem ser monolíngues, bilíngues ou semibilíngues. Geralmente são usados por estudantes de língua estrangeira, pois auxiliam o aprendiz no conhecimento da nova língua e sua cultura. São exemplos: Oxford para o inglês e Señas para o Espanhol.

Os dicionários especiais são os que tratam de uma parte específica do léxico da língua. Podem ser de regionalismos, gírias, ou mesmo os que apresentam tratamentos gramaticais como os dicionários de conjugação e de sinônimos. Eles são especiais porque seu foco não é o léxico geral da língua, mas uma parte dele. Também podem ser específicos dos estudos da língua como o dicionário de Análise do Discurso.

Os dicionários especializados tratam de uma determinada área, científica, técnica ou artística, apresentando ao público-alvo as palavras ou expressões especializadas comuns àquela área do conhecimento. Está voltada para pessoas que sejam da área em questão ou que desejem obter conhecimento sobre elas. Podemos citar os dicionários médicos, os relacionados ao Direito, à Arquitetura etc.

Quanto à organização da nomenclatura, os dicionários podem ser onomasiológicos ou semasiológicos. Os do primeiro tipo organizam seus verbetes em torno de um conceito, ou seja, partem de uma ideia para as palavras ou expressões relacionadas a ele. Já os do segundo tipo de organização apresentam-se da forma inversa, parte-se das palavras ou expressões para os conceitos que elas expressam.

Aqui nos interessam os dicionários escolares, de orientação semasiológica, que são, geralmente, aqueles que têm por fim a apresentação do léxico de uma língua materna a falantes nativos dessa língua e que estão em fase de consolidação e desenvolvimento lexical. Os dicionários escolares são “obras monolíngues usadas por escolares que se encontram em fase de aprendizagem de sua própria língua” (PONTES, 2009, p.32). Esse tipo de dicionário é voltado pra estudantes do Ensino Fundamental ou Médio e apresenta número determinado de palavras. Diferem dos infantis pela quantidade de palavras e da forma como estas se apresentam.

A importância dos dicionários no processo de ensino/aprendizagem levou o Ministério da Educação (MEC) a inseri-los no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) – programa do MEC que visa a avaliação de livros didáticos – e este passou a analisar os dicionários escolares de língua portuguesa e a distribuí-los nas escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio de todo o Brasil. Para o Ministério da Educação (2012), os dicionários são

descrições mais ou menos extensas, mais ou menos detalhadas, do léxico de um idioma. Resultam de crenças teóricas distintas, quanto à natureza da língua e/ou do léxico, e podem organizar-se de formas bastante diversas, visando públicos e objetivos distintos, na forma de uma determinada **proposta lexicográfica**. (p. 13, grifo do autor)

Visando a um melhor trabalho por parte dos professores, em conjunto com o livro didático, os dicionários distribuídos foram avaliados com relação a sua proposta pedagógica e lexicográfica que deveria estar de acordo com o nível ao qual se destina o material, além de estarem baseados no uso do português brasileiro, tanto nas definições quanto nos exemplos.

De acordo com a publicação que acompanha o acervo, *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula* (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2012), há três grupos de dicionários que podem ser encontrados em escolas brasileiras de ensino básico. Os dicionários do primeiro grupo são voltados para os anos iniciais do Ensino Fundamental incluindo crianças de 6 a 8 anos. O segundo grupo é voltado aos anos finais do primeiro segmento do Ensino Fundamental e que se aproxima do dicionário de uso geral. O terceiro grupo possui dicionários voltados ao Ensino Fundamental II, já é um minidicionário de uso geral e pode ser usado por qualquer adulto para sanar pequenas dúvidas de vocabulário. Em 2012, dicionários para o

Ensino Médio também foram inserido no PNLD, dando origem a um novo grupo de materiais.

Quanto aos tipos, os dicionários podem ser do Tipo 1, Tipo 2, Tipo 3 ou Tipo 4. Os dicionários do Tipo 1 são usados no 1º ano do Ensino Fundamental e possuem até 1.000 verbetes. Esse dicionário mescla linguagem verbal e não verbal e tem o objetivo de apresentar o léxico a estudantes que estão tendo o primeiro contato com a língua escrita de forma sistemática.

O Tipo 2, destina-se aos alunos do 2º ao 5º ano e possuem até 15.000 verbetes. Esse dicionário é voltado para estudantes em uma fase mais avançada, porém ainda em um momento de conhecimento do léxico. É comum ainda mesclar texto verbal e imagético nestes materiais.

O Tipo 3 é voltado para o Ensino Fundamental II, que equivale do 6º ao 9º ano, e devem ter até 35.000 verbetes. Destinado a um público mais experiente com relação ao léxico da língua, o dicionário desse tipo já é considerado um minidicionário, pois apresenta apenas linguagem verbal, aproximando-se do dicionário geral de língua.

Concernente a essas características, Krieger (2004/2005) afirma que o caráter escolar dos dicionários centra-se mais em seu tamanho reduzido que em sua capacidade pedagógica. Welker (2008), por sua vez, chama a atenção para o traço pedagógico destes dicionários, a escolha da nomenclatura e o tratamento dado a elas diferenciam um dicionário verdadeiramente escolar de um que teve apenas a nomenclatura reduzida para ser adotado como tal.

Há ainda o Tipo 4, destinado ao Ensino Médio com, no máximo, 100.000 verbetes. Este dicionário pode ser comparado, quanto ao tamanho, com o dicionário geral, pois se destina a um público do qual se espera que tenha um conhecimento maior sobre o léxico da língua. No quadro a seguir, sintetizamos as características dos tipos de dicionários recomendados pelo programa do MEC.

Quadro 7 – Características dos tipos de dicionários recomendados pelo PNLD²³

Tipo	Ano/Ensino	Características
Tipo 1	1º ano do EF	<ul style="list-style-type: none"> · Apresentam cerca de 1000 palavras; · Campo temático infantil; · Quadros temáticos; · Ilustrações; · Destinados a alunos que dominam o alfabeto e decodificam palavras gráficas.
Tipo 2	2º a 5º ano do EF	<ul style="list-style-type: none"> · Possuem de 5000 a 15000 palavras; · Nomenclatura selecionada; · Informações semânticas e gramaticais; · Universos ficcionais ilustrados.
Tipo 3	6º ao 9º ano do EF	<ul style="list-style-type: none"> · Registram entre 19000 e 30000 palavras; · Incluem palavras de todas as classes e tipos, inclusive siglas e símbolos; · Estrutura de verbete mais complexa; · Informações linguísticas mais complexas; · Linguagem impessoal.
Tipo 4	EM	<ul style="list-style-type: none"> · Acima de 40000 verbetes; · Aproxima-se do dicionário padrão; · Baseiam-se em corpora de referência; · Grande número de informações sobre as palavras registradas.

Fonte: elaborado pela autora.

Em suma, o dicionário é um material didático que auxilia no ensino e aprendizagem de línguas. Existem vários tipos, formas e meios de divulgação, a depender do objetivo que se pretende alcançar. Aqui, consideramos apenas os escolares, aqueles que têm como objetivo auxiliar estudantes na aquisição e melhor conhecimento do léxico de sua língua, no caso a língua portuguesa no âmbito da língua materna.

Após a exposição acerca dos dicionários, sua organização e relevância, faz-se necessário abordar o tratamento dos fraseologismos nesses materiais, o que fazemos a seguir.

A fraseologia, conforme já foi dito, compreende um grupo de expressões que estão compostas por várias lexias, que ocorrem sempre juntas de maneira fixa e

²³ As características apresentadas no quadro podem ser vistas no material do Ministério da Educação que acompanha os dicionários, intitulado *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula* (2012), organizado por Ergon de Oliveira Rangel.

que apresentam um significado único, relativo ao bloco de palavras e não às suas partes isoladas. Essas características dos fraseologismos dificultam o tratamento desses elementos linguísticos em materiais didáticos como livros e dicionários.

A não sistematização destas unidades, bem como seu caráter de exceção às regras ou mesmo o caráter popular presente nestas expressões não permitiu, por muito tempo, que fossem objetos de estudo da ciência linguística e do fazer lexicográfico. O desenvolvimento da teoria fraseológica tem contribuído para a inserção dessas unidades em ditos materiais. No entanto, as controvérsias e a falta de consenso fraseológico ainda comprometem o fazer lexicográfico com os fraseologismos. Sobre essa dificuldade, Martínez López (2007, p.55) coloca que

Estas unidades pluriverbais foram se incorporando ao corpo dos dicionários de modo pouco exaustivo e instável devido à falta de estudos práticos aprofundados que tivessem como objeto o levantamento de material. No entanto, o problema maior tem sido, sem dúvida, intercalar tais unidades em um dicionário de língua (de uso), cujo planejamento teórico e metodológico estava orientado para o tratamento de unidades monoverbais (vocábulos) e não pluriverbais (unidades fraseológicas), o que propiciou certa lacuna entre a metodologia e a heterogeneidade dos elementos tratados.²⁴ (MARTÍNEZ LÓPEZ, 2007, p.55)

Todavia, o conhecimento dos fraseologismos é importante não apenas para produção de textos, mas também para a recepção deles, ou seja, é importante tanto compreender quanto utilizar essas expressões para ser considerado um falante competente na língua que se fala. E isso não se aplica somente a falantes não nativos, pois os falantes nativos de uma língua, muitas vezes, não dominam todas as expressões fixas presentes em sua língua materna. Então, torna-se importante a inserção do maior número possível destas expressões nestes materiais.

Espera-se, pois, que essas expressões utilizadas por falantes de maneira tão natural estejam inseridas nesse material, especialmente em dicionários voltados ao ensino da língua a falantes que a tenham como língua materna, uma vez que as

²⁴ “Estas unidades pluriverbales han ido incorporándose al cuerpo de los diccionarios de modo poco exhaustivo y vacilante, dada la falta de estudios prácticos de gran profundidad que tuviesen como objeto la recogida de material. Sin embargo, el problema mayor ha sido sin duda el intercalar tales unidades en un diccionario de lengua (de uso), cuyo planteamiento teórico y metodológico estaba orientado para el tratamiento de unidades monoverbales (vocablos) y no pluriverbales (unidades fraseológicas), lo que ha propiciado un cierto desfase entre la metodología y la heterogeneidad de los elementos tratados.” (Martínez López, 2007, p. 55)

palavras de sentido literal podem ser compreendidas em associações livres ao passo que “os usos figurados, no entanto, são muitos e são os que não são iguais em todas as línguas, ao contrário do sentido literal. E estes sentidos não literais se revelam por meio das palavras que rodeiam a palavra” (HUMBLÉ, S/D, p.20).

No entanto, a organização de um dicionário não é algo simples, depende de tempo, espaço (no caso dos impressos) e, muitas vezes, deixa a desejar no que concerne ao tratamento do que é considerado ‘conhecimento compartilhado dos falantes’ ou ‘expressões populares’. Para Welker (2011), todos os fraseologismos, especialmente colocações e expressões idiomáticas, devem ser incluídos nos dicionários gerais. Porém o autor chama a atenção para as dificuldades encontradas pelos lexicógrafos na organização dos dicionários, como a distinção entre as várias categorias de fraseologismos. Além das já citadas, ele cita ainda a questão econômica, uma vez que os dicionários requerem grandes investimentos e são feitos para fins de comercialização.

Referente às EI especificamente, Welker (2011) pontua que por serem unidades lexicais com significados próprios, elas deveriam ser lematizadas individualmente, ou seja, deveriam ser dadas como entradas independentes. Visto que essa prática não é utilizada em dicionários de língua geral, propõe-se que estas estejam dentro dos verbetes, ao final, porém com indicações ou marcas gráficas de que são EI e as instruções de como encontrá-las no material devem estar na apresentação ou guia e uso do dicionário, o que facilitaria a busca por parte do consulente. O autor sugere ainda que precisa haver, dentro da microestrutura, uma ordem das expressões apresentadas que levem em consideração sua estrutura baseada nas classes das palavras que as compõem.

Acreditamos que a dificuldade de inserir os fraseologismos em dicionários de língua geral deve-se a alguns fatores, como: a) o fato de que essas expressões diferem das palavras livres por serem unidades compostas ao passo que as palavras livres apresentam apenas um elemento componente; b) a dificuldade de determinar o local de entrada dessas expressões devido a suas características de polilexicalidade, idiomaticidade e fixação; c) resquícios históricos da ideologia de que a palavra é o foco do dicionário e que as expressões estão subordinadas a elas. Os fraseologismos, além de apresentarem pluriverbalidade, apresentam significados

que, muitas vezes, não correspondem a essas lexias, causando problemas de ordem sistemática quando de sua inserção nos dicionários.

A fixação dessas unidades também pode ser um problema na hora da dicionarização, pois se forem apresentadas na microestrutura de verbetes tendo um de seus elementos como palavra-entrada, há que haver uma escolha de qual elemento será a cabeça do verbete que dará entrada às expressões. Coseriu (1981) já propunha uma ordem hierárquica para a inserção das fraseologias nos dicionários conforme a classe de palavras de seus elementos componentes, a saber: nome, verbo, adjetivo, pronome, advérbio.

Sobre a inserção destas expressões nos dicionários, Biderman (2002, p.87) faz a seguinte afirmação:

Existe toda uma gama de graus de lexicalização entre os elementos de uma combinatória lexical – dos sintagmas cristalizados como lexias compostas e/ou complexas às unidades fraseológicas, às *expressões idiomáticas*. Estas unidades complexas, contudo, têm uma coesão interna do ponto de vista semântico, fato esse que deveria levar o dicionarista a individualizá-las como unidades já consolidadas do léxico. Nesse caso essa unidade complexa deveria constar como *entrada* (grifo nosso) do dicionário; a hipótese contrária implicaria a inclusão de tais combinatórias ou fraseologias como subentradas no interior de um verbete, cabendo também ao dicionarista decidir onde elas melhor se encaixariam. (BIDERMAN, 2002, p.87)

Nota-se, pois, que a ideia de que as expressões sejam dadas como entradas autônomas é compartilhada por lexicólogos e lexicógrafos, posto que são unidades fixas que correspondem a uma única lexia. Referente ao fato de quais fraseologismos devem ser inseridos no material, Welker (2011) afirma que o ideal seria que todos os fraseologismos presentes na língua fossem contemplados, entretanto, não sendo exequível, que seja contemplado o maior número possível destas expressões, especialmente as de maior recorrência na língua.

Todavia, sobre o que não há dúvidas é de que a inserção dos fraseologismos se faz necessário, pois o léxico de uma língua não é formado apenas de lexias simples, mas sim de lexias complexas, formadas por duas ou mais palavras. Um material que se pretende facilitador do aprendizado lexical deve também trazer estas expressões, pois “são a parte mais própria e idiossincrática de uma língua e nos permite conhecer um conjunto de expressões que fazem parte do cotidiano da língua desta comunidade” (SANTAMARÍA PÉREZ, 2000, P.7)

Alguns teóricos se dedicam ao estudo das EI em materiais didáticos, especificamente em dicionários, gerais ou especiais. Um estudo similar ao que nos propomos em nosso objetivo foi desenvolvido por Pontes (2011) em um artigo no qual o autor verificou o tratamento dos fraseologismos em dicionários escolares quanto ao local de apresentação dentro dos verbetes e quais os tipos de fraseologismos que seriam abordados nestes materiais. Pontes (2011) constatou que elas se apresentam, geralmente, nas subentradas, mas também nas definições e nos exemplos. Quanto aos fraseologismos encontrados, há várias categorias, porém sem distinção clara entre eles.

Devido à dificuldade de inserir os fraseologismos nos dicionários gerais, há propostas de que ditas unidades sejam organizadas em dicionários especiais nos quais sejam elencadas em sua totalidade, de maneira didática e com propósitos definidos. Nessa vertente, encontramos o trabalho de José Pereira da Silva, Dicionário Brasileiro de Fraseologia. Nessa obra, apresentam-se várias categorias de fraseologismos, em ordem alfabética, de uso corrente no português do Brasil. As expressões são reunidas em torno de uma lexia comum pertencente a todas. Assim, busca-se a expressão por seu núcleo que pode ser um substantivo, adjetivo, verbo ou advérbio.

As expressões idiomáticas, assim como as demais categorias de fraseologismo – colocações, provérbios - devem constar nos dicionários gerais para que estejam acessíveis a um maior número de pessoas. Obras especiais que tratam dessas unidades, no entanto, são ideais para que um número maior delas seja contemplado.

Todavia, esses materiais especiais não chegam com facilidade aos estudantes do Ensino Fundamental das escolas regulares, o que faz com que fiquem restritas ao meio acadêmico ou a quem possa adquiri-las. Por isso, defendemos que ditas expressões devem constar nos dicionários de língua geral, mais precisamente naqueles aos quais os estudantes têm acesso, os dicionários escolares que compõem o acervo das escolas de educação básica e que são recomendados pelo Ministério da Educação - MEC.

A seguir, apresentamos a metodologia deste trabalho. Para isso, discorreremos como se deu a composição do *corpus* e quais categorias de análise foram definidas para que alcançássemos o objetivo principal.

4 METODOLOGIA: O CAMINHO DAS PEDRAS

"Antes que você possa alcançar o topo de uma árvore e entender os brotos e as flores, você terá de ir fundo nas raízes, porque o segredo está lá. E, quanto mais fundo vão as raízes, mais alto vai a árvore."

(Friedrich Nietzsche)

As unidades fraseológicas são expressões utilizadas em todas as línguas. Na comunicação do dia a dia, nas propagandas de televisão, nos jornais e revistas, em todo lugar que encontramos manifestação linguística, encontramos unidades fraseológicas. Embora sejam consideradas por muitos como expressões de pouco valor, basta-nos uma procura rápida nos jornais e revistas que diariamente circulam em nosso país para comprovarmos que os fraseologismos fazem parte da cultura linguística dos falantes, sejam eles de classe social alta ou baixa. Todos os falantes compartilham e utilizam em seu discurso, formal ou informal, os fraseologismos.

Considerando que o dicionário escolar é um recurso que, juntamente com outros materiais didáticos, busca oferecer condições ao estudante de línguas para um maior conhecimento sobre seu léxico, nesta pesquisa, buscamos descrever os fraseologismos idiomáticos naqueles materiais e o atendimento às características definidas pela teoria fraseológica.

Para que nosso objetivo fosse alcançado, analisamos os verbetes lexicográficos de três dicionários escolares de língua portuguesa em busca de expressões idiomáticas em sua composição para que fossem levantados os dados para análise.

Neste capítulo, apresentamos o *corpus* da pesquisa e os critérios para sua escolha, além dos procedimentos seguidos para a análise dos dados.

4.1 O CORPUS

Esta pesquisa é de natureza qualitativa/interpretativa, de caráter descritivo, uma vez que descrevemos, analisamos e interpretamos os dados

encontrados na análise dos dicionários, considerando sua relevância para o desenvolvimento da função social de contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa do falante.

Para a constituição do *corpus*, tomamos como base o Programa Nacional do Livro Didático, programa realizado pelo Ministério da Educação que tem como objetivo analisar os livros didáticos e outros recursos didáticos escolares, como os dicionários, e recomendá-los para uso nas escolas públicas do país.

Escolhemos, então, três dicionários escolares recomendados pelo MEC em 2012 e destinados aos anos finais do Ensino Fundamental. Para isso, adotamos os seguintes critérios de escolha:

a) ser um dicionário escolar; b) ser do tipo 3, ou seja, ser destinado ao Ensino Fundamental II e c) estar entre os dicionários indicados pelo PNLD. A escolha desses critérios deve-se ao fato de que os estudantes do Ensino Fundamental se encontram ainda em fase de consolidação lexical e também pelo acesso desses estudantes a esses materiais, já que são distribuídos pelo MEC nas escolas públicas de todo o país. Logo, escolhemos os seguintes materiais:

Quadro 8 – Dicionários utilizados para análise

Acervo Tipo 3 – 6º AO 9º ANO – ENSINO FUNDAMENTAL	
Editora	Título
Lexikon Editora Digital Ltda	Caldas Aulete Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa
Companhia Editora Nacional	Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras - Língua Portuguesa
Saraiva SA Livreiros Editores	Saraiva Jovem - Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado

Fonte: Adaptado de Rangel (2011).

Os dicionários elencados acima propõem ao consulente um amplo vocabulário de língua portuguesa e se consideram essenciais para todos que pretendem desenvolver a sua competência comunicativa em língua portuguesa, além de oferecer expressões idiomáticas e notas culturais.

O *Dicionário escolar da língua portuguesa* (2012), da Academia Brasileira de Letras, foi escolhido pela instituição que representa e por a ABL ser, supostamente, a maior representante da língua nacional e por seu prestígio ante a sociedade. O material contém 1312 páginas e apresenta mais de 30 mil verbetes. Traz em sua macroestrutura um estudo sobre o verbo em língua portuguesa, história da língua portuguesa, formação de léxico português e uma seção sobre o novo acordo ortográfico que rege a língua portuguesa.

O *Caldas Aulete* (2012) figura na lista por sua tradição nos estudos lexicográficos no Brasil, uma vez que desde 1881 contamos com o *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, organizado, em parte, pelo lexicógrafo com esse nome. O dicionário com 1008 páginas traz quase 30 mil verbetes. Apresenta, ainda, informações sobre o léxico e gramática da língua portuguesa e informações, além de uma minienciclopédia que contém informações históricas e geográficas.

O terceiro, *Saraiva Jovem ilustrado*, foi escolhido por trazer como atrativo o fato de conter imagens voltadas aos jovens e por apresentar uma linguagem mais próxima da faixa etária a qual se destina. Com 1290 páginas, o dicionário contém mais de 19000 verbetes. Em sua macroestrutura, apresenta o guia de uso ao consulente e as principais mudanças ocorridas com o Novo Acordo Ortográfico que entrou em vigor em 1º de janeiro de 2009.

Figura 2 – Dicionários analisados

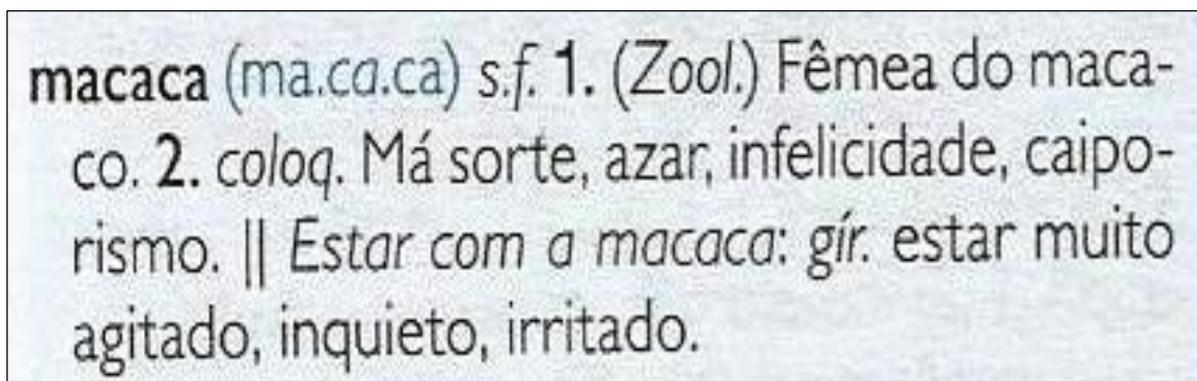


Fonte: Google images.

O *Dicionário escolar da língua portuguesa* (D1) da Academia Brasileira de Letras (ABL) apresenta mais de 30.000 verbetes. Na seção “Como usar este dicionário”, apresentam-se a organização do verbete e as informações constantes nele. Quanto aos fraseologismos, explicita-se que as locuções e fraseologias, com esta denominação, virão em itálico, com inicial em maiúscula e definição em redondo. Estarão dentro do lema (entrada principal) que é uma das palavras

presentes na expressão. Barras verticais (||) indicam a primeira expressão e pontos em negrito antecedem as demais unidades. Há ainda menção às expressões com valor de substantivos que são denominadas unidades fraseológicas. De acordo com o guia de uso, essas expressões devem ser grafadas sem hífen e no corpo do dicionário são entradas próprias. Vejamos como exemplo o verbete ‘macaca’ que contém a expressão idiomática ‘estar com a macaca’.

Figura 3 – Verbetes no dicionário da Academia Brasileira de Letras



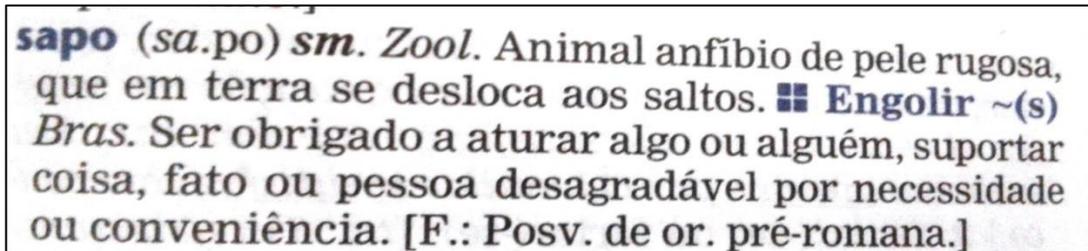
Fonte: Dicionário escolar da língua portuguesa da ABL (p. 802).

Caldas Aulete dicionário escolar da língua portuguesa (D2) apresenta 29.431 verbetes baseados, segundo consta na introdução, em *corpora* estruturados para pesquisa, além de textos de autores brasileiros, jornais, canções etc. Em seu guia de uso, o dicionarista nos apresenta cada parte que compõe o verbete na obra e determina o espaço no qual são inseridas as locuções ou expressões idiomáticas. Essas expressões são definidas como aquelas nas quais os “vocábulo assumem, naquele contexto, um sentido diferente daqueles que normalmente têm, constitui uma unidade de significado, ou seja, uma unidade léxica.” (AULETE, 2012 p. xiv). Os termos ‘locução’ e ‘expressão idiomática’ são usados como sinônimos, portanto, sem distinção no guia de uso.

O dicionarista chama a atenção para o grande número destas lexias na obra e informa que se considerou sua recorrência para a escolha de sua inserção na nomenclatura. As expressões são dadas como subentradas em verbetes “de todas as classes gramaticais” (Idem), são indicadas por um quadrado (■), escritas em

negrito e organizadas em ordem alfabética, dentro do verbete. A seguir, apresentamos um exemplo de verbete com expressão idiomática:

Figura 4 – Verbetes no dicionário Caldas Aulete



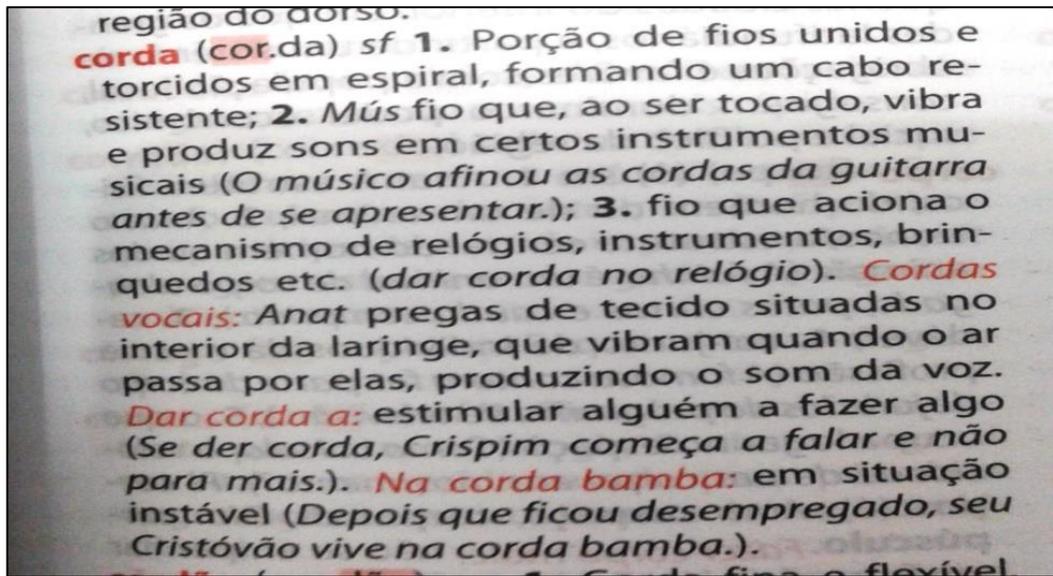
Fonte: Dicionário escolar da língua portuguesa Caldas Aulete (p. 785).

Saraiva jovem (D3), em sua apresentação, informa que as palavras ali definidas foram escolhidas com base em *corpora*, além de materiais didáticos destinados aos jovens, rádio, internet, jogos, revistas etc. o que justifica a inserção de palavras como *podcast* e *micareta*. Ratifica que segue padrão estabelecido pelo PNLD e que é um material voltado a um público específico, os jovens, e, portanto, com fins específicos.

O referido dicionário traz verbetes coloridos e mais de 500 ilustrações que visam facilitar sua compreensão e, na expectativa de dialogar com os jovens, 70 tirinhas fazem parte do material. Segundo as informações contidas nos dicionários, há mais de 1600 expressões idiomáticas, registros de formalidade, regionalismos e exemplos próximos à realidade do estudante, retirados de textos voltados a eles ou clássicos da Literatura.

Há a informação de que as expressões idiomáticas estão ao final do verbete, com entrada colorida (em vermelho) e que são abordadas as mais comuns no dia a dia. As locuções, segundo o guia do dicionário, são “formadas por mais de duas palavras, representam uma única unidade semântica e aparecem em destaque colorido.” Há a informação de que algumas locuções que derivam de substantivos terão entrada própria, seguindo o novo Acordo Ortográfico. Vejamos como as expressões idiomáticas estão inseridas nos verbetes, com o exemplo de ‘corda’:

Figura 5 – Verbetes no dicionário Saraiva Jovem



Fonte: Dicionário Saraiva jovem ilustrado (p. 261)

Após a escolha dos dicionários e leitura de suas introduções, procedemos ao levantamento das expressões idiomáticas presentes em cada um deles. O levantamento foi feito de forma manual, verbete a verbete, uma vez que os dicionários em questão são impressos e sem versão eletrônica que os acompanhe.

Após a identificação das expressões, realizamos a digitação para a criação de um *corpus* digital com o qual pudéssemos realizar a análise dos elementos linguísticos.

Após a digitação, as expressões de cada dicionário foram organizadas pelas palavras que davam entrada ao verbete, seguidas das informações constantes na microestrutura do verbete analisado: marcas de uso, definição, exemplos, abonações etc. Encontramos no D1 945 expressões idiomáticas, 1061 no D2 e 745 no D3. Para organização dos dados, retiramos as expressões repetidas e totalizamos 1537 expressões distintas nos três dicionários analisados. A partir de então, procedemos à análise propriamente dita.

4.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Para o alcance do objetivo de analisar o tratamento das EI nos dicionários escolares, a análise foi dividida em duas partes. Na primeira, avaliamos as características das expressões identificadas nos materiais. Na segunda parte, tratamos da localização das EI nesses materiais e a organização da microestrutura no que se refere a subentradas, marcas de uso e exemplos. Para procedermos à análise, delimitamos as seguintes categorias em função dos objetivos específicos propostos:

- a) O dizer do dicionarista na introdução do dicionário sobre as expressões idiomáticas;
- b) As características de fixação e idiomaticidade nas expressões identificadas;
- c) A estrutura das EI identificadas nos dicionários;
- d) As expressões idiomáticas que contêm palavra especial em sua estrutura;
- e) As variações possíveis nas expressões idiomáticas;
- f) A entrada das EI nos materiais analisados;
- g) As marcas de uso utilizadas para as EI;
- h) A exemplificação dessas expressões nos dicionários analisados.

A partir da megaestrutura dos dicionários, analisamos a apresentação dos materiais e verificamos as instruções dos dicionaristas ao consulente no que se referem aos fraseologismos: quais seriam contemplados, qual a sua localização e como são identificados. Em seguida, confrontamos essas informações com o que há na macroestrutura dos materiais analisados.

Partindo da teoria fraseológica, verificamos em que medida as expressões constantes no nosso corpus atendem às características atribuídas pela teoria fraseológica: fixação e variação fraseológica, idiomaticidade, palavra especial, além da estrutura das fraseologias constantes.

No que concerne à macroestrutura, verificamos as entradas dos verbetes que contêm as expressões idiomáticas e qual dos elementos (classes de palavra) constituintes da expressão ocupa esta posição.

No que se refere à microestrutura, analisamos as informações contidas sobre a EI referentes a marcas de uso e exemplos.

Por fim, buscamos nas expressões as características que as aproximam dos traços culturais os quais a língua portuguesa reflete. Sintetizando, os procedimentos de análise são:

- a) Comparação da apresentação do dicionário com a informação contida no verbete;
- b) Identificação das características fraseológicas constantes nas expressões;
- c) Análise da estrutura das expressões identificadas nos dicionários.
- d) Identificação de palavras especiais nas expressões constantes nos dicionários.
- e) Análise da variação fraseológica presente no *corpus* analisado;
- f) Identificação do verbete de entrada das expressões nos dicionários;
- g) Identificação das marcas de uso utilizadas para as expressões;
- h) Análise dos exemplos usados para as expressões idiomáticas.

Para que cada procedimento fosse realizado, baseamo-nos na teoria lexicográfica e fraseológica e realizamos uma busca manual, verbete a verbete, para a identificação das expressões que apresentam idiomaticidade. Elas foram identificadas dentro dos verbetes e destacadas para posterior digitalização.

Dentro da superestrutura, encontramos todos os componentes do dicionário, desde a apresentação ou introdução a algum elemento pós-textual que possa acontecer, como a apresentação de um minieniclopédia. Dentro dessa superestrutura, temos a apresentação, em que o dicionarista guia o leitor, dando-lhe informação sobre como consultar o material, que informações ele encontrará e onde irá encontrá-las. É na apresentação do dicionário que buscamos as informações sobre os fraseologismos e contrastamos com as informações encontradas no corpo

do dicionário. Para isso, tomamos como referência Pontes (2009) e Welker (2004) na definição das partes que compõem o dicionário e suas características.

Na macroestrutura, analisamos onde são inseridas as expressões idiomáticas, se em entradas autônomas ou subentradas. Nas subentradas, verificamos quais as palavras-entradas dos verbetes que apresentam EI, qual classe de palavra dá entrada às EI e qual a explicação para a inserção dessas expressões em subentradas ou entradas próprias.

Na microestrutura do verbete, analisamos onde se localizam as expressões, quais as classificações dadas a elas e os exemplos que são apresentadas para estas expressões. Para a análise da exemplificação das EI, tomamos como base a classificação de Pontes (2009) que divide os exemplos em a) autênticos; b) fabricados e c) adaptados e analisamos a indicação sobre eles na introdução do dicionário e sua apresentação na microestrutura dos verbetes.

Referente às marcas de uso, tomamos como base a definição de que elas são marcas que indicam o nível de linguagem, regionalismo ou grau de (in)formalidade presente nas expressões. Analisamos quais marcas de uso são apresentadas para as expressões idiomáticas e as informações sócio pragmáticas que podemos inferir dessas marcações.

No que tange às características das expressões, analisamos as seguintes características.

Quanto à fixação e idiomaticidade, seguimos a proposta de alguns teóricos que propõem que as características das fraseologias em geral seguem um contínuo de gradação que vai do mais característico ao menos característico. (ZULUAGA, 1980, RUIZ GURILLO, 1997). Traçamos um contínuo, onde inserimos as expressões quanto às características definidoras dos fraseologismos, baseados no conceito de centro e periferia.

Concernente à tipologia das EI, baseamo-nos na proposta de Xatara (1998). Com uma classificação que considera sua estrutura, a autora identificou EI como sintagmas nominais, verbais, adjetivos, adverbiais e frasais por sua possibilidade de serem substituídas por uma dessas classes gramaticais ou por representarem o que representariam essas classes. Assim, as EI funcionam como substantivos, verbos, adjetivos, advérbios e frases, geralmente exclamativas.

Verificamos se as EI que compõem o *corpus* atendem a essas categorias estruturais.

Referente à variação fraseológica, tomamos como base a proposta de Zuluaga (1980) que chama a atenção para a variação fraseológica nos seguintes pontos: quando a mudança é pequena e não interfere no valor semântico, *Pôr as barbas de molho / Botar as barbas de molho / Colocar as barbas de molho*. Quando ocorre alteração de significado, mesmo que seja pequena a alteração, ocorre modificação das unidades fraseológicas.

Unidades pouco diferentes com significados distintos. Por exemplo, “dar um fora”, “dar um fora em” e “dar o fora” são, de acordo com o autor, variação, pois significam cometer uma gafe, rejeitar namoro, convite ou tratar com desdém e fugir, respectivamente.

O autor define como unidades fraseológicas sinônimas aquelas que são diferentes em sua composição, porém levam ao mesmo significado. Essas podem ser completamente diferentes na forma, serão sinônimas se apresentarem o mesmo significado. As antônimas, por sua vez, são as que apresentam significados contrários. Neste quesito, verificamos em nosso corpus:

Variação morfológica;

Variação lexical;

Unidades sinônimas.

Quanto à presença de palavras especiais, referenciar-nos-emos em Tristá (1988) que classifica como um dos indicadores de fraseologismos a presença de palavra especial, ou seja, uso de uma lexia que só é usada ou só tem sentido dentro da expressão. Isso se deve ao fato de ser uma palavra arcaica, histórica ou uma prosopopeia, por exemplo. Zuluaga (1975) chamava a atenção para essas palavras que só possuem sentido dentro da expressão ou que só quem detém conhecimento em determinada área pode compreendê-la isoladamente, como é o caso de palavras terminológicas de áreas específicas. São, para o autor, “elementos únicos, incompreensíveis fora de sua correspondente”. (p. 232)

Para melhor organização, já que tudo foi feito manualmente, criamos quadros nos quais organizamos os dados para análise que nos ajudaram na interpretação. Após a digitação, as EI foram inseridas nos quadros para que fosse realizada a contagem das ocorrências referentes a cada categoria de análise. (ver apêndices)

No primeiro quadro (apêndice A), verificamos o tratamento do fraseologismo dentro do verbete no qual se insere. Para isso, é considerado o verbete de entrada para a expressão fraseológica, marca de uso (se houver), a classificação dada pelo dicionarista, definição apresentada e, se há exemplos, que tipos de exemplos são dados, conforme o quadro seguinte:

Quadro 9 – A expressão idiomática nos dicionários

Expressão	Verbete de entrada	Marcas de uso	Definição	Exemplos de uso	Dicionários que contêm
Levantar acampamento	Acampamento	-	Ir-se embora, ou mudar de lugar ou residência levando seus pertences.	-	D1 - D2
Pagar o pato	Pato	-	Sofrer as (más) consequências da ação de outrem.	Pedro quebrou a vidraça do vizinho, mas Paulinho é que pagou o pato, pois era quem estava bem em frente à vidraça quando o vizinho veio ver o que ocorrera.(D3)	D1 – D2 – D3
Engolir sapo	Sapo	Coloq. (D1)	Aceitar um desaforo ou uma humilhação sem retrucar (D3)	Sabrina cansou de engolir sapo e resolveu romper com o namorado, que vivia cantando suas amigas. (D3)	D1 – D2 – D3

No segundo quadro (apêndice B), são consideradas as características fraseológicas apresentadas pela teoria e que norteiam este trabalho. Verificamos se as expressões encontradas apresentam as características que as definem

- a) Se são fixas; b) Se apresentam idiomaticidade; c) Qual a tipologia estrutural das EI; d) Se apresentam palavra utilizada apenas naquele contexto; e) Se permite variação.

Verificamos, portanto, se podem ser consideradas tal como estabelece a teoria. O quadro ficou conforme o seguinte exemplo.

Quadro 10 – As características das expressões idiomáticas

Expressão	FIXAÇÃO	IDIOMATICIDADE	TIPOLOGIA	PALAVRA ESPECIAL	PERMITE VARIAÇÃO
Levantar acampamento	Alto grau	Totalmente idiomática	Verbal	Não	Sim
Pagar o pato	Alto grau	Totalmente idiomática	Verbal	Não	Não
Engolir sapo	Alto grau	Totalmente idiomática	Verbal	Não	Sim

Fonte: elaborado pela autora.

Buscamos as características presentes nos quadros anteriores e interpretamos os resultados com base nas teorias fraseológica e lexicográfica, discutindo-os e, assim, descrevendo como as expressões idiomáticas são abordadas nos materiais analisados.

No capítulo seguinte, apresentamos a análise dos dados levantados nos dicionários.

5 ANÁLISE DOS DADOS: COLHENDO OS FRUTOS

“A linguagem idiomática confere à língua um carácter mais metafórico, logo mais rico, mais expressivo, menos literalizante e denotativo. Uma língua mais metafórica é mais viva, criativa e original porque dispõe da capacidade de subverter a fraseologia ou de construir novas fraseologias. É a fraseologia que dá ao texto ou discurso um determinado tom, um estilo e que reflecte valores comuns e partilhados e uma base cultural metafórica comum.”

(Guilhermina Jorge)

Realizamos esta pesquisa com o objetivo principal de verificar de que forma as expressões idiomáticas de língua portuguesa são abordadas nos dicionários escolares recomendados a professores e estudantes do Ensino Fundamental II e analisar as características dessas expressões. Para isso, identificamos as expressões presentes em três dicionários avaliados e indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Na primeira parte deste capítulo, analisamos a concepção de EI presente na parte de apresentação desses dicionários e verificamos suas características: fixação, idiomaticidade, estrutura das EI, presença de palavras especiais e variações presentes nelas. Em seguida, na segunda parte, analisamos o tratamento das EI referente a entradas, marcas de uso e exemplos. Por fim, retomamos os objetivos da pesquisa e apresentamos considerações sobre eles.

Inicialmente, encontramos 1640 verbetes contendo expressões que apresentam como principais características polilexicalidade e idiomaticidade. Entre subentradas e entradas principais, identificamos 2690 expressões nos materiais analisados. Ao desconsiderar as expressões que se repetem em dois ou mais dicionários, chegamos ao número de 1536 expressões distintas encontradas nos materiais.

5.1 CARACTERÍSTICAS DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

5.1.1 A concepção das EI nos dicionários

Inicialmente, faz-se necessário recapitular como os dicionaristas conceituam, em sua apresentação, as expressões idiomáticas e onde podemos encontrá-las. O D1 utiliza os termos “locuções”, “fraseologias” e “unidades fraseológicas” para se referir às expressões formadas por mais de uma lexia, porém não apresenta uma definição do que seriam essas expressões. Neste material, elas vêm em itálico e são indicadas por duas barras verticais (||). O D2 as denomina locuções ou expressões idiomáticas (sem distinção entre os termos), estão em negrito em matiz mais claro que a palavra-entrada e são antecedidas por um quadrado (■). No D3, são apresentados dois termos para os fraseologismos, locuções e expressões idiomáticas, sem distinção entre eles. Eles são apresentados na cor vermelha, também em matiz diferente da cabeça do verbete.

A apresentação das EI dentro desses materiais ocorre, de acordo com a indicação dos dicionaristas, na subentrada. O destaque fica por conta de símbolos que marcam a nova entrada ou cores iguais às da palavra-entrada. No entanto, notamos que, nos materiais que utilizam a mesma cor (D2 e D3), há diferença na tonalidade da cor das EI que é mais fraca que a cabeça do verbete. Isso demonstra que os dicionaristas veem as EI como elementos subordinados à palavra. Há, portanto, uma hierarquia entre essas unidades percebida nos graus de saliência das entradas e subentradas conforme afirmara Pontes (2010).

Percebemos que os autores usam os termos de maneira indistinta para se referir aos fraseologismos. Os três materiais citam as locuções, de modo genérico, para se referir às lexias compostas por duas ou mais palavras, porém adicionam outro termo (fraseologias, expressões idiomáticas) sem fazer distinção entre eles, como se fossem apenas categorias diferentes de ‘lexias compostas’. O objeto de análise deste trabalho, as expressões idiomáticas, é citado por dois dicionários, D2 e D3, embora não fique claro o que está sendo considerada como tal e sua distinção entre outros termos citados.

Locuções, fraseologias e expressões idiomáticas são termos usados para as expressões formadas por duas ou mais palavras. Notamos que os dicionaristas não fazem distinção entre eles e que propõem como localização para essas unidades linguísticas as subentradas dos verbetes. Acreditamos que esse fato se deve à inconsistência dos termos dentro da própria teoria fraseológica, conforme visto no capítulo teórico. A variedade de termos referentes aos fraseologismos pode ser a causa da inconstância desses nos materiais analisados. Como reflexo disso, as expressões idiomáticas são apresentadas ao final da microestrutura, juntamente com outros tipos de fraseologismos que possuem diferentes características, como locuções, colocações etc.

As principais características das expressões idiomáticas, como exposto no capítulo teórico, são a polilexicalidade, fixação sintática e semântica, recorrência na língua e idiomaticidade, ou seja, o valor semântico não se dá pela soma dos valores de seus componentes individuais.

No *corpus*²⁵ da pesquisa, todas as expressões são compostas por, no mínimo, duas palavras, sendo uma de valor pleno. Portanto, não consideramos para fins de análise as expressões formadas apenas por preposição e substantivo, tais como: *aos borbotões, pra burro, a cântaros* etc. por considerarmos que elas não atendem aos requisitos de expressões idiomáticas.²⁶

As expressões encontradas caracterizam-se como expressões fixas, pois elas ocorrem sempre da mesma forma, salvo os casos nos quais se permite algum tipo de variação, lexical ou semântica, por exemplo, como veremos mais adiante, e são idiomáticas em maior ou menor grau.

As expressões idiomáticas necessitam ser inseridas no discurso, funcionam como sintagmas, carecem de sujeito e complementos, portanto, permite-se em muitos casos variação de número e pessoa em seus componentes. Nos tópicos seguintes, vemos as características das expressões que compõem o *corpus*.

²⁵ As expressões idiomáticas identificadas nos três dicionários analisados compõem o anexo deste trabalho, na página 176.

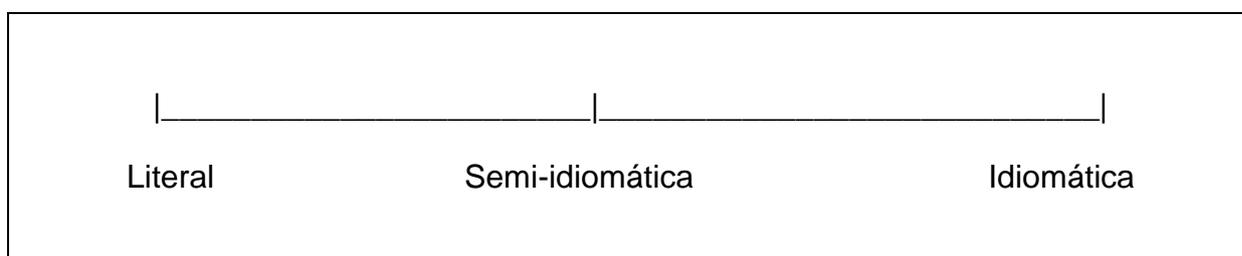
²⁶ Todos os exemplos citados neste capítulo foram retirados dos dicionários analisados e constam no anexo disponível no final do trabalho.

5.1.2 Idiomaticidade e Fixação

Neste tópico, apresentamos as características das expressões do *corpus*. Trazemos os graus de fixação e idiomaticidade presentes nas expressões.

A idiomaticidade, como já mencionada no tópico 2.1.3, ocorre em graus, podendo haver expressão totalmente idiomática, parcialmente idiomática ou não idiomática (literal). A expressão é totalmente idiomática quando a soma dos elementos constituintes não leva ao seu significado. Ela é parcialmente idiomática quando um de seus elementos componentes traz em si algo de seu valor literal. Se os elementos mantêm seus valores semânticos, a expressão é literal ou não idiomática. A idiomaticidade ocorre, pois, em um *continuum* que vai do literal ao idiomático.

Figura 6 – Continuum de idiomaticidade



Fonte: Adaptado de Ruiz Gurillo (1997).

Nesta análise, consideramos apenas as expressões semi-idiomáticas - cujo significado indica relação com os elementos componentes - e idiomáticas. As primeiras podem ser compreendidas mais facilmente por guardar certo valor semântico literal, as segundas são completamente opacas em seu significado. Analisamos as expressões encontradas cujo significado não equivale a simples soma de seus elementos componentes e chegamos aos seguintes números:

No *corpus*, 1120 expressões são totalmente idiomáticas e 415 semi-idiomáticas.

Quadro 11 – Expressões idiomáticas e semi-idiomáticas nos dicionários

Expressões idiomáticas	Expressões semi-idiomáticas
1120	415
72,96%	27.04%

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 12 – Exemplos de expressões totalmente idiomáticas e semi-idiomáticas nos dicionários

Semi-idiomáticas	Completamente idiomáticas
A pão e água	Abrir o coração
A quatro mãos	Acertar na mosca
Abrir o berreiro	Plantar bananeira
Abrir os braços a	Amostrar a asa a
Alma do outro mundo	Ser pau pra toda obra
Barriga/batata da perna	Rodar a baiana
Dar uma passada	Pagar o pato
Estar de passagem	Ganhar mundos e fundos
Não sair do papel	Comer o pão que o diabo amassou
Saltar aos olhos	Puxar o saco
Sentir na pele	Quebrar a cara
Ser bom de garfo	Quebrar o gelo
Suar em bicas	Armar um barraco
Ter em mira	Queimar as pestanas
Ter um ataque	Queimar o último cartucho
Trocar ideias	Rasgar seda
Usar a cabeça	Roer a corda

Valer a pena	Sair pelo ladrão
Varrer da memória	Santo do pau oco
Voltar atrás	Salvo pelo congo

Fonte: Dicionários analisados.

Observando o quadro anterior, percebemos que as expressões constantes na primeira coluna guardam algo de literal das palavras que as compõem ou pode-se inferir o significado pelo valor literal das lexias. Por exemplo, *não sair do papel* significa não ser realizado ou concretizado, ou seja, não sair do projeto. Da mesma forma, *abrir o berreiro* significa chorar ou gritar, sendo, portanto, a expressão compreensível a partir do conhecimento desta palavra. Diz-se, neste caso, que estas expressões são semi-idiomáticas pela baixa opacidade que apresentam.

O mesmo não acontece nas expressões presentes na segunda coluna. *Amostrar a asa a alguém* não carrega nada de literal em seu significado qual seja demonstrar interesse amoroso em alguém, pois não temos asas. O que se pode depreender é a relação metafórica existente entre humanos e animais (aves) quando acasalam. O mesmo ocorre em *armar o barraco* e *rodar a baiana* com significado de iniciar confusão, não há qualquer relação do valor literal das palavras com o significado apresentado pela expressão. Dessa forma, consideram-se estas expressões completamente idiomáticas pelo alto grau de opacidade que apresentam.

A idiomaticidade, conforme visto no capítulo teórico, é uma das principais características dos fraseologismos, porém não são todas as categorias que apresentam esta qualidade. Este é, então, um ponto que ajuda a distinguir as diferentes categorias de fraseologismo. As expressões idiomáticas são os fraseologismos mais prototípicos, elas apresentam sempre opacidade em sua composição, porém variados graus de idiomaticidade que podem tornar a expressão semi-idiomática ou totalmente idiomáticas.

Dentre as expressões que compõem o *corpus*, optamos por situá-las entre os graus de semi-idiomaticidade e idiomaticidade completa indicados na figura, porém, por se tratar de um *continuum* (figura 6), algumas dessas expressões podem

se localizar no espaço entre essas duas linhas, sem pertencer, necessariamente, às extremidades. Isso é possível dentro dos graus de idiomaticidade apontados pela teoria e caracteriza tais expressões como o que definimos como EI.

No tópico seguinte, continuamos a análise das características e passamos à tipologia estrutural das expressões que compõem o *corpus*.

5.1.3 Tipologia estrutural das EI

As expressões idiomáticas apresentam como característica o fato de não possuírem autonomia de enunciado próprio. Elas precisam estar inseridas em uma oração e necessitam de sujeito para que tenham significados contextualizados. Seguindo esta afirmação, após a análise, constatamos que as EI que compõem o *corpus* se adaptam aos tipos estruturais de EI propostos por Xatara (1998), quais sejam: verbais, nominais, adjetivas, adverbiais e frasais. Elas recebem esse nome baseado na classe de palavras às quais substituem ou pelo significado depreendido delas na oração, e não pelas palavras que a compõem. Dessa forma, uma expressão que apresente verbo não será, obrigatoriamente, verbal, seu valor na oração vai depender de qual função ela exerce. Vejamos exemplos retirados do *corpus*.

- a) As EI podem ser verbais quando funcionam como verbos, exercendo uma ideia de estado ou ação. São exemplos:

Chutar o balde (desistir)

Dobrar os joelhos (humilhar-se)

Encher linguiça (enrolar)

Ir para o brejo (fracassar)

Levantar acampamento (ir embora)

Meter a lenha (Falar mal)

Molhar a garganta (beber bebida alcoólica)

Pintar os canecos (fazer Travessuras)

Soltar foguete (comemorar)

Suar em bicas (suar muito)

b) As EI podem ser nominais quando são utilizadas como nomes, substantivos, nomeando ou sendo utilizado para referir-se a seres e coisas. A seguir, alguns exemplos:

Ajuste de contas

Bicho de sete cabeças

Bode expiatório

Cama de gato

Chove não molha

Deus nos acuda

Leão de chácara

Ninho de cobras

Paletó de madeira

Rabo de saia

c) As EI podem ser adjetivas quando, exclusivamente, denominam qualidades de seres e coisas, qualificando-os.

Água com açúcar

Cabeça chata

Cabeça de vento

Cabeça oca

Café pequeno

De arrepiar os cabelos

De cabelo na venta

Espírito de porco

Levado da breca

Ser carne de pescoço

d) As EI também podem exercer a função de advérbio, ou seja, funcionam modificando um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, dando-lhes ideia de intensidade, modo, tempo etc. Eis alguns exemplos:

A ferro e a fogo

A toda brida

Ao apagar da luzes

Com a cara e a coragem

Como um infeliz

Como uma bomba

De cor e salteado

De mala e cuia

Falar entre os dentes

Sem mais nem menos

e) Há ainda algumas EI que não se enquadram nas características de classes de palavras, são as chamadas EI frasais: possuem *status* de frase são colocadas no discurso para expressar um sentimento do falante ou mesmo para dar continuidade ao discurso. São exemplos:

Daquele jeito

De uma/ dum a figa

E por aí fora / e por aí vai

Foi mal

Haja o que houver

Não dar outra

Não há de quê

Onde já se viu uma coisa dessa?

Onde quer que

Pé na tábua

Após a identificação da tipologia das expressões que compõem o *corpus*, constatamos que elas podem ser classificadas de acordo com a classe de palavras que desempenham. Neste caso, elas podem ocupar a função de substantivo, verbo, adjetivo, advérbio e, até mesmo, de frases completas. Essa característica corrobora a afirmação de que as expressões representam uma unidade de sentido único (não composicionalidade), bem como função sintática única, embora estejam formadas por diversas palavras. Portanto, é um dos argumentos que comprovam que as EI são passíveis de serem tratadas como unidade léxica e que poderiam figurar em entradas próprias nos dicionários.

A condição das EI de apresentar, na frase, a característica de uma das classes de palavras é um argumento utilizado pelos autores dos dicionários analisados para apresentarem-nas como entradas autônomas. Porém, apenas as expressões que correspondem a substantivos recebem este tratamento e, ainda assim, essa sistemática não é seguida em toda a macroestrutura dos dicionários avaliados.

O que se percebe é que a função das EI dentro das orações é levada em consideração apenas em alguns casos, fato que corrobora a ideia de que não há sistematização no tratamento destas expressões nos materiais analisados. O D1 divide as expressões polilexicais em dois grupos: locuções e unidades fraseológicas. No primeiro grupo, estão as expressões formadas por duas ou mais palavras e, segundo as indicações que constam na introdução, são apresentadas nas subentradas. No segundo grupo, estão as expressões consideradas substantivos, portanto, estas têm entrada autônoma, de acordo com a orientação do dicionarista. No entanto, encontramos expressões como *camisa de onze varas* na subentrada e *bicho de sete cabeças* como entrada autônoma que equivalem, respectivamente, a situação de dificuldade e assunto complicado.

A mesma sistemática é utilizada pelos dicionários D2 e D3. O que muda é a nomenclatura escolhida pelos dicionaristas. No D1, utilizam-se os termos locução e expressão idiomática como sinônimas. No D3, há a distinção entre locuções e expressões idiomáticas, embora a definição apresentada seja utilizada para os dois conceitos: mais de uma palavra que representa uma unidade semântica.

No próximo tópico, analisamos como as expressões idiomáticas que contêm palavra especial são tratadas e apresentadas nos dicionários.

5.1.4 Palavra especial

Algumas expressões têm em sua composição palavras que não são usadas normalmente fora dela, como onomatopeias, arcaísmos, palavras que necessitam de sentido, palavras históricas etc. Isso ocorre por esta palavra ter caído em desuso na comunidade de fala ou não possuir significado isoladamente, a expressão, por sua vez se mantém no léxico da língua. Essas palavras são chamadas de palavra especial²⁷ e sua presença é um dos indicadores apontados para que se defina o que é um fraseologismo por Tristá (1988) e Zuluaga (1975). As palavras a seguir, presentes nos dicionários, não são constantemente usadas em língua portuguesa, a não ser nas expressões fixas que as contêm.

Quadro 13 – Palavras especiais nas expressões idiomáticas

Palavra especial	Expressão	Significado
Bedelho	Meter o <i>bedelho</i>	Intrometer-se onde não é chamado.
Beleléu	Ir para o <i>beleléu</i>	1. Morrer. 2. Fracassar.
Breca	Levado da <i>breca</i>	Muito travesso
Brida	A toda <i>brida</i>	A toda pressa
Bugalho	Misturar alhos com <i>bugalhos</i>	Tratar coisas diferentes como se fossem semelhantes
Caritó	Ficar no <i>caritó</i>	Não casar, ficar pra tia.

²⁷ Optamos por utilizar o termo 'palavra especial' por compreendermos que ele abarca as diversas palavras presentes nas expressões e que não são de uso recorrente na língua comum fora da expressão.

Carochinha	do tempo da <i>carochinha</i>	Costume ou objeto antigo
Catana	Meter a <i>catana</i>	Falar mal
Cepa	Ser de boa <i>cepa</i>	De boa origem, provindo de boa família.
Chabu	Dar <i>chabu</i>	Não sair como foi esperado, falhar.
Culatra	Sair o tiro pela <i>culatra</i>	Dar errado. Alcançar o efeito contrário.
Estribeira	Perder as <i>estribeiras</i>	Perder o controle, desnortear-se.
Expiatório	Bode <i>expiatório</i>	Pagar pelas culpas dos outros.
Goto	Cair no <i>goto</i> de alguém	Cair nas graças de alguém, agradar.
Pala	Dar uma <i>pala</i>	Dar uma pista, uma indicação, uma mostra
Pataca	Ser de meia <i>pataca</i>	De pouco valor.
Pira	Dar o <i>pira</i>	Sair apressadamente de um lugar.
Tim-tim	<i>Tim-tim</i> por <i>tim-tim</i>	Com todos os detalhes, sem omitir nada.
Useiro	<i>Useiro</i> e <i>vezeiro</i>	Que costuma fazer alguma coisa muitas vezes.
Vaca-fria	Voltar à <i>vaca fria</i>	Retomar assunto ou questão já discutido ou interrompido.
Vezeiro	<i>Useiro</i> e <i>vezeiro</i>	Que costuma fazer alguma coisa muitas vezes.

Nas expressões do quadro 13, podemos encontrar palavras como, “caritó” e “pataca”, que caíram em desuso por terem saído de uso seus referentes. Não nos referimos a prateleiras ou quartos pequenos por caritó e nossa moeda não se chama mais pataca. Os valores semânticos destas palavras, no entanto, guardam relação com as expressões em questão. Dessa forma, as expressões, por sua recorrência, foram passadas entre gerações e permanecem até hoje, com registro nos dicionários escolares analisados.

Bugalho, bedelho, brida, cepa, pala e carochinha são lexias que, isoladas, possuem valor semântico diferente ou contraditório ao que representam nas expressões, além de não serem tão usuais no português contemporâneo. “A toda brida”, por exemplo, significa ‘pressa’ enquanto “brida”, isolado, significa freio.

Algumas palavras não são usadas com frequência, embora seus significantes estejam presentes ainda em nossa língua. Por exemplo: “catana” como espada japonesa, “culatra”, a parte de trás do revólver; “chabu”, a falha de fogos de artifício; “beleléu”, lugar distante. Vale ressaltar que a última palavra é apresentada em um dos dicionários (D2) como entrada, porém apenas remete à expressão “*ir para o beleléu*” e seus significados, sem definição da palavra simples.

Outras palavras, embora não muito utilizadas pelos falantes, ajudam a compreender o significado da expressão. É o caso de “estribeira” que significa a correia que prende o estribo à sela do cavalo. Neste caso, perder as estribeiras, literalmente, leva aquele que cavalga a ficar sem rumo e, na expressão, ficar desorientado, perder o controle diante de uma situação.

Outras lexias são usadas apenas nas expressões e não têm significado por si só, como as lexias “breca”, “vaca-fria”. Goto, por sua vez, é uma forma coloquial de “glote” e usada na expressão “*cair no goto de...*”, com o sentido de agradar. Há, no D2, dois verbetes para a palavra “Pira”. No primeiro, há as definições literais, no segundo é feita apenas menção à expressão “*dar o pira*”. Já “expiatório” tem a ver com expiação, pagamento dos pecados por alguém, no caso chamado de “bode”. Esta expressão está relacionada ao fato bíblico de que os bodes eram sacrificados ou deixados à própria sorte no deserto para pagarem pelos pecados do povo de Israel.

“Useiro” e “vezeiro” é um caso à parte, as duas lexias, isoladamente, têm o mesmo significado e corresponde ao mesmo valor semântico da expressão, ou seja, a expressão é apenas um reforço do que já significaria o uso de uma das lexias. O uso da expressão demonstra a força da qualidade expressa pelas lexias em seu alto grau.

Elementos onomatopaicos são exemplificados pela expressão “tim-tim por tim-tim” que sozinha representa o barulho dos copos batendo em um brinde. Significado esse que não se mantém na expressão *tim-tim por tim-tim* que significa minuciosamente, com todos os detalhes.

Conforme o exposto, percebemos que o fato de apresentar palavra especial não configura problema quando se trata da inserção de expressões cuja entrada nos dicionários se dá pela palavra especial, ou seja, uma lexia que não é comumente utilizada pelos falantes do léxico na atualidade. Nem mesmo as palavras que não apresentam significados fora da expressão deixaram de ser dicionarizadas, o que demonstra que essas entradas se dão, especialmente, para que se possam apresentar as expressões que as contêm.

A presença de palavras especiais é um dos indicadores propostos por Tristá (1988) para que se reconheçam fraseologismos propriamente ditos. A busca por essas expressões nos dicionários analisados e a constatação de sua presença revelam que a fixação fraseológica, bem como sua recorrência contribuem para a inserção de determinadas EI neste tipo de material.

No próximo tópico, daremos continuidade às características das expressões idiomáticas com a análise das variações apresentadas por elas.

5.1.5 Variações fraseológicas

De acordo com diversos autores, a variação fraseológica é um dos traços mais controversos dos fraseologismos por ir de encontro a uma de suas principais características, a fixação. Zuluaga (1980), conforme discutido no item teórico, aborda esta característica em sua obra e distingue variação de variante. A primeira

ocorre quando as alterações nos fraseologismos não altera o significado enquanto que na segunda, sim.

Muitas vezes, uma ideia pode ser expressa por mais de uma expressão idiomática. As diferentes expressões criadas, com distintas bases metafóricas levam a um mesmo significado. As expressões sinônimas são, pois, diferentes fraseologismos, ou seja, variações em sentido amplo que, por sua vez, passam a mesma ideia, embora sejam distintas em estrutura e composição. No *corpus*, encontramos expressões sinônimas nos dicionários analisados das quais trazemos alguns exemplos a seguir. São diferentes expressões que levam aos mesmos significados e que não apresentam relação nas definições apresentadas nos materiais.

Amalucado:

D1	D2	D3
<i>Ter um parafuso de menos:</i> ser amalucado, sem juízo.	<i>Ter um parafuso a menos:</i> ser amalucado, mentalmente desequilibrado.	<i>Ter um parafuso frouxo/solto//a menos:</i> ser um pouco doido, maluco.
<i>Não regular bem:</i> não ter juízo; ser amalucado; não bater bem.	<i>Não regular bem:</i> não ser mentalmente equilibrado; ser amalucado, confuso.	<i>Não bater bem:</i> fazer algo considerado estranho; ser esquisito, amalucado.
	<i>Sofrer da bola:</i> Ser ou estar amalucado, mentalmente desequilibrado.	<i>De miolo mole:</i> sem juízo.
	<i>De miolo mole:</i> amalucado.	

Embriagar-se:

D1	D2	D3
<i>Encher a cara:</i> embriagar-	<i>Encher a cara:</i> embriagar-	<i>Encher a cara:</i> beber

se.	se.	muita bebida alcoólica; embriagar-se.
<i>Encher a caveira:</i> embriagar-se.		<i>Tomar um porre:</i> embebedar-se.

Muito caro (custar):

D1	D2	D3
<i>Pela hora da morte:</i> por preço altíssimo, muito caro.	<i>Pela hora da morte:</i> muito caro.	<i>Estar pela hora da morte:</i> custar muito caro.
<i>Custar os olhos da cara:</i> ser de preço exorbitante.	<i>Custar os olhos da cara:</i> ser caríssimo.	<i>Custar os olhos da cara:</i> ser muito caro.
<i>Ser uma nota:</i> ser de preço excessivo.		<i>A peso de ouro:</i> muito caro.

Falar mal; criticar:

D1	D2	D3
<i>Dizer o diabo:</i> falar mal de; criticar.	<i>Dizer o diabo:</i> Dizer coisas desabonadoras (de algo, alguém); criticar violentamente.	
<i>Meter a lenha em:</i> Falar mal de; criticar com maledicência e violência.	<i>Meter a lenha em:</i> Falar mal de; criticar.	<i>Meter a lenha em:</i> falar mal.
<i>Descer o malho:</i> Falar mal de; censurar, criticar, atacar.	<i>Descer o malho:</i> Falar mal de; criticar.	
<i>Meter o pau:</i> Falar mal de; criticar severamente.	<i>Meter o pau em:</i> Criticar fortemente; falar mal de.	<i>Meter o pau:</i> criticar; falar mal de.
<i>Meter a ripa em:</i> Falar mal de (alguém); criticar, arrasar.		
<i>Meter a catana:</i> falar mal.		

Bater/espancar:

D1	D2	D3
<i>Meter a lenha em:</i> surrar, bater em, espancar.	<i>Meter a lenha em:</i> surrar.	<i>Meter a lenha em:</i> bater, surrar.
<i>Baixar/sentar o pau em:</i> Dar uma surra em; dar pancada em.	<i>Baixar o pau em:</i> dar pancada em.	<i>Dar/levar/tomar um pau em:</i> dar ou tomar uma surra.
<i>Baixar/descer/sentar o sarrafo em (alguém):</i> surrar, espancar.	<i>Baixar o sarrafo (em):</i> distribuir pancada; espancar.	<i>Baixar/descer o sarrafo:</i> espancar, surrar.
<i>Meter a ripa em:</i> bater; espancar.		

Morrer:

D1	D2	D3
<i>Descer à cova:</i> morrer.	<i>Esticar a(s) canela(s):</i> morrer.	<i>Esticar as canelas:</i> morrer.
<i>Exalar o último suspiro:</i> falecer; morrer.	<i>Passar desta para melhor:</i> morrer.	<i>Ir/passar desta para a melhor:</i> morrer.
<i>Levar a breca:</i> morrer.	<i>Levar a breca:</i> morrer.	<i>Bater as botas:</i> morrer.
<i>Abotoar o paletó:</i> morrer.	<i>Abotoar o paletó:</i> morrer.	<i>Abotoar o paletó:</i> morrer, falecer.
<i>Ir para os quintos:</i> sumir ou morrer.	<i>Ir para o beleléu:</i> morrer, falecer.	<i>Ir para o beleléu:</i> morrer.

Estar próximo a morrer:

D1	D2	D3
<i>Estar com/ter os dias contados:</i> estar à beira da morte, desenganado.	<i>Estar com/ter os dias contados:</i> ter pouco tempo de vida restante.	<i>Estar nas últimas:</i> estar à beira da morte.
<i>Estar com os pés na cova:</i> estar prestes a morrer.		
<i>Chegar a sua hora:</i> estar à morte, estar prestes a morrer.		

Explicar/ esclarecer:

D1	D2	D3
<i>Trocar em miúdo:</i> explicar (algo) cm clareza e detalhadamente.	<i>Trocar em miúdos:</i> explicar com clareza ou com detalhes.	<i>Trocar em miúdos:</i> explicar de maneira clara e objetiva.
<i>Pôr o preto no branco:</i> esclarecer alguma coisa; explicitar alguma coisa.	<i>Pôr o preto no branco:</i> esclarecer (algo) completamente; ser explícito.	<i>Pôr o preto no branco:</i> deixar as coisas claras, esclarecidas, sem sombra de dúvidas.
<i>Pôr os pingos nos is:</i> expressar-se de maneira clara e minuciosa.	<i>Pôr os pingos nos is:</i> esclarecer (algo) total e claramente.	<i>Pôr os pingos nos is:</i> resolver ou esclarecer algo que estava pendente.
<i>Pôr em pratos limpos:</i> esclarecer.	<i>Pôr em pratos limpos:</i> esclarecer.	<i>Pôr em pratos limpos:</i> esclarecer um assunto ou situação.

Ser muito rico:

D1	D2	D3
<i>Nadar em ouro</i> : ser muito rico; estar em excelente condição financeira.	<i>Nadar em ouro</i> : ser muito rico.	<i>Nadar em ouro</i> : ser muito rico.
<i>Podre de rico</i> : muitíssimo rico.		<i>Podre de rico</i> : muito rico.

Ser muito pobre; miserável:

D1	D2	D3
<i>Sem eira nem beira</i> : sem posses; miserável.	<i>Sem eira nem beira</i> : na miséria.	<i>Sem eira nem beira</i> : sem dinheiro; sem rumo.
<i>Não ter onde cair morto</i> : não possuir nenhum bem; ser muito pobre.		<i>Não ter onde cair morto</i> : ser muito pobre ou estar com dificuldades financeiras.

Dar calote:

D1	D2	D3
<i>Dar cano</i> : Deixar de pagar o que deve.	<i>Dar/passar o beijo (em alguém)</i> : Dar calote, deixar de pagar dívida.	Não há ocorrência.
<i>Dar o beijo</i> : Não pagar, dar calote.		

Ir embora:

D1	D2	D3
<i>Tirar o time de campo:</i> desistir; ir embora.	<i>Tirar o time de campo:</i> ir embora.	<i>Tirar o time de campo:</i> ir embora ou abandonar um trabalho, uma competição, uma atividade etc.
Bater asas: fugir, ir embora.	<i>Picar a mula:</i> ir embora.	<i>Picar a mula:</i> ir embora com pressa.
<i>Dar no pé:</i> ir embora, fugir.		<i>Cair fora:</i> ir embora.
<i>Levantar acampamento:</i> ir-se embora.	<i>Levantar acampamento:</i> Ir-se embora, ou mudar de lugar ou residência levando seus pertences.	
<i>Dar o fora:</i> ir-se embora; fugir.	<i>Dar o fora:</i> ir-se embora; fugir.	
<i>Ir chegando:</i> estar de saída; ir embora; retirar-se.		

Enganar:

D1	D2	D3
<i>Passar a perna:</i> prejudicar alguém de modo deliberado; enganar; lograr.	<i>Passar a perna em:</i> enganar; lograr.	<i>Passar a perna em alguém:</i> lograr; enganar.
<i>Pregar uma peça:</i> enganar; lograr (geralmente por brincadeira).	<i>Pregar uma peça:</i> enganar, lograr ger. Por brincadeira.	<i>Pregar uma peça:</i> fazer uma brincadeira com alguém, a fim de enganá-lo.
<i>Dar ou passar uma rasteira em:</i> Prejudicar (alguém) de modo deliberado; enganar,	<i>Dar uma rasteira em:</i> Trair, prejudicar (alguém) de maneira astuciosa.	<i>Passar/dar uma rasteira:</i> trair, enganar, causar dano.

lograr, tapear; passar a perna.		
<i>Botar alguém no bolso:</i> enganar, enganá-lo.	<i>Botar/pôr (alguém) no bolso:</i> ludibriar, enganar (alguém).	<i>Botar no bolso:</i> enganar, ludibriar.
	<i>Passar (alguém) para trás:</i> enganar, trair, ludibriar.	<i>Passar (alguém) para trás:</i> enganar, prejudicar, preterir.

Fracassar/Dar-se mal:

D1	D2	D3
<i>Entrar pelo cano:</i> fracassar em alguma empresa; dar-se mal.	<i>Entrar pelo cano:</i> dar-se mal; fracassar.	<i>Entrar pelo cano:</i> ser malsucedido, fracassar.
<i>Ir para o brejo:</i> ser malsucedido, fracassar.	<i>Ir para o brejo:</i> fracassar.	<i>Ir para o brejo:</i> não dar certo.
<i>Ir para os quintos:</i> não ter êxito; fracassar.	<i>Dar com os burros n'água:</i> Perder oportunidade, negócio etc.; não conseguir levar algo a bom termo.	<i>Dar com os burros n'água:</i> fracassar em uma iniciativa.
<i>Quebrar a cara:</i> sair-se mal de uma empresa; de um negócio.	<i>Quebrar a cara:</i> sair-se mal, fracassar.	<i>Ir para o beleléu:</i> fracassar.
<i>Ir por água abaixo:</i> não obter sucesso, fracassar.	<i>Ir por água abaixo:</i> fracassar, não dar certo.	
<i>Entrar bem:</i> sair-se mal.	<i>Entrar bem:</i> fracassar; ficar em má situação; dar-se mal.	
	<i>Ir para o beleléu:</i> fracassar ou danificar(-se).	

Verificamos que os dicionários analisados apresentam diversas expressões que levam a um mesmo significado. Para ‘morrer’ são apresentadas cinco expressões idiomáticas diferentes nos dicionários D1 e D3. Vale ressaltar ainda que, em alguns verbetes, as definições são feitas da mesma maneira, *ipsis litteris*, para diferentes expressões. No entanto, como são expressões diferentes na estrutura, elas não apresentam, no material, nenhuma relação entre si, a não ser em raros casos onde uma é utilizada para definir outra.

Ainda referente à variação fraseológica, percebe-se que algumas expressões permitem pequenas variações de suas lexias, ou de questões morfológicas: número, pessoa etc. Essas variações se tornam perceptíveis ao observarmos as expressões sinônimas dos quadros anteriores quando comparamos os diferentes dicionários (dar/passar o beijo em alguém; trocar em miúdo(s)). Vejamos algumas outras situações:

Quadro 14 – Exemplos de variação fraseológica

Pegar/Tomar o bonde errado: Bras. Pop. Enganar-se (por ter mal avaliado) ao entrar em negócio, atividade etc., e com isso ter mau resultado. (D2)

Levar/Tomar bomba: Ser reprovado em prova ou exame. (D2)

Cair de/Meter a cabeça (em): Gír. Envolver-se por completo com alguém ou alguma coisa. (D3)

Levar/Tomar na cabeça: Pop. Dar-se mal (em negócio, atividade etc.). (D2)

Enfiar/Vestir/servir a carapuça: aceitar como feita a si alusão ou crítica feita a outra pessoa. (D1)

Fonte: Elaborado pela autora.

As expressões presentes no quadro 14 permitem variação no verbo que as inicia devido à escolha de uso que cada região faz, o que acontece de acordo com a variação linguística de cada comunidade. “Tomar” ou “pegar” o bonde depende da região onde a expressão está sendo utilizada, porém o sentido é o mesmo. Há casos que não dependem da região, diferentes palavras podem ser

usadas na expressão sem que se altere seu significado – enfiar a carapuça, vestir a carapuça, servir a carapuça.

A variação lexical pode ser percebida em um grande número de expressões nas quais sinônimos podem ser utilizados sem que se altere o seu significado. A substituição também pode se dar por palavras da mesma classe ou mesmo campo semântico, como ocorre com as expressões *a pão e água* ou *a pão e laranja* (D1) que significam ‘quase ou em total miséria’.

Outras expressões podem sofrer pequenas alterações na forma e continuam a apresentar o mesmo sentido, como nos exemplos que apresentamos a seguir, nos quais as duas formas aparecem nos dicionários analisados:

- “*Ser sopa no mel*” (D1) e “*Cair a sopa no mel*”(D2): têm o mesmo sentido de “acontecimento em situação oportuna”.
- “*Ser bom de garfo*”(D1 e D3) ou “*ser um bom garfo*” (D2): equivalem a “comer bem”.
- “*A pão e laranja*”(D1) ou “*a pão e água*”(D3): que significam “em total miséria, mal alimentado”.
- “*Fazer tábua rasa*”(D2) e (D3) ou “*fazer tábula rasa*” (D1): com o sentido de “desconsiderar algo e recomeçar do zero”.

As variações mostradas anteriormente podem ser explicadas pelo fato de a passagem de tais expressões ocorrerem de forma oral, de boca em boca, de geração a geração. Devido a isso, podem acontecer adaptações na forma utilizada em diferentes regiões, o que não contribui para um novo significado, mas para a aceitação de diferentes formas de dizer a mesma expressão.

Conforme o exposto, as expressões analisadas podem apresentar-se com pequenas variações sem que seja alterado seu valor semântico. No entanto, os materiais analisados, na maior parte, não fazem referências a possíveis variações, bem como não trazem a relação entre as expressões variantes, mesmo que em sua própria nomenclatura apareçam formas diferentes de uma mesma expressão. O que poderia ser feito através da remissão, quando no verbete de uma expressão poderia

haver uma indicação que levasse à sua variação. Outra opção seria a colocação da variação na própria estrutura, conforme vemos no exemplo a seguir, já citado anteriormente, retirado do dicionário da ABL.

Pão || A pão e laranja (água): quase ou em total miséria.

No verbete *'pão'*, retirado do D1, notamos que o dicionarista apresenta, na microestrutura, a variação lexical possível na expressão *a pão e laranja* referente à troca do último elemento por *'água'*. Esse recurso para apresentação das variações poderia ser usado para indicação de diferentes formas morfológicas ou lexicais nas expressões, já que não utiliza muito espaço e é uma maneira de informar ao consulente as várias formas socialmente aceitas para a expressão em questão.

Concluída a análise das características das expressões idiomáticas e identificação delas no *corpus*, passamos, no tópico seguinte, à análise do tratamento das expressões nos dicionários quanto à localização, marcas de uso e exemplos.

5.2 AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS: O QUE DIZEM OS DICIONÁRIOS

Os dicionários aqui analisados apresentam, em sua estrutura, informações etimológicas, culturais e gramaticais sobre a língua portuguesa. A introdução dos dicionários são ricas em informações sobre organização do material e sobre a gramática da língua. A seguir, apresentamos a organização de cada um e o tratamento dispensado às fraseologias, mais precisamente, às expressões idiomáticas.

5.2.1 Dicionário escolar da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras (D1)

O *Dicionário escolar da língua portuguesa* da Academia Brasileira de Letras (ABL) apresenta mais de 30.000 verbetes. Na seção “Como usar este dicionário”, são apresentadas a organização do verbete e as informações constantes em cada parte componente da microestrutura. Quanto aos fraseologismos, explicita-se que as *locuções* e *fraseologias* virão como subentradas, em itálico, com inicial em maiúscula e definição em redondo. Vale ressaltar que o termo ‘locução’ engloba todas as lexias compostas por mais de um elemento, ao passo que as que apresentam valor de substantivo são denominadas ‘unidades fraseológicas’. São apresentadas como exemplos dessas unidades: *deus nos acuda*, *salve-se quem puder*, *maria vai com as outras* etc. Embora sejam chamadas de unidades fraseológicas, essas expressões possuem entradas autônomas no dicionário em questão, pois são substantivos.

Segundo a introdução, essas unidades estão dentro do lema que corresponde a uma das palavras presentes na expressão. Não há indicação de qual palavra dará entrada à expressão. Barras verticais (||) indicam a primeira expressão e pontos em negrito antecedem as demais unidades. Conforme já mencionado, há ainda menção às expressões com valor de substantivos que são denominadas unidades fraseológicas. De acordo com o guia de uso, estas expressões devem ser grafadas sem hífen e, no corpo do dicionário, são entradas próprias.

A organização do verbete inclui as marcas de uso classificadas de acordo com o contexto: regionalismo, as que denotam nível de linguagem (coloquial, chulo etc.), ou as que se referem a áreas de conhecimento, as chamadas marcas técnicas.

Nesse material, foram encontradas 945 expressões, menos de cem são entradas principais por serem substantivos, o que segue a indicação constante na introdução do dicionário. Dentre as marcas de uso, encontramos *coloquial*, *figurado*, *pejorativo*, *chulo* e *gíria*. O dicionário traz 333 expressões com exemplos de uso.

A seguir, apresentamos o segundo dicionário analisado, *Caudas Aulete*.

5.2.2 Caldas Aulete Dicionário escolar da língua portuguesa (D2)

O dicionário *Caldas Aulete* contém quase 30.000 verbetes. Na introdução são apresentadas as partes que compõem os verbetes de sua nomenclatura: entrada, subentrada, homógrafo, marca de estrangeirismos, estrangeirismos, marca de símbolo ou sigla, separação silábica, pronúncia ou ortoépia, classe gramatical, número de acepção, acepção ou definição, indicação de contexto, sinônimo, exemplo, abonação e *colocation*, regência verbal, preposição, achega de definição²⁸, remissiva, nota, achega gramatical²⁹, achega de verbete³⁰, locução ou expressão idiomática, derivada, achega enciclopédica³¹ e ilustração.

Conforme visto acima, as locuções ou expressões idiomáticas figuram na microestrutura do verbete, geralmente como subentradas. O dicionarista as define como “uma expressão ou locução, em que vocábulos assumem, naquele contexto, um sentido diferente daqueles que normalmente têm, constitui uma unidade de significado, ou seja, uma unidade léxica.” (AULETE, 2012, p. xiv).

Quanto à indicação de contexto de uso, apresentam-se três grandes grupos, quais sejam: regionalismos, nível de uso da língua (familiar, popular, tabu, social etc.) e as rubricas, que indicam áreas do conhecimento a qual a lexia possui a acepção marcada. Veremos mais adiante que às expressões idiomáticas, no dicionário em questão, cabem apenas as indicações de níveis de uso.

Neste material, encontramos 1000 expressões, menos de cem são entradas próprias. Quanto aos contextos socio-pragmáticos, as expressões idiomáticas foram marcadas como *brasileirismos*, *gírias*, *populares*, *figuradas* e *pejorativas*. Cabe ressaltar que a marcação *brasileirismo* vem quase sempre acompanhada da marcação popular, o que demonstra preconceito quanto a essas expressões. Do total, apenas 173 expressões apresentam exemplos de uso. O baixo número de exemplos nas expressões idiomáticas reflete a concepção de dicionário apenas para codificação dos textos e não para produção. A baixa exemplificação

²⁸ Informações suplementares sobre a acepção.

²⁹ Informações gramaticais sobre a classe de palavra da acepção.

³⁰ Informações adicionais sobre o vocábulo, como formação ou etimologia.

³¹ Contexto social, cultural, científico, geográfico, econômico etc. aos quais se estende a compreensão do vocábulo.

reforça o preconceito existente em torno dessas expressões e indica que elas devem ser apenas compreendidas e não utilizadas pelos falantes.

No tópico seguinte, apresentamos o dicionário Saraiva Jovem, o terceiro material analisado.

5.2.3 Saraiva Jovem Dicionário da língua portuguesa ilustrado (D3)

O Saraiva Jovem dicionário da língua portuguesa ilustrado contém mais de 19.000 verbetes e, segundo a apresentação, mais de 1.600 expressões idiomáticas. Na sessão “conhecendo o dicionário”, indica-se que as expressões idiomáticas “mais comuns no dia a dia” estão ao final do verbete, com destaque colorido e em ordem alfabética. Isso significa que elas estão dentro da microestrutura referente a alguma palavra componente. No entanto, não fica claro que palavra servirá de entrada.

O termo locução é definido como “formadas por mais de uma palavra, representam uma única unidade semântica” (Saraiva, 2010, p. XVIII). O dicionarista explica que algumas locuções são dadas como entradas autônomas quando forem derivadas de substantivos compostos por um termo de ligação que perderam os hifens devido ao novo Acordo Ortográfico.

Quanto aos níveis de formalidade, o dicionário classifica as expressões idiomáticas em *gíria, popular, figurada, familiar, vulgar, chula ou brasileirismo*, para as demais expressões são usadas além dessas marcas, as de regionalismos e das indicações de áreas do conhecimento. O material também se propõe a apresentar um grande número de exemplos e abonações, além das ilustrações que acompanham alguns termos. A origem desses exemplos é informada na introdução como sendo retirados de *corpora* impressos e on-lines, além de textos relacionados ao contexto juvenil, como jogos, internet e livros didáticos.

Encontramos, neste dicionário, 745 fraseologismos idiomáticos dos quais 520 apresentam exemplo ou abonação. O referido dicionário é o que mais apresenta exemplos para as EI, o que demonstra que esse material se aproxima mais da

produção do que da codificação. As marcas de uso utilizadas para estas expressões foram: *brasileirismo, popular, pejorativo, figurado e gíria*.

A seguir, sintetizamos a quantidade de expressões encontradas em cada material analisado.

Quadro 15 – Expressões idiomáticas nos dicionários analisados

D1	D2	D3	Total
945 Expressões	1000 Expressões	745 Expressões	2690 Expressões

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos tópicos seguintes, veremos como as expressões são apresentadas nos dicionários e fazemos a relação entre o que foi proposto pelo dicionarista na introdução dos materiais e o que se encontra na organização da nomenclatura e da microestrutura deles. Inicialmente, vemos como se dá a entradas das EI nos dicionários analisados.

5.3 ENTRADAS DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Após a apresentação dos dicionários analisados, passamos à análise das EI na nomenclatura desses materiais. Neste tópico, tratamos das entradas dessas unidades nos verbetes nos quais elas estão inseridas.

A primeira análise das expressões idiomáticas nos dicionários se refere ao verbebo que dá entrada às expressões nos materiais analisados. Welker (2011) sugere que os fraseologismos sejam apresentados como entradas principais nos dicionários e, caso não seja possível, sejam dados como subentradas desde que haja uma marcação que a indique, como um símbolo ou negrito e que o consulente seja informado sobre essa marcação quando necessitar procurar uma dessas expressões.

O autor considera ainda que o fato de os dicionaristas considerarem os fraseologismos apenas como colocações, dificultaria a localização de outras categorias de fraseologismos. Welker (2011) sugere que as expressões devem ser colocadas nos verbetes de todas as lexias que a compõem, pois o consulente pode não a conhecer suficientemente para encontrá-la em qualquer verbete. Portanto, expressões como “cada macaco no seu galho” deveria aparecer em cada verbete da expressão: “cada”, “macaco” e “galho”.

Outra opção para não inserir as fraseologias como entradas independentes (devido à economia exigida em um material impresso), seria seguir uma ordem das classes das palavras iniciando pelo substantivo e, dentro deles, no caso de mais de uma expressão, seguiria a ordem alfabética. Além disso, deve ser considerada a forma fixa da expressão e se faz necessário informar ao consulente sobre as particularidades de cada expressão, como possíveis variações, inserção de outros elementos ou mesmo conjugação verbal no caso das expressões que os apresentam. Essa seria a forma ideal de apresentar um fraseologismo no dicionário.

Nos dados da pesquisa aqui apresentada, percebemos que grande parte das expressões é apresentada como subentradas nos verbetes referentes aos substantivos que a compõem. Encontramos um total de 81% das EI em entradas compostas por essa classe gramatical. Apenas pouco mais de 100 expressões são entradas independentes, o que corresponde a menos de 1% das expressões identificadas. Esse fato é justificado pela compreensão de que elas são substantivos compostos e não ‘locuções’ (termo usado pelos dicionaristas para os fraseologismos).

Entretanto, outras classes gramaticais dão entrada a expressões idiomáticas nestes materiais, como: verbo, adjetivo, advérbio, pronome, preposição e numeral. As expressões que aparecem em outras classes gramaticais, em alguns casos, não apresentam substantivo e, por isso, possui outro tipo de núcleo. Porém há casos em que a expressão apresenta o substantivo e sua entrada dá-se por outra classe gramatical, que não se configura como núcleo. Por exemplo, a expressão “*Estufar o peito*” aparece no D3 em verbete relativo ao verbo ‘estufar’ e não no nominal. O mesmo fenômeno ocorre na expressão “*forrar o estômago*”.

Estufar o peito: falar com orgulho, afirmar claramente o valor positivo de.

Forrar o estômago: comer.

Expressão	Palavra-entrada
Estufar o peito (D3)	Estufar (verbo)
Forrar o estômago (D3)	Forrar (verbo)

Outras expressões com a mesma estrutura das anteriores, verbo + substantivo, ocorrem nos verbetes introduzidos por verbos e nomes presentes em sua composição. Isso ocorre nos dicionários D1 e D2. São exemplos: “*esquentar a cabeça*”, “*cruzar os braços*” e “*encostar contra/na parede*”, que aparecem nos dois verbetes referentes às palavras principais que compõem a expressão.

Esquentar a cabeça: coloq. Fig. Preocupar-(se), atormentar-(se).

Cruzar os braços Fig. Não fazer nada; não intervir; parar.

Encostar contra a/na parede: coloq. Exigir de alguém uma decisão.

Expressão	Palavra-entrada
Esquentar a cabeça (D2)	Esquentar e Cabeça
Cruzar os braços (D2)	Cruzar e Braço
Encostar contra/na parede (D1)	Encostar e Parede

Verbetes referentes a advérbios e adjetivos também apresentam expressões em sua composição. Advérbios como “hoje”, “mal”, “bem” e “neca” são

entradas para expressões como “*de hoje para amanhã*” e “*mais hoje mais amanhã*”; “*cortar o mal pela raiz*” e “*neca de pitibiriba*”.

Expressão	Palavra-entrada
De hoje para amanhã (D1)	Hoje
Mais hoje, mais amanhã (D1)	
Cortar o mal pela raiz (D1, D2, D3)	Mal
Neca de pitibiriba (D3)	Neca

Os adjetivos dão entradas a aproximadamente 50 verbetes e que são, em sua maioria, o núcleo da expressão já que elas não possuem substantivos. São exemplos:

Expressão	Palavra-entrada
Fazer feio (D1, D2, D3)	Feio
Unir o útil ao agradável (D3)	Útil
Jogar/plantar verde para colher maduro (D1, D2)	Verde
Entender do riscado (D1, D2)	Riscado

Preposições e numerais são entradas para expressões como “*sem mais nem menos*”, “*zero à esquerda*”, “*ser oito ou oitenta*”, “*a três por dois*”.

Expressão	Palavra-entrada
Sem mais nem menos (D1, D2)	Sem
Zero à esquerda (D1, D2, D3)	Zero
Ou/nem oito ou oitenta (D1, D2, D3)	Oito
A três por dois (D1)	Três

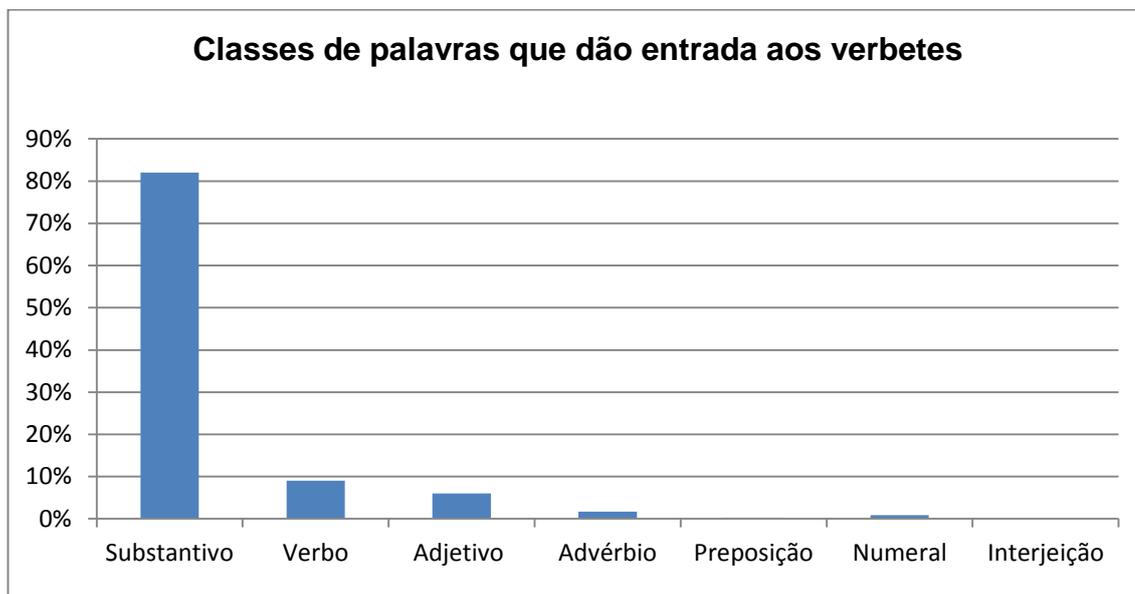
Encontramos, ainda, uma interjeição, *tim-tim*³², que dá entrada à expressão *tim-tim por tim tim*, que significa explicar minuciosamente, com todos os detalhes.

Expressão	Palavra-entrada
Tim-tim por tim-tim (D2)	Tim-tim

Na análise sobre este quesito, confirmamos que o substantivo é o verbete principal de entrada para as expressões idiomáticas que figuram como subentradas. Mais de 80% das expressões encontradas estão como subentradas dessa classe de palavras. No entanto, há, embora poucos, casos de entradas em verbetes referentes a outras classes gramaticais, seja por a expressão não possuir substantivo seja por não haver tido preocupação com esta escolha por parte do dicionarista. A seguir, apresentamos um gráfico que ilustra as classes de palavras que dão entrada às expressões que compõem o *corpus* desse estudo.

³² Embora a classificação da palavra 'tim-tim' seja passível de discussões, optamos por classificá-la como interjeição, de acordo com os dicionários analisados. 'Tim-tim' é classificado como interjeição nos três materiais utilizados nesta pesquisa.

Gráfico 1 – Classe gramatical dos verbetes de entrada das expressões idiomáticas



Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico 1, podemos perceber que os substantivos prevalecem enquanto classe de palavra que dá entrada às expressões idiomáticas. Os verbos presentes nas expressões dão entrada a menos de 10% das expressões analisadas. Seguem-se pela quantidade de entradas encontradas, as classes gramaticais: adjetivo, advérbio, preposição, numeral e interjeição. No entanto, essa escolha parece não seguir uma norma, já que algumas expressões que contêm substantivos estão em verbetes cujas entradas se dão por verbos. Há, também, expressões que são apresentadas em entradas correspondentes a diferentes classes de palavras.

A apresentação das EI como subentradas ou entradas autônomas deve seguir um parâmetro que deve estar indicado na introdução do dicionário. A inserção dessas expressões como subentradas deve obedecer a critérios que deixem claro ao consulente qual lexia dará entrada ao fraseologismo. Há uma preferência para que a inserção das EI sejam em verbetes correspondentes ao vocábulo núcleo da expressão, porém nem sempre esta regra é seguida, conforme vemos nos exemplos mostrados anteriormente.

Essa escolha pode ser feita de acordo com o núcleo da expressão que corresponde a uma classe de palavra, obedecendo a uma hierarquia já proposta por

alguns lexicógrafos como Coseriu (1981): substantivo, verbo, adjetivo, pronome e advérbio e podendo ser acrescentados os numerais e as interjeições.

No entanto, a localização dessas expressões por seu núcleo também pode ser um problema quando se trata de expressões que apresentam mais de um núcleo da mesma classe de palavras, por exemplo *estar com a pulga atrás da orelha* ou *cada macaco no seu galho* que apresentam dois substantivos considerados núcleos. Nesse caso, sugere-se que a expressão seja colocada em ambos os verbetes nominais ou na palavra que corresponde ao sintagma principal: pulga e macaco, nos exemplos anteriores. Essas escolhas devem estar indicadas no guia de uso dos dicionários.

Até aqui, vimos que as expressões são apresentadas, na maior parte, como subentradas em verbetes referentes aos substantivos que as compõem, porém nem todas as expressões estão nas subentradas. A seguir, tratamos das expressões que são apresentadas como entradas autônomas nos materiais analisados e as motivações para essa escolha.

As expressões idiomáticas, conforme exposto no tópico anterior, são inseridas nos dicionários, em sua maioria, em subentradas de verbetes correspondentes a lexias simples. No entanto, há uma pequena quantidade de EI que são entradas próprias nestes materiais.

Na introdução dos dicionários, indica-se que locuções que correspondem a substantivos e são compostas por hífen têm entrada própria. O mesmo caso se aplica a substantivos que não apresentam hífen, mas funcionam como uma unidade de sentido. A maioria delas é considerada como substantivo ou adjetivo e, por isso, são tratadas como entradas dos verbetes. Porém, podemos perceber que também são fraseologias devido a suas características corresponderem ao que se denomina dentro do caudal fraseológico. A seguir, apresentamos alguns exemplos.

Quadro 16 – Expressões com entradas autônomas

Bicho de sete cabeças Bras. Coisa muito complicada, de difícil entendimento ou solução.
Boca de siri Bras. Pop. 1. Atitude discreta; silêncio.
Calcanhar de Judas s.m. Lugar distante, cafundó.
Chove não molha situação de dúvida ou indefinição; indecisão.
Conto do vigário Bras golpe usado para enganar as pessoas, oferecendo-lhes vantagens duvidosas e aparentes; embuste.
Cabeça de vento pessoa distraída e irresponsável, que não pensa no que faz.
Maria vai com as outras Bras. Fam. Pessoa que tende a imitar os outros, mudando facilmente de opinião.
Quebra de braço Bras. Disputa em que um dos adversários tenta encostar o antebraço do outro na mesa em que ambos apoiam os cotovelos.
Unha de fome que ou quem é excessivamente apegado ao dinheiro; avarento, sovina, unhaca.
Cavalo de troia 1. Objeto oferecido como presente com o intuito de prejudicar quem o aceitar.

Fonte: elaborado pela autora

As expressões presentes no quadro 16 são alguns exemplos de fraseologias dadas como entradas autônomas porque sua função na oração equivale a substantivos, porém contêm as características que determinam um fraseologismo: são compostas por várias palavras, apresentam alto grau de fixação e de idiomaticidade. Não se chega ao significado das expressões *maria vai com as outras* ou *bicho de sete cabeças* apenas pelo significado de suas palavras isoladas, assim como *barata tonta*, *braço direito* e *bode expiatório* que também são expressões de valor nominal e estão como subentradas de outros verbetes.

Há, nos próprios materiais, algumas divergências quanto às entradas dessas expressões causadas pela ambiguidade em sua classificação. A expressão “conversa fiada”, por exemplo, surge como subentrada no verbete ‘conversa’ nos dicionários D2 e D3, porém há uma entrada “conversa-fiada” nesses materiais. Com

hífen, o termo é tratado como substantivo referente à pessoa que faz uma “conversa fiada”. Essa variação pode confundir o leitor na busca pela palavra ou expressão, já que ele será levado a procurar no verbete conversa e lá encontrará a expressão cujo significado se diferencia do substantivo *conversa-fiada*.

-
- **Conversa.** Conversa fiada *pop.* **1. Promessa, proposta, planos de pessoa que não pretende cumpri-los ou realiza-los. 2. Conversa que não leva a nada, sem propósito. (D2)**

- Conversa-fiada *s2g.* **Bras. 1. Pessoa que não pretende cumprir o que promete. 2. Pessoa que conta vantagem; conversador. (D2)**

O mesmo caso ocorre com “papo furado”, tratado como fraseologia e “papo-furado” tratado como substantivo.

-
- **Papo.** Papo furado: **conversa sem fundamento, mentira. (D1)**

- Papo-furado *adj.* **1. Que não cumpre suas promessas e que não fala a sério. s.m. pessoa que não cumpre o que promete. (D1)**

O mesmo fenômeno acontece com “galinha morta” ou “galinha-morta”, mas em dicionários diferentes. Enquanto no D1 está como subentrada, no D2 é cabeça de verbete, com o uso de hífen. Podemos perceber o mesmo caso em “galo de briga”, que em dois materiais é dado como subentrada (D1 e D3) e no D2 vem como entrada própria.

-
- Galinha || **Galinha morta: coloq. 1. Pessoa apática, covarde. 2. Aquilo que se consegue ou se vence facilmente (negócio, jogo etc.). (D1)**

- Galinha-morta **Bras. Gír. 1. Pessoa sem coragem; covarde. 2. Pessoa sem ânimo; apática. 3. Pop. Mercadoria comprada por preço muito abaixo; pechincha. 4. Pop. Qualquer coisa muito fácil de fazer ou aprender. (D2)**

-
- Galo || **Galo de briga: 2. Fig. Indivíduo brigão, rixento. (D1 e D3)**

- Galo de briga **2. Fig. Pessoa que tem tendência a entrar em brigas; briguento. (D2)**

A expressão “arroz de festa” ocorre em dois materiais com mesmo significado, porém com tratamentos diferentes. No D2 é entrada independente, no D3 é subentrada. Nesse caso e no exemplo anterior, galo de briga, não há distinção na escrita ou no significado, porém há variação na localização dessas expressões nesses materiais, o que demonstra a dificuldade de se seguir uma sistemática na inserção dessas unidades nos dicionários.

-
- **Arroz. Arroz de festa: RJ SP pop pessoa que adora festas, que não perde uma. (D3)**

- Arroz de festa **RJ SP pop. 1. Indivíduo aficionado por festas, que não perde uma festa. 2. Indivíduo que acompanha mulheres em festas, sem se relacionar com nenhuma delas. (D2)**

Pelo disposto, constatamos que a decisão de colocar os fraseologismos como entrada ou subentrada ainda é um ponto a ser repensado pelos dicionaristas. Embora seja consenso, na apresentação, que elas devem constar nas subentradas dos verbetes, faz-se necessário que sejam definidas e justificadas quais terão entradas próprias, uma vez que o consulente se baseia no guia de uso para a procura da expressão.

Espera-se também que haja uma sistematização no que se refere a este ponto, pois expressões com mesmas características e funções sintáticas estão ora

como entradas, ora como subentradas. Essa confusão pode ser percebida nos três materiais analisados, ainda que em pequena quantidade.

Poder-se-ia pensar na hipótese de que as expressões estando como entradas e subentradas facilitaria a localização por parte do consulente, no entanto estas decisões dever estar claras na introdução do material bem como deve ser uma medida aplicada a todas as expressões e não apenas a algumas. No levantamento realizado, apenas cerca de 200 expressões são dadas como entradas nos dicionários, como já dito, isto ocorre quando há a ‘nominalização’ da expressão, ou seja, são definidas como substantivos ou adjetivos pelo dicionarista.

No tópico seguinte, apresentamos a análise das marcas de uso presentes na microestrutura dos verbetes que contêm as expressões idiomáticas.

5.4 MARCAS DE USO

Como citado anteriormente, as marcas de uso indicam restrições sobre o uso da lexia por determinado grupo. Vimos que elas podem ser:

- a) Sociolinguísticas: indicam o nível de linguagem, o grau de informalidade e de aceitação nos meios sociais. Tais como: popular, vulgar, gíria etc.
- b) Socioprofissionais (ou tecnoletais): referentes a alguma área específica das ciências e tecnologia. São exemplos: Medicina, informática etc.
- c) Geográficas: referem-se a países, regiões ou estados. Temos como exemplo: NE, Bras. etc.
- d) Históricas: marcas relacionadas à evolução da língua e ao uso, ou não, das lexias neste contexto. Por exemplo: arcaísmo, desuso, obsoleto etc.
- e) Pragmáticas: marcas que trazem juízo de valor e nível das lexias, tais como: irônico, pejorativo, jocoso etc.

No corpus, encontramos diversas marcas de uso para as expressões. Marcas sociolinguísticas, pragmáticas, estilísticas e de transição semântica. São

elas: figurado, popular, coloquial, gíria, familiar, chulo, pejorativo e brasileirismo, além de marcas geográficas que indicam a região onde são usadas algumas expressões. A seguir, definimos cada uma destas classificações.

A linguagem *figurada* (fig.) consiste em utilizar uma palavra ou lexia com um sentido que não é aquele que figura na primeira acepção do termo. O falante se utiliza de significados que surgem a partir de mudanças causadas por fenômenos como a metáfora e a metonímia, o que faz surgir novos sentidos para uma lexia. A linguagem figurada necessita de um contexto para ser compreendida, pois se trata de uma mudança ou adição de um novo significado a uma lexia em questão. Pontes (2009) classifica esta marca como “marca de transição semântica” e aponta que essa é a única marca que costuma aparecer em dicionários escolares.

As marcas coloquial (coloq.), popular (pop.), familiar (fam.), gíria (gír.) e chulo são as chamadas marcas sociolinguísticas, pois funcionam como indicadores de que aquelas expressões possuem restrições de uso, não sendo indicada que se utilize em qualquer circunstância. São, portanto, expressões que fogem às normas gramaticais, tendo caráter mais espontâneo e natural, sem preocupação com normas e regras.

Os termos *coloquial* e *popular* fazem referência à linguagem do povo, criada e repetida sem ser regida por normas gramaticais. Nos dicionários analisados, os autores fazem parecer que as expressões idiomáticas são apenas linguagem do povo ao utilizar apenas marcas sociolinguísticas para classificar essas unidades. Devido a isso, essas expressões não gozam, nesses materiais, do prestígio que gozam as expressões literárias, por exemplo.

As expressões *familiares* são aquelas usadas no seio da família, subtende-se que são, portanto, não indicadas para uso em situações de formalidade linguística. O termo chulo, por sua vez, traz um juízo de valor daquilo que não deve ser usado por seu caráter de “baixo calão”, muitas vezes por ter conotação sexual.

As *gírias* são, talvez, as marcas mais complexas. São expressões definidas como pertencentes a determinados grupos, de uso restrito destes e que “ocorre quando a linguagem corrente não consegue dar resposta a certas necessidades da comunicação, ou quando se deseja manter alguma coisa em segredo dentro de um grupo restrito de pessoas.” (ORTIZ ALVAREZ, 2007, s/p). As

gírias são passageiras e tendem a não se fixar na língua, o que não se comprova quando nos deparamos com expressões que já foram gírias e que estão lexicalizadas e dicionarizadas como parte do léxico da língua. Nesse caso, a marcação gíria não é ideal, pois as expressões deixaram de atender às características dessas unidades linguísticas e pertencem à língua comum.

Dentre as marcas pragmáticas, encontramos o termo *pejorativo*. Essas marcas são aquelas que trazem juízo de valor sobre a expressão em questão, geralmente de forma negativa, e são usadas para ofender ou destacar algo negativo em alguma situação, coisa ou pessoa. Indicam o uso que se faz da lexia e que esse uso pode ter fins ofensivos. Encontramos 9 ocorrências desta marca nas expressões.

A marcação de expressões como *brasileirismos* também chamou a atenção. São expressões utilizadas apenas no português do Brasil. Porém, apenas o D3 faz uso dessa marca com um total de 106 expressões assim marcadas.

Das marcas estilísticas, encontramos duas ocorrências, uma *poética* (Poet.) e uma *folclórica* (Folc.).

A seguir, apresentamos algumas dessas marcas identificadas no *corpus*.

a) FIGURADO:

Quadro 17 – Expressões idiomáticas figuradas nos dicionários

Expressão	Marca de uso	Significado	Exemplo
Beco sem saída	Fig.	Situação difícil, para a qual não se vê solução.	
Ir ou nadar contra a corrente	Fig.	Pensar ou agir em oposição à maioria.	
Fazer doce	Pop. Fig.	Querer algo, mas fingir que não quer.	
Pôr/entrar nos eixos	Fig.	Fazer voltar ou voltar a ter juízo; endireitar-se.	

Sair dos eixos	Fig.	Deixar de ter juízo; desequilibrar-se.	
-----------------------	------	---	--

Fonte: Elaborado pela autora.

b) POPULAR:

Quadro 18 – Expressões idiomáticas populares nos dicionários

Expressão	Marca de uso	Significado	Exemplo
Amizade colorida	Pop.	Relacionamento amoroso sem compromisso formal ou de continuidade.	
Estar apertado	Pop.	Estar com muita vontade de urinar ou defecar.	
Conversa fiada	Pop.	1 Promessa, proposta, planos de pessoa que não pretende cumpri-los ou realizá-los. 2 Conversa que não leva a nada, sem propósito.	
Cair a ficha	Pop.	Perceber; dar-se conta de algo	Só agora caiu a ficha de que confundi o dia da festa e que ela estava marcada para sábado passado.
Ver o que é bom pra tosse	Bras. Pop.	Sofrer as consequências negativas de ação ou situação.	

Fonte: Elaborado pela autora.

c) COLOQUIAL:

Quadro 19 – Expressões idiomáticas coloquiais nos dicionários

Expressão	Marca de uso	Significado	Exemplo
Quebrar um galho	Coloq.	Resolver um problema, uma dificuldade para alguém em uma ocasião determinada.	
Deitar-se com as galinhas	Coloq.	Deitar-se para dormir muito cedo.	
Ganhar mundos e fundos	Coloq.	Obter grandes lucros, enriquecer.	
Não estar no gibi	Coloq.	Ser fora do comum, inacreditável, incrível.	A desfaçatez dos fraudadores não está no gibi.
Cheio de ípsilones	Coloq.	Cheio de nove-horas, ou seja, com muitas exigências desnecessárias.	

Fonte: Elaborado pela autora.

d) FAMILIAR:

Quadro 20 – Expressões idiomáticas familiares nos dicionários

Expressão	Marca de uso	Significado	Exemplo
Bater na madeira	Fam.	Afastar o azar, o mau-olhado; ISOLAR.	
Ser o maior	Fam.	Ser o melhor entre todos; ser notável.	
Ser uma mão na roda	Bras. Fam.	Ser de grande auxílio.	
De orelha em pé	Bras. Fam.	Atento, alerta, com desconfiança.	
Ver passarinho verde	Fam.	Mostrar alegria sem motivo aparente.	

Fonte: Elaborado pela autora.

e) CHULO³³:

Quadro 21 – Expressões idiomáticas chulas nos dicionários

Expressão	Marca de uso	Significado	Exemplo
Dar no saco	Chulo	Aborrecer, amolar, chatear.	
De saco cheio	Chulo	Aborrecido, amolado, chateado.	
Encher/torrar o saco	Chulo	Aborrecer(-se), amolar(-se), chatear(-se).	
Estar sem saco	Chulo	Estar sem disposição para fazer algo.	
Puxar o saco	Chulo	Adular, bajular	

Fonte: Elaborado pela autora

f) GÍRIA:

Quadro 22 – Expressões idiomáticas gíricas nos dicionários

Expressão	Marca de uso	Significado	Exemplo
Dormir de touca	Gír.	Bobear, deixando-se enganar ou perdendo boa oportunidade.	
Entrar areia	Bras. Gír.	Ocorrer algo que dificulte ou impeça o prosseguimento de ação, projeto etc.	
Rodar a baiana	Bras. Gír.	Reagir de modo intempestivo a uma situação ou	

³³ A marca “chulo” só aparece 6 vezes e todas no D1. 5 casos relacionados ao termo ‘saco’ e 1 relacionado ao termo ‘sarro’ (Tirar um sarro: chulo apalpar de forma libidinoso.).

		provocação, com palavras ou com ações.	
Ter bala na agulha	Gír.	Ter dinheiro, recursos.	
Armar um barraco	Gír.	Criar confusão ou tumulto; fazer um banzé	

Fonte: Elaborado pela autora

g) PEJORATIVO:

Quadro 23 – Expressões idiomáticas pejorativas nos dicionários

Expressão	Marca de uso	Significado	Exemplo
Alpinista social	Fig. Pop. Pej.	Pessoa que usa artimanhas para subir socialmente, frequentar ou pertencer a uma classe social tida como nobre.	
Não ser de nada	Coloq. Pej.	Diz-se de pessoa que é considerada incapaz de realizar algo: Vivia contando vantagens, mas não era de nada.	
Ter sangue de barata	Pej.	Não ser capaz de reagir a ofensas, agressões etc.	
Orelha de abano	Pej.	Orelha grande e projetada para a frente da cabeça.	
Mar de lama	Fig. Pej.	Situação de extrema degradação moral e de corrupção.	

Fonte: Elaborado pela autora

h) BRASILEIRISMO:

Quadro 24 – Expressões idiomáticas brasileiras nos dicionários

Expressão	Marca de uso	Significado	Exemplo
Osso duro de roer	Bras. Pop.	Coisa, situação ou pessoa muito difícil de ser tratada.	
De ovo virado	Bras. Pop.	De mau humor; irritadiço.	
Levar pau	Bras. Pop.	Ser reprovado em exame, em concurso.	
Ter pavio curto	Bras. Pop.	Ficar bravo com facilidade.	
Amigo da onça	Bras. Pop.	Falso amigo, hipócrita.	

Fonte: Elaborado pela autora

i) POÉTICA:³⁴**Quadro 25 – Expressões idiomáticas poéticas nos dicionários**

Expressão	Marca de uso	Significado	Exemplo
Exalar o último suspiro	Poét.	Falecer; morrer	Com muitas dores, exalou seu último suspiro.

Fonte: Elaborado pela autora

j) FOLCLORE³⁵:**Quadro 26 – Expressões idiomáticas folclóricas nos dicionários**

Expressão	Marca de uso	Significado	Exemplo
Chave de Salomão	Folc.	Amuleto que, segundo se crê, dá a quem o possuir o conhecimento de tudo.	

Fonte: Elaborado pela autora

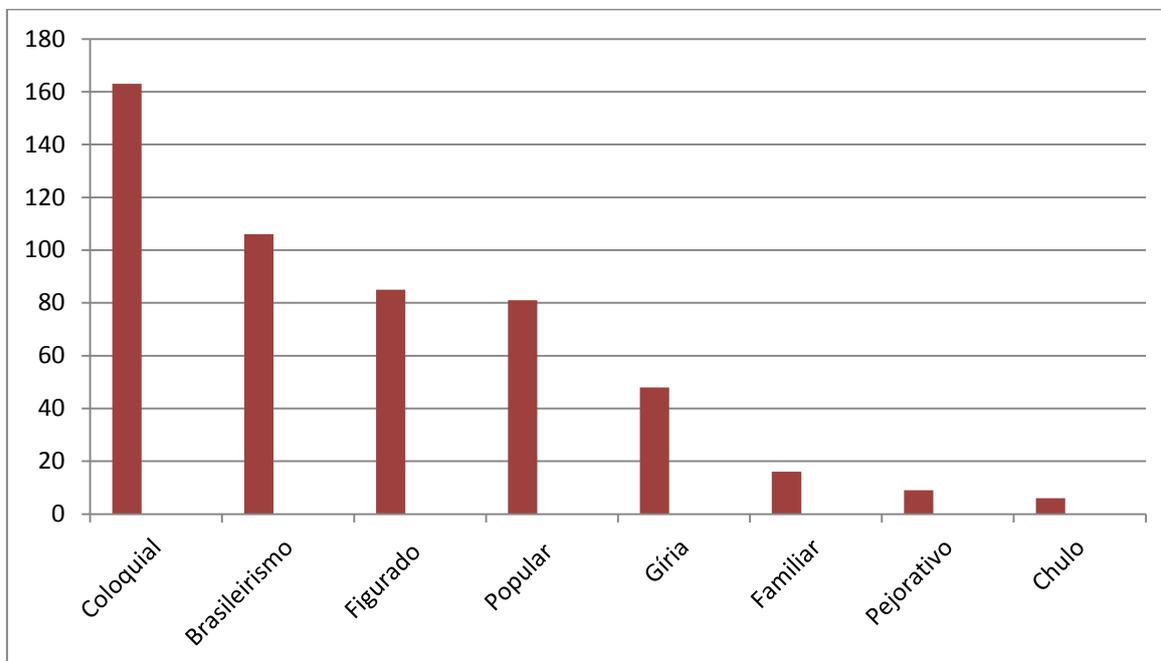
³⁴ Apenas uma ocorrência de marca “poética” foi encontrada no *corpus*. A ocorrência se deu no D1.

³⁵ Apenas uma ocorrência de marca “folclore” foi encontrada no *corpus*. A ocorrência se deu no D1.

Sintetizando em números, encontramos 163 expressões marcadas como coloquiais, 81 tidas como populares, 16 marcadas como familiares, 48 tidas como gírias e 6 consideradas chulas. Temos, portanto, 314 expressões com marcas sociolinguísticas. Cabe ressaltar que as marcações “coloquial” e “chulo”, nas expressões idiomáticas, só foram utilizadas no D1, da ABL. Os materiais D2 e D3 usam a marca “popular”, que equivale ao coloquial, e apenas o D2 utiliza a marcação “familiar”. Os três materiais fazem uso da marcação “gíria” em seus verbetes.

No gráfico seguinte, vemos a linha de marcas de uso utilizadas pelos dicionaristas para se referir às expressões idiomáticas. A mais utilizada, coloquial, e a menos utilizada, chulo. Isso demonstra que expressões consideradas de cunho erótico ou ofensivas não figuram nos dicionários ou, se figuram, não recebem marcação como tal. Acreditamos que isso se deve ao fato de esses dicionários serem destinados a estudantes do Ensino Fundamental.

Gráfico 2 – Marcas de uso utilizadas nos dicionários para as expressões idiomáticas



Fonte: Elaborado pela autora

As marcas de uso utilizadas para as EI demonstram a relação destas com a cultura popular na qual se inserem. Quando são utilizadas, são determinantes de sua coloquialidade ou relação com situações informais. Essa escolha dos dicionaristas comprova a ideia errônea e enraizada de que tais expressões são utilizadas apenas em situações informais e denotam falta de cultura por parte de quem as utiliza. Porém, essas marcas não estão em todas as expressões, o que poderia ser esperado, algumas delas, mesmo com forte carga cultural, não recebem marcas de uso. Isso mostra que não há uma sistematização de quando essa informação deve constar no verbete.

Oito diferentes marcas referentes às expressões idiomáticas foram utilizadas pelos dicionaristas. Porém, observa-se que quase todas trazem a mesma indicação: a informalidade da expressão. Uma das características da EI é seu grau de opacidade, conforme já discutido, elas não apresentam significados literais. Portanto, a marca *figurado* corresponde a todas as expressões idiomáticas. Isso também se pode dizer sobre as marcas *coloquial* e *popular*, já que tais expressões estão relacionadas à linguagem oral e popular, conforme vimos anteriormente. As marcas *brasileirismo* e *familiar* também se tornam gerais, pois, se estas expressões são populares, subte-se que são aprendidas e repassadas em âmbito familiar e se estão relacionadas à cultura, são, pois, brasileirismos.

Depreende-se que as expressões idiomáticas encontradas nos dicionários escolares de língua portuguesa são elementos figurados, populares, coloquiais, usadas no seio familiar (mas não só), no Brasil. Deveriam, então, estas marcas serem utilizadas em todas as expressões constantes nos dicionários ou apenas uma fosse comum a todas. A indicação de que se trata de uma EI, acompanhada de sua definição no guia de uso, seria uma forma econômica de marcar de forma isonômica todas as expressões que apresentam esta característica.

Neste tópico, analisamos as marcas de uso referentes às expressões idiomáticas e concluímos que elas, quase sempre, denotam preconceito contra o uso dessas expressões em situações formais de comunicação. No tópico seguinte, passamos ao tratamento das EI com relação aos exemplos colocados para elas nos dicionários.

5.5 EXEMPLOS

Os exemplos são informações que ajudam ao consulente a compreender o contexto de uso da expressão e o significado da palavra para uso, produção e recepção. O uso de exemplos nos dicionários possibilita melhor compreensão da definição e auxilia na interpretação das acepções, quando há mais de um significado para a lexia. No entanto, o uso dos exemplos ou abonações deve seguir uma sistematização e deve atender a um propósito pedagógico para que seu uso seja efetivo. Em nosso *corpus*, encontramos exemplos em todos os materiais analisados, autênticos e fabricados ou adaptados. Os materiais D1 e D3 apresentam considerável quantidade de exemplos. O D2, por sua vez, apresenta apenas 173 exemplos nos verbetes analisados.

Como citado anteriormente, há três tipos de exemplos:

- a) Autênticos: baseado em *corpora*;
- b) Fabricados: inventados pelos dicionaristas;
- c) Adaptados: retirados de *corpora* e adaptados pelos dicionaristas.

De acordo com a apresentação dos dicionários analisados, há riqueza de exemplos nos verbetes. No entanto, no que se refere aos fraseologismos, o D2 deixa a desejar e não coloca muitos exemplos de uso ou abonações para essas unidades, com exceção de 173 expressões que são contempladas com exemplos. Os materiais D1 e D3, por sua vez, apresentam considerável quantidade deles em seus verbetes que apresentam expressões idiomáticas, entretanto o D1 não menciona os exemplos como parte componente da microestrutura do verbe e não faz referência à utilização de *corpora* para a composição da nomenclatura do dicionário.

Podemos verificar que as três formas de exemplos estão presentes nos materiais citados, embora não fique claro quando se dá sua fabricação e/ou adaptação. O exemplo autêntico é a única forma que pode ser identificada, pois vem marcada pelo uso aspas e a indicação da fonte da qual foi extraída.

Os exemplos, quando estão presentes na microestrutura, vêm marcados por marcas gráficas, após dois pontos (D1 e D2) ou entre parênteses (D3). Em todos os materiais, vêm em itálico e no D2 dá-se destaque à lexia exemplificada através do sublinhado. Vejamos um exemplo no verbete de expressões idiomáticas dos três materiais analisados.

Figura 7 – Exemplo de uso de expressão idiomática no verbete “barata”, no dicionário da Academia Brasileira de Letras

barata (ba.ra.ta) s.f. (Zool.) Inseto de corpo achatado, de cor marrom, com antenas compridas. || *Barata tonta*: coloq. pessoa confusa, desarvorada, perplexa. • *Entregue às baratas*: coloq. abandonado, desprezado: *Muitas obras públicas ficam entregues às baratas.*

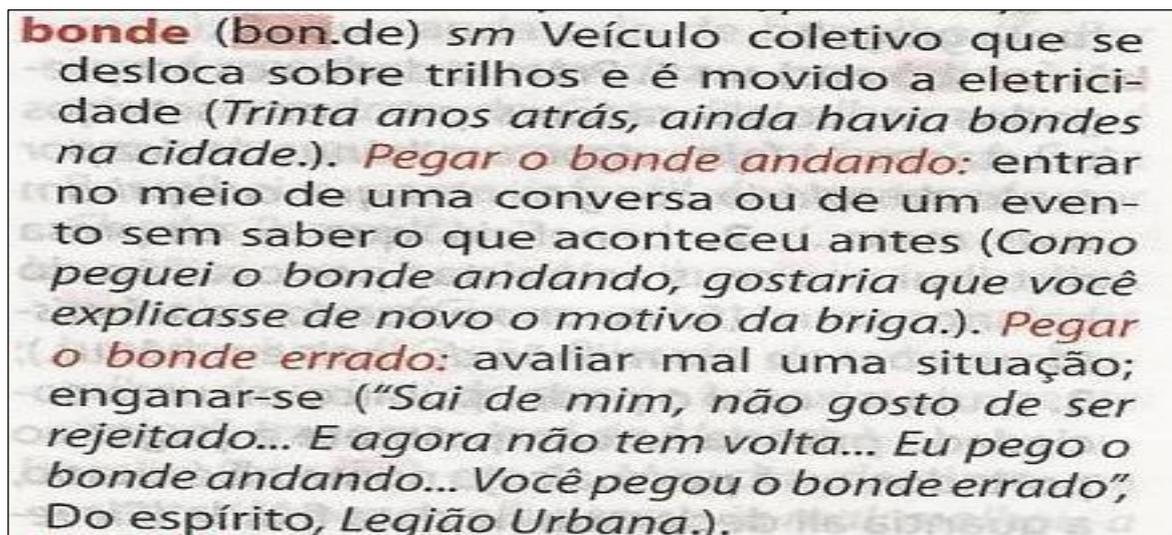
Fonte: Dicionário escolar da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras (p. 196).

Figura 8 – Exemplo de uso de expressão idiomática no verbete “arrepiar”, no dicionário Caldas Aulete

de ontem.] ■■ De ~ (os cabelos) **1** Emocionante: *Ouvir o Hino Nacional nas Olimpíadas é de arrepiar.* **2** Que causa espanto, medo ou indignação: *A pobreza e a fome no mundo ainda são de arrepiar.* [► **1** arrepiar] [F.: Do lat. *horripilare*. Hom./Par.: *arrepio* (fl.), *arrepio* (sm.).] **arrepio** (ar re pio) em T. ... é ...

Fonte: Dicionário escolar da língua portuguesa Caldas Aulete (p. 73).

Figura 9 – Exemplo de uso de expressão idiomática no verbete “bonde”, no dicionário Saraiva Jovem



Fonte: Dicionário Saraiva Jovem ilustrado (p. 139).

Após o levantamento das ocorrências de todos os exemplos apresentados para as expressões idiomáticas, temos os seguintes números:

Quadro 27 – Exemplos encontrados nos dicionários

D1	330/945 expressões apresentam exemplos de uso.
D2	173/1000 expressões apresentam exemplos de uso.
D3	520/745 expressões apresentam exemplos de uso.

Fonte: Elaborado pela autora

Encontramos mais de 900 expressões com exemplos, já que algumas expressões contêm mais de uma acepção contemplada com exemplo. Desse total, apenas 17 são autênticos, retirados de canções e obras literárias, traço típico de dicionários tradicionais. Apenas um exemplo foi retirado de jornal. Os demais exemplos são fabricados exclusivamente para ilustrar a expressão ou adaptados, o que não é mencionado nos guias de uso.

A seguir, apresentamos alguns exemplos encontrados nos dicionários:

- I. a) *Água com açúcar*: adj. Romântico, ingênuo (Só gosta de novelas água com açúcar). (D3)
 b) *Em primeira mão*: **1** Pela primeira vez, sem que tenha sido feito antes (diz-se da divulgação de informação, notícia etc.). **2** Que foi ou está sendo divulgado em primeira mão. (Uma notícia em primeira mão). (D2)
- II. a) *Acerto de contas*: resolução de um conflito, por meios pacíficos ou não (diálogo, reuniões, briga etc.) (1. A diretora está esperando você na sala dela para um acerto de contas. 2. O acerto de contas entre traficantes e usuários de drogas geralmente acaba em morte). (D3)
 b) *Estar com a macaca*: encontra-se irrequieto, irritado (É melhor não contrariá-la, porque hoje ela está com a macaca!). (D3)
- III. a) *Cada macaco no seu galho*: cada um em seu devido lugar, cuidando dos seus assuntos sem se intrometer nos problemas alheios (“Cada macaco no seu galho/cho, chuá/eu não me canso de falar, cho, chuá/ o meu galho é na Bahia/cho, chuá/ o seu é em outro lugar” Cada macaco no seu galho, Riachão). (D3)
 b) *Atirar a primeira pedra*: ser o primeiro a acusar alguém (“Covarde eu sei que podem me chamar,/porque não calo no peito essa dor,/atire a primeira pedra, ai, ai, ai/aquela que não sofreu por amor.” Atire a primeira pedra, Ataulfo Alves e Mário Lago.). (D3)
 c) *Deitar falação*: Falar longamente. (“...e deitaram falação sobre ética e honradez na política.”) (O Globo, 08/03/01) (D2)

Nos verbetes anteriores, há três tipos de exemplos. Os exemplos contidos em I e II não estão claros se são criados ou retirados de *corpora*, porém se diferenciam por sua estrutura. O primeiro tipo (I-A e I-B) não especifica o sujeito enquanto os exemplos do segundo grupo dão exemplos de orações completas, com sujeitos e complementos (II-A e II-B). Exemplos do primeiro tipo são utilizados

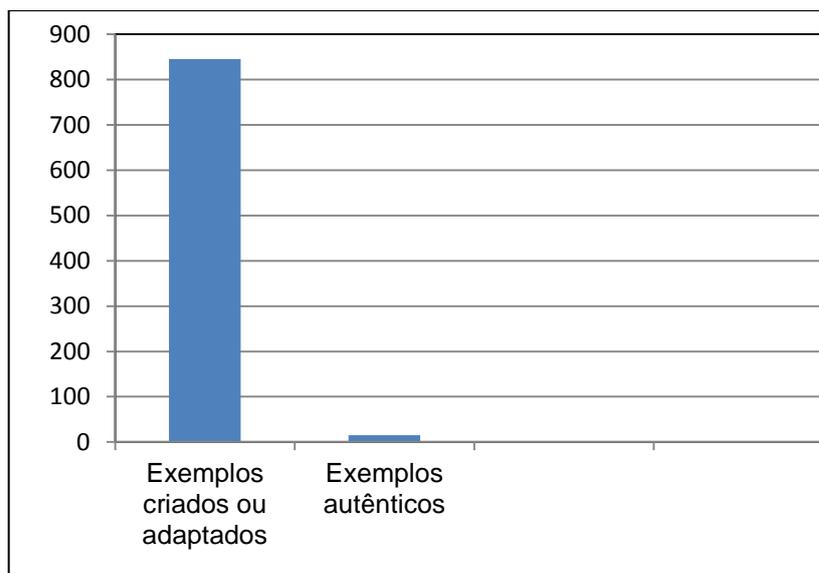
apenas para justificar uma expectativa do leitor e não contribuem muito para a compreensão e o uso das expressões exemplificadas.

Os exemplos apresentados em III são autênticos, passagens de músicas do compositor Riachão e de Ataulfo Alves e Mario Lago, ambas com aspas e indicação de fonte. Reiteramos que apenas 16 exemplos para as EI são autênticos e apenas um, o exemplo III-C, foi retirado de um jornal, os demais foram retirados de canções e textos literários.

Referente aos exemplos nos dicionários, o D3 é o que mais apresenta exemplos para as EI, em torno de 70% das EI são exemplificadas nesse material. Nele também figura a maior parte dos exemplos autênticos identificados, retirados de textos literários e canções, essa última fonte é a que mais dá exemplos às EI no D3. Apenas dois exemplos autênticos constam no D2 para as EI, um da literatura e outro de um jornal diário.

Analisando os exemplos, constatamos que as expressões idiomáticas abordadas nos materiais apresentam considerável número deles. No entanto, muitas vezes, eles parecem inventados com o propósito único de cumprir um espaço no verbete e não contribuir para melhor compreensão por parte do consultante. Não fica claro, no guia de uso ou no próprio verbete, se os exemplos são criados ou adaptados de *corpus*. Encontramos também exemplos autênticos retirados de textos literários, canções populares e jornais, o que demonstra que essas expressões, apesar de seu caráter oral e popular, estão presentes nos mais variados discursos, formais ou informais.

Em números, os exemplos e tipos, fabricados ou autênticos, ficariam conforme o gráfico seguinte, no qual se percebe a disparidade de exemplos autênticos em relação aos demais:

Gráfico 3 – Tipos de exemplos encontrados nos dicionários

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto aos materiais analisados, percebemos grande disparidade na quantidade de exemplos nos três dicionários. No D1, encontramos 330 expressões com exemplos. No D3, 520 expressões são exemplificadas. No entanto, o dicionário D2 apresenta apenas 173 exemplos para as expressões idiomáticas. Uma possível explicação para esta pouca quantidade no último material seria o fato de os dicionários analisados serem destinados à compreensão de texto e não à produção. Com esta visão, caberia ao consulente apenas compreender o significado das EI e não utilizá-las. Segundo essa concepção, seria desnecessário exemplificar demasiadamente tais expressões.

A causa da baixa exemplificação no material D2 também pode estar relacionada, segundo Pontes (2009) ao ato comum de 'copiar' definições de dicionários já existentes na produção de um novo material ou mesmo adaptação de um dicionário geral para o tipo escolar, onde apenas cortam-se verbetes para adaptá-lo a um novo objetivo, uma vez que as expressões idiomáticas não eram parte integrante dos dicionários no passado, pode interferir na criação destes verbetes e sua exemplificação como algo novo. Podemos também apontar a tradição de compor o dicionário apenas de palavras simples, portanto menos complexas para inserir na nomenclatura, definir e exemplificar. A inserção de

palavras compostas, expressões e até pequenos textos (provérbios) constitui ainda uma dificuldade e um desafio aos dicionaristas da contemporaneidade.

Outra hipótese para a ausência de exemplos autênticos pode ser o objetivo do exemplo no interior da microestrutura e o espaço pretendido para cada verbete em dicionários impressos. A presença de exemplos de uso tem a função de mostrar uma real situação de utilização da lexia. Como os exemplos são baseados em *corpora*, torna-se difícil a identificação de usos reais de expressões em contextos que sejam passíveis de entendimento por parte do consulente. A organização dos dicionários impressos enfrenta outras questões como espaço, por exemplo, o que dificulta a colocação de exemplos muito longos. Devido a isso, há a opção de colocar exemplos curtos, pelo caráter conciso dos dicionários, e que sintetizem o contexto de uso da expressão, o que culmina em exemplos fabricados ou adaptados.

Neste tópico, verificamos como são apresentados os exemplos de uso nas EI e os possíveis objetivos alcançados por eles. No tópico seguinte, apresentamos uma síntese dos resultados alcançados na pesquisa, a relação entre as EI e cultura que permeia todo o texto e uma breve sugestão de organização de verbetes que contenham expressões idiomáticas.

5.6 COLOCANDO OS PINGOS NOS IS

Como forma de recapitular as categorias analisadas, resumimos os resultados alcançados acerca de cada uma delas.

Quanto às características das expressões idiomáticas, tratamos aqui da fixação, idiomaticidade, estrutura, presença de palavra especial e variação. A fixação destas expressões apresentam graus que podem ser comprovados com a variação fraseológica que se permite em um grande número de expressões. Essa variação pode se dar por alteração léxica ou morfológica.

A idiomaticidade, outra característica das EI, também pode ser encontrada em níveis, dessa forma, classificamos as expressões em idiomáticas e semi-idiomáticas de acordo com a literalidade recuperada em seus componentes.

A presença de palavra especial é outro indicador da fixação apresentada pelas EI. Palavras que caíram em desuso seguem nos dicionários, ainda que apenas para dar entrada a expressões que as contenham.

As EI oferecem função sintática nas orações em que se inserem. Essas funções correspondem às mesmas das classes de palavras da língua portuguesa. O que nos leva a considerar a tipologia das EI de acordo com essas funções, a saber: nominais, verbais, adjetivas, adverbiais e frasais.

Quanto à apresentação nos dicionários, as EI estão presentes em grande número. Entram em verbetes correspondentes a lexias que as compõem e são dadas como subentradas destes verbetes. Um pequeno número de expressões possui verbete próprio, na maioria das vezes quando se considera esta expressão como um substantivo, por isso, uma entrada independente.

As marcas de uso, por sua vez, não são informações constantes em todos os verbetes de expressões idiomáticas. As marcas colocadas se mostram aleatórias e são, em sua maioria, sociolinguísticas, indicando o baixo prestígio que tais expressões deveriam ter na sociedade.

Os exemplos e abonações que seguem as expressões idiomáticas estão em pequeno número, se considerarmos a quantidade de expressões e a quantidade de exemplos. No material D2, de 1000 expressões, apenas 173 trazem exemplos, o que é preocupante. As abonações retiradas de textos autênticos são em número bastante reduzido. Os exemplos criados ou adaptados dominam a ilustração destas unidades nos dicionários. Nesse ponto, o D3 é o material que se apresenta mais produtivo e oferece mais funções do dicionário ao consulente, o que aumenta seu alcance no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

A relação das expressões analisadas com a carga cultural compartilhada pelos falantes brasileiros pode ser comprovada pelas marcas de uso utilizadas para caracterizar as EI. As indicações de figuratividade, popularidade, coloquialidade, familiaridade ou brasilidade demonstram o caráter que estas expressões possuem de estarem ligadas ao conhecimento de mundo, vivências e experiências da comunidade falante.

Não obstante, há expressões que estão relacionadas a conhecimentos outros que não são considerados coloquiais. Há expressões idiomáticas que têm

sua origem na história, na bíblia, na mitologia grega etc. conhecimentos considerados “*de elite*”. No entanto, o uso constante, a recorrência, e a tradição de uso passada de geração a geração levaram estas expressões a serem utilizadas por todas as classes sociais. A seguir, algumas expressões que têm suas origens em fontes eruditas, mas que são utilizadas por todos os falantes da língua portuguesa³⁶:

- *Camisa de onze varas*: de acordo com o dicionário da Academia Brasileira de Letras, a expressão tem origem histórica e se refere à camisa dos padecentes nos autos de fé da inquisição. No sentido figurado, passou a ser utilizada para se referir a situações de dificuldade: *meter-se em camisa de onze varas*.
- *Calcanhar de Aquiles*: conforme já visto, tem origem na mitologia grega e faz referência ao ponto fraco de Aquiles. Por analogia, a expressão significa fraqueza, ponto fraco.
- *Beber o cálice até o fim*: de origem bíblica, a expressão faz menção à passagem na qual Jesus é crucificado e pede ao Pai que afaste dele o cálice do sofrimento. Na linguagem figurada, passou a significar *suportar o sofrimento até o fim*.
- *Levar a cruz ao calvário*: também de origem bíblica, refere-se ao fato de Jesus carregar a própria cruz até o local onde foi crucificado. Metaforicamente, utiliza-se para *suportar sofrimento com resignação*.
- *Calendas gregas*: a expressão se refere a um tempo que nunca virá. Sua origem remete ao calendário romano, no qual chamavam calendas o primeiro dia de cada mês. Porém, as calendas não existiam no calendário grego, daí surgiu a expressão para fazer menção a algo que não irá acontecer.
- *Paciência de Jó*: expressão de origem bíblica que remete a Jó, personagem bíblico que teve sua fé testada, perdeu tudo o que tinha, mas não perdeu a fé em Deus. A expressão significa *ter muita paciência*.

³⁶ Fontes das origens das expressões: Bíblia, Google e o livro *Locuções Tradicionais no Brasil* de Câmara Cascudo (2004).

- *A sete chaves*: a expressão se refere ao hábito de guardar documentos e joias em arcas de ferro que continham quatro chaves. Conta-se que cada chave ficava com um funcionário e o baú só era aberto na presença das 4 pessoas. O número sete na expressão é atribuído ao misticismo que apresenta este numeral.
- *Cavalo de Troia e Presente de grego*: fazem alusão ao episódio da guerra de Troia, no qual os gregos deram um cavalo de pau de presente aos troianos, mas dentro dele estavam soldados que iriam destruir a cidade de Troia.

No dicionário D3, a definição para *calcanhar de Aquiles* faz referência ao fato mitológico que a originou, porém esta menção aos fatos não acontece em outras expressões de mesma origem. Explicações de cunho enciclopédico como estas enriquecem, culturalmente, o verbete e permitem que se aborde a interdisciplinaridade no estudo do léxico.

Calcanhar de Aquiles: ponto fraco ou vulnerável de alguém (Segundo a Mitologia, Aquiles, quando bebê foi banhado por sua mãe no rio Estige para tornar-se invulnerável, mas ela o segurou pelo calcanhar, que assim, não foi molhado, tornando-se vulnerável por onde entrou a flecha envenenada que o matou durante a guerra de Tróia). (D3, p.162)

Conforme dito anteriormente, a noção de cultura que permeia este trabalho é a que corresponde a toda e qualquer manifestação de um povo, e não apenas aos conhecimentos considerados cultos. Tampouco apenas as experiências vivenciadas pelos menos abastados. As expressões aqui analisadas demonstram que a cultura compartilhada pelos falantes brasileiros e que deram origem às expressões idiomáticas não se limitam ao erudito, mas mostra a mescla de diferentes *culturas* na composição do léxico da língua portuguesa, o que se pode comprovar pelas expressões anteriores.

A proposta inicial foi analisar o tratamento das expressões idiomáticas nos dicionários escolares. Feito isso, pensemos em formas de inserir essas expressões no ensino de línguas, materna ou estrangeira, tendo como material os

dicionários que estão disponíveis nas escolas. Estratégias e metodologias de ensino das expressões idiomáticas também podem ser objetos de futuras pesquisas na área da Fraseologia ou, em um âmbito maior, da Linguística Aplicada em geral.

Com o objetivo de produzir dicionários que melhor sirvam de apoio aos seus consulentes, sugerimos:

- a) Inserir as expressões idiomáticas como subentradas nos verbetes equivalentes a todas as lexias componentes.
- b) Seguir a ordem alfabética, dentro do verbete, das expressões que contêm a mesma palavra.
- c) Definir as expressões de forma clara e objetiva e, sempre que possível, remeter a expressões sinônimas.
- d) Incluir informações enciclopédicas às definições e não apenas semânticas, quando possível;
- e) Classificar estas expressões como idiomáticas a fim de que não sejam confundidas com as demais unidades fraseológicas, tais como as colocações.
- f) Apresentar as marcas de uso em todas as expressões não apenas para indicar baixo prestígio social, mas para que sejam indicados os contextos de uso e as possíveis relações culturais que as subsidiam. Basear-se, para isso, em conhecimentos científicos de áreas como a Sociolinguística.
- g) Apresentar exemplos de uso variados, quando possível, e baseados em *corpora* e relacionados a situações reais para que o significado e uso sejam compreendidos pelo consulente.
- h) Remeter expressões sinônimas ou antônimas.
- i) Indicar possíveis variações na estrutura da expressão.

Apresentamos alguns verbetes, com base no que se apresenta nos dicionários analisados, adaptados às sugestões acima. A microestrutura visa a uma definição clara, com o acréscimo de exemplos autênticos, classificação da categoria fraseológica (expressão idiomática), marca de uso e apresentação das expressões

sinônimas, quando houver, dentro da própria microestrutura. A escolha pela marcação coloquial deu-se por sua abrangência ser maior que as demais marcas utilizadas nos dicionários e para evitar marcas preconceituosas.³⁷

Acabar em pizza: *Exp. Id. Coloq.* Não dar resultados (investigação de escândalos, inquéritos etc.). Sendo com isso impedido seu esclarecimento e a identificação de possíveis culpados. “CPI do BNDES: mais uma que acaba em pizza.” (www.fatoonline.com.br)

Barata tonta: *Exp. Id. Coloq.* Pessoa confusa, desarvorada, perplexa. “Você me deixa cabreira, sem eira nem beira, feito barata tonta, você me apronta, depois me dá um beijo me faz um gracejo eu me desmancho toda, o resto que se exploda feito bomba h”. (Barata tonta, Rita Lee)

Bater as botas: *Exp. Id. Coloq.* Morrer. *Sin:* Descer à cova, esticar a(s) canela(s), exalar o último suspiro, ir desta para a melhor, ir para o beleléu, abotoar o paletó. “Você nunca sabe quando vai bater as botas, esticar as canelas ou abotoar o paletó de madeira. Pode ser daqui a cinquenta anos ou quando você sair do trabalho, atingido por um “buzão” 485. Além de estar com os assuntos em ordem com o Criador é bom deixar as coisas daqui em ordem.” (www.zeletron.com.br)

Camisa de onze varas: 1. Camisa dos padecentes nos autos de fé da inquisição. 2. *Exp. Id. Fig. Hist.* Situação de dificuldade. “Ele (Cunha) é um dos investigados pela Operação Lava Jato e pelo Ministério Público. Está em maus lençóis, ou em camisa de onze varas, talvez mais.” (tribunadonorte.com.br).

³⁷ Expressão idiomática (Exp. Id.);
Coloquial (Coloq.);
Sinônimo (Sin.);
Bíblico (Bíbl.);
História (Hist.).
Figurado (Fig.)

Dar com a língua nos dentes: *Exp. Id. Coloq.* Revelar um segredo; contar o que não devia ser contado: *Recomendei-lhe que guardasse segredo, mas ele deu com a língua nos dentes. “A velha é danada, pois tudo que vê dá com a língua nos dentes. Tem o dom de fofocar (...)”* (A sogra, Zeca Pagodinho/Zé Roberto).

Fazer das tripas coração: *Exp. Id. Coloq.* Fazer grande esforço para conseguir realizar algo. *“Pra satisfazer essa mulher eu faço das tripas coração. Pra ela sempre digo sim, pra ela nunca digo não.”* (É preciso muito amor, Zeca Pagodinho).

Paciência de Jó: *Exp. Id. Bíbl.* muita paciência, paciência infinda. *“Mas o “doutor” Konder Reis também tinha outra fama, esta não tão abonadora: falava demais em seus discursos. Quem se dispunha a assisti-lo precisava de paciência de Jó.”* (<http://dc.clicrbs.com.br/>).

Saco de gatos: *Exp. Id. Coloq.* Bagunça; confusão. *Sin: Salve-se quem puder; Deus nos acuda.* *“Um saco de gatos: parece que foi nisso que o Brasil se transformou, ao assistir ontem, terça-feira, a sessão plenária da Câmara dos Deputados”.* Júlio Ernesto Bahr em <http://blogs.odiarario.com/>

Saltar aos olhos: *Exp. Id. Coloq.* Ser evidente, claríssimo. *Sin. Estar na cara.* *“O que será que me dá, que me bole por dentro, será que me dá; que brota à flor da pele, será que me dá; e o que me sobe às faces e me faz corar; e o que me salta aos olhos a me atraindo e que me aperta o peito e me faz confessar(...)”* (O que será, Chico Buarque).

Segurar/aguentar o rojão: *Exp. Id. Coloq.* Suportar problema ou consequência negativa. *Sin: Cortar um dobrado.* *“Muita mutreta pra levar a situação; que a gente vai levando de teimoso e de pirraça; e a gente vai tomando que também sem a cachaça; ninguém segura esse rojão”.* (Canção Meu caro amigo, Chico Buarque).

Virar o jogo: *Exp. Id. Coloq.* Passar a ganhar jogo, depois de estar perdendo.
“*Marina Silva mostrou que está disposta a virar a jogo nas eleições de outubro*”.
(eleicoes.uol.com.br)

Apesar das sugestões, sabemos que, na prática, a produção de dicionários impressos enfrenta outros desafios que tornam difícil a sistematização da inserção das EI em sua nomenclatura da forma sugerida, especialmente no que concerne à utilização de exemplos autênticos. Entretanto, acreditamos que seria possível, e de muita importância, a produção de um dicionário fraseológico que possa ser distribuído nas escolas de ensino básico com o propósito de auxiliar professor e aluno no processo de ensino/aprendizagem de língua materna.

No próximo capítulo, apresentamos as considerações acerca do tratamento das expressões idiomáticas nos dicionários.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: *DANDO O RECADO*

“As expressões idiomáticas não só cumprem a função de comunicação, mas também permitem aos falantes desabafar as tensões, os sentimentos, as emoções, mostrar a sua individualidade, ou seja, do que ele acredita ser capaz, o que os acontecimentos lhe evocam, a ironia, o sentido trágico e gracioso da vida etc.”

(Maria Luisa Ortiz Alvarez)

Iniciamos esta pesquisa com o objetivo de analisar o tratamento dispensado às expressões idiomáticas nos dicionários escolares de língua portuguesa recomendados pelo Ministério da Educação para serem usados por estudantes do segundo ciclo do Ensino Fundamental. Para tanto, usamos como *corpus* verbetes com expressões idiomáticas retirados dos dicionários - Dicionário escolar da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras (2012), Dicionário escolar da língua portuguesa Caudas Aulete (2012) e Dicionário da língua portuguesa Saraiva Jovem Ilustrado (2010). Teoricamente, apoiamo-nos em autores como Zuluaga (1980), Tristá (1988), Corpas Pastor (1996), Pontes (2009) e Welker (2004-2008).

Limitamo-nos às expressões idiomáticas por considerarmos que elas formam a categoria de fraseologismo mais prototípica, já que apresentam todas as características básicas, em diferentes graus, tais como forte fixação e idiomaticidade.

A escolha dos dicionários deu-se pela relevância que esses materiais têm no processo de ensino/aprendizagem de línguas. Focamos nos dicionários escolares pelo desafio de abordar as EI no ensino de língua materna e por pretendermos colaborar com a inserção mais efetiva destes materiais no ensino-aprendizagem de língua portuguesa, no âmbito do Ensino Fundamental.

Inicialmente, realizamos o levantamento das expressões presentes em três destes materiais e restringimos a pesquisa às que apresentam algum grau de idiomaticidade, ou seja, expressões cujos significados não são completamente ou parcialmente dedutíveis a partir do valor de suas partes isoladas. Nesse primeiro

momento, cumpre destacar que as expressões idiomáticas estão presentes nos dicionários analisados em considerável quantidade. Se considerarmos que são, a priori, consideradas de baixo valor social e alto grau de informalidade, tais unidades figuram em boa quantidade em dicionários destinados a falantes nativos da língua portuguesa. No total, foram totalizadas mais de 1500 expressões diferentes. Depois de analisarmos os dados, podemos agora tecer algumas considerações sobre os resultados da pesquisa.

Em relação ao objetivo de comparar a apresentação inicial dos dicionários com as informações contidas nos verbetes quanto às expressões idiomáticas, concluímos que os dicionaristas apresentam na introdução dos materiais uma definição para as *locuções*, termo que engloba todas as expressões compostas por duas ou mais palavras, a maneira e o local onde serão apresentadas na estrutura do material. No entanto, podemos perceber que não há correspondência entre o que se dispõe na introdução e o que se verifica no verbete, pois encontramos expressões na subentrada do verbete bem como entradas autônomas, além de estas expressões dividirem espaço com todas as construções polilexicais da língua.

Após o levantamento das expressões encontradas, o passo seguinte foi confrontar as características propostas pela teoria com as características das expressões em questão, quais sejam: idiomaticidade, fixação, presença de palavra especial e variação fraseológica. No que diz respeito ao objetivo de relacionar o tratamento das expressões idiomáticas quanto às características apresentadas pelo dicionarista com a classificação da teoria fraseológica, a análise dos dados nos autoriza a considerar que as expressões, em sua maioria, correspondem aos traços apontados pela teoria, a saber: apresentam graus variados de idiomaticidade que as tornam semi-opacas ou totalmente opacas, o que as caracteriza como uma unidade de sentido único não correspondente à soma das lexias componentes.

A fixação, por sua vez, mostrou-se uma característica gradativa já que grande parte das expressões encontradas permite algum tipo de variação: lexical, semântica ou morfológica. Este traço variacional pode ser percebido em um grande número de expressões, o que não descaracteriza sua fixação, mas traz problemas quando se trata da inserção dessas expressões nos dicionários, pois as possíveis variações não são apresentadas nos verbetes que apresentam as EI.

Ainda dentro da variação, podemos constatar que os dicionários apresentam diversas expressões sinônimas, quer dizer, diferentes EI que possuem o mesmo significado e que, por serem diferentes em sua estrutura, não é feita qualquer relação entre elas. Utilizando-se desta sinonímia fraseológica, seria viável uma remissiva dentro dos verbetes que contenham expressões sinônimas relacionando-as a suas variações. Porém, sabemos que esta prática tomaria muito espaço em dicionários impressos. No entanto, seria exequível em dicionários eletrônicos, on-line ou mesmo dicionários especiais nos quais as EI fossem o foco da nomenclatura. Especialmente os de percurso onomasiológico, que partem de um conceito às palavras ou expressões a ele relacionadas.

Percebemos, ainda, um número considerável de expressões que apresentam, em sua composição, palavras que não são mais utilizadas isoladamente, o que garante a elas um grau maior de fixação, uma vez que somente na expressão a palavra especial entra em uso e são colocadas nos dicionários por esse motivo. Estes vocábulos podem ser arcaísmos ou palavras históricas que não são normalmente utilizadas fora do contexto da expressão. O que deve ser destacado, neste ponto, são as palavras que embora não sejam mais utilizadas ou não apresentem significado fora da expressão, permanecem nos dicionários e remetem à expressão em sua definição. Por exemplo, a palavra *vaca-fria* que em sua definição apenas remete à expressão *voltar à vaca-fria* e a *lexia pira* que é usada apenas na expressão *dar o pira*.

Quanto ao objetivo de analisar a localização das expressões em relação ao verbe de entrada, percebemos que grande parte das expressões, mais de 80%, tem entrada em verbetes de substantivos, embora tenhamos encontrado casos de expressões em outras classes gramaticais, como: verbo, adjetivo, advérbio, numeral, preposição e interjeição. Algumas expressões possuem entradas autônomas e esse é o ponto que cabe atenção por parte dos dicionaristas, pois não estão claros, na introdução, quais critérios serão considerados para que a expressão seja considerada entrada principal ou subentrada de outro verbe. Esta instabilidade na organização das expressões nos dicionários dificulta a localização por parte dos consulentes.

Quanto à tipologia das expressões analisadas, confirmamos a proposta de Xatara (1998) que classifica as EI em verbal, nominal, adjetiva, adverbial e frasal.

As expressões de nosso corpus atendem a esta tipologia. Esse fato pode dificultar o tratamento lexicográfico ou servir de norte para que haja uma sistematização quanto ao tratamento das EI em trabalhos futuros. A classificação pela tipologia da EI dentro da oração poderia ser bem aproveitada em dicionários especiais de expressões idiomáticas, nos quais poderiam ser divididas por suas características tipológicas.

Sobre a tarefa de analisar as marcas de uso referentes às expressões e os traços culturais presentes nessa classificação, nosso exercício analítico mostrou que as marcas sociolinguísticas são as mais utilizadas quando se trata de expressões idiomáticas. Acreditamos que isso se deve ao fato de que a maior parte destas expressões é criada nas tradições e vivências populares, são autóctones, o que faz com que estejam mais ligadas à oralidade e à informalidade, ficando de lado quando se trata de um tratamento sistemático que prioriza a formalidade e a “cultura” tidas como superiores. Neste sentido, as marcas de uso utilizadas para as expressões idiomáticas nos dicionários são: popular, coloquial, familiar, brasileirismo, pejorativo, gíria e chulo. Todas indicam restrição de uso a contextos informais, com maior ou menor julgamento de valor.

Outro ponto analisado nos verbetes foi a apresentação de exemplos. Constatamos que as expressões idiomáticas estão acompanhadas de grande número de exemplos adaptados, fabricados ou autênticos. Não fica claro, porém, de onde são retirados os exemplos (com exceção dos autênticos que indicam a fonte) ou quais os critérios para a colocação ou não de exemplo para as expressões.

Em uma comparação dos dicionários analisados, D1 e D3 apresentam bastantes exemplos para as EI. Já o D2 deixa a desejar nesse quesito, apenas 173 exemplos são colocados na apresentação de EI. Embora na introdução dos dicionários haja indicação de que os exemplos são retirados de *corpora*, poucos são os exemplos autênticos relacionados às EI. Isso pode ser justificado pelo fato de a ocorrência dessas expressões acontecerem em contextos restritos e que ao serem recortados, não seriam compreendidos pelos consulentes dos dicionários, o que pode levar à escolha de utilização de exemplos fabricados ou adaptados nesses contextos.

Por fim, concluímos que as expressões idiomáticas são partes constantes nos dicionários analisados, conforme apontado pelos dicionaristas no guia de uso ou introdução de seus materiais. No entanto, há ainda alguma confusão terminológica

quanto ao que se entende por fraseologismo. O termo 'locução' (o mesmo termo usado por Casares), é utilizado constantemente como um hiperônimo para se referir a qualquer junção de palavras que possui dois ou mais componentes e é consenso entre os dicionaristas que elas figurem no final dos verbetes, após as acepções das palavras que lhes dão entrada.

Na verdade, o que se percebe é uma verdadeira mistura de tudo que é considerado complexo ao final do verbete, sem qualquer indicação do que sejam ou porque estejam ali. Por exemplo, no verbete 'casa', podemos encontrar formações do tipo 'casa de pensão', 'casa de tolerância', 'casa da moeda' ou 'casa da mãe Joana', estando nítido que essas expressões não apresentam as mesmas características.

Não queremos, com esta pesquisa, desqualificar o trabalho dos lexicógrafos que produzem estes materiais, pois sabemos o quão árduo é o fazer lexicográfico e estamos cientes dos obstáculos de se produzir dicionário impresso, especialmente em tempos de tecnologia e globalização extremas. Queremos, contudo, lançar luz sobre o trabalho lexicográfico no que diz respeito ao tratamento dos fraseologismos, especificamente das expressões idiomáticas, nos dicionários escolares, contribuindo, assim, para um aproveitamento mais efetivo desses materiais por parte dos estudantes que buscam neles maior conhecimento sobre sua língua, aproximando-os da cultura popular, coloquial que lhes deu origem e que certamente eles têm contato, de maneira direta ou indireta, consciente ou mesmo inconsciente através da linguagem.

Por outro lado, devemos ressaltar que os dicionários escolares aqui analisados, uma vez que são indicados pelo Ministério da Educação como adequados para o uso dos estudantes do Ensino Fundamental II, apresentam um bom e diversificado repertório de expressões idiomáticas da língua portuguesa. Neste sentido, podem ser utilizados como materiais de apoio no ensino/aprendizagem de língua portuguesa enquanto língua materna a falantes que ainda estão em fase de consolidação lexical.

Os achados aqui reunidos são relevantes na medida em que podemos deles extrair implicações como a necessidade de um tratamento mais sistemático das expressões idiomáticas nos dicionários escolares, pois o que se percebe é que há um distanciamento dos estudos linguísticos que abordam o léxico do fazer

lexicográfico. O que se estuda na Linguística de corpus, Fraseologia, Fraseografia, Sociolinguística parece não chegar aos dicionaristas e esses estudos não são refletidos na organização dos dicionários. É necessário que se faça essa ponte entre o que se estuda na academia e o que se faz na prática lexicográfica para que seja oferecido aos professores e alunos um material atualizado e que cumpra o papel ao qual se destina de ser apoio na prática docente e no aprendizado de línguas.

Os resultados que este trabalho nos permitiu encontrar são úteis à área da Linguística Aplicada porque as constatações que chegamos podem contribuir ao fazer lexicográfico por apontar problemas na organização dos dicionários no que se refere às expressões idiomáticas. Além disso, as conclusões às quais chegamos com esta pesquisa podem colaborar para a produção de material que vise ao ensino de língua portuguesa no que tange a essas expressões, bem como na abordagem que pode ser feita na sala de aula sobre as EI e a riqueza cultural que elas apresentam.

Sugestões de continuidade da pesquisa: dar pano para mangas

Conscientes da limitação deste trabalho, que se limitou a abordar as expressões idiomáticas em dicionários impressos, pensamos que seria muito interessante a realização de pesquisas que abordem o tratamento das demais unidades fraseológicas, tais como colocações, provérbios e fórmulas de rotina, em materiais didáticos. Sugerimos também a análise de outros tipos de dicionários (geral, bilíngue, eletrônico) que servem a outros contextos de ensino de línguas, pois essas pesquisas contribuirão para que se identifiquem as lacunas presentes no tratamento fraseológico no contexto do ensino e dos materiais didáticos, bem como no âmbito da lexicografia.

Uma segunda sugestão seria a produção de dicionários e materiais específicos de fraseologia voltados ao ensino de línguas, especialmente no ensino básico. Isso contribuirá para a inserção destas unidades no ensino de língua portuguesa enquanto língua materna através dos dicionários.

O tratamento/abordagem dessas unidades no ensino de línguas através dos dicionários pode ser feito com base em sua relação com a cultura compartilhada

pelos falantes, pelo teor popular ou coloquial presente nelas ou mesmo pela cultura erudita que dá origem a parte delas, além da relação interdisciplinar que proporcionam aos que com elas têm contato, visto que têm sua origem em histórias e situações que podem contribuir ao enriquecimento do repertório cultural dos alunos. Uma organização de verbete que contemple todas essas nuances, conforme sugerimos no final do capítulo de análise, auxiliará o professor a realizar essa abordagem de forma mais efetiva.

O tratamento das expressões idiomáticas nas aulas de língua portuguesa por professores e estudantes do Ensino Fundamental pode tornar mais rica a aprendizagem sobre a língua materna, suas características e relações culturais. Levar a discussão sobre essas expressões, suas origens, usos e significados pode contribuir para o desenvolvimento do senso crítico do aluno, respeito à diversidade cultural que subjaz a língua, além de permitir a esses estudantes a ampliação do conhecimento de mundo a partir de acontecimentos históricos, bíblicos, políticos etc. que dão origem às EI.

O dicionário, enquanto material de auxílio a esse processo e enquanto obra de referência no que diz respeito à língua portuguesa, pode ser utilizado como meio de acesso a essas informações. Para isso, a inserção de ditas expressões nesse material deve ser repensada visando maior uso em sala de aula e, principalmente, com o objetivo de contribuir à efetiva aquisição lexical e linguística por parte dos consulentes.

Dessa forma, esperamos contribuir para uma nova sistematização das expressões idiomáticas nos dicionários escolares e, por consequência, aproximá-las aos estudantes do Ensino Fundamental II, juntamente com toda a riqueza cultural que elas apresentam.

REFERÊNCIAS

ANGELS, Friedrich. *et al.* **O papel da cultura nas ciências sociais**. Porto Alegre: Villa Martha, 1980.

ANTUNES, Irlandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARBOSA, Maria Aparecida. A fraseologia no percurso gerativo de enunciação de codificação: no sistema, nas normas, no falar concreto. *In*: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 247-254.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. *In*: **Filologia Linguística Portuguesa**. n. 5, 2002, p. 85-116.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Unidades complexas do léxico. *In*: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O. M.; Silva, F. (Org.). **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. II, 2005.

BORBA, Francisco da Silva. **A arte de fazer um dicionário**. Discutindo língua portuguesa. Entrevista concedida a Paulo Bearzoti Filho. Ano I, n.1, jan/2006, p.12-16.

BURGER, Harald. **Phraseologie: eine einföhrung am beispiel des deutschen**. Berlim, Erich Schmidt Verlag, 1998. Resenha de SOUZA, E. A. Pandaemonium Germânicum, 2001.

CAMACHO, Beatriz Facincani. **Estudo comparativo de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

CARAMORI, Alessandra Paola. **Expressões idiomáticas em Rodari**: subsídios para a elaboração de um dicionário bilíngue. 2006. 161 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CARVALHO, Gislene Lima. **As unidades fraseológicas no ensino de português língua estrangeira**: os últimos serão os primeiros. 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (Orgs.). **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CASARES, J. **Introducción a la Lexicografía Moderna**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Lingüísticas, 1950.

COROA, Maria Luiza. Para que serve um dicionário?. *In*. CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos. (Orgs.). **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 61-72.

CORPAS PASTOR, Gloria. **Manual de fraseologia española**. Madrid: Gredos, 1996.

COSERIU, Eugenio. **Lecciones de Lingüística General**. Madrid: Gredos, 1981.

DOBROVOL'SKIJ, Dmitrij. "Phraseology; historical development and theoretical aspects." *In*: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 15-50.

FILLMORE, Charles. "Innocence: a Second Idealization for Linguistics." **Berkeley Linguistic Society**. 5, 1979.

FIORIN, José Luiz. Língua, identidades e fronteiras. **Diversitas**, jul. 2013.

FULGÊNCIO, Lúcia. **Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro**. 2008. 489 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

GARCÍA-PAGE, Mario. La fraseología en España: de Casares (1950) a la nueva gramática de la Real Academia (2009). *In*: ORTIZ ALVAREZ, M. L. & HUELVA, H. U. (orgs.). **(Re)Visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. São Paulo: Pontes, 2011.

GARCÍA-PAGE, Mario. Variantes morfológicas y unidades fraseológicas. **Paremia**. n.8. Madrid, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GLENK, Eva. Fórmulas de rotina: uma porta de entrada para padrões interacionais. *In*: **Pandaemonium germanicum**. 2007, p. 189-214.

GONZÁLEZ-REY, Isabel. **La didactique du français idiomatique**. Fernelmont: E.M.E., 2007.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2011.

HUMBLÉ Philippe. **Dicionários e ensino de línguas**. Prelo. Disponível em: <<http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores.php?idpub=26>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

IÑESTA MENA, Eva Maria; PAMIES BERTRÁN, Antonio. **Fraseología y metáfora**. Granada: Granada Linguística, 2002.

JORGE, Guilhermina. A tradução nos estudos fraseológicos. *In*: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 59-90.

JORGE, Guilhermina. Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural. **Polifonia**. Lisboa: Edições Colibri, n.º 4, p. 215-222, 2001.

JORGE, Guilhermina. Reflexões em torno da tradutologia das construções fraseológicas na perspectiva interlínguas. *In*: **Polifonia**. Lisboa: Edições Colibri, n.º 1, 1997, pp. 33-43. Disponível em: <http://www.fl.ul.pt/unil/pol1/pol1_txt4.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2011.

KLARE, Johannes. Lexicologia e fraseologia no português moderno. **Revista de Filología Románica**. IV. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1986.

KRAMSCH, Claire. **The cultural component of language teaching**. 1996. Disponível em: <http://www.spz.tu-rmstadt.de/projekt_ejournal/jg_01_2/beitrag/kramsch2.htm>. Acesso em: 05 ago. 2010.

KRIEGER, Maria da Graça. Dicionários para o ensino de língua materna: princípios e critérios de escolha. **Revista língua e Literatura**. V 6-7. N. 10-11, 2004-2005.

LAKOFF, George. JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

LAPA, M. R. **Estilística da Língua Portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LEMONS, Andrea Michiles. **As estratégias de interpretação de unidades fraseológicas do português para a libras em discursos de políticos**. 2012. Dissertação. 177f. (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARQUES, Aparecida. Las unidades fraseológicas desde la perspectiva cognitiva. Estado de la cuestión. *In*: GONZÁLEZ REY, I. (Org.). **Les expressions figées en didactique des langues étrangères**. 1º ed. Fernelmont: Editions Modulaires Européennes, 2007, p. 11-31.

MARTÍNEZ LÓPEZ, Juan A. Sobre algunos elementos del contorno en el diccionario fraseológico. **Revista de lexicografía XIII**, 2007, p. 55-65.

MARTINS, Vicente de Paula da Silva. **Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português brasileiro**. 2013. 411 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

MATTES, Marlene. THEOBALD, Pedro (Orgs.) **Ensino de línguas: questões práticas e teóricas**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Com direito à palavra**: dicionários em sala de aula. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2012.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. Fraseologia uma mão na roda na construção do sentido. **Synergies Tunisie**, n. 3. 2011, p. 161-168.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. Gastronomismos fraseológicos: um olhar sobre fraseologia e cultura. *In*: ORTIZ, Maria Luisa Alvarez & HUELVA, Henrique Unterbäumen. (orgs.). **(Re)Visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. São Paulo: Pontes, 2011.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia**: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

MORAIS POLÓNIA, Cecília Paula Faria. **As expressões idiomáticas em português língua estrangeira**: uma experiência metodológica. Dissertação (Mestrado em Ensino de Português Língua Segunda/Estrangeira) – Faculdade de Letras. Universidade do Porto, 2009.

NOIMANN, Aline. **Um olhar sobre os fraseologismos (locuções) em um dicionário bilíngue escolar espanhol-português/português-espanhol**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil**: análise e história do século XVI ao XIX. São Paulo: Pontes, 2006.

OLIVEIRA, Sirlene Terezinha. de. **Comparação de fraseologismos franceses em dicionários bilíngues brasileiros**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Letras. Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. **A língua(gem) nossa de cada dia: o componente fraseológico no ensino de línguas próximas (ELE E PLE)**. 2009. Disponível em: <http://www.let.unb.br/mlortiz/documentos/artigos/artigos_pdf/Minicurso_SP_2008_2.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2010.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira**. 2000. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Language. UNICAMP, 2000.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. Expressões idiomáticas: ensinar como palavras, ensinar como cultura. FEYTOR PINTO, P & JÚDICE, N. (Orgs.). *In: Para acabar de vez com Tordesilhas*. Lisboa: Edições Colibri, 1998, p. 101-117.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos do seu ensino em PLE. *In: CAVALCANTI CUNHA, M. J.; SANTOS, P. (Orgs.). Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília: UnB, 2002, p. 157-172.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa; SANTOS, Percila. Aspectos culturais relevantes no ensino de português para falantes do espanhol: as expressões idiomáticas e a carga cultural compartilhada. *In: SANTOS, Percila; ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. (Orgs.). Língua e cultura no contexto de português-língua estrangeira*. 1 ed. Campinas: Pontes Editores, v.1, 2010, p. 191-224.

PENADÉS MARTÍNEZ, Inmaculada. Didáctica de la fraseología y de la paremiología. *In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa (Org.). Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. p. 91-117.

PETERSON, Elizabeth; COLTRANE, Bronwyn. **Culture in second language teaching**. Center for applied linguistics. Washington DC, 2003.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

PONTES, Antônio Luciano. Fraseologia em dicionários escolares brasileiros. *In: Revista de Letras*, v.30, 2010/2011. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/Revista%20de%20Letras%20Vol.30%20-%201.4%20-%20jan.%202012%20.%20dez.%202011/rl30art14_fraseologia_em_dicionarios_escolares.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2012.

PONTES, Antônio Luciano. Multimodalidade em dicionários escolares. *In*: ISQUIERDO, Aparecida Negri.; BARROS, Lídia Almeida. (Orgs.). **As ciências do léxico**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010.

RAMOS, Margarita Alonso. Hacia una definición del concepto de colocación: de J. R. Firth a I. A. Mel'cuk. **Revista de Lexicografía**. 1994-1995, p. 9-28.

RANGEL, Ergon de Oliveira; BAGNO, Marcos. **Dicionários em sala de aula**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

RANGEL, Ergon de Oliveira. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. *In*: CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. (Orgs.). **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 61-72.

RIVA, Huéinton Cassiano. **Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

RONCOLATTO, Eliane. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol da Colômbia: análise, qualificação e equivalência**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras. UNESP, Assis, 2001.

RUIZ GURILLO, Leonor. Aspectos de fraseologia teórica española. *In*: RUIZ GURILLO, L. **Cuadernos de filología**. Valencia: Universidad de Valencia, 1997.

SANROMÁN, Alvaro Iriarte. **A unidade lexicográfica: palavras, colocações, frasesmas e pragmatemas**. 2000. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem – Linguística Aplicada) – Centro de Estudos Humanísticos – Universidade do Minho, Braga, 2000.

SANTAMARÍA PÉREZ. María Isabel. **Tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe español-catalán**. 2000. 387 f. Tese (Doutorado em Filosofia e Letras) – Faculdade de Filosofia e Letras, Universidad de Alicante, Alicante, 2000.

SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Ed. 27. São Paulo: Cultrix, 2006.

TAGNIN, Stella. **O Jeito que a Gente Diz: expressões convencionais e idiomáticas**. São Paulo: Disal, 2005.

TRISTÁ, Antonia María. **Fraseologia y Contexto**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

WELKER, Herbert Andreas. Colocações e expressões idiomáticas em dicionários gerais. In: ORTIZ ALVARE, M. L. & HUELVA, H. U. (Orgs.). **(Re)Visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. São Paulo: Pontes, 2011.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários uma pequena introdução à Lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

WELKER, Herbert Andreas. **Panorama geral da lexicografia pedagógica**. Brasília: Thesaurus, 2008.

XATARA, Cláudia. A produção fraseoparemiográfica. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 205-2012.

XATARA, Cláudia. **As expressões idiomáticas de matriz comparativa**. 1994. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1994.

XATARA, Cláudia. Tipologia das expressões idiomáticas. **Alfa**. São Paulo, 1998.

ZULUAGA OSPINA, Alberto. Análisis y traducción de unidades fraseológicas desautomatizadas. **PhiN**, 1999. Disponível em: <www.phin.de>. Acesso em: 05 fev. 2010.

ZULUAGA OSPINA, Alberto. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt a. M., Bern, Cirencester/UK: Lang, 1980.

ZULUAGA OSPINA, Alberto. La fijación fraseológica. **THESAURUS**, XXX, p. 225-248, 1975. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/30/TH_30_002_017_0.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2013.

ZULUAGA OSPINA, Alberto. *Los “enlaces frecuentes” de María Moliner. Observaciones sobre las llamadas colocaciones*. **PhiN**, 2002. Disponível em: <<http://web.fu-berlin.de/phin/phin22/p22t3.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

Dicionários analisados:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2012.

AULETE, Caldas. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

SARAIVA. **Saraiva Jovem**: dicionário da língua portuguesa ilustrado. São Paulo: Saraiva, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro de identificação das expressões idiomáticas nos dicionários

Expressão	Verbetes de entrada	Marcas de uso	Definição	Exemplos de uso	Dicionários que contêm

APÊNDICE B – quadro de características das expressões idiomáticas

Expressão	FIXAÇÃO	IDIOMATICIDADE	TIPOLOGIA	PALAVRA ESPECIAL	PERMITE VARIAÇÃO

ANEXOS

ANEXO A – Expressões idiomáticas encontradas nos dicionários

A

À boca pequena: Em voz baixa; em segredo.

A céu aberto: ao ar livre; diz-se de trabalhos de escavação ou de mineração que se realizam totalmente a descoberto, prescindindo de poços, túneis ou galerias subterrâneas.

A dar com o pau: em demasia, bastante (Com a câmera digital dele, meu tio tira foto a dar com o pau!).

A duras penas: com muitas dificuldades: Construiu sua casa a duras penas.

A ferro e fogo: fig de todo jeito, com seriedade excessiva, ao extremo (Não precisamos levar as críticas a ferro e fogo.)

Águas passadas: o que já passou e não convém mais lembrar ou considerar: Isso são águas passadas, ainda somos bons amigos.

A horas mortas: A altas horas (da noite).

A olho nu: com a vista desarmada de qualquer instrumento óptico.

A olhos vistos: visivelmente, de maneira inquestionável: Ela vem engordando a olhos vistos.

A pão e água: mal alimentado.

A pão e laranja (água): quase ou em total miséria.

A perder de vista: muito extenso no tempo: Com prestações a perder de vista.

A peso de ouro: muito caro (O preço da carne anda a peso de ouro.).

A quatro mãos: Para ou por duas pessoas (diz-se de execução de música num só piano, ou de realização de obra ou tarefa).

À rédea solta: fig. À vontade, livre de pressões.

A sete chaves: muito bem fechado.

A seu talante: a seu bel-prazer.

A tempo e a hora: em hora oportuna.

A toda brida: a toda pressa; em disparada.

A todo pano: às carreiras, a toda pressa.

A todo vapor: muito depressa, com rapidez extrema.

A toque de caixa: com toda pressa.

A torto e a direito: em grande quantidade ou a esmo: Começou a disparar insultos a torto e a direito.

A três por dois: com muita frequência.

A vaca ir pro brejo: us para se referir a um grande fiasco, a algo que não deu certo e não ter chance de ser recuperado (A peça já estava meio chata, mas, quando o cenário desmoronou em cena, a vaca foi pro brejo!)

Abotoar o paletó: gír. Morrer.

Abrir a alma: Desabafar, confidenciar.

Abrir alas: Disporem-se (pessoas) em duas fileiras próximas e frente a frente, para que alguém passe entre elas.

Abrir mão de: desistir de (algo); ceder, conceder, dispensar.

Abrir o berreiro: começar a gritar ou chorar alto (Quando percebeu que não teria o que queria, abriu o berreiro.).

Abrir o bico: coloq. 1. Delatar, denunciar: Decidir-se por abrir o bico diante de tanta corrupção. 2. Confessar (delito, crime etc.): Não abriu o bico mesmo sob tortura.

Abrir o coração: falar de coisas íntimas com sinceridade.

Abrir o jogo: falar com toda a franqueza.

Abrir o(s) olho(s) de alguém: fazer ver: Precisamos abrir-lhe os olhos, senão ele põe tudo a perder.

Abrir o(s) olho(s): tomar cuidado para não ser engando ou surpreendido. Perceber, cair em si. Abra os olhos enquanto há tempo.

Abrir os braços a: Receber bem; acolher com simpatia.

Abrir uma brecha: 1. (esp.) no futebol, forçar passagem com abola através da defesa adversária. 2. Fig. Ter influência sobre algo ou alguém; abalar, afetar: a crise financeira abriu uma brecha nos negócios da família.

Acabar com a raça de: coloq. Matar, exterminar.

Acabar em pizza: gír. Não dar resultados (investigação de escândalos, inquéritos etc.). Sendo com isso impedido seu esclarecimento e a identificação de possíveis culpados.

Acender uma vela a Deus e outra ao diabo: procurar estar bem com os dois lados; seguir duas ideias opostas.

Acertar as contas: conversar com alguém para resolver questões mal resolvidas.

Acertar na mosca: fig. Acertar em cheio.

Acerto de contas: resolução de um conflito, por meios pacíficos ou não (diálogo, reuniões, briga etc.) (A diretora está esperando você na sala dela para um acerto de contas. O acerto de contas entre traficantes e usuários de drogas geralmente acaba em morte).

Afinal de contas: Finalmente, enfim.

Afrouxar a(s) rédeas(s) a/de: Dar mais liberdade a, reduzir o rigor no controle de.

Agora é que são elas: coloq. Momento em que se descobre uma dificuldade.

Água com açúcar: romântico, ingênuo (novelas água com açúcar).

Aguas passadas: fig. Tudo aquilo que já passou e não interessa mais.

Aguentar a mão: *Bras.* 1 Enfrentar situação difícil resistindo, suportando. 2 Esperar com paciência, com resistência.

Aguentar/segurar as pontas: suportar valentemente situação difícil.

Ainda por cima: Além disso, além do mais.

Ajustar contas: Acertar pendência (financeira, emocional etc.) com alguém, de forma amigável ou litigiosa.

Ajuste de contas: 1 *Cont.* Acerto entre créditos e débitos pendentes. 2 *Fig.* Ação de revide ou desagravo por atitude hostil ou prejudicial sofrida.

Aldeia global: nome dado ao mundo globalizado, unificado e sem fronteiras devido ao desenvolvimento dos meios de comunicação em massa.

Alma do outro mundo: fantasma, assombração.

Alpinista social: fig pop pej pessoa que usa artimanhas para subir socialmente, frequentar ou pertencer a uma classe social tida como nobre (“apesar da idade ela nunca se cansa/ de entrar nessa dança e sair no jornal/ e tem sempre um plano por debaixo do pano/ ela é alpinista social”, Alpinista social, música de Lenine.)

Altas horas: Horas avançadas e silenciosas da noite.

Altos e baixos: alternância de bons e maus momentos: a vida dele é cheia de altos e baixos.

Alugar meio campo: *Fut.* Estar todo o time avançado durante algum tempo, com dez (ou quase) jogadores no campo adversário.

Amarrar/fechar a cara: coloq. Fazer cara feia, mostrar-se zangado.

Amigo da onça: *Bras* pop falso amigo, hipócrita.

Amigo do peito: Amigo querido, grande amigo. amigo íntimo, muito próximo.

Amigo oculto/secreto: *Bras.* Nas festas de fim de ano, pessoa que, por sorteio ou outra forma de escolha, deve presentear outra, só se revelando quando da entrega do presente.

Amizade colorida: *Pop.* Relacionamento amoroso sem compromisso formal ou de continuidade.

Amor à primeira vista: paixão ou amor que acontece de repente, no primeiro contato.

Amor livre: que não segue padrões sociais como a monogamia.

Amor platônico: ligação amorosa sem relação ou desejo físico.

Amostrar a asa a: aproximar-se de alguém com intenções amorosas.

Andar ao atá: andar sem rumo.

Andar de orelha em pé: andar desconfiado, suspeito.

Andar na linha: comportar-se convenientemente: Depois de fazer muita bobagem, ela agora anda na linha.

Andar nos trilhos: agir de maneira correta, ajuizada (Ele já errou muito, mas agora está andando nos trilhos e tornou-se uma pessoa correta.).

Anjo da guarda: 1. Ente espiritual responsável por cuidar de cada uma das almas, dando-lhes proteção. 2. Por ext pessoa que protege outra.

Ao apagar das luzes: na última hora.

Ao ar livre: fora de qualquer ambiente fechado.

Ao deus-dará: À toa; ao acaso; à sorte.

Ao pé da letra: exatamente como está dito ou escrito; literalmente.

Ao pé do ouvido: Cochichando, em segredo.

Aos trancos e barrancos: Com dificuldade, desajeitadamente. De qualquer maneira.

Aparar (ou cortar) as asas de: reduzir as manifestações de independência ou de intimidade: meu filho não quer obedecer-me, tenho que aparar as suas asas.

Aparar as arestas: 1. Entrar em acordo sobre pontos, ideias ou assuntos divergentes (O namoro de Adriano e Angelina tinha tudo para dar certo, eles só precisavam aparar algumas arestas.) 2. Tornar melhor, aperfeiçoar, ajustar (Antes da estreia da peça de teatro era preciso aparar algumas arestas nos ensaios.)

Apelar/Partir para a ignorância: Recorrer à agressão física ou verbal para resolver uma divergência.

Apertar o cinto: *Fig.* Limitar despesas, por falta de recursos ou para poupá-los.

Arma branca: a que produz ferimentos perfurantes ou cortantes com a ponta ou com o gume, impelida unicamente pela força do braço.

Arma de fogo: a que arremessa projéteis por efeito da pólvora.

Arranca-rabo: Bras. Pop. Discussão violenta, briga generalizada; rolo.

Arrastar a asa: fazer gentilezas para tentar conquistar alguém.

Arregaçar as mangas: fig. Dispor-se a trabalhar ou executar (algo) com muito empenho.

Arrepiar carreira: voltar atrás; retroceder.

Arriar a carga: coloq. Cansar-se, fatigar-se.

Arrimo de família: Pessoa que mantém sua família provendo-lhe o necessário para o sustento.

Arriscar a pele: correr risco; pôr-se em risco (Como advogado, eu não arriscaria a minha pele para defender uma pessoa sem ética.).

Arrocho salarial: Contenção de aumentos de salários. Ger . para conter despesas ou impedir subida de preços e inflação.

Arroz de festa: RJ SP pop. 1. Indivíduo aficionado por festas, que não perde uma festa. 2. Indivíduo que acompanha mulheres em festas, sem se relacionar com nenhuma delas.

Às mil maravilhas: muito bem; da melhor maneira possível: Os festejos de réveillon ocorreram às mil maravilhas.

Asas do nariz: partes laterais das narinas.

Assentar (ou cair) como uma luva: ajustar-se perfeitamente, adaptar-se bem.

Assentar a cabeça: Tomar um rumo na vida, tomar juízo.

Assim assim: nem bem nem mal; mais ou menos.

Assim ou assado: desse jeito ou de outro.

Assinar em cruz: 1. Assinar (o analfabeto), traçando uma cruz. 2. Assinar sem ler o que está assinado.

Assistir de camarote: observar um acontecimento de uma posição privilegiada (O rapaz do alto do edifício assistiu de camarote ao show de rock no estádio ao lado.)

Até a medula: fig. 1. Em excesso; no mais alto grau: Estou de trabalho até a medula. 2. Até o mais íntimo do ser; até o âmago; profundamente: A ingratidão doeu-lhe até a medula.

Até as orelhas: completamente cheio: Estou de trabalho até as orelhas.

Até debaixo d'água: Em qualquer situação, mesmo difícil ou desfavorável.

Até dizer chega: *Bras. Pop.* Muito.

Até os olhos: a mais não poder, em quantidade excessiva: Estou de serviço até os olhos.

Atirar a luva: desafiar.

Atirar a primeira pedra: apressar-se em condenar ou punir alguém. Ser o primeiro a acusar alguém.

Atirar no que viu e certar no que não viu: obter resultado diferente do que pretendia.

Atrás das grades: coloq. Na cadeia; preso: Os corruptos e fraudadores devem ficar atrás das grades.

Atraso de vida: que causa problema ou prejuízo (Repetir o ano escolar é um atraso de vida).

Avançar o sinal: 1. Não cumprir a lei e ignorar a luz vermelha do semáforo: O motorista do ônibus avançou o sinal e foi multado. 2. Fig. Ignorar as regras impostas por alguém: Ele avançou o sinal e eu terminei o namoro.

Ave de mau agouro: pessoa que traz notícia ruim.

B

Baba de moça: Bras cul doce feito com leite de coco, gemas de ovos e calda de açúcar, que são fervidos juntos até formarem um creme.

Bafo de onça ou bafo de tigre: 1. Hálito com cheiro forte de bebida alcoólica (De longe dava pra sentir o bafo de onça de Benedito.) 2. Por ext pessoa alcoolizada; bêbado (Todo mundo sabe que Benedito é um bafo de onça.)

Baixar a cabeça: *Fig.* Submeter-se, portar-se com humildade (em certa situação).

Baixar a crista: ficar humilde, submisso (Depois da bronca que levou do professor, o garoto baixou a crista.)

Baixar o topete: tornar-se mais humilde; moderar-se (Trate de baixar esse topete e usar de mais educação para falar com as pessoas, pois ninguém está aqui para servir você.).

Baixar ou sossegar o facho: diminuir o entusiasmo; acalmar-se (É melhor baixar o facho, não cante vitória antes de saber o resultado do teste.).

Baixar/descer/sentar o sarrafo em (alguém): gír. 1. Surrar, espancar: O bando baixou sarrafo na vítima. 2. Coloq. Criticar, depreciar: A imprensa baixou o sarrafo no político.

Baixar/sentar o pau em: coloq. 1. Dar uma surra em; dar pancada em: O guarda baixou/sentou o pau no ladrão. 2. Falar mal; criticar: O cronista social baixou/sentou o pau na festa dos Oliveira Marques.

Bala perdida: Num tiroteio, bala que atinge acidentalmente uma pessoa ou coisa que não fora visada.

Balde de água fria: Mq ducha de água fria (**V** ducha).

Banana de dinamite: cartucho de dinamite usado para demolir construções, remover pedra etc.

Banho de loja: compra de muitas peças de vestuário para renovar o guarda-roupa e/ou o estilo pessoal de alguém.

Levar um banho: Ser derrotado em disputa por grande diferença de gols, de pontos etc.

Barata tonta: coloq. Pessoa confusa, desarvorada, perplexa.

Armar um barraco: gír. Criar confusão ou tumulto; fazer um banzé: Contrariado por não poder entrar na festa, armou o maior barraco na portaria.

Barrado no baile: Bras pop impedido de entrar.

Barriga da perna: pop parte de trás da perna, panturrilha.

Batata da perna: Panturrilha, barriga da perna.

Batata quente: problema que precisa ser resolvido (Bernardo ficou com a batata quente: sobrou pra ele responder a pergunta mais difícil do trabalho.).

Bater as botas: fam morrer.

Bater asas: fugir, Ir embora.

Bater boca: discutir, altercar. (Detesto bater boca, mas ele me provocou.)

Bater em retirada: 1. Recuar, retroceder. 2. Fig. Sair rapidamente; escapar, fugir.

Bater na madeira: afastar o mau agouro, o azar, o mau-olhado; isolar.

Bater na mesma tecla: insistir no mesmo assunto.

Bater o martelo: fig. Dar a última decisão sobre (algo); tomar uma resolução: O presidente bateu o martelo na questão do salário mínimo.

Bater o pé: teimar; insistir: O menino batia o pé que queria sua bola.

Bater o queixo: tremer de frio ou de medo.

Bater papo: conversar informalmente.

Bater perna: andar à toa, por andar; passear (Chega de ficarmos sentados em frente ao computador! Vamos bater perna por aí!).

Bater pino: 1. (Mec.) desregular (o motor à explosão) por falta de combustível ou defeito. 2. Mostrar exaustão, extremo cansaço: Hoje estou batendo pino de cansaço.

Bater um fio: *Fam.* Telefonar, conversar por telefone.

Bater uma bola: *Bras. Fut.* Jogar futebol, ger. Não em competição oficial.

Bêbado como um gambá: muito embriagado.

Beber o cálice até o fim: suportar até o fim o sofrimento.

Beco sem saída: coloq. Situação embaraçosa, dificuldade, aperto.

Ter/estar com bicho-carpinteiro: qualidade ou atitude de alguém que não para quieto, que está agitado e/ou travesso.

Bicho de sete cabeças: *Bras.* Coisa muito complicada, de difícil entendimento ou solução. (Depois da apresentação, descobriu que falar em público não é nenhum bicho de sete cabeças.).

Bicho do mato: *Bras* pessoa retraída e arredia, que evita o convívio social (Betânia é um bicho do mato: tem vergonha de falar com as pessoas).

Bilhete azul: Dispensa, demissão de emprego.

Boas maneiras: Gentileza e respeito para com outras pessoas; EDUCAÇÃO.

Boca a boca: 1. De forma oral (A publicidade boca a boca garantiu o sucesso da peça. O boca a boca é a melhor propaganda.) 2. Método de respiração artificial pelo qual quem presta socorro sopra o ar que sai da própria boca na boca do paciente (respiração boca a boca).

Boca da noite: *Fig.* O noitecer.

Boca de fumo: ponto de venda de maconha e outras drogas.

Boca de siri: *Bras. Pop.* 1. Atitude discreta; silêncio. *Interj.* 2. *Us.* Para pedir sigilo absoluto sobre determinado assunto: por favor, não comente: boca de siri!

Boca de urna: *Bras. Pop.* 1. Propaganda eleitoral feita no dia da eleição e perto do local de votação, proibida por lei: foi preso fazendo boca de urna. 2. Área próxima de onde se vota.

Boca do lixo: *Bras. pop.* Zona urbana de prostituição, tráfico de drogas etc.

Bola de neve: *fig* alguma coisa que cresce ou se agrava constantemente, saindo do controle (O acúmulo de problemas vira uma bola de neve e dificulta uma solução.).

Bom de bico: pessoa que promete e não cumpre.

Bom de bola: *Bras. Esp.* Que é exímio jogador (de jogo com bola).

Pegar o bonde andando: coloq. Tomar parte de uma conversação ou situação sem conhecimento do que teria sido dito ou teria ocorrido até então.

Botar (pessoa ou coisa) nas nuvens: elogiar em excesso: Diante da futura nora, a mãe botou o filho nas nuvens.

Botar a boca no mundo: Gritar, clamar.

Botar a boca no trombone: *Bras. Pop.* **1** Denunciar, delatar. **2** Reclamar, protestar.

Botar as manguinhas de fora: fig. Revelar sua verdadeira personalidade e suas reais intenções.

Botar banca: mostrar-se superior aos outros, destacando as próprias qualidades, posição social ou bens materiais (Chegou botando banca, fazendo várias manobras com o esqueite).

Botar para quebrar: *Pop.* **1** Lançar-se com toda a energia em empreendimento, resolvendo pendências, inovando, revolucionando etc. **2** Intervir em algo com vigor, violência etc.

Botar uma pedra em cima: abafar, encobrir; esquecer.

Botar, jogar, pôr no olho da rua: expulsar, despedir alguém.

Botar, Pôr olho grande em: invejar, cobiçar.

Botar/Pôr (alguém) no bolso: *Bras. Pop.* **1** Ludibriar, enganar (alguém). **2** Ser superior a.

Botar/Pôr água na fervura: Acalmar, tirar ou diminuir entusiasmo.

Braço direito: o principal colaborador de uma atividade.

Braço forte: braço direito.

Brincar com fogo: Arriscar-se, meter-se afoitamente em situações perigosas ou desagradáveis.

Buraco negro: *Astron.* Região do espaço com um campo gravitacional intenso, capaz de atrair todo tipo de matéria e energia.

Burro de carga: **1.** Animal usado em trabalhos pesados. **2.** Pessoa que faz trabalho excessivo que deveria ser feito por outrem.

Burro sem rabo: carregador que puxa um carrinho de mão.

C

Cabeça de bagre: 1. Esp. Pej. Jogador (em ger. de futebol) muito ruim. 2. Bras. Pop. pessoa tola, imbecil.

Cabeça de vento: pessoa distraída e irresponsável, que não pensa no que faz (“-cabeça de vento! Peste! Isto são cousas que se façam? Foi isto que te ensinei? Deixa estar; tu me pagas”, Vidros Quebrados, Machado de Assis).

Cabeça fria: Calma, tranquilidade (esp. Em situações difíceis).

Cabeça no ar: pessoa leviana ou estouvada.

Cabeça oca: Despreparado, imaturo.

Cabeça quente: Nervoso.

Cabeça-chata: Bras. Pej. Pessoa que nasce no nordeste, esp. No Ceará. [At! O termo é considerado depreciativo ou preconceituoso.]

Cabeça-dura: pessoa muito teimosa, que ninguém consegue convencer.

Cabide de empregos: coloq. 1. Pessoa que acumula muitos empregos. 2. Instituição que emprega amigos e apadrinhados de pessoas influentes.

Cabo de guerra: Bras. Competição em que duas equipes puxam as pontas de uma corda em direções contrárias, e vence o que conseguir arrastar a outra para além de um limite marcado.

Cabo eleitoral: Pessoa que trabalha para conseguir votos para determinado candidato em época de eleição.

Cabra da peste: *N.E.* Pessoa valente, decidida, enérgica. **Cabra da peste** s.m. coloq. Sujeito mau, desqualificado.

Cabra-macho: Bras. Pop. Pessoa corajosa, firme.

Cada macaco no seu galho: cada um em seu devido lugar, cuidando dos seus assuntos sem se intrometer nos problemas alheios (“Cada macaco no seu galho/cho, chuí/eu não me canso de falar, cho, chuí/ o meu galho é na Bahia/cho, chuí/ o seu é em outro lugar” Cada macaco no seu galho, Riachão).

Café pequeno: *Bras.* Coisa fácil, ou sem importância.

Cair a ficha: perceber; dar-se conta de algo (Só agora caiu a ficha de que confundi o dia da festa e que ela estava marcada para sábado passado.).

Cair a Ligação: interromper a comunicação telefônica por causa de problemas técnicos.

Cair a sopa no mel: Ser ou acontecer algo muito oportuno ou conveniente no contexto.

Cair bem: combinar com, ser pertinente, adequado: A saia azul caiu bem com a blusa branca; As palavras do pregador caíram bem naquela assembleia.

Cair como um patinho: ser facilmente enganado (Enquanto os outros preparavam a surpresa, Plínio inventou uma história para desviar a atenção do amigo, que caiu como um patinho).

Cair das nuvens: ter grande surpresa, geralmente decepcionante: Caí das nuvens quando soube de minha reprovação.

Cair de cama: adoecer.

Cair de pé: sofrer uma derrota sem perder o ânimo, com dignidade.

Cair de quatro: coloq. Espantar-se, surpreender-se com alguma coisa: Ela quase caiu de quatro quando soube que o filho tinha sido escolhido.

Cair de/Meter a cabeça (em): *Gír.* Envolver-se totalmente (com/em algo), com muita energia e dedicação.

Cair do cavalo: Ter uma surpresa, ger. Associada à decepção.

Cair do céu: Conseguir algo inesperadamente, fazendo ou não esforço para tal.

Cair doente: adoecer, ficar doente.

Cair dos céus: Ficar surpreso, cair das nuvens.

Cair em si: reconhecer seu erro; voltar à realidade: Depois daquele momento de fantasia, ela caiu em si e viu que estava sendo enganada.

Cair fora: Sair, livrando-se de uma situação.

Cair mal: 1 Não combinar. 2 Ser inadequado, inoportuno, mal aceito.

Cair na brincadeira: entregar-se a um divertimento, cair na folia (Os foliões caíram na brincadeira quando o trio elétrico começou a tocar.).

Cair na gandaia: divertir-se muito; cair na farrá (“Abra suas asas/ solte suas feras/ caia na gandaia/ entre nessa festa”), Dancin days, Nelson Mota e Rubens Queiroz.

Cair na pele de: *Pop.* Zombar de.

Cair na rede: coloq. Ser engando e cair num golpe sujo, numa cilada, armadilha etc.: Não seja incauto, não caia na rede de charlatães.

Cair nas graças de: Agradar a.

Cair no goto de alguém: cair nas graças de alguém; agradar.

Cair no mundo: fugir, escapar, desaparecer.

Cair pelas tabelas: *Pop.* Estar muito cansado, ou enfraquecido, ou doente, ou em má situação.

Calar/Fechar o bico: Calar, não revelar segredo.

Calcanhar de Aquiles: ponto fraco ou vulnerável de alguém (Segundo a Mitologia, Aquiles, quando bebê foi banhado por sua mãe no rio Estinge para tornar-se invulnerável, mas ela o segurou pelo calcanhar, que assim, não foi molhado, tornando-se vulnerável por onde entrou a flecha envenenada que o matou durante a guerra de Tróia).

Calcanhar de Judas: s.m. Lugar distante, cafundó.

Calendas Gregas: tempo que nunca há de vir.

Cama de gato: 1. Brincadeira infantil em que, com certos movimentos das mãos, se dá formas diversas a um pedaço de barbante. 2. Fut. Jogada ilícita em que um jogador agacha-se sob outro, que está pulando, para provocar-lhe uma queda.

Caminho das pedras: coloq. A fórmula para se conseguir alguma coisa.

Camisa de onze varas: 1. (Hist.) camisa dos padecentes nos autos de fé da inquisição. 2. Fig. Situação de dificuldade.

Cansar a beleza: ser enfadonho, chato (Esse monte de propaganda cansa minha beleza).

Cantar de galo: coloq. Dar ordens; impor sua vontade e autoridade.

Cantar vitória: vangloriar-se de um sucesso já realizado ou tido como certo (Não cante vitória antes da hora, pois o jogo ainda pode virar!).

Canto do cisne: Última obra ou realização de um artista, de um virtuose etc.

Capitão do mato: Bras. Indivíduo que capturava escravos fugidos.

Cara a cara: Frente a frente.

Cara de pau: adj. 1. Diz-se de uma pessoa ou de uma atitude cínica, sem-vergonha, desembaraçada, caradura. 2. Diz-se de pessoa com fisionomia inexpressiva e impassível. * s.m. e f. 3. Coloq. Pej. Pessoa cínica; sem-vergonha, desembaraçada.

Carne de pescoço: coloq. Pessoa de mau gênio, difícil de tratar.

Carne verde: carne fresca.

Carregar (algo) nas costas: Realizar sozinho (um trabalho, projeto etc.) cumprindo tarefas que caberiam a outro(s).

Carregar o time nas costas: 1. Esp ser o melhor jogador de uma equipe, tendo participação decisiva em uma partida ou campeonato; 2. Ser o mais empenhado entre outros que fazem parte de um grupo de trabalho.

Carta branca: *Fig.* Autorização dada a alguém para que aja livremente.

Carta fora do baralho: Pessoa sem influência ou prestígio.

Casa da mãe Joana: 1. Bordel; 2. Lugar desorganizado, onde a bagunça é generalizada.

Casa da sogra: lugar onde não há ordem, disciplina.

Casa de cômodos: habitação coletiva de classes pobres.

Casa de tolerância: casa que aluga quartos para encontros amorosos.

Casa noturna: *Bras.* Boate, cabaré.

Castelos no ar: projetos sem fundamentos, irrealizáveis, sonhos.

Causar espécie: provocar espanto; surpreender: A notícia daquele atentado causou espécie nos espectadores.

Cavalo de batalha: **1** Dificuldade. **2** Área ou assunto preferidos de alguém, ou nos quais tem bom desempenho. Argumento tomado com insistência: fez de um pequeno incidente um cavalo de batalha.

Cavalo de pau: 2. *Fig.* Freada brusca e giro que faz o veículo parar em posição invertida.

Cavalo de troia: 1. Objeto oferecido como presente com o intuito de prejudicar quem o aceitar. 2. *Inform* arquivo com fotos, músicas ou animações que, ao ser aberto, executa alguma ação indesejada ou prejudicial ao computador.

Caveira de burro: s.m Falta de sorte; azar: esta cidade tem caveira de burro.

Cerca viva: conjunto de plantas, em geral da mesma espécie, cultivado para delimitar um espaço.

Céu de brigadeiro: céu sereno que apresenta excelentes condições de voo.

Chá dançante: reunião dançante que, principiando à tardinha, à hora do chá, vai até certa hora da noite.

Chá de panela: s.m reunião oferecida a uma noiva para presenteá-la com objetos de utilidade doméstica.

Chave de ouro: remate feliz de qualquer empreendimento.

Chave de Salomão: (*Folc.*) amuleto que, segundo se crê, dá a quem o possuir o conhecimento de tudo.

Chegar a sua hora: estar à morte, estar prestes a morrer.

Cheio como um ovo: muito cheio; repleto.

Cheio de dedos: Indeciso, embaraçado, confuso.

Cheio de histórias: 1 Complicado, criador de casos, melindroso. 2 Pretensioso, cheio de luxos.

Cheio de ípsilones: coloq. Cheio de nove-horas, ou seja, com muitas exigências desnecessárias.

Cheio de nove-horas: excessivamente sensível para coisas de menor importância; exigente com relação a coisa menores.

Cheio de si: Muito orgulhoso, vaidoso, ou arrogante.

Choque cultural: conflito cultural que desintegra grande parte de uma cultura posta em contato com outra.

Chorar de barriga cheia: lamentar-se sem motivo.

Chorar lágrimas de sangue: arrepender-se de forma profunda (Selma deu uma tremenda mancada e vai voltar chorando lágrimas de sangue, mas eu não vou reatar a amizade).

Chorar miséria: coloq. Queixar-se, sem motivo, de apuros financeiros: ganha muito bem, mas está sempre chorando miséria.

Chove não molha: s.m.2.n. coloq. Situação indefinida, que não se resolve: Ela fica num chove não molha e não se decide.

Chover a Cântaros: chover torrencialmente. (com intensidade referente à chuva) nota minha.

Chover no molhado: Repetir ou mencionar o que já foi dito ou que já se sabe sem obter o que se deseja; propor ou tentar solução para o problema já resolvido.

Chupa-sangue: Pop. Aquele que se aproveita do trabalho do outro.

Chutar o balde: Bras gír deixar de se importar com as consequências de um ato; abandonar, desistir de algo (Durante a semana, Berenice segue a dieta à risca, mas no final de semana ela chuta o balde e come todos os doces que vê pela frente).

Chutar o pau da barraca: Mq chutar o balde (**V balde**).

Chutar para escanteio: coloq. Fig. Botar de lado; livrar-se: Minha namorada me chutou para escanteio.

Chutar/Jogar para o alto: Abandonar, desistir de, deixar de interessar-se por (algo).

Chuva de mulher: chuva miúda e duradoura.

Cidade dos pés juntos: gír. Cemitério.

Cinturão verde: Área verde de vegetação e de cultivo agrícola em volta de uma cidade.

Colher os frutos: ser reconhecido ou conseguir resultados provenientes da dedicação a uma tarefa, ação etc. (Fabiana estudou muito durante seu curso de Medicina e hoje colhe os frutos de seu esforço: é uma das cardiologistas mais reconhecidas do país).

Colocar no mesmo saco: atribuir a mesma importância a: O crítico colocou os diferentes estilos no mesmo saco.

Com a cabeça no ar: Distraído, desatento.

Com a cara e a coragem: coloq. Entrar numa disputa ou enfrentar um problema sem dispor de meios.

Com a corda no pescoço: em dificuldade, principalmente financeira.

Com a mosca azul: com grandes ambições e pretensões, geralmente frustradas.

Com a pulga atrás da orelha: desconfiado (A filha afirmara ter ido ao shopping, mas a mãe ficou com a pulga atrás da orelha porque a vizinha havia comentado ter visto a menina em outro lugar aquela tarde).

Com a(s) mão(s) na massa: Em plena execução de um trabalho, uma tarefa.

Com água na boca: fig. Com um forte desejo, especialmente por alguma comida.

Com cara de tacho: *Bras. Pop.* Decepcionado, desorientado.

Com mão de ferro: Com rigor, autoridade; com pulso firme.

Com o coração nas mãos: cheio de preocupação; ansioso.

Com pé atrás: com desconfiança.

Com quatro pedras na mão: com disposição belicosa; de um modo agressivo.

Com todas as letras: explicitamente com todos os detalhes.

Com uma mão na frente e outra atrás: Sem recursos.

Com unhas e dentes: com toda a força; com empenho: ela defendia o filho com unhas e dentes.

Comer a bola: *Bras. Esp.* Jogar muito bem (de jogo com bola).

Comer barriga: cometer algo por distração.

Comer com os olhos: Observar (algo, alguém) intensamente, ger. Com admiração ou desejo.

Comer fogo: passar dificuldades.

Comer mosca: coloq. Fig. Não perceber; deixar passar a oportunidade de fazer (algo).

Comer o pão que o diabo amassou: sofrer grandes privações; sofrer horrivelmente.

Comer/Comprar gato por lebre: Ser enganado, recebendo algo de qualidade inferior à do que deveria ter recebido.

Comer/Levar bola: *Gír.* Aceitar suborno.

Comes e bebes: comidas e bebidas servidas em festas, reuniões, eventos etc.

Como gente (grande): Como deve ser; bem.

Como manda o figurino: de acordo com as regras e padrões sociais; ideal (A noiva queria um casamento como manda o figurino: com vestido branco, buquê, véu e grinalda).

Como o peixe na água: à vontade, no seu elemento.

Como um infeliz: coloq. Muito, excessivamente, exageradamente: fuma como um infeliz.

Como uma bomba: *Fig.* De repente, surpreendentemente.

Como uma flecha: Muito rápido.

Conhecer alguém ou alguma coisa como a palma da mão: conhecer bem; conhecer profundamente: Conheço minha cidade como a palma da mão.

Conhecer o seu eleitorado: *Bras. Pop.* Conhecer as características, defeitos etc. da pessoa com quem se está lidando.

Conta de chegar: Aquela em que, para atingir valor preestabelecido, modificam-se valores de parcelas, fatores etc.

Contar as horas: esperar com impaciência e inquietação.

Contar vantagem: gabar-se de suas qualidades reais ou fictícias.

Conto da carochinha: história para criança.

Conto do vigário: *Bras* golpe usado para enganar as pessoas, oferecendo-lhes vantagens duvidosas e aparentes; embuste (Viu a foto de uma colônia de férias linda a um preço muito barato, mas, quando chegou lá, viu que tinha caído no conto do vigário: o lugar era horrível).

Contra a maré: *fig.* Contra o senso comum; contra a corrente; na contra-mão: Remava sozinho contra a maré do oportunismo político.

Conversa fiada: *Pop.* **1** Promessa, proposta, planos de pessoa que não pretende cumpri-los ou realizá-los. **2** Conversa que não leva a nada, sem propósito. Conversa.

Conversa mole: **1.** Conversa fiada: não me venha com conversa mole. **2.** Pessoas que não cumpre o que promete: onde está o que você prometeu? Você é mesmo um conversa mole.

Conversa-fiada: Bras. 1. Pessoa que não pretende cumprir o que promete. 2. Pessoa que conta vantagem; conversador.

Corpo a corpo: s.m.2.n 1. Luta de confronto físico, sem armas: Decidiram a questão num corpo a corpo violento. 2. Contato pessoal de um candidato com seus prováveis eleitores: O candidato a prefeito participará de um corpo a corpo em Madureira.

Correr mundo: 1. Viajar por muitos lugares. 2. Espalhar-se, divulgar-se, propagar-se.

Correr por conta de: Ser pago por.

Cortar o mal pela raiz: eliminar definitivamente a causa do mal ou do problema.

Cortar um dobrado: suportar um trabalho duro ou uma situação penosa.

Cortar uma volta: ter de se esforçar muito: Ele cortou uma volta para se formar em Medicina.

Criar caso: Fazer intriga; provocar problemas.

Cruzar os braços: *Fig.* Não fazer nada; não intervir; parar. *Fig.* Furtar-se ao trabalho.

Cuspir no prato em que comeu: ser ingrato com quem lhe deu auxílio.

Custar os olhos da cara: ser de preço exorbitante: Essa roupa custou os olhos da cara.

D

Da pá virada: fam. De procedimento estouvado, ou que fere certas convenções: Joãozinho é um menino da pá virada.

Danado da vida: muito aborrecido, irritado: Saiu daqui danado da vida com os filhos.

Dançar conforme a música: agir de acordo com as circunstâncias e não de acordo com os próprios princípios (Martinho preferiu perder o emprego na empresa a ter de dançar conforme a música de seu chefe, cuja honestidade é mais do que duvidosa).

Daquele jeito: coloq. Maneira de qualificar negativamente um estado, uma ação, um desempenho: Digitou o trabalho daquele jeito...

Dar (livre) curso a: Deixar ou fazer algo seguir; soltar: Ela deu livre curso a sua imaginação.

Dar (um) duro: *Bras.* Esforçar-se muito; trabalhar muito.

Dar (um/o) cano: *Pop.* Faltar a encontro, a compromisso.

Dar (uma) Bandeira: *Bras. Gír.* 1 Deixar (um viciado em drogas) transparecer que estar drogado. 2 Deixar transparecer algo que se pretendia esconder. (Disse que havia faltado porque estava doente, mas deu bandeira quando apareceu com aquele bronzeado de praia).

Dar a lume: Publicar.

Dar a mão a: 1 Estender a mão a, para apertar as mãos com cumprimento. 2 *Fig.* Ajudar, amparar, ser solidário com.

Dar a mão à palmatória: Reconhecer o próprio erro ou falta. Dar-se por vencido; reconhecer que não tem razão.

Dar a palavra a uma pessoa: permitir que a pessoa fale; passar a palavra a uma pessoa.

Dar a palavra de honra: obrigar-se a alguma coisa; jurar, prometer.

Dar a palavra: Prometer ou afirmar que o que se diz é verdadeiro ou sincero.

Dar a volta por cima: Conseguir se refazer depois de um fracasso.

Dar as caras: Comparecer.

Dar as cartas: Ter influência ou prestígio.

Dar asa: permitir intimidade.

Dar asas a: expandir: dei asas à imaginação e elaborei um prato interessante.

Dar baixa: anotar ou registrar algo (A vendedora deu baixa da venda realizada, inserindo-a na planilha de estoque da loja).

Dar bode: gír. Resultar em confusão, encrenca: A festa deu bode.

Dar bola a/para: *Bras. Gír.* 1 Dar confiança a (alguém); aceitar galanteio de (alguém). 2 Dar atenção a (alguém). 3 Subornar.

Dar cabo de: Matar, eliminar.

Dar cano: coloq. Deixar de pagar o que deve: deu o cano em seus credores.

Dar chabu: não sair como foi esperado; falhar.

Dar com a língua nos dentes: revelar um segredo; contar o que não devia ser contado: Recomendai-lhe que guardasse segredo, mas ele deu com a língua nos dentes.

Dar com o nariz na porta: encontrar fechada a porta que se esperava aberta.

Dar com os burros n'água: *Bras.* 1 Perder oportunidade, negócio etc.; não conseguir levar algo a bom termo. 2 Fazer uma bobagem.

Dar com os olhos: avistar: De repente, dei com os olhos no pão de açúcar.

Dar conta de/Dar conta do recado: Desincumbir-se a contento de (tarefa, missão).

Dar conta do recado: Ver *Dar conta de em conta*.

Dar corda a: provocar, estimular alguém a falar.

Dar de cara com: coloq. Encontrar-se de surpresa com.

Dar de ombros: mostrar indiferença a; fazer pouco caso de.

Dar duro: *Bras. Gír.* Trabalhar muito, esforçar-se muito.

Dar em cima de: *Bras.* Assediar (alguém) visando conquista amorosa. *Pop.* Paquerar, cortejar.

Dar em nada/Não dar em nada: Não resultar em nada, não ter sucesso.

Dar errado: coloq. Não alcançar o resultado esperado: Tudo deu errado ao mesmo tempo.

Dar fé (de): Assegurar como verdadeiro, testificar.

Dar galho: coloq. Trazer dificuldade, complicação.

Dar liga: resultar em uma mistura homogênea, em uma boa combinação (Algumas batatas não servem para fazer nhoque porque não dão liga. O namoro de Lucineide e Laerte não deu liga: os dois gostam de coisas muito diferentes).

Dar lugar a: Dar a vez a; ser substituído por. **2** Dar motivo a, ser causa de.

Dar mole: gír 1. Demonstrar interesse amoroso por alguém; corresponder a uma paquera, dar bola (Vá falar com o Maurício, Milena, ele está te dando mole!). 2. Ser tolerante, facilitando uma atividade, ordem etc. dada a alguém (Depois de trabalharmos bastante, nosso chefe deu mole, deixando-nos ir para casa mais cedo para nos preparar para a reunião no dia seguinte.) 3. Agir de modo descuidado (Fica dando mole com a mochila nas costas dentro do ônibus lotado que assaltam você!).

Dar murro em ponta de faca: fig. Persistir em algo impossível de concretizar-se.

Dar na telha: coloq. Vir à mente: Na redação escrevi o que me deu na telha.

Dar na veneta: ter uma ideia repentina: De repente, deu-lhe na veneta sair de casa.

Dar na vista: atrair atenção, brilhar na aparência.

Dar no couro: estar apto a cumprir uma tarefa.

Dar no mesmo/ Dar na mesma: resultar em algo igual ao que já era esperado.

Dar no pé: ir embora, fugir.

Dar no saco: chulo aborrecer, amolar, chatear: Aquele jogo dava no saco.

Dar nome aos bois: exprimir-se de forma objetiva, sem insinuações ou rodeios, identificando pessoas, lugares, situações etc. (Nestor confirmou que tinha havido

uma briga no intervalo, mas não quis dar nome aos bois para não complicar a situação dos colegas).

Dar nos nervos: irritar, tirar alguém do sério (Encontrar o banheiro bagunçado todos os dias dá nos nervos!).

Dar nos olhos: chamar a atenção.

Dar o ar de sua graça: Aparecer, manifestar-se.

Dar o beijo: Coloq. Não pagar, dar calote.

Dar o bolo: faltar a um compromisso ou encontro.

Dar o braço a torcer: Coloq. Deixar-se convencer a mudar de opinião ou de atitude.

Dar o fora: fugir.

Dar o pé e tomar a mão: abusar da confiança.

Dar o pinote: cair fora, fugir de situação inconveniente (Quando viu que se meteria em encrenca, deu o pinote).

Dar o Pira: s.m. 1. Usado na locução dar o pira: gir. 2. Sair apressadamente de um lugar; dar o fora; fugir, pirar.

Dar o sangue: esforçar-se (Sérgio sempre dá o sangue no trabalho e merece ser promovido).

Dar o serviço: coloq. Delatar (alguém ou algo); denunciar, dedurar: Preso pela polícia, deu o serviço todo.

Dar ou levar um banho: vencer ou ser derrotado em uma disputa ou jogo por grande diferença de pontos.

Dar ou levar um capote: vencer ou perder por uma diferença maior do que o dobro dos pontos do adversário.

Dar ou passar recibo de: 1. Revidar, desferrar-se, vinga-se: Deu o devido recibo aos que o criticaram. 2. Tornar evidente; manifestar, patentear: Perdeu a cabeça; passou recibo de sua imaturidade.

Dar ou passar uma rasteira em: 1. Derrubar (alguém) com uma rasteira, numa luta ou de brincadeira. 2. Fig. Prejudicar (alguém) de modo deliberado; enganar, lograr, tapear; passar a perna.

Dar ouvidos a: acreditar em; tomar em consideração.

Dar pano para mangas: dar o que falar, dar assunto para comentários: A notícia é uma bomba, ela vai dar pano para mangas.

Dar para trás: 1 Recuar, voltar atrás, desistir. 2 Piorar, degradingolar.

Dar parte de: 1. Denunciar: Deu parte do marido na delegacia. 2. Fingir-se de: Deu parte de doente para não trabalhar.

Dar patada: cometer ato grosseiro (Acordou de mau humor, dando patada em todo mundo).

Dar pau: inform. sofrer pane (um programa, sistema etc.).

Dar pé: 1. Estar dentro da água (mar, piscina, rio) com os pés no fundo e a cabeça de fora: Venha, nessa passagem o rio dá pé. 2. Ser possível; ser viável.

Dar recado: transmitir (ideias, informações) de modo preciso e definitivo: Embora jovem, o orador souber dar o seu recado aos manifestantes.

Dar sinal de si/de vida: dar notícias; manifestar-se: Ontem ele me ligou e deu sinal de vida.

Dar sopa: coloq. 1. criar oportunidade para; facilitar: Ele deu sopa e foi roubado. 2. Dar confiança: Ela deu sopa e ele a paquerou. 3. Estar disponível: Meu carro estava dando sopa e eu o emprestei.

Dar tempo ao tempo: esperar com paciência e confiança uma solução que virá com o tempo.

Dar trabalho: Exigir muito esforço e/ou preocupação.

Dar tratos à bola: esforçar-se para descobrir a explicação de uma coisa.

Dar trela: demonstrar interesse ou dar liberdade para que alguém estabeleça uma conversa ou um relacionamento consigo; dar intimidade, confiança a alguém (Tibério deu trela para a menina e agora ela não sai do pé dele).

Dar um baile em: ter domínio absoluto sobre o adversário, dar trabalho (Sempre que o cachorro da Belinha escapa, dá um baile nela: corre para lá e para cá e a deixa exausta até ser capturada).

Dar um baile: desempenhar muito bem uma atividade, dar um show (Os alunos deram um baile de interpretação quando apresentaram a peça de teatro para a escola inteira).

Dar um basta: coloq. Pôr o ponto final; fazer cessar: É preciso dar um basta à violência.

Dar um bolo: 1. Acabar em confusão (Devido à desorganização, a distribuição das senhas deu um bolo!). 2. Dar desfalque em.

Dar um branco: Coloq. Incapacidade momentânea de raciocinar ou de lembrar de algo: Na hora de receitar o poema, deu um branco em sua cabeça.

Dar um espetáculo: Causar escândalo: O bêbado deu um espetáculo na porta do bar.

Dar um fim a: 1. Terminar, acabar com (Romeu e Julieta, personagens de Shakespeare, deram um fim á própria existência. 2. Matar (Borrifou o inseticida para dar fim às baratas). 3. Sumir com; dar um destino a (Dei um fim naquela estante sem uso que estava no depósito).

Dar um fora em: *Bras.* Rejeitar namoro, convite de; ou tratar alguém com desdém.

Dar um fora: cometer gafe; falar ou fazer algo inconveniente.

Dar um gelo: coloq. Tratar alguém friamente. Ignorar.

Dar um giro: fazer um passeio curto (Logo que chegaram, acomodaram a bagagem no hotel e foram dar um giro para conhecer a cidade).

Dar um jeito em: *Bras.* 1 Fazer comportar-se, impor disciplina a. 2 Consertar, corrigir.

Dar um fresco: coloq. Dar alívio, refrigério (a alguém).

Dar um rolé: gír. Dar uma volta, um giro, uma rodada.

Dar um show: 1. Sair-se muito bem, destacar-se (A defesa do time deu um show no treino). 2. Fazer escândalo (Silmara sempre dá show por causa de ciúmes).

Dar um tapa com luva de pelica: responder delicadamente a uma grosseria.

Dar uma cabeçada: coloq. Errar, dar um mau passo; fazer mau negócio.

Dar uma canja: coloq. Cantar ou tocar de graça em um espetáculo, quase sempre no fim: A cantora deu uma canja no fim da festa.

Dar uma chegada: aparecer rapidamente em um lugar: depois do expediente, darei uma chegada até aí.

Dar uma colher de chá: *Bras. Gír.* Facilitar algo para alguém; dar oportunidade.

Dar uma de: *Bras. Fam.* Proceder à maneira de.

Dar uma força: dar apoio; colaborar, ajudar (Nos momentos difíceis, os verdadeiros amigos sempre dão uma força).

Dar uma geral: 1. Fazer uma inspeção ou averiguação. 2. Fazer arrumação ou limpeza completa: Você precisa dar uma geral no seu quarto.

Dar uma incerta: coloq. Aparecer de surpresa pra inspecionar determinada atividade: O gerente deu uma incerta nos vários departamentos da loja.

Dar uma luz: auxiliar com uma alternativa, apontar uma solução para um problema, dar uma ideia (Ai, Luisa, dê-me uma luz: aceito namorar com o Lélis ou não?).

Dar uma mão: *Bras.* Dar uma ajuda.

Dar uma pala: coloq. Dar uma pista, uma indicação, uma mostra.

Dar uma passada: Bras. ir a um lugar e permanecer lá por pouco tempo (Vou viajar hoje, mas antes vou dar uma passada na escola para ver as notas).

Dar uma surra em: *Fig. 1* Derrotar o adversário de forma estrondosa.

Dar vazão: conseguir atender os pedidos; dar conta dos pedidos.

Dar zebra: dar um resultado ruim e inesperado.

Dar/levar/tomar um pau: dar ou levar uma surra.

Dar/Passar o beijo (em alguém): Dar calote, deixar de pagar dívida.

Dar/perder a pernada: perder a viagem (Fomos ao médico, mas a consulta era em outro dia e acabamos perdendo a pernada).

De alto a baixo: em toda a altura, desde o topo até a base (olhou-me de alto a baixo fazendo cara de desprezo).

De alto/baixo coturno: quem está em alta/baixa posição hierárquica.

De antena(s) ligada(s): Atento, alerta ao que se passa.

De arrepiar (os cabelos): **1** Emocionante: Ouvir o hino nacional nas Olimpíadas é de arrepiar. **2** Que causa espanto, medo ou indignação: a pobreza e a fome no mundo ainda são de arrepiar.

De boa cepa: de boa origem; provindo de boa família.

De bom/mau grado: De boa/má vontade.

De braços abertos: Com hospitalidade, simpatia.

De braços cruzados: Sem agir; sem trabalhar; sem ajudar.

De cabeça erguida: Com orgulho, com altivez.

De cabelo na venta: brigão, valente rixoso; enérgico, bravo.

De cabo a rabo: coloq. Completo; completamente: Leu o volumoso processo de cabo a rabo.

De cara Amarrada/Com cara de poucos amigos: *Bras. Pop.* Aborrecido, zangado, com cara feia.

De cara cheia: *Bras. Pop.* Embriagado.

De caso pensado: Intencionalmente, premeditadamente.

De colarinho-branco: Diz-se de ato ilegal praticado por executivos ou profissionais graduados.

De cor e salteado: de memória, sem esquecer nada.

De coração, de todo coração: com muita sinceridade.

De corpo e alma: com inteira dedicação; totalmente empenhado: Meteu-se naquela aventura de corpo e alma.

De cortar o coração: muito triste.

De crista caída: desanimado.

De crista levantada: arrogante, metido (É verdade que ele foi o cestinha do campeonato, mas não precisava andar de crista levantada).

De dar água na boca: Que desperta apetite ou desejo.

De encher os olhos: de causar admiração.

De facho baixo: Com entusiasmo ou vitalidade diminuídos.

De fio a pavio: do princípio ao fim; por inteiro: Narrou o acontecimento de fio a pavio.

De fonte limpa: de origem certa; de lugar não duvidoso: Soube de fonte limpa que haverá greve.

De hoje para amanhã: de repente, quando menos se esperar.

De homem para homem: com franqueza; sem subterfúgio; sinceramente: Pai e filho conversaram de homem para homem.

De igual para igual: como se fosse da mesma condição ou posição: Vamos discutir de igual para igual.

De mal a pior: Cada vez pior.

De mala e cuia: coloq. Com todos os pertences; com armas e bagagens; definitivamente: voltou de mala e cuia para a casa paterna.

De mão abanando: coloq. Sem recursos, sem nenhum dinheiro.

De mão beijada: coloq. Sem fazer qualquer esforço para conseguir (algo).

De mão-cheia: Excelente, mais que satisfatório.

De marca maior: coloq. Da pior espécie.

De meia pataca: de pouco valor.

De meia-tigela: de pouco valor ou de pouca importância; medíocre, mediano, sofrível: Pintor de meia-tigela.

De miolo mole: Amalucado.

De modo algum: Absolutamente não, de jeito nenhum.

De moto próprio: Por sua própria vontade ou iniciativa.

De olhos fechados: Com total confiança.

De ovo virado: de mau humor. Irritado.

De pai e mãe: Expressão que realça qualidade ou defeito como se fossem totais.

De papel passado: oficial com documentação; de acordo com a lei.

De papo para o ar: sem fazer nada, à toa.

De peito aberto: de coração franco e sincero; com toda franqueza.

De perna para o ar: bagunçado, desarrumado (Quando chegou ao supermercado, Perpétua encontrou a casa de pernas para o ar, pois o cachorro, sentindo-se solitário, comeu almofadas, fez sujeira no chão e puxou a toalha da mesa).

De ponta a ponta: de cabo a rabo, do princípio ao fim.

De ponta-cabeça: *Bras.* De cabeça para baixo.

De ponto em branco: com esmero; com apuro.

De primeira linha: de excelente qualidade; de primeira categoria: É uma orquestra de primeira linha.

De próprio punho: diz-se de documento redigido pela própria mão de quem o assina.

De quando em quando: de vez em quando.

De raro em raro: raramente.

De saco cheio: chulo aborrecido, amolado, chateado: Ele estava de saco cheio daquele trabalho.

De se tirar o chapéu: ser excelente, extraordinário, notável: era uma cantora de se tirar o chapéu.

De segunda mão: que já foi usado; que já pertenceu a outro dono: Carro de segunda mão.

De sol a sol: o intervalo entre o nascer e o pôr do sol: Ele trabalhava de sol a sol.

De última geração: Produzido com a mais avançada tecnologia existente.

De uma penada: de uma só vez: De uma penada demitiu todos os seus auxiliares.

De uma tacada (só): de uma vez (só).

De vez em quando: de tempo em tempo; de quando em quando.

De viva voz: Verbalmente, e não por escrito.

De/Com a bola cheia: Com muito prestígio; em momento favorável.

De/com nariz empinado: Que tenta se apresentar ou espera ser tratado como superior aos demais (Eugênia entra na classe de nariz empinado, senta-se na primeira carteira e não fala com ninguém: o que lhe sobra em arrogância falta-lhe em amizades).

Debaixo da asa: sob a proteção de: ele vive debaixo da asa de sua mãe.

Dedo-duro: Bras. Gír. Quem denuncia, delata o autor de um ato supostamente ilícito ou reprovável; delator; alcaguete.

Deitar a perder: Ser causa, por ação ou inação, do fracasso de algo.

Deitar abaixo: Derrubar.

Deitar cargas ao mar: (Náut.) vomitar.

Deitar e rolar: coloq. Tirar proveito de uma situação, agindo com abuso: a imprensa deitou e rolou, ilustrando o caso com caricaturas fortíssimas. Vencer, dominar com facilidade; agir sem impedimento (O time atacante, com melhores jogadores, deitou e rolou na final do campeonato, ganhando por quatro a um).

Deitar falação: falar longamente: Os entendidos no assunto deitaram falação sobre o cometa.

Deitar fora: Ver em fora.

Deitar olho comprido: cobiçar.

Deitar/ir dormir com as galinhas: Ir dormir cedo.

Deixar a desejar: Não corresponder ao que se esperava ou pretendia.

Deixar a peteca cair: vacilar, falhar.

Deixar correr: Deixar que ocorra, sem tentar interferir ou modificar.

Deixar de lado: abandonar, desconsiderar, esquecer (Deixe a preguiça de lado e vá fazer uma caminhada. Deixou de lado a boneca e começou a pensar em namoro).

Deixar na mão: não cumprir o prometido.

Deixar pra lá: não dar importância, perdoar, esquecer (Não foi convidada para a festa, mas deixou para lá a mágoa e foi ao cinema com a irmã).

Deixar rolar: *Gír.* Ver deixar correr.

Deixar/Largar de mão: Abandonar; desistir de.

Dente de coelho: Coisa estranha; mistério.

Desamarrar a cara: coloq. Fazer perder a expressão de zanga.

Descer à cova: morrer.

Descer/ meter o malho: coloq. Falar mal de; censurar, criticar, atacar: A oposição desceu (meteu) o malho no projeto do governo.

Desde que o mundo é mundo: desde sempre (O Martiniano conta essa mesma história desde que o mundo é mundo).

Desmancha-prazeres: fam. pessoa inconveniente que acaba com a alegria dos outros, de forma voluntária ou não (Estavam empolgados com o suspense do filme até um desmancha-prazeres da plateia contar o final).

Desopilar o fígado: Aliviar-(se), ficando alegre e bem disposto.

Despir um santo para cobrir/vestir outro: coloq. Favorecer algo ou alguém em detrimento de outra coisa ou pessoa.

Deus nos acuda: grande confusão ou tumulto: O filme foi bom, mas a entrada foi um deus nos acuda. [nota: us. Sempre antecedido do artigo um].

Devagar quase parando: *Pop.* Lento, mole demais (diz-se de pessoa).

Dia de cão: péssimo dia; dia em que tudo é difícil ou dá errado.

Dinheiro sujo: *Pop.* Dinheiro obtido ilegalmente.

Dinheiro vivo: Dinheiro em moeda ou cédula; dinheiro em espécie.

Divisor de águas: 2. Fig. fato que provoca grande mudança, separando duas épocas, dois pensamentos etc. (A vitória na competição foi um divisor de águas para a equipe, que até aquele momento era totalmente desconhecida).

Diz que diz que: mexerico, falatório, fofoca, disse me disse.

Dizer cobras e lagartos de: Dizer coisas desabonadoras, insultuosas a respeito de (algo ou alguém).

Dizer o diabo: falar mal de; criticar: Quando viu que era o alvo das nossas brincadeiras, ela disse o diabo de todo mundo.

Dizer respeito a: Ter relação com; ser da conta de.

Do fundo do baú: diz-se de coisa antiga (Esse rádio só toca músicas do fundo do baú, da época da minha avó).

Do outro mundo: *Pop.* Ótimo, maravilhoso.

Do tempo da carochinha: costume ou objeto antigo (O professor de educação física ensinou alguns jogos do tempo da carochinha, como o cabo de guerra).

Dobrar a cerviz: dobrar a cabeça, assujeitar-se.

Dobrar a língua: retirar ou corrigir o que se disse (sobretudo coisas de caráter negativo): Dobre a língua para falar de minha madrinha.

Dobrar os joelhos: submeter-se; humilhar-se.

Dois dedos: Um pouco; em pequena quantidade.

Dor de cotovelo: Bras. ciúme, inveja, despeito (Meu primo está com dor de cotovelo porque ganhei um tênis novo e ele não).

Dormir como uma pedra: dormir pesado.

Dormir de touca: 1. Deixar-se enganar, ludibriar. 2. Perder uma boa oportunidade.

Dormir no ponto: coloq. Tardar a tomar providência em defesa dos próprios interesses; não agir no momento oportuno. Não agir com a devida atenção ou presteza; bobear.

Ducha (ou balde) de água fria: fato que provoca decepção, desapontamento, frustração (A notícia de não ter sido selecionado para o concurso foi uma ducha de água fria para Daniele).

Duro de roer: coloq. Difícil, custoso, trabalhoso, dificultoso: O novo trabalho está sendo duro de roer.

Duro na queda: Difícil de ser derrotado.

E

E por aí fora/E por aí vai: Assim por diante: Era dor na cabeça, no pescoço e por aí fora/e por aí vai.

Efeito cascata: Resultado de um processo ou cadeia de eventos em cascata.

Efeito dominó: situação na qual o efeito de um determinado acontecimento desencadeia um outro fato que, por sua vez, desencadeará outro fato e assim por diante, como se fosse uma fileira de peças de dominó que, ao ter a primeira peça derrubada, faz cair todas as outras em sequência.

Elas por elas: coloq. Retribuição com a mesma atitude ou ato.

Elefante branco: coloq. Fig. Coisa sem nenhuma ou praticamente nenhuma valia ou préstimo; trambolho.

Em alto e bom som: com clareza: Ele disse em alto e bom som que pediria demissão do cargo.

Em brancas nuvens: 1. Sem preocupação; sem aborrecimentos: Passou a vida em brancas nuvens. 2. Sem lembrança especial; sem comemoração: O dia de seu aniversário passou em brancas nuvens.

Em carne e osso: em pessoa, fisicamente presente.

Em carne viva: sem a pele, esfolada.

Em cima do laço Bem na hora.

Em cima do lance: na mesma hora, bem na hora, na bucha.

Em dois tempos: rapidamente.

Em mangas de camisa: sem paletó.

Em maus lençóis: em situação difícil.

Em palpos de aranha: em situação difícil ou perigosa.

Em papos de aranha: em papos de aranha.

Em pé de guerra: em situação de conflito: Os dois países estavam em pé de guerra.

Em pé de igualdade: em condição de igualdade, de equilíbrio.

Em primeira mão: **1** Pela primeira vez, sem que tenha sido feito antes (diz-se da divulgação de informação, notícia etc.). **2** Que foi ou está sendo divulgado em primeira mão.

Em sã consciência: com muita sinceridade.

Em todo caso: Apesar de tudo; por via das dúvidas.

Embarcar em canoa furada: coloq. Meter-se em negócios arriscados.

Eminência parda: Pessoa que de forma oculta influencia e/ou manobra outra que detém algum tipo de poder: O chalaça foi uma eminência parda junto a D. Pedro I.

Empenhar a palavra: assumir compromisso; obrigar-se: Empenhei minha palavra de que cuidaria de seu filho com carinho.

Empinar o nariz: coloq. fig. Adotar uma atitude antipática: Empinou o nariz e não me respondeu.

Emprenhar pelos ouvidos: dar crédito a tudo o que se ouve dizer; deixar-se levar por intrigas.

Empunhar bandeira: fig. Torna-se adepto de (de uma doutrina, de uma ideologia, de uma religião etc.) e defender com empenho um ponto de vista: O sociólogo empunhou a bandeira da ética.

Empunhar o cetro: reinar: D. Pedro II empunhou o cetro com a idade de quatorze anos.

Empurrar com a barriga: adiar uma solução.

Encher a boca: falar com orgulho de algo ou alguém.

Encher a cara: coloq. Embriagar-se.

Encher a caveira: embriagar-se.

Encher as medidas: **1** Ser suficiente; satisfazer. **2** Atingir ou superar o limite do suportável.

Encher linguça: Dizer ou escrever ou fazer coisas que não vêm ao caso, para preencher tempo ou espaço.

Encher o pé: *Fut.* Chutar a bola com força.

Encher o pote: *N.E. Gír.* Dizer desaforos (a alguém).

Encher/torrar o saco: chulo aborrecer(-se), amolar(-se), chatear(-se): Ele torrou o saco do pai para que comprasse a motocicleta ; Encheu o saco daquela casa e se mudou.

Encostar contra a/na parede: coloq. Exigir de alguém uma decisão: ontem, ele me encostou contra a/na parede.

Encurtar o cabresto: conter as aspirações.

Enfiar/Vestir a carapuça: aceitar como feita a si alusão ou crítica feita a outra pessoa.

Engolir em seco: Ficar nervoso diante de uma situação difícil: Quando viu seu nome na lista dos demitidos, engoliu em seco.

Engolir sapo(s): *Bras.* Ser obrigado a aturar algo ou alguém, suportar coisa, fato ou pessoa desagradável por necessidade ou conveniência.

Enrolar bandeira: *Bras. Fig.* Desistir, dar-se por vencido.

Ensinar o padre-nosso ao vigário: ter a pretensão de ensinar algo a uma pessoa que sabe mais sobre o assunto.

Entender do riscado: coloq. Conhecer bem um assunto; ter competência para determinada coisa: Contratei um electricista que entende bem do riscado.

Entornar o caldo: coloq. Tornar uma situação mais difícil ou mesmo impossível

Entrada franca: entrada gratuita, sem cobrança de ingresso, taxa ou atributo.

Entrar areia em: *Bras. Pop. Gír.* não dar certo devido a alguma dificuldade, imprevisto ou descoberta (Entrou areia na viagem de intercâmbio do Amauri porque ele não conseguiu reunir toda a documentação necessária).

Entrar bem: *Bras. Joc.* Fracassar; ficar em má situação; dar-se mal. O bandido roubou e entrou bem: acabou preso.

Entrar com o pé direito: ter boa sorte; começar bem.

Entrar com o pé esquerdo: dar-se mal logo no começo de uma empreitada.

Entrar de sola: **1** *Fut.* Acossar faltosamente adversário atingindo-o, ou com o risco de atingi-lo, com a sola da chuteira. **2** *Fig.* Começar a fazer algo ou intervir em algo com brutalidade ou grosseria.

Entrar em órbita: *gír.* Perder o sentido da realidade; ficar alienado.

Entrar em parafuso: perder o domínio das faculdades mentais; ficar sem saber o que fazer.

Entrar na faca: *Fam.* Passar por cirurgia.

Entrar nos eixos: *colq. Fig.* 1. Voltar a ter equilíbrio, bom senso. 2. Readequar-se.

Entrar numa fria: meter-se em situação difícil.

Entrar pela janela: ingressar em escola, universidade, emprego público etc. sem prestar concurso, geralmente obrigatório, valendo-se de procedimentos escusos.

Entrar pelo cano: coloq. Fracassar em alguma empresa; dar-se mal.

Entrar por um ouvido e sair pelo outro: não guardar, não reter recomendações: Não seguiu meu conselho; o que lhe disse entrou por um ouvido e saiu pelo outro.

Entre a cruz e a espada: em situação difícil, da qual não há como fugir.

Entre a vida e a morte: correndo o risco de morrer.

Entregar o ouro (ao bandido): revelar segredos ao adversário, ao concorrente. etc., ger. inadvertidamente, informação, conhecimento, plano, técnica etc., prejudicando a si mesmo ou a outrem.

Entregue às baratas: coloq. Abandonado, desprezado; Muitas obras públicas ficam entregues às baratas.

Enxergar longe: coloq. Fig. Ter perspicácia; mostrar-se esperto: Aquele publicitário enxergava longe.

Enxugar o mercado: (Econ.) Diminuir a circulação de moeda com a venda de títulos: os responsáveis pela política econômica resolveram enxugar o mercado.

Erguer/Levantar a cabeça: Portar-se com altivez; recuperar-se de revés, não se deixar abater.

Erva daninha: 2. Fig que prejudica outros (Etevaldo era a erva daninha do grupo, gerando intrigas entre amigos até eles se afastarem definitivamente).

Escangalhar-se de rir: coloq. Rir muito, com gosto: Vi o filme e me escangalhei de rir.

Escapar de (uma) boa: Escapar de uma situação difícil ou perigosa. Em situação favorável ou vantajosa.

Escapar ou sair pela tangente: responder por evasivas.

Esconder o jogo: encobrir suas intenções, dissimular.

Esfriar a cabeça: ter tranquilidade e calma para resolver problemas.

Espinhela caída: coloq. Nome popular de doenças ligadas à espinhela.

Espírito de equipe: espírito de solidariedade que anima os membros de um grupo.

Espírito de porco: coloq. Pessoa que desagrada por atos ou palavras: Ele estragou tudo com seu espírito de porco!

Esquentar a cabeça: coloq. Fig. Preocupar-(se), atormentar-(se).

Esquentar cadeira/lugar: coloq. Ficar sempre no mesmo lugar: Não esquentar a cadeira em nenhuma empresa em que trabalha!

Estado interessante: Coloq. Gravidez.

Estar a fim de: coloq. 1. Ter vontade de; querer: estou a fim de comprar um carro. 2. Querer manter algum tipo de relacionamento amoroso com: Ele está a fim da colega.

Estar apertado: *pop.* Estar com muita vontade de urinar ou defecar.

Estar às moscas: coloq. Ter pouca frequência de (clientes ou espectadores); estar vazio (um lugar), sem movimento.

Estar com a cabeça quente: demonstrar nervosismo, ser levado por emoções num ato impulsivo.

Estar com a cachorra: estar de mau humor.

Estar com a corda no pescoço: estar em uma situação muito difícil (Preciso estudar, pois minhas notas estão baixas e já estou com a corda no pescoço).

Estar com a macaca: gír. Estar muito agitado, inquieto, irritado.

Estar com a vida ganha: não ter preocupação financeira: Você não precisa trabalhar porque já está com a vida ganha.

Estar com a vida que pediu a Deus: não ter mais nada que desejar.

Estar com os pés na cova: estar prestes a morrer.

Estar com um nó na garganta: 1. Estar emocionado. 2. Estar angustiado, preocupado.

Estar com/Ter a faca e o queijo na mão: *Fam.* Dominar uma situação; dispor de todos os instrumentos ou do poder para algo.

Estar com/Ter o diabo no corpo: Estar irrequieto, travesso, assanhado.

Estar com/ter os dias contados: estar à beira da morte, desenganado.

Estar de cama: estar doente.

Estar de fogo: estar embriagado.

Estar de mal (com alguém): ter as relações cortadas com alguém; estar brigado.

Estar de marcação com: coloq. Ter má vontade para com (alguém); mover perseguição sem maior motivo; implicar.

Estar de olho em: desejar ardentemente, ambicionar.

Estar de passagem: estar por pouco tempo; não poder, ou não querer demorar-se.

Estar de ponta com alguém: estar com implicância com alguém.

Estar em alta: Estar prestigiado, estar na moda.

Estar em cena: ser o alvo de interesses, de comentários, estar em moda ou ser chamado para alguma missão.

Estar em jogo: estar na dependência de, estar em risco.

Estar em todas: coloq. Pôr-se em evidência: Aquele ator está em todas! Frequentar vários círculos ou atuar em várias atividades.

Estar fora do ar: (comum.) 1. Não estar sendo transmitido: nossa programação estará temporariamente fora do ar. 2. Coloq. Estar distraído.

Estar frito: estar em situação difícil ou perigosa; estar muito complicado (Descobri que a nossa barraca não é impermeável; se chover no acampamento, estamos fritos!).

Estar na Berlinda: ser alvo de comentários.

Estar na bica: Coloq. Estar prestes a acontecer. Apresentou um bom currículo e estava na bica de conseguir o cargo disputado.

Estar na cara: *Bras. Pop.* Ser evidente.

Estar na lona: estar em dificuldades financeiras; estar sem dinheiro.

Estar na onda: estar na moda; fazer sucesso.

Estar na pele de: imaginar-se no lugar de outra pessoa, passando por situação semelhante (Coitado, está sofrendo tanto... não queria estar na pele dele!).

Estar nas últimas: estar à beira da morte.

Estar no encalço de: perseguir por meio de pista: A polícia estava no encalço dos bandidos.

Estar no mesmo barco: Estar sujeito à mesma situação ou participar dos mesmos objetivos de outrem.

Estar no papo: estar antecipadamente alcançado ou garantido: Não há por que se preocupar; o negócio está no papo.

Estar no seu elemento: Estar à vontade na situação, lugar etc. em que está.

Estar nos trinques: Estar elegante, bem apresentado e cuidado.

Estar ou ficar por conta: coloq. Estar ou ficar furioso, zangado, indignado.

Estar para o que der e vier: estar disposto a qualquer coisa: Ele está ao lado dela para o que der e vier.

Estar pela hora da morte: coloq. Ter preço excessivo; custar muito caro: os imóveis estão atualmente pela hora da morte.

Estar por dentro: estar a par dos acontecimentos; estar bem informado (Lendo jornais e revistas, você estará sempre por dentro das notícias).

Estar por fora: coloq. Não saber do que se trata: Minha mãe está por fora do assunto. Não ter informação sobre certo assunto.

Estar preto: pop. estar ruim ou complicado (Acho melhor pedir ajuda, pois a situação está preta!).

Estar sem saco: chulo estar sem disposição para fazer algo: Ele estava sem saco de arrumar o quarto.

Estar uma beleza: ser bom, benfeito (Esta lasanha está uma beleza!).

Estar/Ficar de bem: Voltar ou ter voltado a falar com alguém, fazer as pazes.

Estar/Ficar de bode: *Gír.* **1** Sentir-se mal, física e psicologicamente por ter ingerido drogas. **2** Ficar triste, deprimido. (Ele ficou de bode uma semana depois do fora que levou da namorada).

Estar/ficar de mutuca: estar alerta, atento (Marina de mutuca na frente do prédio para o caso de o amigo chegar antes da hora e descobrir a surpresa que estavam organizando para ele).

Estar/ficar puto: estar ou ficar com muita raiva; furioso (Ele está puto por não ter sido convidado para o baile).

Estar/Ficar um brinco: Estar/Ficar limpo, arrumado, bem cuidado.

Estar/Ficar/Deixar tinindo: *Bras. Pop.* Estar/Ficar/Deixar em ótimo estado ou em excelente forma.

Esticar a(s) canela(s): *Pop.* Morrer.

Esticar as pernas: locomover-se depois de muito tempo sentado ou parado (Depois de tanto tempo dentro do ônibus, preciso andar um pouco para esticar as pernas).

Estrela cadente: Visualização da entrada de um meteorito na atmosfera e que provoca incandescência ao se atritar com gases, mostrando-se como o traçado de um risco luminoso no céu noturno.

Estufar o peito: falar com orgulho, afirmar claramente o valor positivo de (Estufou o peito para falar do irmão).

Exalar o último suspiro: poét. Falecer; morrer: Com muitas dores, exalou seu último suspiro.

F

Face a face: em frente uma da outra (duas pessoas).

Falar com os seus botões: falar consigo mesmo (Ficava falando com seus botões, resmungando o tempo todo).

Falar de cadeira: falar com autoridade, com conhecimento do assunto.

Falar entre os dentes: Resmungar, rosnar.

Falar grosso: falar com autoridade, com segurança: Foi preciso falar grosso para que me obedecessem. Falar em tom de repreensão, para impor-se ou demonstrar autoridade (O guarda falou grosso com o motorista sem habilitação que insistia em sair com o carro).

Falar mais alto: prevalecer; sobrepor-se: Infelizmente, nesse caso, o dinheiro falou mais alto.

Falar ou responder por monossílabos: dizer (algo) de maneira enigmática ou incompleta, usando meias-palavras.

Falar pelos cotovelos: falar muito, falar demasiado.

Falsos amigos: *Ling.* Palavras em línguas diferentes que tem grafias iguais ou semelhantes, mas significados diferentes.

Favas contadas: coisa garantida, certa, inevitável: Sua promoção a chefe são favas contadas.

Fazer (um) drama: exagerar a dimensão de um acontecimento (Toda vez que briga com o namorado, Dalila faz drama, mas no dia seguinte já estão juntos novamente).

Fazer a cabeça de: *Bras.* Convencer (alguém) a adotar certas ideias ou comportamento.

Fazer a cama de: coloq. Denunciar alguém.

Fazer a cama: arrumar a cama antes ou depois de deitar.

Fazer a caveira de alguém: intrigar alguém com outrem, torná-lo malvisto.

Fazer a festa: Aproveitar situação ou condições favoráveis para fazer algo normalmente difícil.

Fazer amor: manter relação sexual (“Eu faço samba e amor até mais tarde/e tenho muito sono de manhã”, samba e amor, Chico Buarque).

Fazer anos: Completar mais um ano de vida; aniversariar.

Fazer as honras da casa: receber visitas ou convidados como anfitrião.

Fazer as pazes: reconciliar-se (Na semana passada, Patrício e Pércio brigaram durante a partida, mas já fizeram as pazes e voltaram a jogar futebol juntos).

Fazer as vezes de: desempenhar o papel de; pôr-se no lugar de: Como ele estava ausente, fiz as vezes do diretor.

Fazer beicinho: **1** Projetar os lábios para frente como se fosse chorar. **2** Demonstrar aborrecimento, amuo.

Fazer boa ou má figura: ter um bom ou mau desempenho.

Fazer cabala: arranjar eleitores; conseguir votos para um determinado candidato em eleição.

Fazer caso: dar importância, dar valor: ele não faz caso do que lhe dizem.

Fazer cena: fazer figura ridícula, provocar escândalo.

Fazer cera: retardar a execução de uma tarefa; no futebol, prender a bola, chutar fora etc., a fim de ganhar tempo.

Fazer cerimônia: seguir a etiqueta, embaraçar-se (Pegue mais um docinho, não faça cerimônia).

Fazer charme: coloq. Fazer-se de difícil ou desinteressado, embora esteja interessado.

Fazer cinema: *Fam.* Exagerar um sentimento ou sensação para impressionar outrem.

Fazer corpo mole: não se empenhar; não se dedicar.

Fazer das tripas coração: fazer grande esforço para conseguir realizar algo.

Fazer de alguém gato-sapato: coloq. 1. Zombar de alguém; tratar com desprezo. 2. Fazer (alguém) de joguete: Não permita que ninguém o faça de gato-sapato.

Fazer de conta: supor, imaginar.

Fazer de tudo: fazer várias tentativas para; esforçar-se por: Ela fez de tudo para ser convidada.

Fazer dinheiro: ter lucro em um trabalho ou comércio; ganhar mais do que gasta e assim acumular riqueza.

Fazer doce: pop. Fig. quer algo, mas fingir que não quer (Daniela sempre faz doce quando a convidamos para sair porque quer chamar a atenção).

Fazer e acontecer: ter o controle total; fazer o que quer (A cantora Madonna faz e acontece em qualquer lugar onde esteja, por isso é sempre notícia).

Fazer efeito: conseguir o resultado esperado (Ficou aliviada quando o remédio começou a fazer efeito e sua dor de cabeça diminuiu).

Fazer época: deixar lembrança duradoura; destacar-se: Aquele ator fez época no teatro de revista.

Fazer escola: obter seguidores: Aquela metodologia fez escola entre os professores de história.

Fazer face a: 1. Resistir a, opor-se: Os habitantes fizeram face aos invasores. 2. Custear: Com esse dinheiro faremos face às despesas. 3 Ter frente, fachada voltada para.

Fazer feio: ter mau desempenho; fazer má figura (O concorrente favorito fez feio e ficou em último lugar).

Fazer festa: agradar, fazer carícias, demonstrar alegria (Meu cachorro faz festa todos os dias quando chego em casa).

Fazer fiasco: sair-se mal, não ter o resultado desejado.

Fazer figura: ter importância, dar na vista: Essa sua camisa faz figura.

Fazer finca-pé: obstinar-se; não mudar de parecer ou resolução.

Fazer fogo: disparar arma de fogo; atirar.

Fazer gênero: *Pop.* Fingir ser o que não é, para impressionar.

Fazer hora: 1. entreter-se com algo, enquanto não chega o momento de fazer o que se pretende. 2. Coloq. Zombar de alguém; caçoar.

Fazer justiça pelas próprias mãos: vingar-se ou tentar resolver uma situação usando meios próprios, sem recorrer ao órgão público responsável (Quando dominou o ladrão, Jair não bateu nele porque sabe que fazer justiça com as próprias mãos não traz benefício algum).

Fazer mal a: *Bras. Pop.* Seduzir sexualmente (mulher virgem); deflorar.

Fazer maravilhas: fazer algo muito bem; realizar prodígios (O surfista faz maravilhas com sua prancha deslizando sobre as ondas gigantescas, ou entrando nos tubos formados por elas).

Fazer média com: coloq. Tentar agradar com o intuito de tirar proveito; bajular.

Fazer miséria: coloq. Realizar coisas extraordinárias; fazer o diabo: Ele faz misérias com a bateria no show.

Fazer o diabo: Fazer coisas inacreditáveis.

Fazer o jogo de: colaborar com os objetivos de alguém, agindo com dissimulação, conscientemente ou não.

Fazer o que bem entende: fazer apenas o que tem vontade, o que quer ou decide.

Fazer o quilo: fazer a digestão.

Fazer onda: provocar confusão, tumultuar; procurar indispor.

Fazer ouvidos de mercador: fingir que não ouve, fazer-se de desentendido.

Fazer ouvidos moucos: fazer ouvidos de mercador.

Fazer pipi: urinar.

Fazer por onde: 1. Procurar maneiras de conseguir ou fazer alguma coisa: Não foi aprovado nem fez por onde. 2. Dar motivo a: recebeu o prêmio sem fazer por onde.

Fazer pouco de: zombar, menosprezar: As crianças não faziam pouco do velho.

Fazer sala a: distrair (uma visita): Minha mãe fez sala à minha tia toda a tarde.

Fazer sombra a: ofuscar ou diminuir o merecimento ou valor de algo ou alguém (Como é muito ingênuo, sempre deixa os outros fazerem sombra ao seu talento).

Fazer tabela: passar a bola um para o outro (jogadores de futebol), sucessivamente, enquanto correm; tabelar.

Fazer tábua rasa (de): 1 Desfazer (algo) para começar novamente do zero. 2 Desconsiderar, desprezar.

Fazer tábua rasa de: considerar como nulo tudo o que foi dito, escrito ou feito anteriormente, desprezar.

Fazer teatro: tornar dramáticas as próprias palavras ou atitudes para impressionar o receptor.

Fazer tipo: agir de forma não espontânea, como se estivesse representando (O Telêmaco não é intelectual nem estudioso, usa aqueles óculos e está sempre com um livro debaixo do braço só para fazer tipo).

Fazer uma boquinha: *Bras.* Fazer refeição ou lanche leve; beliscar.

Fazer vista grossa: fingir que não vê, deixar passar.

Fazer/Levar fé (em): Ter fé (2) (em), acreditar (em).

Fazer/ter sentido: apresentar lógica: Não sei se aquela discussão faz/tem sentido para mim.

Fazer-se de desentendido: fingir que não percebe, que não ouve ou não viu algo; fazer de conta que o problema não é consigo (Ao perceber que a pessoa de quem estava falando mal ouvira tudo, fez-se de desentendido). Particípio de desentender.

Fechar a raia: no turfe, chegar (o cavalo) no último lugar da pista.

Fechar com chave de ouro: terminar ou concluir algo muito bem (As músicas que o grupo tocou no bis fecharam o show com chave de ouro).

Fechar o gol: praticar (o goleiro) defesas difíceis, salvando muitas veze seu time da derrota.

Fechar o tempo: 1. Escurecer, ameaçar chuva. 2. Criar uma situação de conflito.

Fechar os olhos a: Ignorar (falta, transgressão etc.); fazer vista grossa a.

Feijão com arroz: Bras coisa trivial, corriqueira (Todo mundo esperava grandes mudanças, mas o treinador preferiu ficar no feijão com arroz e conservou a mesma tática de jogo).

Ferrar no sono: coloq. Dormir profundamente.

Ferver os miolos: pensar muito (Ferveu os miolos na prova do vestibular).

Ficar a ver navios: não conseguir o que se esperava ou almejava (Estava crente que o pai iria lhe dar a viagem que queria de aniversário, mas ficou a ver navios).

Ficar a zero: ficar sem dinheiro.

Ficar atrás (de): Ser inferior em qualidade, em desempenho.

Ficar de bem/mal (com): Reatar/romper relações (com alguém).

Ficar de molho: ficar afastado ou isolado por motivo de doença, cansaço etc. (Fiquei de molho em casa esse fim de semana por causa da gripe).

Ficar de olho: ter atenção, cuidado (Fique de olho no leite que está no fogo para que ele não derrame quando ferver).

Ficar de queixo caído: ficar perplexo. Admirado. Pasmado.

Ficar na banheira: Fut ficar próximo ao gol do adversário esperando a bola para fazer um gol.

Ficar na mão: coloq. Sair logrado ou prejudicado em alguma coisa; sair perdendo.

Ficar no caritó: não casar, ficar pra tia.

Ficar no ora-veja: *Bras. Pop.* Ser esquecido.

Ficar no papel: não sair do projeto.

Ficar ou virar uma onça: coloq. Pôr-se enfurecido; tornar-se uma fera.

Ficar para contar a história: Sobreviver.

Ficar para tia /titia: Não casar (mulher) e ficar solteirona. **Ficar para titio/titia** Não casar; ficar solteirona ou solteirão.

Ficar pinel: enlouquecer.

Ficar por dentro: estar a par do que acontece (Você já ficou por dentro do que aconteceu hoje na hora do intervalo?).

Ficar por fora: não estar a par do que acontece (Quem não tem acesso às informações fica por fora das notícias).

Ficar por isso mesmo: 1. Deixar uma situação do jeito que está (Se você for comigo ao cinema eu pago a diferença da sua entrada e fica por isso mesmo). 2.

Não ser repreendido ou punido por falta ou delito (A irmã pegou as rupas da Fabiana sem pedir, mas ela não quis brigar e ficou tudo por isso mesmo).

Figurinha difícil: pessoa que se faz de difícil e aparece pouco nos lugares de encontro de amigos e colegas.

Fincar o pé: não ceder, não aceitar uma imposição ou exigência; insistir, manter-se na posição em que está (A moça fincou o pé e disse que não iria viajar bem no dia do aniversário da amiga).

Fio da meada: 2. Fig. Pista que pode levar a compreender uma situação confusa (Alguém entrara na casa e roubara apenas o aquário; para descobrir o fio da meada era preciso saber quem estava com a chave naquele dia).

Fogo de palha: entusiasmo passageiro.

Fogo de vistas: fogo de artifício.

Foi mal: *Bras. Gír.* Desculpe-me.

Fora de mão: Em endereço ou lugar de difícil acesso.

Fora de órbita: desligado; não atento à realidade do momento.

Fora de propósito: sem vir ao caso, inoportunamente: Sua intervenção no debate foi completamente fora de propósito.

Fora de si: sem controle; desnortado: Quando soube da notícia, ficou fora de si.

Fora dos eixos: coloq. Fig. Sem equilíbrio mental; desnortado.

Força maior: Causa incontrolável e irremediável de uma situação (ger. impeditiva de algo).

Forçar a barra: ir além dos limites para conseguir algo (Mesmo sabendo que Beatriz não estava interessada em namorá-lo, Bruno continuou forçando a barra: mandava flores, bilhetes e dava presentes para ela).

Forrar o estômago: comer (Tomou um lanche para forrar o estômago).

Fugir da raia: coloq. Esquivar-se de enfrentar situação, compromisso ou disputa difícil e embaraçosa.

Fundir a cuca: *Bras. Gír.* Ficar perturbado, desorientado, mental ou emocionalmente confuso.

Furar fila: não respeitar a ordem de chegada, passando á frente dos outros num fila.

G

Galinha-morta: Bras. Gír. 1. Pessoa sem coragem; covarde. 2. Pessoa sem ânimo; apática. 3. Pop. Mercadoria comprada por preço muito abaixo; pechincha. 4. Pop. Qualquer coisa muito fácil de fazer ou aprender: fritar um ovo é galinha-morta.

Galo de briga 2. Fig. Pessoa que tem tendência a entrar em brigas; briguento.

Ganhar a vida: trabalhar para sustentar-se.

Ganhar mundos e fundos: coloq. Obter grandes lucros, enriquecer.

Ganhar tempo: adiar uma providência, aguardando um momento mais propício.

Ganhar terreno: avançar, espalhar-se, propagar-se: As notícias sobre as crises políticas ganharam terreno na opinião pública. Conquistar vantagens numa disputa, num negócio etc.

Gastar o latim: não ser compreendido ou, depois de muito empenho, não conseguir o que se pretendia (Gastei meu latim tentando convencer o pessoal da sala a fazer uma confraternização de fim de ano, mas ninguém me ouviu).

Gastar saliva: falar sem conseguir persuadir o interlocutor (Sílvia pediu que Samir parasse de gastar sua saliva, pois não iria de novo à balada com ele).

Gatilho salarial: Sistema de correção de salários pelo qual só se realiza a correção quando a inflação atinge determinado nível.

Gato escaldado: coloq. Pessoa experiente, ressabiada, que não cai em engano ou perigo.

Gato escondido com o rabo de fora: coloq. Algo que se pretende ocultar, mas do qual inadvertidamente se dão indícios.

Gato-pingado: s.m 1. Coloq. Cada um dos poucos indivíduos presentes a uma reunião ou espetáculo: Apenas uns gatos-pingados compareceram à festa. 2. Coloq. Pessoa desprezível, sem importância; João-ninguém.

Gente boa: coloq. Pessoa de caráter; correta e confiável.

Gente fina: coloq. gente boa

Gol de placa: gol magnífico; golaço.

Golpe baixo: fig. Ação desleal, visando a prejudicar alguém ou tirar vantagem sobre ele.

Golpe de mestre: ação bem planejada, executada com perfeição.

Golpe de vista: 1. Olhar rápido, de relance. 2. Capacidade de avaliar algo que se observa apenas de relance.

Golpe do baú: casamento com o intuito único de usufruir dos bens do cônjuge.

Guardar as conveniências: acomodar-se aos usos sociais.

Guerra de nervos: Situação de tensão entre duas ou mais facções, em que cada uma espera que a(s) outra(s) ceda(m) primeiro.

H

Haja o que houver: aconteça o que acontecer; custe o que custar.

Histórias da carochinha: contos populares antigos que passaram de geração em geração. Carochinha – bruxa, feiticeira. Nota minha.

Homem feito: adulto.

Homem público: Quem ocupa cargo público ou se dedica a algo de interesse público.

Hora do aperto: momento difícil (Na hora do aperto, todos vararam a noite estudando).

Humor negro: ironia que realça de maneira cômica as crueldades e absurdos da vida (Durante o enterro do seu patrão, Hildebrando contou uma piada de humor negro em que um homem abraçava a viúva e lhe dava parabéns durante o velório).

I

Ideia de jerico: ideia tola. Jerico = jumento. Nota minha.

Ideia fixa: Obsessão, assunto ou ideia em que alguém concentra seu pensamento.

Imprensa marrom: tipo de publicação em que predominam as notícias sensacionalistas.

Inflar de orgulho: fazer ficar ou ficar orgulhoso (A homenagem que os alunos fizeram inflou de orgulho o professor. Os pais inflaram-se de orgulho quando seus filhos subiram ao pódio para receber as medalhas das três primeiras colocações nas provas atléticas).

Ir à forra: vingar-se.

Ir à luta: esforçar-se para atingir um objetivo (Lineu foi demitido do emprego, mas não desanimou e foi à luta: no dia seguinte já estava distribuindo currículos e fazendo contatos para conseguir um trabalho).

Ir a pique: 1 Afundar (embarcação). 2 *Fig.* Falir, arruinar-se.

Ir ao ar: *Telec.* Ser transmitido.

Ir ao encalço de: ir atrás, procurar: Ele foi ao encalço do pai que não via há muitos anos.

Ir às nuvens: ficar exultante em função de alguma coisa (Neimar foi às nuvens quando soube que havia sido escalado para o time).

Ir atrás de: Acompanhar ideia/opinião (de); confiar em; acreditar em.

Ir chegando: coloq. Estar de saída; ir embora; retirar-se: É tarde, vou chegando.

Ir com a cara de: *Bras. Fam.* Simpatizar com.

Ir com muita sede ao pote: Ser pressuroso, afobado e imprudente ao ir buscar algo que parece ser vantajoso.

Ir de vento em popa: prosperar, progredir (Os negócios estão indo de vento em popa).

Ir desta para a melhor: morrer.

Ir em cana/estar em cana: ser preso, estar preso.

Ir levando: coloq. Viver sem preocupações ou especulações.

Ir longe: Progredir muito.

Ir na conversa de: acreditar no que foi lhe dito por alguém.

Ir na esteira de: Seguir de perto, ir no encalço de.

Ir na onda de: deixar-se levar pelos outros ou pelas circunstâncias.

Ir num pé e voltar no outro: *Bras. Pop.* Ir e voltar no mínimo tempo possível.

Ir ou nadar contra a corrente: *fig.* pensar ou agir em oposição à maioria.

Ir para o beleléu: 1 Morrer, falecer. 2 Fracassar ou danificar(-se). 3 Sumir, desaparecer. (Com a chuva, os planos para o acampamento foram para o beleléu).

Ir para o brejo: ser malsucedido, fracassar.

Ir para os quintos: 1. Sumir ou morrer. 2. Não ter êxito; fracassar.

Ir pelos ares: Explodir.

Ir pentear macaco: coloq. Ir importunar em outro lugar; Ir às favas.

Ir por água abaixo: *fig.* Não obter sucesso, fracassar.

Ir ter com: Ir ao encontro de; ir encontrar-se com.

J

João-ninguém: Pej. Pop. Aquele que é considerado sem valor por não ter instrução, prestígio social, dinheiro; Zé-ninguém; pobre-diabo. [At! O termo pode ser ofensivo ou depreciativo].

João-pestana: Pop. Necessidade ou vontade de dormir; sono.

Jogar (ou bater) um bolão: *Bras. Pop.* Jogar (ger. Futebol) com grande habilidade. Bolão.

Jogar confete: fazer elogios; adular.

Jogar conversa fora: conversar sobre assuntos banais.

Jogar de salto alto: (Esp.) gír. Jogar mal devido ao excesso de autoconfiança.

Jogar fora: 1. Desfazer-se e, botar fora: Irritada, jogou fora o presente. 2. Desperdiçar, perder: Jogou fora uma bela oportunidade.

Jogar no mesmo time: compartilhar das mesmas ideias.

Jogar ou pôr uma pá de cal em: dar por encerrado, pôr fim a, sepultar: Vamos pôr uma pá de cal nesta história; ela já foi longe demais.

Jogar verde para colher maduro: mencionar algo com a intenção de ouvir alguma coisa que seja a resposta à sua curiosidade.

Jogar, deitar, pôr fora: desfazer-se de algo que não se quer mais: Jogou o brinquedo fora.

Jogo de azar: Jogo (como dados, roleta, certos jogos de cartas) em que ganhar ou perder depende mais da sorte (ou azar) do que do talento ou qualidade do jogador.

Jogo de empurra: Situação em que, sucessivamente, vai se passando a outrem tarefa ou responsabilidade.

Jogo limpo/sujo: Jogo, negociação, disputa, entendimento etc. em que o prevalece/não prevalece a lealdade e se respeitam/não se respeitam as regras.

Juntar os trapos: casar-se; passar a morar junto como casal.

L

Lágrimas de crocodilo: lágrimas fingidas, choro falso.

Lamber a cria: tratar com carinho aquilo que ele próprio produziu: Passava horas diante do quadro que pintara, lambendo a cria.

Lamber os beiços: *Fam.* Ficar ou mostrar-se satisfeito, contente.

Lançar em rosto: criticar abertamente; censurar, exprobar: O amigo lançou-lhe em rosto toda sua ingratidão.

Lançar mão de: valer-se de, recorrer a: Ela teve que lançar mão de sua herança.

Lançar por terra: derrubar: Lançaram por terra a estátua do ditador.

Lançar um véu sobre algo: causar o seu esquecimento: Ela decidiu lançar um véu sobre o caso.

Largar de mão: Abandonar; desistir de, renunciar a.

Lavagem cerebral: Processo de convencer alguém, por meios físicos e psicológicos (tortura, agentes químicos, cansaço, pressão), a abraçar ideias e/ou atitudes que não abraçaria por índole própria.

Lavagem de dinheiro: ação de aplicar dinheiro adquirido ilegalmente em atividades econômicas legais, a fim de se dispor dele de forma aparentemente lícita.

Lavar a égua: dar-se bem; obter grande vantagem: seu time lavou a égua no jogo de ontem.

Lavar as mãos: isentar-se de responsabilidade sobre um ato (Eu estou avisando que este bolo não está bom, se alguém comê-lo mesmo assim e passar mal, lavo minhas mãos).

Lavar o peito: desabafar.

Leão de chácara: Bras. Pop. Pessoa que trabalha fazendo a segurança de discotecas, boates etc.

Ledo engano: Equívoco ou ilusão gerados por boa-fé, falta de malícia.

Lei da selva: Predomínio da violência e da força numa sociedade ou segmento.

Ler / Rezar pela cartilha de alguém (pela mesma cartilha): Compartilhar com alguém ideias, opiniões, posições, doutrinas, teorias etc.

Leva e traz: Bras. Pessoa fofoqueira, intrigante.

Levado da breca: muito travesso: uma criança levada da breca.

Levantar a lebre: ser o primeiro a dar com uma irregularidade, um fato.

Levantar acampamento: Ir-se embora, ou mudar de lugar ou residência levando seus pertences.

Levar a breca: 1. Dar-se mal: levou a breca nos negócios. 2. Desaparecer, sumir, morrer.

Levar a cabo: concluir, terminar: Levou a cabo a obra iniciada por seu pai.

Levar à cena: fazer representar em teatro.

Levar a cruz ao calvário: sofrer com resignação.

Levar a mal: interpretar maldosamente; tomar em mal sentido. Ofender-se.

Levar a melhor: suplantar algo ou alguém; sair vitorioso.

Levar a pior: ser vencido numa disputa: No jogo de xadrez, ele leva sempre a pior.

Levar a termo: terminar satisfatoriamente; concluir.

Levar bolo: esperar em vão por um encontro (Como ele insistiu muito para marcar um encontro, ela jamais imaginou que iria levar bolo).

Levar chumbo: 1. Ser atingido por bala (Saiu correndo com medo de levar chumbo.). 2. Ser malsucedido; dar-se mal (Levou chumbo na prova de matemática porque não havia estudado).

Levar em conta: dar importância; levar em consideração.

Levar ferro: ser mal sucedido, dar-se mal (Levei ferro na prova de Matemática porque não verifiquei os cálculos).

Levar jeito para: ter aptidão ou queda para alguma coisa: Você leva jeito para treinador de futebol.

Levar na flauta: gir. Ser irresponsável em relação às coisas e às pessoas.

Levar patada: ser vítima de ato grosseiro (Perla nem falou com a irmã hoje, pois está cansada de levar patada).

Levar pau: coloq. Ficar reprovado: Sérgio levou pau em matemática.

Levar um fora (de): ter recusada proposta de namoro convite.

Levar uma surra: *Fig.* Apanhar (2). **2** Enfrentar dificuldades para realizar tarefa.

Levar/tomar a sério: dar importância a: Ela levou/tomou a sério aquela proposta de trabalho.

Levar/Tomar bomba: Ser reprovado em prova ou exame.

Levar/Tomar na cabeça: *Pop.* Dar-se mal (em negócio, atividade etc.).

Limpar a barra: Bras. tomar alguma atitude para desfazer a má impressão causada em alguém (Belquior precisa limpar a barra com o professor, porque bagunça demais na aula).

Língua afiada: diz-se da forma maldosa com que alguém faz um comentário.

Língua de sogra: s.f. Artefato carnavalesco, provido de um assobio, que, quando soprado, se desenrola feito uma língua.

Língua de trapo: Pessoa que gosta de falar mal dos outros.

Língua negra: Transbordamento de esgoto que atinge a areia da praia.

Linha dura: linha política que preconiza rigor contra qualquer manifestação oposicionista: A linha dura quis dominar o regime militar.

Linhas gerais: Esboço, delineamento; resumo.

Liquidar a fatura: *Bras. Fam.* Levar até o fim, pôr um ponto final em tarefa, disputa, pendência, negócio etc.

Lista negra: grupo de pessoas, empresas, entidades etc. com que, por algum motivo, não se quer mais ter contato (Luzia tem uma lista negra de e-mails que ela recebe sem ter solicitado: ela os classifica como spam para auxiliar o provedor a detectar esses e-mails e enviá-los diretamente para a lixeira).

Livrar a cara (de): *Bras. Fam.* Escapar (tirar alguém) de situação difícil.

Livro de cabeceira: O livro preferido.

Luvas de pelica: Maneiras delicadas e gentis.

M

Macaca de auditório: *Bras. Pop.* Freqüentadora entusiasta de programas de auditório de rádio e/ou televisão, que manifesta ruidosamente o seu apreço por determinados artistas.

Macaco velho: pessoa esperta, astuta, escolada.

Magia branca: conjunto de ritos e práticas realizado com objetivos benéficos ou humanitários.

Magia negra: magia feita com a intenção de prejudicar alguém.

Mais do que nunca: muito: Mais do que nunca ela precisava de meu auxílio.

Mais hoje mais amanhã: aproximadamente, qualquer destes dias.

Malha fina: inspeção ou fiscalização severa: A malha fina da Receita Federal reteve sua declaração de impostos.

Mandar às favas: mandar embora para longe; livrar-se de alguma pessoa ou coisa desagradável ou inoportuna: Aquele namorado arrogante ela mandou às favas.

Mandar bala: *Bras. Pop.* Dedicar-se a uma atividade com energia e afinco. Executar uma atividade com dedicação e presteza (Vou mandar bala nesses trabalhos ara poder entrega-los amanhã).

Mandar brasa: *Bras. Gír.* Atuar com firmeza, dinamismo etc., na realização de algo.

Mandar para os quintos: 1. Fazer desaparecer ou matar. 2. Dizer impropérios.

Manteiga derretida: coloq. Pessoa suscetível, cheia de melindres, que chora à toa.

Mão de vaca: s.m e f. coloq. Pessoa avarenta, sovina; pão-duro.

Mão dupla/única: Mão (sentido do trânsito) em duas direções/uma só direção.

Mão-aberta: que ou quem gasta muito, esbanja dinheiro (Meu pai é um homem mão-aberta, por isso minha mãe é quem controla os gastos da casa. O mão-aberta do meu tio perdeu o emprego e, como não tinha economias, agora está em situação difícil).

Mão-boba: *Bras. Pop.* 1. Movimento de mão aparentemente involuntário, feito para bolinar. 2. Furto de carteira, dinheiro etc. da bolsa ou do bolso da roupa de alguém, sem que a vítima perceba.

Mapa da mina: coloq. Truque, expediente ou manobra para conseguir algo desejado: Queria descobrir o mapa da mina para subir na vida.

Mar de lama: fig. Pej. Situação de extrema degradação moral e de corrupção.

Mar de rosas: fig. Ocasão favorável; felicidade, tranquilidade, serenidade.

Marcar bobeira: distrair-se; descuidar-se; vacilar (Marcou bobeira e perdeu a hora do ônibus).

Marcar passo: permanecer na mesma posição, não progredir: porque não se dedicou ao trabalho, ficou marcando passo na profissão.

Maria vai com as outras: pej pop quem não mantém as próprias opiniões, deixando-se influenciar por outros (As maria vai com as outras estão sempre preocupadas com que os outros vão pensar delas, então nunca expressam o que realmente pensam, sentem ou gostam, seguindo a opinião dos outros para sentir que fazer parte do grupo).

Marinheiro de primeira viagem: quem não tem experiência, quem faz alguma coisa pela primeira vez (Marilda ainda é marinheira de primeira viagem, acabou de tornar-se uma internauta e ainda não sabe baixar arquivo nem fazer pesquisa).

Matar a charada: encontrar a resposta para um mistério; solucionar um problema.

Matar a pau: demonstrar competência e/ou conhecimento em algo (Plínio passou em todas as fases do jogo no videogame sem perder nenhuma vida. Matou a pau!)

Matar cachorro a grito: coloq. Estar em situação desesperadora.

Matar dois coelhos com uma cajadada só: resolver dois problemas de uma só vez.

Matar o tempo: empregá-lo em alguma atividade; distrair-se.

Matar/ morrer de inveja: causar ou sentir grande inveja.

Medir as palavras: ter cuidado com o que fala.

Meio caminho andado: Coloq. Situação em que já se fez ou resolveu metade de uma tarefa.

Meio mundo: grande quantidade de pessoas; mundaréu.

Memória de elefante: memória extraordinária; grande capacidade de guardar informações (Marcela tem uma memória de elefante sabe de cor a data de nascimento de todos os familiares.).

Menina dos olhos: coloq. 1. Pupila. 2. Aquilo ou aquele que é o centro de atenção ou o preferido de alguém: A melhor aluna é a menina dos olhos dos professores.

Mercado negro: Comércio de bens ilegal ou clandestino, fora das regras legais e sem registro legal.

Meter a boca: criticar, reclamar, dar broncas em.

Meter a cara: *Bras.* Apresentar-se em algum lugar ou evento com energia, sem hesitar.

Meter a cara em: coloq. Dedicar-se com afinco a uma tarefa, a uma causa.

Meter a catana: falar mal.

Meter a colher em: Intrometer-se, dar palpite sem ter sido convidado.

Meter a faca: cobrar muito caro.

Meter a lenha em: 1. Surrar, bater em, espancar. 2. Falar mal de; criticar com maledicência e violência.

Meter a mão: coloq. 1. Cobrar preço muito alto por (algo).

Meter a ripa em: 1. Bater, espancar. 2. Falar mal de (alguém); criticar, arrasar.

Meter em brios: estimular (alguém) a agir da melhor maneira possível.

Meter o bedelho: intrometer-se em assunto alheio (“Hei de cortar-lhe o pescoço no parque. Quero ensinar a esse pobre miserável, a esse mono, a não mater o bedelho onde não é da conta dele”, *As alegres senhoras de Windsor, William Shakespeare*).

Meter o bico: intrometer-se; meter o bedelho.

Meter o nariz: intrometer-se.

Meter o pau em: coloq. 1. Falar mal de; criticar severamente: Ele vivia metendo o pau na sogra. 2. Surrar, espancar: Meteram o pau no bandido. 3. Gastar prodigamente; esbanjar, dissipar: Meteu o pau no dinheiro da sociedade.

Meter o pé na tábua: acelerar o automóvel.

Meter o rabo entre as pernas: Calar-se, encolher-se, por submissão, medo ou por não ter razão.

Meter os peitos: atirar-se com decisão a um empreendimento, uma tarefa.

Meter os pés pelas mãos: confundir-se, atrapalhar-se ou cometer deslizes (O jornalista meteu os pés pelas mãos quando chamou o governador de senador).

Meter/passar a mão: furtar, roubar (O gerente passou a mão no dinheiro da empresa e fugiu).

Metido a besta: pessoa que se acha melhor que as outras.

Metido a sebo: diz-se de quem quer dar a impressão de ser importante (Ela ficou metida a sebo depois que foi entrevistada na TV, agora passou a ignorar as amigas).

Mexer em vespeiro: irritar alguém ou tocar em assunto perigoso, polêmico ou delicado (Tocar no nome da ex-namorada do Vítor na frente da Vani é mexer em vespeiro!).

Minúscula carolina: Tipo de letra que surgiu com a formação do império de Carlos Magno, e foi a escrita oficial do império carolíngio.

Misturar alhos com bugalhos: Tratar coisas diferentes como se fossem semelhantes.

Misturar os canais: *Gír.* Confundir-se, trocar as bolas.

Moeda pobre: Títulos, ações etc. us. como moeda pelo valor nominal, mais sem valor real.

Molhar a garganta: *Pop.* Beber bebida alcoólica.

Molhar a mão de: *Pop.* Subornar.

Montar tocaia/ficar de tocaia: colocar-se para vigiar ou atacar animal ou gente (Os detetives montaram tocaia diante da casa dos suspeitos durante dois dias, até conseguirem o flagrante de tráfico de drogas).

Morar na jogada: *gír.* Entender, compreender uma explicação: Só depois de alguns dias morei na jogada e percebi o que ela queria.

Morder a isca: deixar-se enganar ou seduzir com trapaças ou armadilhas.

Morrer de amores por: gostar muito de (A Ana morre de amores pelo Alexandre, da outra classe).

Morrer na praia: não conseguir atingir o objetivo quase alcançado: Embora tivesse muitos votos, não foram suficientes para elegê-lo, e ele morreu na praia.

Morte súbita: *Esp.* Em partidas esportivas, sistema de decisão que consiste em, em tempo complementar, dar a vitória ao time que fizer o primeiro gol ou marcar o primeiro ponto.

Mostrar as cartas/ Por as cartas na mesa: Revelar abertamente a situação ou as intenções; agir às claras.

Mostrar as garras: ser agressivo ou violento em ocasiões insuspeitadas: De uma pessoa tão cordata nunca se espera que mostre as garras para alguém.

Mudar de ares: mudar para outro lugar a fim de viver melhor.

Mudar de figura: tomar outro aspecto, tornar-se diferente.

Mundos e fundos: muitos recursos; grande quantia em dinheiro.

N

Na corda bamba: em situação difícil, em dificuldades.

Na crista da onda: na moda; em evidência.

Na hora agá: no momento decisivo.

Na ponta dos pés: *Fig.* Com todo o cuidado; devagar e cautelosamente. Ponta.

Na última lona: em péssimo estado; muito desgastado. **2** Sem dinheiro ou recursos; sem um tostão.

Nadar em ouro: ser muito rico; estar em excelente condição financeira.

Nadar/Navegar/Remar contra a maré: Levar algo adiante enfrentando situação desfavorável.

Não arredar pé: teimar em não sair de onde está (A fã não arredou pé até o que o cantor finalmente concordou em tirar uma foto com ela).

Não ata nem desata: diz-se de pessoa indecisa ou de situação que não se resolve.

Não bater bem: fazer algo considerado estranho; ser esquisito, amalucado (Aquele ali não bate bem: fica andando de lá pra cá no meio da rua e falando sozinho).

Não brincar em serviço: coloq. Fazer benfeito: Aquele jogador não brinca em serviço.

Não caber em si de contente: transbordar de contentamento ou de alegria.

Não chegar aos pés de: Ser inferior a (em geral ou em algum aspecto).

Não conhecer seu lugar: intrometer-se no que não é assunto seu; ultrapassar seus limites.

Não dar (nem) para a saída: *Bras. Pop.* Não ter a menor condição de competir (com algo ou alguém) ou de realizar algo, ou de exercer determinada função; não ser suficiente para determinado objetivo.

Não dar bola para (algo): *Gír.* Não se importar com; não se abalar com; ficar indiferente a (algo).

Não dar outra: acontecer como era previsto: Quando chegamos, não deu outra, estavam furiosos.

Não dar pelota: não demonstrar interesse algum; não dar atenção.

Não dar ponto sem nó: agir por interesse (Nicolau não dá ponto sem nó, por isso pediu para fazer o trabalho com o nosso grupo para tirar uma boa nota, pois o grupo de amigos dele não gosta de fazer nada).

Não dar/não ligar a mínima: não dar a menor importância (a algo ou alguém); não fazer caso; ser indiferente.

Não deixar pedra sobre pedra: arrasar totalmente (no sentido real ou figurado).

Não dizer coisa com coisa: dizer disparates, coisas sem nexos nem lógica.

Não encontrar eco: Não despertar interesse ou apoio.

Não enxergar um palmo adiante do nariz: ser muito ignorante e incapaz. *Fig.* Não enxergar coisa alguma.

Não esquentar lugar: demorar-se pouco tempo num lugar; mudar de lugar constantemente.

Não estar nem aí: coloq. Não dar importância a: Ela não está nem aí para o que possa acontecer.

Não estar no mapa: coloq. Ser (algo ou alguém) extraordinário, fora do comum, fora de série: O talento daquele ator não está no mapa.

Não estar para brincadeira: estar de mau humor (Quando a diretora entrou na sala, os alunos logo perceberam que ela não estava para brincadeira).

Não estra no gibi: coloq. Ser fora do comum, inacreditável, incrível: A desfaçatez dos fraudadores não está no gibi.

Não falar a mesma língua: ter interesses diferentes do outro; não se entender bem com o outro: Eu e meu irmão não falamos a mesma língua.

Não fazer o gênero de: coloq. Não ser do agrado, do gosto ou da mesma opinião de (alguém): Os esportes radicais não fazem o meu gênero.

Não fazer por menos: agir ou reagir rápida e resolutamente: Agredido, não fez por menos: reagiu à altura.

Não há de quê: De nada; não há por que agradecer.

Não ir com a cara (de): *Bras. Fam.* Antipatizar com.

Não ir com: Não simpatizar com.

Não levantar um dedo: Não ajudar nem tentar ajudar.

Não levantar/mover ou não mexer uma palha por: não auxiliar em hipótese alguma, não fazer nada por alguém.

Não passar de: Ser apenas; não ser mais do que.

Não passar pela garganta: Ser intolerável, impossível de aceitar.

Não pregar o(s) olho(s): não dormir.

Não regular bem: não ter juízo; ser amalucado; não bater bem.

Não saber da missa a metade: fig. Coloq. Estar pouco ou mal-informado a respeito de alguma coisa.

Não sair do papel: não avançar ou ficar apenas no planejamento, sem ser executado (Por falta de recursos, a ideia de uma nova quadra para o condomínio não saiu do papel).

Não se dar por achado: **1** Não dar (alguém) importância ao que se diz a seu respeito. **2** Fingir que não entende; fazer-se de desentendido. **3** Não mudar de ideia ante argumentos ou opiniões contrários; não dar o braço a torcer.

Não se enxergar: coloq. Não saber o seu devido lugar: Tem gente que não se enxerga!

Não se tocar: **1** Não se sensibilizar, não dar importância. **2** Não perceber, não se dar conta.

Não ser a praia de (alguém): não ser do interesse, da profissão ou do gosto de alguém: Discutir futebol não era sua praia.

Não ser de nada: coloq. Pej. Diz-se de pessoa que é considerada incapaz de realizar algo: Vivia contando vantagens, mas não era de nada.

Não ser flor que se cheire: não ser pessoa confiável.

Não ser para o bico de alguém: *Bras. Fam.* Estar (algo) fora da possibilidade de alguém de tê-lo, usufruí-lo, realizá-lo etc. (Aquele carrão não é para o seu bico).

Não ter nada a ver (com): Não ter relação alguma (com), não corresponder (a).

Não ter nada com o peixe: estar alheio à contenda, nada ter com o caso de que se trata.

Não ter nascido ontem: Não ser ingênuo ou tolo; ser experiente, escolado, sabido.

Não ter onde cair morto: ser muito pobre ou estar com dificuldades financeiras (Ela vive dizendo que comprou isso e aquilo, mas não tem onde cair morta).

Não ter papas na língua: falar francamente, sem reservas.

Nascer de novo: *Fig.* Escapar de algo que se julgava fatal ou de perigo de vida.

Nascer virado para a lua: ter muita sorte (Lúcio nasceu virado para a lua: ele está namorando a garota mais cobiçada do colégio e tira as maiores notas da classe).

Neca de pitibiriba: Bras pop nada em absoluto (Apesar de Nuno ter explicado toda a matéria que Nívea perdera por ter faltado demais, ela não entendeu neca de pitibiriba, pois foi muito mal na prova).

Negar fogo: 1. Não disparar (arma de fogo) quando acionada. 2. Falhar, esmorecer.

Negócio da China: negócio muito lucrativo: Tenho um negócio da China para propor a você.

Negócio de ocasião: bom negócio o oferta: Aproveite e compre, que é negócio de ocasião.

Negócio de pai para filho: negócio que oferece grande vantagem para uma parte e pouca ou nenhuma para a outra.

Negócio furado: que não correspondeu a boas expectativas: Entramos nessa sem saber que era um negócio furado.

Nem a pau: de jeito nenhum.

Nem assim nem assado: coloq. Nem desse modo nem de outro qualquer.

Nem de brincadeira: de jeito nenhum (Não fale em abandonar os estudos nem de brincadeira!).

Nem oito, nem oitenta: nem de mais, nem de menos.

Nem tanto ao mar nem tanto à terra: *Fig.* Sem exagero; na medida certa; no meio-termo.

Nervos à flor da pele: *fig.* falta de capacidade para controlar sentimentos e emoções; melindre excessivo (Natália anda com os nervos à flor da pele, chora por qualquer coisa!).

Nesse meio tempo: nesse ínterim. Enquanto isso.

Nesta altura do campeonato: Neste ponto; agora.

Ninho de ratos: lugar bagunçado (Mas este quarto está um ninho de ratos, não?!).

Ninho de serpentes/cobras: grupo, comunidade, instituição onde predominam pessoas de mau caráter, traiçoeiras etc.

Nó cego: 1. Nó difícil de desatar. 2. Problema difícil de resolver.

Nó cego: 3. Pop quem se faz de desentendido (Nivaldo sempre dá uma de nó cego quando a mãe pede para ele ajuda-la na arrumação da casa).

No frigir dos ovos: Considerando tudo, no fim das contas.

No mato sem cachorro: em situação complicada, difícil de resolver (Ficou no mato sem cachorro quando percebeu que não teria dinheiro para substituir o aparelho de som que a irmã lhe emprestara e que acabara de quebrar).

No melhor da festa: *Pop.* No melhor momento, no auge da animação.

No mundo da lua: estrá distraído, distante, desatento, fora da realidade, absorto (Passamos pelo professor andando no parque, mas ele nem nos viu, estava no mundo da lua, com o corpo presente e a imaginação voando).

Nó na garganta: sensação de aperto na garganta motivada por emoção ou angústia.

No peito e na raça: com todo empenho; sem medir esforço; denodadamente: Ganhei o concurso no peito e na raça.

No sétimo céu: em estado de plena felicidade; muitíssimo feliz.

Nome de guerra: Pseudônimo, apelido.

Novo em folha: que ainda não foi usado; em primeira mão.

Nu e cru: exatamente como é; sem disfarce: Queremos a verdade nua e crua.

Nunca ter visto mais gordo: Nunca ter visto (alguém).

Nuvem negra: situação, circunstância ou período ruim (“Tá difícil ser eu/sem reclamar de tudo/passa nuvem negra/larga o dia/ e vê se leva o mal/que me arrasou/prá que não faça sofrer mais ninguém”, Nuvem negra, Djavan).

O

O alfa e o ômega: o princípio e o fim.

O pai da criança: o responsável por alguma coisa, por algum acontecimento.

Olhar de lado: olhar com desprezo; menosprezar: Depois que lhe disse aquilo, passou a me olhar de lado.

Olho clínico: capacidade para avaliar, para julgar bem.

Olho de boi: s.m. 1. Abertura provida de vidro, redonda, ou elíptica, no teto, para entrar luz. 2. Selo postal brasileiro emitido em 1843.

Olho de lince: vista aguda.

Olho gordo/grande: Bras inveja (Otília acha que ficou com uma virose no dia do final porque puseram olho gordo no seu ótimo desempenho durante o campeonato).

Olho mágico: dispositivo munido de pequena lente que se instala em porta de entrada, através do qual se pode observar quem está fora.

Ombro a ombro: lado a lado.

Onde Já se viu (uma coisa dessa)?: Expressão de rejeição e espanto.

Onde Judas perdeu as botas: em um lugar distante ou de difícil acesso (É bom levar um guia, pois a festa é lá onde Judas perdeu as botas).

Onde quer que: em qualquer lugar onde: Onde quer que ele esteja, ele acabará sabendo.

Orelha de abano: pej orelha grande e projetada para a frente da cabeça.

Oso duro de roer: pessoa ou coisa muito difícil de ser tratada.

Ossos do ofício: percalços, dificuldades inerentes a qualquer tipo de trabalho.

Ou oito ou oitenta: ou tudo ou nada.

Ou vai ou racha: *Pop.* Ou tudo ou nada (exprime decisão de levar algo até o fim, até as últimas consequências).

Ouvido absoluto: Capacidade de identificar uma nota ou os sons de um acorde.

Ouvido de tuberculoso: ouvido apuradíssimo.

Ovelha negra: pessoa que, pela sua maneira diferente de agir e pensar, destaca-se negativamente: A ovelha negra da família.

P

Paciência de Jó: muita paciência, paciência infinda.

Pagar caro: 1. Comprar ou remunerar por preço acima do de mercado. 2. Obter com sacrifício: pagou caro pela vitória conquistada. 3. Sofrer as consequências de um procedimento: Ele ainda vai pagar caro pelo que fez.

Pagar em espécie: pagar em dinheiro (Ele sempre paga em espécie porque não tem conta em banco, portanto não usa cartão nem cheque).

Pagar mico: gír. Sofrer vexame frente a terceiros; passar vergonha.

Pagar na mesma moeda: Retribuir algo (bom ou mau) com algo semelhante e na mesma medida.

Pagar o pato: pagar por uma coisa que prejudica ou desabona e que foi feita por outrem: Vocês fizeram a bobagem e, agora, eu é que pago o pato.

Pagar para ver: esperar que aconteça alguma coisa de que se duvidava para conferir se era verdade ou mentira.

Página virada: assunto, pessoa ou problema do passado, já superados (O namoro com o Paiva, que a fizera sofrer muito, era página virada da vida de Piedade).

Pai de todos: s.m. coloq. O dedo médio.

Pai dos burros: s.m. coloq. Dicionário.

Paletó de madeira: gír. Caixão funerário.

Pano de fundo: 1. (Teat.) tela pintada, oposta ao pano de boca, que compõe o fundo de um cenário: O pano de fundo representava uma paisagem com neve. 2. Fig. Conjunto de acontecimentos que estão por trás do fato principal: O pano de fundo da crise política é a briga pelo poder.

Pão pão, queijo queijo: com clareza, sem rodeios.

Pão-duro: 1. Bras. Pop. Que ou quem é muito contido nos gastos; avarento.

Papo furado: conversa sem fundamento; mentira: Não ligue para o que ele diz, é tudo papo furado.

Papo-furado: Bras. Gír. Quem ou quem não leva a sério o que diz, e não costuma cumprir suas promessas.

Para cima e para baixo: Por todo lugar.

Para inglês ver: coloq. Para impressionar com falsa aparência; sem veracidade ou validade.

Para ninguém botar defeito: *Bras. Fam.* Muito bom; acima de toda crítica.

Para todos os efeitos: de qualquer jeito, de qualquer modo, na prática.

Passar (alguém) para trás: 1 *Pop.* Enganar, trair, ludibriar. 2 Ocupar lugar ou auferir direitos ou vantagens que deveriam ser de (alguém).

Passar a limpo: 1. Recopiar com esmero: A aluna passou a limpo as anotações da aula. 2. Resolver pendências, reconsiderar assuntos: Os irmãos passaram a limpo velhas divergências.

Passar a perna: 1. Dar uma rasteira. 2. Fig. Prejudicar alguém de modo deliberado; enganar; lograr.

Passar bem: Sentir-se bem; estar bem de saúde.

Passar desta para melhor: *Pop.* Morrer.

Passar por cima de: não dar importância; não respeitar a autoridade: Passou por cima de todas as normas.

Passar um mau pedaço: passar um momento difícil (A família passou um mau pedaço quando o pai sofreu um acidente).

Passar uma conversa em: tentar, com lábia, convencer alguém a ceder alguma coisa.

Passar uma esponja em: Esquecer.

Passar/pôr sebo nas canelas: coloq. Fugir de algo ou de alguém; correr: Assustado com o assalto, passou sebo nas canelas e não parou mais!

Passe de mágica: 1. O movimento rápido feito pelo mágico que não é percebido pela plateia. 2. Modo eficiente e rápido de se conseguir uma coisa: Num passe de mágica, ele conseguiu sua nomeação.

Pau a pau: em condição de igualdade; emparelhado: Os dois cavalos estavam pau a pau na reta final.

Pau para toda obra: prestativo em todas as necessidades.

Pé ante pé: devagar, cautelosamente.

Pé de boi: pop. pessoa que se esforça ou trabalha muito.

Pé de galinha: conjunto de rugas que se formam no canto externo dos olhos.

Pedaço de mau caminho: Bras pop pessoa atraente, vistosa.

Pé-de-meia: coloq. Dinheiro economizado aos poucos.

Pedir a mão de: Pedir em casamento.

Pedir arrego: desistir de uma situação que já não se suporta (Depois de ficar três dias sem falar com Alice, Álvaro pediu arrego e ligou para ela.)

Pedra preciosa: Gema.

Pé-frio: pop pessoa azarada, que traz má sorte (Quando estou assistindo às partidas de futebol do meu time, sempre chega um pé-frio para me atormentar).

Pegar bem: ter boa repercussão, ser bem aceito.

Pegar fogo: 2. Fig animar-se, acalorar-se (Com assunto tão polêmico, esse debate vai pegar fogo!).

Pegar jacaré: deixar-se levar pela onda até a areia, com o peito deslizando sobre a água.

Pegar mal: não ter boa repercussão, não ser bem aceito por ser inadequado.

Pegar no sono: adormecer.

Pegar onda: *Gír.* Surfar.

Pegar/ficar no pé: insistir com alguém; importunar com insistência.

Pegar/Tomar o bonde errado: *Bras. Pop.* Enganar-se (por ter mal avaliado) ao entrar em negócio, atividade etc., e com isso ter mau resultado.

Peito do pé: a parte de cima do pé.

Pele e osso: muito magro (Olívia ficou tão doente que está pele e osso!).

Pelo sim, pelo não: por via das dúvidas: Pelo sim, pelo não, a luta deve continuar.

Pendurar as chuteiras: coloq. (Esp.) 1. Deixar de jogar futebol como profissional. 2. Deixar de exercer trabalho, cargo ou função.

Pensar na morte da bezerra: coloq. Estar pensativo, distraído ou absorto.

Pente-fino: 2. Gír exame minucioso, busca detalhada (Pureza passou um pente-fino em sua redação para ver se não tinha deixado escapar nenhum erro de português).

Pé-quente: *Bras pop* pessoa que tem muita sorte (Um pé-quente ganhou o primeiro prêmio da loteria duas vezes na vida).

Perder a cabeça: Perder o controle, enfurecer-se. Perder a calma, a serenidade de ânimo.

Perder a graça: 1 Não ser mais engraçado. 2 Ficar encabulado, sem graça.

Perder as estribeiras: coloq. Perder o controle; desnorrear-se: Quando soube que ia ser demitido, perdeu as estribeiras.

Perder o fio da meada: Perder (por desorientação, esquecimento etc.) a sequência ou continuidade de ideia, relato etc.

Perder o rebolado: *Pop.* Ficar desorientado, sem graça.

Perder os sentidos: ficar inconsciente; desmaiar: Bateu a cabeça e perdeu os sentidos.

Perder tempo: aplicar o tempo em coisas inúteis e sem resultado.

Perder terreno: perder vantagens numa disputa, num negócio etc.

Picar a mula: ir embora com pressa (Quando viu que ia dar confusão, Marçal picou a mula).

Pingo de gente: pessoa de pequena estatura; criança.

Pintar e bordar: fazer travessuras ou o que te der vontade (O gato filhote pintou e bordou nos poucos minutos em que ficou sozinho na casa: desfiou o tecido do sofá, pegou o peixe do aquário e derrubou a escultura da estante.).

Pintar o sete: coloq. 1. Fazer travessuras: Meu filho pintou o sete na casa da avó. 2. Executar (algo) muito bem: Os atores pintaram o sete quando entraram em cena. 3. Fazer sofrer; maltratar: O chefe pintava o sete com aquele funcionário.

Pintar os canecos: Fazer travessuras, pintar o sete.

Pirataria aérea: sequestro de aviões.

Pisar em ovos: proceder com toda a cautela possível: Fui falar com o chefe pisando em ovos.

Planta do pé: Parte inferior do pé.

Plantar bananeira: ficar de cabeça para baixo, com as pernas esticadas para cima.

Plantar batatas: parar de amolar, de aborrecer; deixar alguém em paz (Ah, vá plantar batatas, assim para um pouco de tagarelar na minha orelha!)

Poder de fogo: 1. Capacidade de (um exército, uma tropa etc.) exercer fogo cerrado sobre o inimigo: O poder de fogo daquele pelotão durou pouco tempo. 2. Capacidade de mobilizar recursos para algum fim: Logo se viu que o poder de fogo daqueles empresários era muito grande.

Podre de rico: muitíssimo rico: Aquele empresário é podre de rico.

Pomo da discórdia: pessoa ou coisa que dá origem a uma discórdia.

Ponto alto: melhor momento ou melhor qualidade de alguma coisa.

Ponto de vista: modo individual de considerar uma questão ou assunto.

Ponto morto: o ponto em que, nos veículos automotivos, não está engatada nenhuma marcha.

Pôr (algo/alguém) nas alturas: Elogiar muito.

Por / Encostar a faca no peito de alguém: forçar alguém a fazer alguma coisa com ameaça ou chantagem.

Pôr a mão no fogo por: confiar sem hesitar (Conheço bem o Moacir, mas não ponho a mão no fogo por ele quando o assunto é mulher, porque ele é meio enrolado nesse aspecto). coloq. Responsabilizar-se pelo comportamento ou pelas ações de (alguém).

Pôr a nu: descobrir, tornar patente: Pôs a nu todas as mentiras de seu marido.

Pôr alguém em um pedestal: venerar alguém (Pirilo costuma entusiasmar-se com as mulheres com quem se relaciona, colocando-as em um pedestal, mas acaba decepcionado quando elas cometem algum erro).

Pôr alguém em xeque: tê-lo sob o peso de uma ameaça.

Pôr as barbas de molho: coloq. Acautelarse contra um perigo iminente: Ponha as barbas de molho contra os riscos da inflação.

Por baixo dos panos: de maneira dissimulada, secretamente.

Pôr comida na mesa: sustentar uma casa (Um pai de família trabalha para pôr comida na mesa).

Pôr contra a parede: encostar na parede.

Pôr de lado: 1. Não dar atenção a; desconsiderar: Pôs de lado a gramática e falou como quis. 2. Deixar para ver depois: Pôs de lado as boas provas e começou a corrigir as piores.

Pôr duas coisas na balança: examinar-lhes os prós e os contras.

Pôr em pratos limpos: tirar a limpo, esclarecer.

Pôr em xeque: pôr em dúvida (O freguês pôs em xeque a autenticidade do tênis porque o nome do fabricante estava grafado errado).

Pôr lenha na fogueira: atizar uma discórdia, alimentar um conflito.

Pôr mãos à obra Encetar, começar um trabalho, uma tarefa.

Pôr na rua: despedir (alguém); demitir, despejar.

Pôr nas nuvens: elogiar muito (O namorado a põe nas nuvens o tempo todo, não é à toa que está ficando convencida!).

Pôr no papel: registrar documentalmente.

Pôr nos eixos: coloq. Fig. Fazer voltar à ordem; adequar.

Pôr o dedo na ferida: Atingir ou mostrar com palavras ou atos o ponto fraco de alguém. Lembrar uma situação difícil ou dolorosa, da qual não se quer falar (O ator pôs o dedo na ferida ao dar uma declaração contando o que ocorre nos bastidores e que todo mundo finge não acontecer).

Pôr o preto no branco: esclarecer alguma coisa; explicitar alguma coisa.

Pôr os pingos nos is: expressar-se de maneira clara e minuciosa. Resolver ou esclarecer algo que estava pendente.

Por via das dúvidas: para ter uma garantia; para evitar erro ou omissão.

Por via de regra: Em regra.

Pôr/botar as barbas de molho: ficar alerta, precaver-se contra perigo ou ameaça iminente (Quem hoje tira sarro dos outros deve pôr as barbas de molho, porque amanhã poderá ser o motivo da chacota).

Pôr/botar panos quentes em: contemporizar, adotar medidas que substituam ou adiem a solução que um caso exige.

Pôr/colocar/Encostar na parede ou imprensar contra a parede: deixar uma pessoa sem alternativa para agir de outro modo, ou de um modo que lhe seja mais favorável.

Pôr/entrar nos eixos: fig fazer voltar ou voltar a ter juízo; endireitar-se (Dona Elvira pôs a filha nos eixos, e a garota, agora, voltou a estudar.).

Pôr-se a caminho: Começar atividade, projeto, empreendimento etc.

Prata da casa: quem se criou, se educou e se formou no mesmo lugar em que atua: Este professor é prata da casa.

Prato feito: 1. Refeição comercial em que os componentes são previamente escolhidos pelo comerciante e não pelo cliente; pê-efe. 2. Situação de que alguém pode tirar proveito: A desistência de Roberto em concorrer foi um prato feito para Ricardo.

Pregar uma peça: enganar, lograr (geralmente por brincadeira).

Presença de espírito: desembaraço, presteza para reagir como convém no momento.

Presente de grego: presente que é um estorvo para quem o recebe.

Procurar agulha em palheiro: procurar algo muito difícil de achar.

Procurar sarna para se coçar: *Pop.* Entrar desnecessariamente em situações que podem ser complicadas, desagradáveis ou perigosas.

Prova de fogo: situação com alto grau de dificuldade, ou que testa a resistência de alguém, pela qual se tem de passar (A prova de fogo no estágio foi o último semestre, período crucial de avaliação, pela empresa, da capacidade de os estagiários resolverem problemas).

Puto da vida: muito bravo, zangado, irritado.

Puxão de orelha: 2. Fig reprimenda, bronca, censura (O professor de inglês deu um puxão de orelha geral na turma pelo desempenho fraco nas últimas provas.).

Puxar o saco: chulo adular, bajular: Puxava o saco do patrão, elogiando-o.

Puxa-saco: s.m. ef. Coloq. Bajulador; adulator.

Quebra de braço: Bras. Disputa em que um dos adversários tenta encostar o antebraço do outro na mesa em que ambos apoiam os cotovelos.

Quebra-galho: Bras pop pessoa, coisa ou recurso improvisado que se usa para resolver problemas e/ou dificuldades (Enquanto procurava uma mesa adequada para colocar o computador e fazer suas lições, a tábua montada sobre cavaletes serviu como quebra-galho).

Quebrar a cabeça: Pensar, raciocinar, refletir muito tentando resolver um problema.

Quebrar a cara: 2. Gír desiludir-se, decepcionar-se (Todos estavam empolgados para ir ao show, mas quando foram comprar os ingressos quebraram a cara, pois já estavam esgotados.) 3. coloq. Sair-se mal de uma empresa, de um negócio.

Quebrar o gelo: 1. Quebrar o frio da água. 2. Fig. Quebrar a formalidade; criar um clima cordial entre duas ou mais pessoas.

Quebrar o jejum: 1. Comer ou beber estando até então em jejum. 2. Conseguir alguma coisa que há muito não tem: O time quebrou o jejum de 15 anos sem título de campeão.

Quebrar um galho: coloq. Resolver um problema, uma dificuldade para alguém em uma ocasião determinada.

Quebrar um pau: brigar; sair uma briga (O pessoal que tinha ingresso e não pôde entrar no show estava quase quebrando um pau na entrada do teatro, quando os organizadores resolveram dar-lhes entradas para o dia seguinte, nos melhores lugares).

Queima de arquivo: ato criminoso com o objetivo de eliminar provas ou livrar-se de testemunhas de um crime (Os peritos chegaram à conclusão de que o incêndio na parte administrativa da empresa que estava sob investigação tinha sido provocado, ou seja, fora queima de arquivo. A polícia declarou que a morte da mulher fora queima de arquivo, pois ela havia testemunhado um assassinato).

Queimar as pestanas: coloq. Estudar muito.

Queimar o último cartucho: usar os últimos recursos para conseguir algo.

Quem não tem cão caça com gato: coloq. Dar soluções pouco comuns a problemas, com os recursos disponíveis.

R

Rabo de arraia: s.m. golpe de capoeira que consiste em apoiar-se sobre as mãos e rodar o corpo de encontro às pernas do adversário para derrubá-lo.

Rabo de cavalo: penteado no qual se prendem cabelos longos na parte de trás da cabeça, formando uma única mecha.

Rabo de foguete: Bras. Gír. Problema difícil de ser resolvido.

Rabo de galo: s.m. aperitivo preparado com aguardente e vermute.

Rabo de palha: 1. Bras. Fato desonroso, que mancha a reputação de alguém.

Rabo de saia: Bras. Pop. Mulher (ger. Atraente).

Rasgar o verbo: coloq. Falar franca e diretamente.

Rasgar seda: coloq. Trocar elogios ou gentilezas: O juiz rasgou seda para o jogador.

Rato de biblioteca: quem gosta de livros e é frequentador assíduo de livrarias e bibliotecas.

Rato de praia: Pessoa que vai muito à praia.

Rebate falso: alarme falso, injustificado, de um acontecimento esperado: A gravidez, tão desejada, foi um rebate falso.

Refrescar a memória: Evocar detalhes de algo para tentar lembrar o principal.

Repouso eterno: fig. Último sono; a morte.

Reta final: 1. Reta de chegada. 2. Parte final de um trabalho ou tarefa. 3. Fig. O fim da existência; a proximidade da morte.

Rodar a baiana: Bras. Gír. Reagir de modo intempestivo a uma situação ou provocação, com palavras ou com ações.

Roer a corda: deixar de cumprir um trato; faltar a um compromisso; abandonar um projeto iniciado.

Rolar de rir: rir muito; dobrar-se de rir.

Rua da amargura: fig. Situação difícil, moral e financeiramente.

S

Saber na ponta da língua: saber perfeitamente. De cor.

Saco de gatos: bagunça, confusão: Aquele departamento parecia um saco de gatos!

Saco de pancada: coloq. Pessoa que sempre leva a culpa de algum ato: Ele é o saco de pancada do escritório.

Saco sem fundo: coloq. 1. Pessoa que come ou gasta demais: Esse menino é um saco sem fundo. 2. Empreendimento dispendioso: O projeto e tornou um saco sem fundo. 3. Quem não é capaz de guardar segredo.

Saia justa: *Fig. Gír.* 1 Situação embaraçosa. 2 Situação em que se está impotente para agir.

Sair à francesa: sair discretamente, sem chamar a atenção (Estava com preguiça de se despedir de todos, então saiu à francesa).

Sair da linha: *Pop.* Comportar-se ao contrário do esperado ou conveniente.

Sair do ar: *Telec.* Passar a estar fora do ar.

Sair do armário: *Gír.* Assumir.

Sair do buraco: melhorar de situação financeira; conseguir pagar as dívidas.

Sair dos eixos: *fig* deixar de ter juízo; desequilibrar-se (Ele saiu dos eixos quando se envolveu com o tráfico de drogas).

Sair dos trilhos: desviar-se das normas de conduta.

Sair em campo: Pôr-se em ação para determinado fim.

Sair melhor que a encomenda: *Pop.* Pior que o esperado.

Sair o tiro pela culatra: ação de o resultado de um ato sair contrário ao esperado por quem o executou (Tina foi contar para o Tadeu que tinha visto a namorada dele com outro no cinema, mas o tiro saiu pela culatra, porque o Tadeu deixou de falar com Tina por causa da fofoca e continua namorando firme a Taís).

Sair pela culatra: dar errado, alcançar o efeito contrário (Ele quis prejudicar o colega, mas o tiro saiu pela culatra e a sua mentira foi descoberta).

Sair pelo ladrão: existir ou estar em grande abundância: O dinheiro lhe sai pelo ladrão.

Sair/tirar do sério: ficar ou fazer ficar fora do estado normal (uma pessoa); perder ou fazer perder a cabeça: Ele me causou tanta raiva que me tirou do sério; Fiquei tão apaixonada que saí do sério.

Saltar aos olhos: Ser evidente, claríssimo.

Salva de palmas: aplauso, ovação.

Salvar a pele: salvar a si próprio.

Salve-se quem puder: situação de grande balbúrdia, confusão; corre-corre: quando tocou o alarme, foi um salve-se quem puder.

Salvo pelo gongo: livre de uma situação delicada ou de um perigo no último instante (O tempo para terminar a prova estava acabando quando Gabriela se lembrou da única resposta que faltava: foi salva pelo gongo).

Sangria desatada: situação urgente: Essa viagem não é nenhuma sangria desatada.

Sangue azul: aristocracia, fidalguia, nobreza.

Sangue-frio: s.m. controle diante de situações difíceis; calma, impassibilidade.

Santo do pau oco: coloq. Pessoa sonsa.

São outros quinhentos: é outra coisa.

Saúde de ferro: ótima resistência a doenças.

Seara alheia: coloq. Aquilo que compete a outra pessoa: Ele se meteu na seara alheia.

Segundas intenções: intenção que dissimula ou oculta o fim real.

Segurar a barra: aguentar uma situação difícil.

Segurar a vela: acompanhar um casal ou par de namorados.

Segurar ou aguentar o rojão: suportar problema ou consequência negativa (Se você aprontou agora terá de segurar o rojão sozinho, pois todos nós o avisamos sobre os riscos).

Sem eira nem beira: coloq. fig. Sem posses; miserável: Um homem sem eira nem beira.

Sem mais nem menos: 1. Sem justificativa ou motivo aparente. 2. De repente; de pronto; inopinadamente.

Sem pestanejar: sem vacilar: O menino obedeceu sem pestanejar.

Sem tirar nem pôr: sem diferença; exatamente igual (Tarso foi abraçando a Tatiana pensando que fosse a Tânia, porque as duas são idênticas, sem tirar nem pôr).

Sem tugir nem mugir: sem dizer nada.

Sem um tostão: sem dinheiro; duro (Foi a pé para a escola, pois estava sem um tostão).

Senhor de seu nariz: coloq. Pessoa independente: Ainda é novo, mas já é senhor de seu nariz.

Sentir firmeza: pop acreditar, achar que merece confiança (Félix não sentiu firmeza na convocação do time de vôlei, que deixara de fora ótimos jogadores).

Sentir na (própria) pele: Vivenciar como experiência própria (sensação, sentimento etc).

Separar o joio do trigo: Num conjunto de fatos, condições etc., discernir, separar o que é bom do que é mau.

Ser (muito) gente: coloq. Ser humano, generoso, compreensível.

Ser a bola da vez: *Fig.* Ser (alguém) aquele que no momento é alvo de comentários, críticas etc.

Ser a gota d'água: constituir-se, um pequeno acontecimento, em algo que desencadeia uma reação há muito tempo contida: A deslealdade foi a gota d'água para que a firma se desfizesse.

Ser a última palavra em (algo): ser o que há de mais moderno, de mais atual.

Ser boa praça: Ser uma pessoa afável, simpática, companheiro, amigo.

Ser bom de boca: Comer muito e de tudo.

Ser bom de garfo: coloq. Gostar de comer bem e muito; ser comilão.

Ser carne e unha com alguém: coloq. Ser muito ligado a alguém.

Ser da lavra de: Ser de autoria de.

Ser de casa: Ser íntimo de uma família ou de uma instituição; não ser de cerimônia.

Ser de morte: *Pop.* Ser de difícil trato, ou travesso.

Ser dez: Bras. Gír. ser o melhor possível, ser ótimo (Aquele sanduíche é dez, mas na hora do almoço é melhor fazer uma refeição equilibrada.)

Ser do contra: Bras ter por hábito contrariar as opiniões e propostas das outras pessoas.

Ser do outro mundo: ser extraordinário, excepcional, fora de série.

Ser dose (para elefante ou leão): ser excessivo para alguém suportar: Trabalhar dez horas por dia é dose.

Ser família: ser recatado, modesto, de bons costumes.

Ser farinha do mesmo saco: ter a mesma natureza de, ser parecido com (Aqueles ali são farinha do mesmo saco: não contribuem nos trabalhos em grupo e depois querem levar a nota boa à custa dos outros).

Ser fogo (na roupa): *Bras.* **1** Ser complicado, difícil etc. (algo, alguém, situação). **2** Ser bom, eficiente, adequado etc. (algo ou alguém).

Ser fogo: ser difícil (Esse menino é fogo, nunca conheci pessoa tão teimosa quanto ele!).

Ser gente: **1** Ter importância, afirmar-se em algo. **2** Ser humano, compreensivo.

Ser ligado em: gostar muito de alguma coisa (ser ligado em bateria, ser ligado em cinema).

Ser muita areia para o caminhão de: ser bom demais, superar as expectativas, ser melhor do que o merecido (O Adriano não convida a Alessandra para sair porque acha que ela é muita areia para o caminhão dele).

Ser o bode expiatório: pagar pelas culpas dos outros. (Os policiais temem ser o bode expiatório da onda de violência.).

Ser o fiel da balança (numa questão): ser o árbitro dela.

Ser o fim da picada: ser inconveniente, ser desastroso, ser muito ruim: Sua desistência foi o fim da picada.

Ser o maior: ser o melhor ou o que mais se destaca em algo (Pelé é o maior da história do futebol, segundo a opinião de pessoas de todo mundo).

Ser ou estar uma pilha: ser ou estar excessivamente nervoso, muito irritável.

Ser pedreira: ser muito difícil (Ir a pé até lá, debaixo desse sol, vai ser pedreira!).

Ser pinto: *Bras. Pop.* **1** Ser (tarefa, trabalho etc.) fácil. **2** Ter menos valor que outrem. **3** Ser ingênuo em relação a outrem.

Ser sopa no mel: coloq. Beneficiar-se com circunstância oportuna: A minha nomeação foi como sopa no mel.

Ser sopa: coloq. Ser fácil: Aquela prova foi sopa.

Ser todo ouvidos: estar muito atento ao que se diz.

Ser um bom garfo: Ter o hábito de comer bem (em qualidade ou quantidade).

Ser um livro aberto: não ter nada a esconder; ser do conhecimento de todo (Os alunos respeitam a orientação do diretor da nossa escola porque ele é um profissional confiável, sua vida é um livro aberto).

Ser um nó: Ser (problema, situação etc.) difícil de resolver.

Ser um ovo: ser muito pequeno: Meu apartamento é um ovo.

Ser uma figura *Bras.* Ser uma pessoa diferente, excêntrica ou engraçada.

Ser uma gota d'água no oceano: ter ocorrência um fato insignificante ante uma série de acontecimentos mais importantes: Seu gesto de solidariedade não foi uma gota d'água no oceano.

Ser uma mãe: fig. Tratar (alguém) com humanidade e diligência; proteger, defender: "Dos filhos deste solo és mãe gentil, pátria amada, Brasil".

Ser uma mão na roda: coloq. Ser de grande auxílio; vir a calhar: As mudanças no trânsito foram uma mão na roda para os usuários.

Ser uma nota: ser de preço excessivo: A viagem à China foi uma nota!

Ser uma peça: fig ser uma pessoa incomum ou muito engraçada (Poli é uma peça, nem precisa abrir a boca para fazer os outros rirem).

Ser uma pedra no caminho: ser um obstáculo, um impedimento.

Ser uma pedra no sapato: ser um incômodo permanente, um empecilho.

Ser unha e carne: ser muito ligado a alguém ou íntimo dessa pessoa (Aqueles duas são unha e carne, estão sempre juntas e sabem todos os segredos uma da outra).

Ser/estar senhor da situação: manter o controle da situação: Houve muito tumulto, mas ele continuou sendo senhor da situação.

Ser/estar senhor de si: possuir domínio sobre si mesmo: Ninguém o domina, porque ele é profundamente senhor de si.

Sexto sentido: suposta capacidade de perceber fenômenos metafísicos independentemente do uso dos cinco sentidos (audição, olfato, paladar, tato e visão); intuição: Seu sexto sentido avisava que não deveria viajar.

Sinal verde: Autorização, licença.

Sofrer da bola: *Bras. Fam.* Ser ou estar amalucado, mentalmente desequilibrado.

Soltar a franga: *Pop.* Desinibir-se, perder o acanhamento.

Soltar foguetes: comemorar.

Soltar o verbo: dizer o que pensa ou sabe, sem comedimento.

Soltar os cachorros (em cima de alguém): coloq. Insultar, discutir.

Sorriso amarelo: sorriso dado sem vontade; forçado (Pelo sorriso amarelo do amigo, percebeu que ele tinha esquecido de trazer de volta a matéria de História que havia lhe emprestado na véspera.).

Suar em bica(s): Transpirar muito.

Subir o sangue à cabeça: enraivecêr-se. Ficar muito irritado ou irado, perder o controle.

Sujar a barra de: colocar (alguém) em situação difícil: Contou sobre o atraso e sujou a barra do colega.

T

Tábua de salvação: recurso último, extremo, de que se lança mão para superar uma dificuldade.

Tanto assim que: por sinal que, a prova é que; tanto que.

Tanto melhor: ainda bem, felizmente. É preferível.

Tapa-buraco: Pop. Pessoa ou coisa sem função definida posta emergencialmente no lugar de outra: Na falta do ator, usou-me como tapa-buraco.

Tapar buracos: Coloq. Remediar uma situação difícil, acudir a pequenas necessidades.

Tapar o sol com a peneira: fingir não saber o que está se passando. Não querer enxergar as coisas como elas realmente são; enganar-se com relação ao que se passa.

Tempestade em copo d'água: reação exagerada a algo insignificante ou sem gravidade (Fez uma tempestade em copo d'água só porque o namorado ficou um dia sem ligar para ela).

Tempo da Onça: antigamente (Ao arrumar deu guarda-roupas, Telma encontrou umas blusas do tempo da Onça, das quais nem se lembrava mais.).

Tendão de Aquiles: 2. Fig fraqueza, ponto fraco (Papéis dramáticos são o tendão de Aquiles daquela atriz, que só sabe fazer personagens cômicos.).

Ter (algo ou alguém) atravessado na garganta: 1. Ter mágoas e desgostos (não expressos em palavras ou gestos) por algo sofrido. 2. Nutrir ódio, rancor ou aversão por alguém.

Ter a pachorra: ter o atrevimento (Depois de ter falado mal da amiga para a escola toda, Paulinho teve a pachorra de aparecer no aniversário dela como se nada tivesse acontecido).

Ter a ver com: ter relação com; estar ligado a (O acusado, ao provar que não tinha nada a ver com o crime, foi liberado pela polícia).

Ter as costas largas: aceitar responsabilidades que seriam de outra(s) pessoa(s).

Ter bala na agulha: *Gír.* Ter dinheiro, recursos.

Ter costas quentes: Contar com a proteção de alguém.

Ter dois pesos e duas medidas: ter diferentes atitudes, decisões, comportamento etc., em situações iguais ou parecidas, de acordo com interesses particulares (Há pais que têm dois pesos e duas medidas, pois consideram que seus filhos têm opinião quando desafiam os professores, mas julgam os filhos dos outros mal-educados quando agem da mesma forma).

Ter em mente: ter como intenção; objetivar; pretender: O governo tem em mente novas medidas econômicas.

Ter em mira: ter como objetivo; ter em vista; visar a: Gostaria de saber o que ele tem em mira.

Ter em vista: ter como objetivo: Quando fiz isso, tinha em vista apenas o seu bem.

Ter expediente: Ser desembaraçado, jeitoso, diligente (esp. ao resolver situações complicadas).

Ter jogo de cintura: ter muita habilidade, muito jeito para enfrentar situações embaraçosas.

Ter na conta de: Considerar, reputar.

Ter na palma da mão: dominar alguém ou alguma situação.

Ter nervos de aço: ter energia, vigor ou força para suportar uma pressão (O piloto tinha nervos de aço; quando o motor parou, ele conseguiu pousar o avião em segurança em uma estrada).

Ter o pavio curto: ser explosivo, arrebatado; irritar-se facilmente.

Ter o rabo preso: Estar envolvido em situação, atividade etc., ilegal ou aética, sendo impedido, portanto, de se opor livremente a tais transgressões.

Ter o rei na barriga: ser arrogante; considerar-se superior aos outros.

Ter o sangue quente: irritar-se de maneira fácil (É melhor não brincar muito com a Silmara porque ela tem sangue quente).

Ter os pés no chão: ser realista, sem otimismo exagerado.

Ter palavra: Ser alguém que cumpre o que promete.

Ter sangue de barata: pej. Não reagir diante de uma ofensa, provocação, agressão etc.

Ter sangue nas veias: ser irritadiço. capaz de se exaltar ou se descontrolar facilmente (por raiva, indignação etc.).

Ter santo forte: *Bras. Pop.* Estar protegido contra má sorte, sortilégios, infortúnios etc.

Ter sete fôlegos: ser muito resistente.

Ter um ataque: **1** *Bras. Pop.* Ser acometido de crise nervosa, com ou sem perda de consciência. **2** *Bras. Gir.* Perder a compostura, irar-se, tornar-se violento.

Ter um estalo: ter uma ideia inspirada: Teve um estalo e apontou a solução para o problema.

Ter um fraco por: ter inclinação a algo, gosto, vício (Francilene tem um fraco por chocolate).

Ter um parafuso de menos: ser amalucado, sem juízo.

Ter uma palavra: ter uma conversa (Aguardou na classe, pois queria ter uma palavra com o professor).

Ter uma telha mais/de menos: *Pop.* Não ser muito equilibrado mentalmente.

Ter vergonha na cara: Ter brios.

Terra de ninguém: território que não pertence a ninguém.

Testa de ferro: aquele que se apresenta ou é colocado como responsável por ato, ger. Ilegal ou imoral, praticado por outrem.

Tim-tim por tim-tim: Com todos os detalhes, sem omitir nada.

Tira a fórceps: fig. Conseguir obter revelação ou segredo com dificuldade: Tirei a confissão a fórceps.

Tirar a barriga da miséria: usufruir bastante de algo até que até então não se podia ter ou fazer.

Tirar a limpo: apurar, aclarar, tirar as dúvidas que possam existir a respeito de algo: É preciso tirar a limpo essas informações.

Tirar a sorte grande: ganhar ou conseguir algo, tornando-se afortunado: Com aquele prêmio, tirou a sorte grande.

Tirar as palavras da boca de alguém: dizer exatamente aquilo que outra pessoa queria dizer.

Tirar da jogada: eliminar, liquidar: Não foi fácil tirar o intruso da jogada.

Tirar de letra: fazer alguma coisa com facilidade, sem esforço: Deixe o problema comigo que eu tiro de letra.

Tirar farinha: Coloq. Tirar vantagem.

Tirar leite de pedra: Realizar algo muito difícil, quase impossível.

Tirar o cavalo (cavalinho) da chuva: *Bras.* Desistir de um intento.

Tirar o chapéu: prestar homenagem; cumprimentar: Tiro meu chapéu para a competência de meu colega.

Tirar o corpo fora: desincumbir-se de alguma coisa; safar-se de uma obrigação.

Tirar o couro: exigir esforço demasiado de alguém; explorar o freguês, o cliente.

Tirar o pão da boca de: 1. Privar alguém dos meios de subsistência. 2. Impedir alguém de realizar o que estava preste a realizar.

Tirar o time de campo: 1 Desistir de participar de algo, abandonar (trabalho, disputa etc.). 2 Ir embora.

Tirar um fino de: passar raspando por: Ao tentar me ultrapassar, o carro dele tirou um fino do meu.

Tirar um sarro: 1. Chulo apalpar de forma libidinosa: O casal tirava um sarro dentro da caminhonete. 2. Gír. Zombar, debochar: Ele tirou um sarro da minha cara quando meu time perdeu.

Tirar uma casquinha: Levar alguma vantagem em feito alheio lucrativo.

Tirar uma onda de: fazer-se ou fingir de, dar-se ares de: Tirar uma onda de intelectual.

Tirar uma pestana: coloq. Tirar um cochilo, cochilar.

Tocar na ferida: Lembrar ou fazer alusão à situação dolorosa, difícil, sobre a qual não se quer falar.

Tocar o barco: continuar o que se está fazendo, apesar dos contratemplos.

Tocar sete instrumentos: fig. Dedicar-se a múltiplas atividades; possuir múltiplos talentos.

Toda a vida: Reg. Continuadamente, sem parar, sem mudar de rota: Depois da ponte, vá toda a vida até a estação a estrada de ferro.

Tomar a palavra: numa discussão ou debate, expor sua opinião.

Tomar as rédeas: fig. Assumir o controle de uma situação; dirigir, comandar, governar.

Tomar chá de cadeira: Esperar sentado, por muito tempo, por alguém ou algo. Não ser (uma moça) convidada para dançar nos bailes.

Tomar chá de sumiço: deixar de aparecer em lugar que frequentava regularmente.

Tomar conta de: Guardar, vigiar, cuidar.

Tomar o peito: empenhar-se; interessar-se seriamente por.

Tomar um capote: gír. levar um tombo.

Tomar um chá: aborrecer-se, enfastiar-se.

Tomar um pileque: pop ficar bêbado.

Tomar um porre: embebedar-se.

Topar qualquer parada: aceitar qualquer convite, desafio, passeio etc.

Torcer o nariz: demonstrar descontentamento, reprovação em relação a algo (Nélson torce o nariz quando a mãe faz moela no almoço, um dos pratos que ele detesta).

Torrar a paciência de: aborrecer, importunar.

Tratamento de choque: Maneira de resolver problema, situação difícil etc., aplicando medida drástica.

Trazer à baila: Fazer alguém lembrar-se de (fato, assunto etc.) no momento certo.

Trazer a lume: Tornar público, apresentar.

Trazer no (ou pelo) cabresto: coloq. Fig. Manter alguém sob controle.

Trem da alegria: *Bras. Joc.* Grupo de pessoas que, por decisão de órgão governamental (ger. em fim de mandato ou às vésperas de alguma mudança que impediria essa ação), são, de uma vez, nomeadas para cargos, ou promovidas, ou aumentadas em seus salários.

Tremer como vara verde: Ter muito medo.

Tremer na base: temer uma situação, ter muito medo.

Trocar as bolas: gír. Confundir uma coisa com outra.

Trocar em miúdo: explicar (algo) com clareza e detalhadamente.

Trocar ideias: Conversar sobre um assunto; debater.

Trocar ideias: coloq. Bater papo; conversar: Gosta de trocar ideias com os mais velhos.

Tuta e meia: s.f pouco dinheiro; bagatela.

U

Última palavra: Decisão ou opinião final, definitiva, da qual não se volta atrás.

Um céu aberto: grande ventura.

Um pé no saco: alguém ou alguma coisa importunos; uma chatice.

Uma vez na vida outra na morte: muito raramente: Uma vez na vida outra na morte ela vem me visitar.

Umás e outras: *Bras. Gír.* Várias doses de bebida alcoólica.

Unha de fome: que ou quem é excessivamente apegado ao dinheiro; avarento, sovina, unhaca.

Unir o útil ao agradável: somar um benefício a outro (Como precisava de dinheiro, nas férias Usberco arrumou um trabalho temporário como garçom no litoral, assim pôde aproveitar a praia nas horas de folga, unindo o útil ao agradável).

Usar a cabeça: Agir com inteligência, com habilidade.

Usar babadoiro: fig. Ser ainda novo para meter-se em assuntos sérios. || babadoiro.

Useiro e vezeiro: que costuma fazer alguma coisa muitas vezes: Ele é useiro e vezeiro em pedir emprestado e não devolver.

V

Valer a pena: ser compensador, valer o sacrifício.

Valer ouro: ser muito valioso; ser de excelente qualidade, caráter etc.; ser muito valioso.

Varrer da memória: apagar da lembrança, esquecer (Márcio estava tão magoado que disse desejar varrer da memória o fato de um dia ter sido apaixonado por Marilda).

Venda casada: Venda condicionada à aquisição de determinado bem ou serviço ou a outra condição ou outro negócio.

Vender gato por lebre: coloq. Enganar alguém, vendendo coisa de qualidade inferior à divulgada.

Vender o seu peixe: manifestar a sua opinião; tratar habilmente dos seus interesses.

Vender saúde: coloq. Ter vigor: Com setenta anos, vendia saúde.

Ver a morte de perto: fig. Encontrar-se diante de um grande perigo; correr risco de vida.

Ver com bons olhos: Aceitar bem; ser ou mostrar-se a favor.

Ver de longe: ser esperto, perspicaz (Valéria vê de longe quando alguém tenta enrolá-la).

Ver estrelas: coloq. Fig. Ficar atordoado por ter sofrido um choque ou ter se machucado: Senti tanta dor no braço que vi estrelas.

Ver o que é bom pra tosse: sofrer as consequências negativas dos próprios atos ou de um fato.

Ver o sol nascer quadrado: ser preso: Se não andar na linha, verá o sol nascer quadrado.

Ver passarinho verde: mostrar-se alegre sem causa justificável.

Veza por outra: ocasionalmente: Veza por outra vamos a Linhares.

Vida de cachorro: coloq. Vida dura, com dificuldades.

Vida fácil: prostituição.

Vir à baila: Ser lembrado (fato, assunto etc.) no momento apropriado.

Vir a calhar: acontecer em momento oportuno (Para os alunos com dificuldade de locomoção, a construção da rampa de acesso ao prédio da escola veio a calhar).

Vir a lume: Ser publicado.

Vir a lume: ser publicado: A segunda edição virá a lume em dezembro próximo.

Vir ao caso: Vir a propósito; ter a ver (com algo).

Vir o mundo abaixo: **1** Acontecer uma catástrofe. **2** Acontecer um grande tumulto, escândalo etc.

Vira e mexe: a toda hora; sem mais nem menos: vira e mexe ele vem com essa história.

Vira-casaca: s.m. e f. indivíduo que muda de partido ou de opinião, conforme seus interesses pessoais.

Virar a cabeça de: Mudar atitude ou comportamento de alguém, cativando ou exercendo influência.

Virar a mesa: *Bras. Pop.* Desrespeitar convenções, regras, regulamentos etc. e alterá-los em seu favor.

Virar a página: encerrar um assunto e partir para outro (Se a Paloma não quer ficar com você, Pedro, vire a página e esqueça essa história).

Virar bicho: tornar-se agressivo.

Virar casaca: Mudar de partido, de lado, de clube etc.

Virar gente: chegar á idade adulta; crescer, amadurecer.

Virar o jogo: Passar a ganhar jogo, depois de estar perdendo.

Virar/voltar-se o feitiço contra o feiticeiro: recaírem as consequências de atos praticados para prejudicar alguém sobre a pessoa que os praticou (Fabíola contou uma fofoca sobre Fabrício para Fátima, namorada dele, mas o garoto ficou de mal com a fofoqueira, provando que muitas vezes o feitiço vira-se contra o feiticeiro).

Voar alto: Ter altas ambições ou pretensões.

Voltar à carga: fig. Insistir.

Voltar à estaca zero: *Bras* recomeçar, voltar ao início (Quando sem querer deletou o trabalho de ciências, Elias foi obrigado a voltar à estaca zero por não ter feito cópia de segurança).

Voltar à vaca fria: voltar a um assunto já debatido e do qual houve um afastamento: Voltemos à vaca fria, enquanto há tempo para decidir.

Voltar às boas: coloq. Fazer as pazes; ficar de bem; reconciliar-se.

Voltar as costas a: Eximir-se de apoiar; manifestar indiferença por.

Voltar atrás: desfazer o que foi feito; desistir, arrepender-(se) (Um teimoso nunca voltar atrás em suas decisões, mesmo que estejam erradas.).

Voto de cabresto: sistema de controle de poder político, muito comum em regiões afastadas e pobres do país, em que determinado candidato, por meio de abuso de autoridade e compra de votos, leva o eleitor a votar nele.

Z

Zero à esquerda: fig. Pessoa sem valor; sem competência.

Zoar o barraco: Bras. Gír. causar transtorno, desordem.